



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Leonardo da Silva Martinelli

**Da normatização biopolítica à normalização de masculinidades
homoeróticas: uma arqueogenealogia do gay padrão no Brasil
(1980-1999)**

Florianópolis
2023

Leonardo da Silva Martinelli

**Da normatização biopolítica à normalização de masculinidades
homoeróticas: uma arqueogenealogia do gay padrão no Brasil
(1980-1999)**

Tese submetida ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Rogério Luiz Klaumann de Souza, Dr.

Coorientadora: Profa. Joana Maria Pedro, Dra.

Florianópolis
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Martinelli, Leonardo da Silva

Da normatização biopolítica à normalização de masculinidades homoeróticas : uma arqueogenealogia do gay padrão no Brasil (1980-1999) / Leonardo da Silva Martinelli ; orientador, Rogério Luiz Klaumann de Souza, coorientador, Joana Maria Pedro, 2023.

274 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. História. 2. Masculinidades. 3. Gay padrão. 4. Biopolítica. 5. Imprensa. I. Souza, Rogério Luiz Klaumann de. II. Pedro, Joana Maria. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. IV. Título.

Leonardo da Silva Martinelli

**Da normatização biopolítica à normalização de masculinidades
homoeróticas: uma arqueogenealogia do gay padrão no Brasil
(1980-1999)**

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 22 de junho de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. James Naylor Green, Dr.
Brown University – Estados Unidos

Prof. Paulo Roberto Souto Maior Júnior, Dr.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Profa. Cristina Scheibe Wolff, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em História.

Prof. Fábio Augusto Morales Soares, Dr.
Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Prof. Rogério Luiz Klaumann de Souza, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2023

Dedico este trabalho a pessoa mais importante
da minha vida: minha mãe!

AGRADECIMENTOS

A decisão para tentar ingressar no curso de Doutorado em História da UFSC havia sido cogitada há tempo e estava sendo ponderada, pois havia muito que considerar: a distância, a seleção, a possível aprovação, a mudança, os gastos e inúmeros outros desafios para a permanência. Muitas coisas passavam pela minha cabeça, alegrias, mas também preocupações e medos. Quando embarquei no ônibus para Florianópolis duas pessoas conhecidas também estavam indo para lá. Não éramos íntimos, porém de certa forma, fiquei aliviado, pois tinha a companhia de pessoas conhecidas.

Logo que cheguei em Florianópolis, de manhã, fiquei encantado com as belezas que tinha ouvido falar, até então não havia visitado esta cidade. O cenário visual parecia ser lindo, como falavam. Seria uma experiência e tanto morar ali, pensei. Fui cedo para a Universidade para conhecer o local e realizar a seleção. Quase não havia dormido na viagem que durante a noite toda, estava ansioso e antecipar as coisas parecia me deixar mais tranquilo. A segunda pessoa a chegar no local onde a seleção foi realizada foi a professora Joana, depois de mim. Pessoalmente não a conhecia e logo passou pela minha cabeça que podíamos ser um pouco parecidos e que ela também seria um pouco metódica, como eu, ao chegar cedo.

Posteriormente chegaram as demais pessoas candidatas, assim como o professor Rogério e a professora Janine. Nós que aguardávamos a entrevista estávamos ansiosos, conversamos e nos apresentamos, assim como nossos projetos de pesquisa enquanto esperávamos. Torcíamos pelos demais que estavam ali conosco e decidimos ir almoçar juntos. Nem todos puderam ir, mas Edu, Carol e eu fomos. Nos tornamos amigos, trocamos contato e íamos nos falando enquanto o resultado da seleção não saía. Felizmente fui aprovado. No mesmo dia retornei para casa e, por coincidência, duas pessoas que estavam no ônibus eram do meu município. Fiquei surpreso e pensei: mundo pequeno.

Realizar uma pesquisa de doutoramento e escrever uma tese é uma tarefa bastante solitária, mas não é resultado de um trabalho individual,

ainda que boa parte dele o seja. Isso porque ao longo do processo muitas pessoas com as quais convivi através de trocas teóricas e afetivas criaram condições para que novas ideias pudessem surgir, bem como possibilitaram reforçar meus motivos para seguir em frente.

Situações diversas possibilitaram aprendizagens, parte delas quando e de onde menos esperava, mas aconteceram, de modo que agradecer nominalmente todas essas pessoas com as quais tive contato é uma tarefa impossível. Ainda assim, é preciso registrar que parte desta pesquisa foi possível graças a esses encontros, presenciais e virtuais, antes e durante a realização desta pesquisa.

Produzir uma tese numa pandemia não foi uma tarefa fácil. Inicialmente causou muito pânico, sacudindo a vida de todas as pessoas, incluindo a minha, nos fazendo modificar hábitos e repensar muitas coisas, tudo isso justamente quando tinha acabado de me mudar para Florianópolis. Um rapaz que deixou o interior do Rio Grande do Sul, onde morava, para aventurar-se numa cidade apreciada internacionalmente como um paraíso, um *resort*. Claro, um lugar maravilhoso para quem tem dinheiro e tempo livre, algo que um estudante sem bolsa e sem emprego como eu não tinha. Porém estava feliz, superando barreiras e estudando num lugar que sempre quis estar, referência para quem pesquisa tais temáticas e me acostumando a nova rotina. Aí veio a pandemia e modificou tudo.

O medo por me sentir sozinho, longe de casa e por ainda não conhecer quase nada na cidade, afinal estava há apenas duas semanas morando ali, não foi uma companhia agradável. Não pude retornar imediatamente, pois não havia mais transporte interestadual e a ilha passou a ser intensamente vigiada por razões sanitárias. Pessoas de outros estados não podiam entrar legalmente para evitar a propagação do vírus. O cenário que estava sendo apresentado pelas mídias gerava ainda mais pânico, medo da morte e de um inimigo invisível que não tinha como saber exatamente onde estava, só que estava por aí.

Voltei para casa assim que meus familiares puderam entrar na ilha de Florianópolis. Saí mais feliz do que quando cheguei e as razões eram óbvias, ia voltar para minha casa, um lugar que considerava seguro, e nessa hora lembrava, inclusive, que o interior que muitas pessoas

desmerecem tornara-se o lugar ideal para estar, afinal, estaria mais afastado da possibilidade de ser vitimado pelo vírus e a doença, e poderia circular em espaços onde não encontraria pessoas. Uma relativa sensação de melhora. Além, claro, de não me sentir mais sozinho.

As aulas foram canceladas, mas permaneci estudando, lendo e pesquisando. Posteriormente começaram as aulas remotas e as novas formas de estudo em tempos tão caóticos. Assim cursei todas as disciplinas e não precisei retornar a Florianópolis. À medida que a situação foi melhorando, comecei a trabalhar como professor de História ensinando crianças e adolescentes de 6º a 9º ano, conciliando a jornada de estudo com o trabalho. Foi uma experiência muito gratificante.

Estou contando algumas memórias para que o público leitor da tese compreenda quem é o sujeito que escreveu e por quais situações passou ao longo deste período. Uma tese não se faz sozinha. Existe um fazedor por trás, uma pessoa de carne e osso e que passou por diferentes situações no decorrer deste percurso, tanto de alegrias quanto de tristezas. É deste lugar de fala, social e político que emergiu o problema desta pesquisa, mas também o olhar com que foi analisada.

As redes de amizades e parcerias foram ampliando-se e conheci várias pessoas que pesquisavam o tema, onde pude contatar suas publicações e conversar acerca das nossas pesquisas. Através disso as relações expandiram-se e possibilitaram consultar fontes até então de difícil acesso para mim. Estas foram obtidas através de diferentes meios, sendo que o recurso digital foi fundamental para isso. Os acervos consultados foram: Acervo Digital da Revista *Veja*, Acervo Bajubá, Arquivo Edgard Leuenroth e o Acervo Digital do Grupo Dignidade, do Paraná. Todos foram fundamentais para acessar vestígios da história das homossexualidades no Brasil, por isso destaca-se um especial agradecimento a esses espaços.

Destaco minha gratidão as pessoas que compartilharam parte das fontes que dispunham e também aquelas que anteriormente as partilharam, assim como aquelas que mediaram o acesso nos acervos. Isso mostra que a rede de afetos forjada pelo desejo de conhecimento e de reparo histórico e social que foi e vai sendo construída transcende as

vaidades acadêmicas. Destas pessoas cito: Paulo Souto Maior, Luiz Morando, Fernando Seffner, Jorge Caê Rodrigues e Emerson Costa.

Quero agradecer também as professoras e professores que tive ao longo do doutorado pelo aprendizado; as pessoas que fazem parte do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) pelas discussões e reflexões; a Rede de Historiadores e Historiadoras LGBTQI+ da qual faço parte pelas trocas; aos colegas, amigos e amigas que fiz durante as aulas, sendo que parte dessas pessoas como Edu e Ceci já as tenho na minha vida e tenho orgulho de tê-las conhecido.

De forma especial agradeço ao professor Rogério, meu orientador, pela acolhida e pelos ensinamentos partilhados ao longo do curso. Além disso, por incentivar minha aproximação ao pensamento de Foucault, que foi fundamental para as análises dessa pesquisa e por me possibilitar enxergar o mundo de uma forma diferente.

À professora Joana, nossa musa dos estudos de gênero, quero agradecer pelo carinho e aceite em ser coorientadora desta tese. Minha admiração profissional tornou-se também pessoal, e suas contribuições modificaram o percurso da tese e auxiliaram no meu amadurecimento intelectual e subjetivo. Muito obrigado!

Aos professores Fernando Seffner e Paulo Souto Maior, avaliadores da qualificação, agradeço pelas generosas e argutas colaborações que engrandeceram a pesquisa e chamaram-me a atenção para questões importantes a considerar. Ao professor James Green, ao Paulo Souto Maior e à Cristina Scheibe Wolff, agradeço pelos elogios, contribuições e apontamentos na avaliação da tese.

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.

Michel Foucault, 1984.

RESUMO

Esta tese analisa o fenômeno global de assunção da homossexualidade, sua visibilidade, despatologização e a crescente inserção social humanizada dessas pessoas para compreender especialmente o processo de masculinização dos gays e investigar a fabricação do sujeito gay viril tornado padrão de beleza e de respeitabilidade no Brasil. Isto foi resultado de conexões transnacionais, mas que possui suas próprias singularidades. A análise indicou a presença de duas temporalidades para entender esse processo histórico: o tempo de vida nua e o tempo de normatização. Ocorreu entre a década de 1980 e 1990, sendo que a ação das mídias e da imprensa atuaram enquanto tecnologias de poder biopolíticas voltadas a população homossexual, produzindo discursos, representações e transformando essas vidas em dados estatísticos como forma de controle e de produção de saberes, isto numa época de epidemia de hiv-aids e de captura neoliberal desses sujeitos no chamado mercado cor de rosa. Para realizar essa análise foram usadas diversas fontes, especialmente as revistas *Veja*, *Rose*, *Spartacus*, *Sui Generis*, o jornal *Nós Por Exemplo* e o Boletim do Grupo Gay da Bahia. Ainda foram usadas algumas reportagens de outros periódicos, livros, filmes, músicas, esquetes televisivos e entrevistas. Fundamenta-se nos estudos de gênero e sob uma perspectiva queer do conhecimento, tendo como um dos principais interlocutores Michel Foucault.

Palavras-chave: masculinidades; gay padrão; biopolítica; imprensa.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the global phenomenon of the assumption of homosexuality, its visibility, its depathologization and the increasing humanized social insertion of homosexuals to comprehend in particular the process of masculinization of gay men and to investigate the production of the virile gay subject that has become the standard of beauty and respectability in Brazil. This resulted from transnational connections, but it presents its own singularities. The analysis indicated two temporalities to understand the historical process: the time of bare life and the time of normalization. Such a process took place between the 1980s and 1990s, and the media and the press acted as a biopolitical power directed to the population identified as homosexual, producing discourses, representations, and turning them into statistical data, as a form of control and of production of knowledge, in a time of the HIV-AIDS epidemic and the neoliberal capture of subjects in the so-called pink market. Various sources were analyzed, especially the magazines *Veja*, *Rose*, *Spartacus*, *Sui Generis*, the newspaper *Nós Por Exemplo* and the *Boletim do Grupo Gay da Bahia*. Some reports from other periodicals, books, films, music, television skits and interviews were also used. This dissertation is based on gender studies and on a queer perspective, as well as Michel Foucault as one of the main theoretical interlocutors.

Keywords: masculinities; gay standard; biopolitics; press.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1 – Capitão Gay..... | 76 |
| Figura 2 – Sucesso do Capitão Gay..... | 77 |
| Figura 3 – Capitão Gay e seu suposto professor..... | 79 |
| Figura 4 – Trejeitos efeminados..... | 80 |
| Figura 5 – Homossexual e seus ademanes..... | 81 |
| Figura 6 – Registro de homossexuais no filme <i>Cruising</i> | 83 |
| Figura 7 – Homossexuais da peça <i>Bent</i> , em São Paulo..... | 83 |
| Figura 8 – Ney Matogrosso..... | 86 |
| Figura 9 – Show de Ney Matogrosso..... | 86 |
| Figura 10 – Clodovil..... | 87 |
| Figura 11 – Clodovil..... | 87 |
| Figura 12 – Ativista Darcy Penteadado..... | 88 |
| Figura 13 – Darcy Penteadado..... | 88 |
| Figura 14 – Reunião da <i>Comunidad Homosexual Argentina</i> | 90 |
| Figura 15 – Celso Curi..... | 93 |
| Figura 16 – Propaganda de cueca..... | 99 |
| Figura 17 – Propaganda de roupas..... | 100 |
| Figura 18 – Família com sua piscina..... | 101 |
| Figura 19 – Capas da revista <i>Rose</i> | 107 |
| Figura 20 – Modelos de cor..... | 108 |
| Figura 21 – Modelo e estética preta..... | 109 |
| Figura 22 – Biotipo e virilidade..... | 115 |
| Figura 23 – Teste negativo do vírus hiv..... | 153 |

| | |
|---|-----|
| Figura 24 – Teste negativo do vírus hiv..... | 159 |
| Figura 25 – Rock Hudson no auge e já doente..... | 161 |
| Figura 26 – Aparência física debilitada pela doença..... | 163 |
| Figura 27 – Sexo homoerótico seguro..... | 166 |
| Figura 28 – Capas da revista <i>Spartacus</i> (1987-1990)..... | 174 |
| Figura 29 – Eloína e os Leopardos..... | 179 |
| Figura 30 – A operação de normatização..... | 187 |
| Figura 31 – Capas da <i>Sui Generis</i> | 208 |
| Figura 32 – Anúncio da marca <i>DuLoren</i> | 210 |
| Figura 33 – Anúncio de vídeos eróticos..... | 216 |
| Figura 34 – Billy: o boneco gay <i>barbie</i> | 221 |
| Figura 35 – <i>Barbies</i> na Farme de Amoedo..... | 222 |
| Figura 36 – <i>Barbies</i> na festa rave do Rio de Janeiro..... | 224 |
| Figura 37 – O dito corpo perfeito..... | 226 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1 – Visibilidade homossexual na década de 1980 na revista <i>Veja</i> | 67 |
| Tabela 2 – Terminologias veiculadas na revista <i>Veja</i> (1980-1985)..... | 69 |
| Tabela 3 – Distribuição etária dos gays (<i>Rose</i> , 1981)..... | 120 |
| Tabela 4 – Autodefinição da cor da pele (<i>Rose</i> , 1981)..... | 122 |
| Tabela 5 – Mapeamento das regiões (<i>Rose</i> , 1981)..... | 124 |
| Tabela 6 – Distribuição das publicações na revista <i>Veja</i> (1985-1996)..... | 145 |
| Tabela 7 – Títulos que informam, formam e transformam..... | 147 |
| Tabela 8 – Saúde, estética e distinção social..... | 181 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 – Expressões e frases que produziram pânico – <i>Veja</i> (1985-1989)..... | 151 |
|---|-----|

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids
- ABIG – Associação Brasileira de Imprensa Gay
- AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
- BITCH - Barbies in Total Control Here
- CHA – Comunidad Homosexual Argentina
- CID – Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde
- GAPA – Grupo de Apoio à Prevenção da Aids
- GGB – Grupo Gay da Bahia
- GLBT – Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais
- GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes
- GLT – Gays, Lésbicas e Travestis
- G&L Bank – Gay and Lesbian Internet Bank
- HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana
- IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
- INAMPS – Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social
- LEGH – Laboratório de Estudos de Gênero e História
- LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
- NOSS – Núcleo de Orientação em Saúde Social
- OMS – Organização Mundial da Saúde
- ONGs – Organizações Não Governamentais
- Pela VIDDA – Pela Valorização, Integração e Dignidade do Doente de Aids
- SBT – Sistema Brasileiro de Televisão
- UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 18 |
| 2. AS REPRESENTAÇÕES DOS GAYS NA REVISTA <i>VEJA</i> E AS MASCULINIDADES EM DISPUTA..... | 54 |
| 2.1 PRAZERES HOMOERÓTICOS DESUMANIZADOS..... | 56 |
| 2.2 A VISIBILIDADE HOMOSSEXUAL NAS PÁGINAS DA REVISTA <i>VEJA</i> | 62 |
| 2.3 A IMAGEM DO GAY CONSTRUÍDA ATRAVÉS DA REVISTA: UMA DISPUTA DE REPRESENTAÇÕES?..... | 71 |
| 3. A ESTÉTICA MASCULINIZADA DO DESEJO HOMOERÓTICO ENCORPORADA ÀS CARNES SEXUADAS NO TEMPO DE VIDA NUA..... | 97 |
| 3.1 AS MASCULINIDADES DESEJÁVEIS: OS “HOMENS” DE CONSUMO..... | 98 |
| 3.2 SUJEITOS QUE DESEJAM: OS GAYS E O ANÚNCIO DE SI NAS PÁGINAS DA REVISTA <i>ROSE</i> | 116 |
| 3.3 SUJEITOS DESEJADOS: OS OBJETOS DO DESEJO HOMOERÓTICO GAY..... | 132 |
| 4. A EPIDEMIA DE AIDS E O GOVERNAMENTO POPULACIONAL: A PRODUÇÃO DE GAYS SAUDÁVEIS E COMPORTADOS..... | 141 |
| 4.1 A PEDAGOGIA DO MEDO DA MORTE E AS SUBJETIVIDADES HOMOERÓTICAS NA ERA AIDS ATRAVÉS DA REVISTA <i>VEJA</i> | 144 |
| 4.2 DA DOENÇA ENCARNADA AO CORPO SAUDÁVEL..... | 160 |

| | |
|---|------------|
| 4.3 A CONSTRUÇÃO DA ESTÉTICA CORPORAL DO GAY VIÁVEL NO TEMPO DE NORMATIZAÇÃO..... | 171 |
| 5. A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA DOS SUBALTERNIZADOS: O MERCADO GLS E A EMERGÊNCIA DO GAY PADRÃO..... | 189 |
| 5.1 UM MERCADO PARA GAYS, LÉSBICAS E SIMPATIZANTES..... | 195 |
| 5.2 TORNANDO-SE UMA <i>BARBIE</i> | 214 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 232 |
| 7. FONTES..... | 238 |
| REFERÊNCIAS..... | 246 |
| APÊNDICE..... | 265 |

1. INTRODUÇÃO

[...] o ponto em que a resistência se deu entre os demais não foi tanto o fato de que eles tenham dormido juntos ou, para dizer as coisas cruamente, de que um tenha enrabado o outro; não era isso o intolerável, e sim que, na manhã do dia seguinte, eles se tomassem pela mão, que, durante o almoço eles se beijassem, que não se largassem mais; era finalmente toda uma série de prazeres que consistem justamente nos prazeres de estarem juntos, prazeres de corpos, prazeres de olhares... E é essa economia do prazer que é incrivelmente mal aceita.

Michel Foucault.¹

No universo homossexual², sobretudo entre os gays³, alguns sujeitos são mais desejados do que outros, não somente por tratar-se de uma atração física e sexual singular, mas por esta escolha estar sintonizada à fabricação de corpos e sujeitos como objetos de desejo que atraem o olhar voyeurista de outrem construído sobre eles. Sujeitos assim identificados gozam de um status social privilegiado nesse meio sendo conhecidos atualmente como gays padrão e/ou com uma estética corporal padrão, tida como o modelo de beleza mais valorizado. Uma das principais características que lhes confere esse prestígio é a visibilização e encenação de um ideal de masculinidade, que também é compartilhado com outros sujeitos no interior desse grupo, atuando como um componente hierarquizador e gerador de disparidades internas.

¹ FOUCAULT, Michel; VOELTZEL, Thierry. O anti-cu. **Ecopolítica**, São Paulo, n. 22, p. 66-77, set. - dez. 2018. p. 76.

² Fala-se em “universo homossexual” em referência ao conjunto de elementos construídos e atribuídos a uma parcela de pessoas homossexuais que integram e/ou partilham tais características, não se tratando de algo preexistente, mas criado e em constante transformação. Da mesma forma, existem pessoas com desejos homossexuais ou homoeróticos que não fazem parte de tal “universo” e, igualmente, há de se considerar uma série de fatores que incidem e demandam para essa vinculação, havendo clivagens internas e não se tratando de um ambiente coeso.

³ A terminologia “gay” está sendo usada para identificar os sujeitos adeptos das práticas e vivências homoeróticas. Apesar de tratar-se de uma identidade especialmente vinculada ao universo homossexual, que pode ser aceita ou rejeitada, é empregada para fins políticos e didáticos em referência a esse sujeito.

Esse modelo de ser gay viril e a produção de corpos e sujeitos afeitos a práticas e vivências homoeróticas⁴ com uma estética masculinizada foi decorrente de uma construção que se deu através de tecnologias biopolíticas e normatizadoras de poder, e, posteriormente, normalizadoras. Foi investido sobre as pessoas homossexuais um *poder simbólico* invisível que foi exercido sem a cumplicidade delas – até mesmo sem saber que o exerciam⁵ – resultado de um processo de relações de poder e de saber produzidas e difundidas através de diferentes mídias.

A fabricação e propagação desse modelo – que não é pensado aqui como estático, mas centrado em torno de determinadas características – obteve um alcance maior do que aquelas pessoas que aparentemente seriam capazes de materializar essa composição e manter um *estilo de vida*⁶ que socialmente estava lhes conferindo prestígio e aceitação. A constituição desse sujeito ontologicamente tido por homossexual passou por transformações no final dos anos 1960 nos Estados Unidos e na Europa. Este sujeito passou a afirmar seu desejo pelos prazeres homoeróticos, defendê-lo publicamente, criticando saberes consagrados da área da saúde a respeito de sua suposta condição patológica, integrando um coletivo unido em torno de uma identidade gay autodeclarada que passou a cativar muitas pessoas a se verem por meio dela. Era uma forma de ativismo distinta daquela engendrada por antecessores e que obteve, naquela conjuntura, características singulares.

Essas mudanças entrelaçavam-se com a necessidade de uma representação de sujeito viável, racionalizado, que seria mais facilmente aceito à medida que reproduzisse práticas e convenções já admitidas, ou seja, coadunantes com a cisheteronormatividade. Esse processo de constituição de subjetividades homoeróticas que formaram, mas também formam, sujeitos que têm características semelhantes e uma estética corporal tornada padrão de beleza precisa ser compreendida como parte de um fenômeno que teve causalidade global. Conforme alerta Parker, o

⁴ O termo “homoerótico” ou suas variantes é utilizado nesta tese para caracterizar esse tipo de relações afetivo-sexuais, considerando as múltiplas possibilidades de entender as homossexualidades. Um dos autores que prefere o uso do termo “homoerótico”, independente da temporalidade, é: COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

⁵ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Thomaz. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 8.

⁶ “Os estilos de vida são, assim, os produtos sistemáticos dos *habitus* que, percebidos em suas relações mútuas segundo os esquemas do *habitus*, tornam-se sistemas de sinais socialmente qualificados – como ‘distintos’, ‘vulgares’, etc.” BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007. p. 164 – grifo do autor.

ideário, que não pode ser tomado como mera importação⁷, alastrou-se nas sociedades atravessando diferentes marcadores sociais, ajustando-se às realidades espaciais e, apesar de criticado, esse modelo ainda é apresentado como a forma mais respeitosa de ser gay, homossexual e/ou homem adepto das práticas e vivências homoeróticas.

Considerando a forma como uma estética de masculinidade homoerótica se constituiu como objeto de desejo mais valorizado no universo homossexual e entendendo que as mídias, sobretudo a imprensa escrita, incidem na construção e veiculação de representações que formam e transformam a realidade, esta tese tem como problemática analisar a seguinte questão: como foi produzido o sujeito gay macho, viril e normatizado na sociedade brasileira? Para responder a essas questões, volta-se o olhar para as duas últimas décadas do século XX, no Brasil, buscando-se analisar o processo histórico que ocorreu no entendimento das homossexualidades, bem como as rupturas e mudanças aí ocorridas.⁸

Anteriormente, as vivências homoeróticas e esses sujeitos eram tendencialmente rejeitados e marginalizados no aspecto político-social; no entanto, posteriormente, passou-se a assistir à emergência de sujeitos que gozavam de uma relativa humanização, não escondendo seus prazeres homoeróticos, demonstrando serem existências possíveis num território que, aos poucos, ia tornando-se mais receptivo. Parece ter ocorrido uma operação de normatização que, se por um lado remarginalizou sujeitos e vivências dissonantes do modelo viável gestado em suas conexões globais, por outro permitiu a incorporação dessa nova população de forma mais humanizada na vida política e social mediante a valorização de determinadas vivências, exercendo sobre elas um controle para a manutenção da ordem cisheteronormativa. Da mesma forma, tal operação contribuiu com a exaltação das masculinidades, que compuseram um eixo

⁷ PARKER, Richard. **Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 77.

⁸ Esta tese focaliza as masculinidades homoeróticas e a construção do gay macho viril e normatizado na sociedade brasileira, no entanto, pesquisas recentes têm analisado outros grupos como as lésbicas que, em comparação aos gays, possuem menos pesquisas abordando esse tema. Atualmente nota-se um crescimento dessas investigações, podendo destacar: KUMPERA, Julia Aleksandra Martucci. **“O lesbianismo é um barato”**: o GALF e o ativismo lésbico-feminista no Brasil (1979-1990). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2021; SILVA, Jaíne Chianca da. **Vai ter Chanacomchana, sim!**: construção de um grupo lésbico feminista em São Paulo na década de 1980. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB, 2021; LESSA, Patrícia. **Chanacomchana e outras narrativas lesbianas em Pindorama**. Belo Horizonte-MG: Luas Editora, 2021.

de sustentação, mas retirou delas um biotipo que se sobressaiu e que se tornou o modelo dominante do universo homossexual.

Raewyn Connell e James Messerschmidt, ao revisarem o conceito de masculinidade hegemônica difundido na década de 1980, destacam que a masculinidade não constitui um componente natural – no sentido de essencialista – que os machos e/ou homens possuiriam e exteriorizariam, ou, tampouco, universal e estático. Essa ideia precisa ser modificada. Nesse sentido, não existe “A masculinidade”, enquanto essência, mas, sim, masculinidades no plural, e não há uma fronteira intransponível e opositiva entre ambos os territórios: masculinidades e feminilidades. Chamam a atenção também para a existência de relações hierárquicas entre masculinidades hegemônicas e masculinidades subordinadas⁹, posto que podem compartilhar características e modificarem-se ao longo do tempo.¹⁰

Conforme explicitam:

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens.¹¹

A masculinidade hegemônica seria um modelo de práticas e ações – que incluiria também expectativas de papéis a desempenhar e a identidade desses sujeitos homens –, reproduzindo a dominação dos homens sobre as mulheres.¹² Isto não quer dizer que exista apenas um tipo de masculinidade hegemônica, mas, sim, que uma se sobressai às demais,

⁹ Neste estudo Kimmel mostrou a coexistência de mais de um modelo de masculinidade no caso norte-americano por ele analisado, bem como a emergência de um novo, havendo a simultaneidade de modelos hegemônicos e subalternos. Cf. KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, a. 4, n. 9, 1998. p. 103-117.

¹⁰ CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, 2013. p. 262-163.

¹¹ CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245.

¹² CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245.

podendo haver diferentes masculinidades hegemônicas num mesmo território, comungando de algumas características mas também se distinguindo de outras. Tal masculinidade pode, ainda, modificar-se com o tempo. Isso era apresentado e esperado de todos os rapazes, pois partia-se do pressuposto universal de que todos eram heterossexuais. Aqueles que se aproximavam mais do modelo tido como melhor podiam usar desse artifício para discriminar outros, como exemplifica Daniel Welzer-Lang ao falar da socialização na “casa dos homens”, ou da dominação de homens sobre outros homens, na constituição de “grandes homens”.¹³ É, ademais, nesse processo de tornar-se homem, viril, masculino, que produzem-se masculinidades plurais.

Com o desenvolvimento dos estudos sobre sexualidades e gênero, o sujeito homem antes tido como universal foi sendo deixado de lado pela sua inviabilidade generalista de compreender os tempos históricos e pelo apagamento de outras pessoas. Essas discussões permitiram refletir sobre quais homens estavam sendo citados, pois não se estava falando da totalidade. No bojo dessas reflexões, as interfaces entre masculinidades, homens e gays, enquanto construções atravessadas por diferentes variáveis interseccionais, passaram a despertar o interesse de pesquisa.

Algumas pesquisas na área de História adentraram essa discussão¹⁴, mas pensar as masculinidades homoeróticas através desse olhar ainda é um intento que precisa ser mais explorado. Algumas investigações históricas aproximaram-se tematicamente¹⁵, mas a área que mais investiu nela até então foi a de Antropologia. Segundo Elias F. Veras e Joana Maria Pedro, a musa inspiradora da História – Clio – permaneceu

¹³ WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 2, p. 460-482, 2001. p. 462-467.

¹⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do falo**. Uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013; PRIORE, Mary del; AMANTINO, Marcia (Orgs.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013; MACHADO, Vanderlei. **Entre Apolo e Dionísio: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis (1889-1930)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007; NUNES, Bárbara Silva. **Em busca do corpo masculino ideal: higiene, atividade física e moda masculina em Teresina (1900-1930)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

¹⁵ ROCHA, Cássio Bruno de Araújo. **Masculinidades e o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição: a ação das visitasões do Santo Ofício às capitanias do Norte da América portuguesa na defesa da Ordem Patriarcal – séculos XVI e XVII**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014; SILVA, Natanael de Freitas. **Dzi Croquettes: invenções, experiências e práticas de si – masculinidades e feminilidades vigiadas**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017.

adormecida num longo sono heteronormativo.¹⁶ Historiadores e historiadoras que tanto criticavam e alertavam sobre os fenômenos e as construções históricas deixaram de lado um aspecto fundante da formação das sociedades e grupos sociais, ou seja, os discursos e poderes generificantes e sexualizantes que não podiam ser tomados como dados, mas como constructos sociais.

A discussão em torno das masculinidades homoeróticas apareceu em algumas obras desde os anos 1980, mas não foi a problemática central dessas pesquisas. O antropólogo Peter Fry, em seu capítulo *Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil*, ajuda a compreender alguns aspectos do entendimento das relações homoeróticas entre pessoas chamadas de homens na sociedade. Ao analisar as homossexualidades em Belém, em meados dos anos 1970, destacou que um modelo hierárquico predominava e agia mediante a ideia de dominação do homem, tido por masculino, ativo, sobre a *bicha*, tida por efeminada e passiva. Esse sistema de classificação não se pautava na díade homossexual/heterossexual, pois funcionavam sob outra lógica as características do homem correspondentes ao entendimento geral partilhado de complementaridade masculino/feminino. Em outras palavras, se o homem fosse ativo em seu relacionamento com outro homem, não era tido como homossexual. Para o autor, tais relações poderiam ser estendidas às classes mais baixas e no interior da sociedade brasileira.

Já nas classes médias do Rio de Janeiro e São Paulo, outro sistema atuava e pautava-se pelo modelo de igualdade, segundo Fry, estabelecido pelos chamados *entendidos* na década de 1960. Sendo que não havia uma divisão rígida das tarefas e das práticas sexuais, que poderiam ser trocadas entre os parceiros, essas seriam relações homossexuais propriamente ditas. A presença de um modelo, no entanto, não substituiu o outro.¹⁷

Tais definições são proficuas para se entender determinadas formas de compartilhamento de representações que envolviam as práticas de masculinidade e os significados do ser homem como sujeito político-social construído no seio de uma sociedade cisheteronormativa. Boa parte desse entendimento popular – e, por vezes, até mesmo científico – estava

¹⁶ VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clío: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n.13, p. 90-109, set./dez. 2014. p. 90.

¹⁷ FRY, Peter. *Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil*. In: FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 87-113. A primeira versão deste ensaio foi apresentada em 1974 e posteriormente recebeu críticas e comentários de pesquisadores e pesquisadoras resultando neste capítulo.

fortemente conectado à abordagem essencialista do ser homem na sociedade. Assim, se os homens estivessem em conformidade com o papel social e sexual¹⁸ imposto, não seriam homossexuais, mas o seriam aqueles que subvertissem esse sistema. Não obstante, os modelos citados pelo autor não podem ser tomados como únicos, dado que a complexidade das relações homossexuais sugere maior versatilidade de acordo com cada realidade social vivenciada pelos sujeitos, existindo múltiplas possibilidades de ser e experienciar papéis e práticas afetivo-sexuais.

O homossexual visto por entendidos é uma pesquisa feita por Carmen Dora Guimarães na década de 1970 junto de um grupo de homossexuais autoidentificados que migraram de suas cidades e se encontraram no Rio de Janeiro. Eram vistos como *entendidos*, embora não gostassem do termo, pois diziam não serem “enrustidos”, crítica que costumava ser atribuída a essas emergentes relações homoeróticas que se tornavam visíveis na sociedade. Essas relações homosociais partilhavam de características semelhantes, como a alta escolaridade de seus integrantes, o apreço por bens simbólicos, a residência numa área nobre – todos elementos que os constituiu como um grupo que delimitava a sua camada social. Nesse ínterim, os papéis sexuais de atividade e passividade não eram de grande importância – como, por exemplo, no modelo hierárquico relatado por Fry – mas, antes, os demais componentes que os aproximavam em termos de gostos e posição social. A pesquisa observou, contudo, que esses sujeitos não tinham tanto contato com homossexuais efeminados.¹⁹

Se anteriormente o modelo *bofe* (masculino) e *bicha* (efeminada) supostamente sinalizaria papéis e práticas, os *entendidos* rompiam com esse padrão na medida em que reproduziam uma masculinidade que chocava os olhares daquelas pessoas que esperavam ver neles a dicotomia semelhante à estruturação social de homens/masculinos/ativos com mulheres/femininas/passivas. Era uma contradição no ditado popular de

¹⁸ A ideia de “papel social” e “papel sexual” é usada de modo a referenciar a expectativa construída culturalmente sobre os sujeitos, de modo a esperar deles determinados comportamentos, valores, profissões e posturas frente à realidade, ao passo que transgredir essas convenções incidia na dissidência aos valores prezados e construídos, dentre os quais pode-se citar a expressão performativa de gênero, a identidade, as práticas sexuais, geralmente pensadas de forma binária, homem/mulher. Entretanto, este trabalho não referenda essa ideia. Ao contrário: entende-se que não existem papéis sociais e/ou sexuais fixos e eternos, mas que tais compreensões eram partilhadas e atentadas como forma de suspeita e/ou identificação, nesse caso, de dissidentes sexuais da cisheteronormatividade.

¹⁹ Dissertação de mestrado defendida em 1977. GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

que “mulher com mulher dá jacaré, homem com homem, lobisomem”.²⁰ Ou de que “*bicha* com *bicha* dá lagartixa”.²¹ Contudo, a relação experienciada e visibilizada pelo estudo se dava entre dois *bofes*, ou, como passaram a ser identificados, *entendidos*, embora o conhecimento popular sugira que tal relação estendia-se também às *bichas*.

O que estava em jogo nesses entendimentos eram as concepções que se tinha em torno dos sujeitos homossexuais, sendo que masculinidade e feminilidade eram componentes imbricados à ideia de atividade e passividade sexual. Homossexuais mais efeminados eram tidos como os “verdadeiros” homossexuais, em consonância com o que já havia dito o reformador sexual Karl Heinrich Ulrichs na segunda metade do século XIX, quando nomeou os homens que sentiam atração por outros homens de *uranistas*, uma vez que teriam “uma mulher presa no corpo de um homem”, tratando-se de um “terceiro sexo”, os chamados “invertidos”.²²

A disputa em torno do tipo de homossexual a ser tomado como modelo foi também discutida por Edward MacRae no artigo intitulado *Os respeitáveis militantes e as bichas loucas*, publicado originalmente em 1982, que tematiza a problemática que envolve as disputas internas de pessoas militantes como: a seriedade, as palavras usadas, a estética dos sujeitos sustentada por uma fração em contraponto a outros que performatizavam uma efeminação, desmunhecação e o uso de expressões que, se mobilizadas de forma externa à comunidade, eram usadas como formas de injúria. As tensões recaíam sobre o questionamento que indagava se dada representação, que ia ao encontro dos estereótipos construídos socialmente sobre essas pessoas, não atrairia chacotas que recairiam sobre o grupo todo enfraquecendo a luta. O autor chama a atenção para o cuidado para que críticas sobre o comportamento sexual não se transformassem em novos tipos de opressões.²³

O desejo por homens também ganhou centralidade na pesquisa de Néstor O. Perlongher em *O negócio do michê: a prostituição viril em São*

²⁰ MÍCOLLIS, Leila; DANIEL, Herbert. **Jacarés e Lobisomens**: dois ensaios sobre a homossexualidade. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

²¹ FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985. p. 45 – grifo meu.

²² GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Tradução de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. 3. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2022. p. 101.

²³ MACRAE, Edward. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”**. Salvador: EDUFBA, 2018b. p. 37-49.

Paulo, realizada entre 1982 e 1985, no centro de São Paulo, analisando a prostituição de rua do michê com homossexuais. Perlongher entrevista e observa *michês*, clientes e *entendidos* a fim de compreender a sorte de relações em que os personagens que ofereciam seus serviços eram jovens, especialmente das classes baixas, que sinalizavam masculinidade e virilidade que mobilizavam o desejo de homossexuais mais velhos e até mesmo com mais condições financeiras de desfrutar de tais serviços. Esse protótipo da masculinidade visibilizada era o principal componente que os tornava machos perante a alteridade, independentemente de identificarem-se ou não como homossexuais, pois o estigma era direcionado para seus clientes efeminados.²⁴

Outros autores também abordaram a questão das masculinidades, contudo, sem que fossem o objeto dessas pesquisas, aparecendo em produções mais antigas e outras mais recentes. Ademais, os entendimentos em torno das homossexualidades modificaram-se no tempo. No artigo *Significados sociais da homossexualidade masculina na era Aids*, publicado em 2003, Ronaldo Trindade analisou essas transformações ocorridas na cidade de São Paulo e destacou três componentes que atribui como prováveis vetores dessas mudanças como: o surgimento e disseminação da aids²⁵, a constituição de um mercado voltado a esses grupos e as novas formas de militância – entendendo que as duas últimas décadas do século XX foram responsáveis pela conformação desses novos significados.²⁶

Em sua tese defendida no ano de 2004, *De dores e de amores: transformações da homossexualidade paulistana na virada do século XX*, Trindade aprofunda sua análise mostrando a fragmentação da ideia de uma identidade homossexual para múltiplos estilos de vida em suas

²⁴ PERLONGHER, Néstor Osvaldo. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

²⁵ Utiliza-se a expressão “aids”, com letras minúsculas, neste texto, por duas razões: a primeira, por concordar com Richard Miskolci de que doenças são substantivos comuns e a grafia com letras maiúsculas visava chamar a atenção das pessoas e disseminar pânico social - Cf. MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017a. p. 39; a segunda, por concordar com Herbert Daniel ao enfatizar a separação entre a doença em si, daquela construída culturalmente, que não se tratava de uma questão de saúde ou da ciência, mas um problema oriundo de uma crise da própria sociedade - Cf. DANIEL, Herbert. **AIDS no Brasil: a falência dos modelos**. In: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. São Paulo: Iglu, 1991a. p. 31-52. p. 47. Deve-se destacar que Herbert Daniel utilizou ambas as grafias em seu texto. Contudo, por opção, a grafia adotada nesta tese será a de letras minúsculas, salvo quando for utilizada pelo referencial teórico ou pelas fontes, quando será mantida a grafia autoral.

²⁶ TRINDADE, Ronaldo. **Significados sociais da homossexualidade masculina na era Aids**. **Cadernos AEL**, Campinas-SP, v. 10, n. 18/19, 2003.

interações com o espaço urbano, o mercado, a mídia e que se constituíam também em torno de suas performances corporais. Tem-se a formação de tribos²⁷ internas no grupo gay como: *barbies*²⁸ e *ursos*²⁹, que reproduziam um ideal de masculinidade que lhes conferia prestígio, tanto na sociedade quanto na comunidade homossexual como um todo, e *modernos* e *quá quas*³⁰, cujo gênero era mais fluido e andrógino.³¹ Não se está tomando tais classificações como fixas ou capazes de incorporar todos os sujeitos homossexuais e/ou praticantes de experiências e vivências homoeróticas, pois havia dissidências, bem como pessoas que possuíam algumas dessas características mas que não se definiam como gay ou como integrante dessas tribos.

Essas produções citadas mostram majoritariamente as apropriações de discussões sobre as masculinidades de forma transversal às discussões sobre os gays e/ou relações afetivo-sexuais estabelecidas entre sujeitos que se identificam como homens masculinos. É considerando as compreensões essencialistas das masculinidades, mas indo além delas, focalizando sobretudo a análise a partir de uma abordagem construtivista e pós-estruturalista que tal tema ganha centralidade nesta investigação.

²⁷ Tribos é uma expressão usada para se referir aos diferentes grupos que internamente compunham o universo homossexual, mas que possuíam características específicas, como *barbies*, *ursos*, *quá quas*, *modernos*, dentre outros. Parte das pessoas integrantes desse meio usavam-na como forma de identificar os sujeitos e, por isso, a expressão será usada em alguns momentos da narrativa para se referir a essa classificação interna.

²⁸ A denominação *barbie* – que remete à boneca homônima e que é um modelo de beleza estética feminina fabricada como atrativa – indica gays e/ou homens adeptos de práticas e vivências homoeróticas que têm um corpo musculoso, geralmente depilado, são consumidores de um estilo de vida moderno propiciado pelo seu poder aquisitivo e vaidosos com a aparência. No entanto, essas classificações não são estáticas, podendo também identificar indivíduos assim, mas que não reproduzem a totalidade das características citadas, bem como existe uma fluidez que possibilita mesclar componentes sendo identificados por outras nomeações ou recusando tais classificações.

²⁹ Essa denominação, assim como a já citada, não é fixa, mas de maneira geral, identifica gays ou homens que se opõem ao padrão das *barbies*, valorizam os pelos no corpo, barba, possuem um porte físico mais próximo do tipo físico tido como “natural”, mais viril. Partilham além das características físicas de uma subcultura singular, assim como outros grupos identitários presentes no universo homossexual.

³⁰ No glossário escrito por André Fisher, jornalista, criador do portal Mix Brasil e do Festival Mix Brasil de Cinema e Diversidade Sexual, no começo da década de 1990, quá-quá (com essa grafia) é descrita como “bicha muito feminina”. FISCHER, André. **Como o mundo virou gay?** Crônicas sobre a nova ordem sexual. São Paulo: Ediouro, 2008. p. 218.

³¹ TRINDADE, Ronaldo. **De dores e de amores: transformações da homossexualidade paulistana na virada do século XX.** Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

Algumas pesquisas que abordam a construção de um sujeito gay padrão que tem na masculinidade um de seus pilares de sustentação utilizam o termo “homonormatividade”, como é o caso do historiador norte-americano que vive na Holanda, Peter Drucker. De acordo com esse autor, nos anos 1980 e 1990 em algumas camadas superiores de trabalhadores e da classe média de países imperialistas – mas também de alguns da América Latina, África do Sul, Leste e Sul da Ásia – ocorreu uma receptividade das homossexualidades, sendo que cinco características constituíram o chamado novo padrão hegemônico da normalidade gay: definição como uma minoria estável; aumento da conformidade de gênero; marginalização de pessoas trans; maior integração à nação e famílias normalizadas. Esses elementos estavam sintonizados ao neoliberalismo, beneficiando as pessoas com dinheiro através de sua imbricação mercadológica, formando um canto tolerado dentro do mundo heteronormativo, possível de mudança mediante a resistência e transformação *queer*.³²

Os elementos destacados pelo autor são profícuos para pensar as transformações ocorridas e que parecem fazer parte de uma operação de normatização gay ocorrida no Brasil, em diálogo com Foucault, mas o termo homonormatividade usado pelo autor pode confundir o entendimento, na medida em que se contrapõe à heteronormatividade. O regime político e sexual institucionalizado é cisheteronormativo, patriarcal, machista, homofóbico e, nesse espectro, as pessoas são generificadas e sexualizadas. Todas as pessoas que estão sob a égide desse sistema são interpeladas por ele, independentemente do tipo de prazeres desejados. E isso ocorre antes mesmo das pessoas nascerem.

Acerca das homossexualidades isso não acontece. O que ocorre é a constituição de uma normatização gay, ou seja, a fabricação de um modo de ser, existir e viver as relações homoeróticas apresentada como melhor, desejável e que também serve para ser desejado e percebido. É um desdobramento do regime cisheteronormativo, um modelo refém de que, para ser aceito e valorizado, deve-se ajustar-se à norma por ele imposta. Não se pode esquecer que esses gays normatizados são antes de tudo efeitos do sistema, não apenas agentes. E o lugar político e social ocupado não é o mesmo de heterossexuais nem das demais pessoas homossexuais que são dissonantes desse modelo.

³² DRUCKER, Peter. A normalidade gay e a transformação *queer*. *Cadernos cemarx*, Campinas-SP, n. 10, p. 197-217, 2017.

Para compreender as homossexualidades no período abarcado por esta pesquisa, 1980 a 1999, além da autoria já apontada, o aporte teórico dialoga com James Green³³, João Silvério Trevisan³⁴, Renan Quinalha³⁵, Paulo Souto Maior Júnior³⁶, Isadora Lins França³⁷ e Richard Parker.³⁸

No universo homossexual, masculinidades hierarquizadas também compõem esse cenário. E aqui se estende esta compreensão não apenas a práticas que conferem dominação, mas também aos aspectos fisiológicos das carnes³⁹ humanas, sobretudo daquelas pessoas tidas como machos, enfatizando aqui sua construção corporal e cisgênero, criando sujeitos identificados como homens. Isso ajuda a observar a nomeação de que determinadas práticas sociais são tidas como masculinas, de que dados componentes presentes na expressão social de determinadas pessoas são masculinos. Apesar de haver críticas a esses entendimentos, há pessoas que buscam reificá-los para adequarem-se e, assim, desfrutarem das benesses simbólicas a partir das relações sociais.

A sugestão de Tania de Luca⁴⁰, que propõe uma história “por meio dos” periódicos, será incorporada, posto que a imprensa oferece ferramentas para compreender o passado e o processo de mudanças e permanências das práticas e vivências homoeróticas mediatizadas nas décadas de 1980 e 1990. O que aparece veiculado não são pessoas, práticas, vivências, mas, sim, representações construídas e ajustadas às intencionalidades na composição das notícias, tanto em seu aspecto textual quanto imagético, gráfico, diagramático, naquilo que concerne a seu público consumidor, tudo isso imbricado, sem dúvida, no grupo proprietário desses periódicos.

³³ GREEN, 2022.

³⁴ TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018a.

³⁵ QUINALHA, Renan Honório. **Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)**. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

³⁶ SOUTO MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto. **A invenção do sair do armário: a confissão das homossexualidades no Brasil (1979-2000)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

³⁷ FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

³⁸ PARKER, Richard. **A construção da solidariedade: aids, sexualidade e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA: IMS, UERJ, 1994.

³⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. (Mais)culinos: outras possibilidades de corpos e gêneros para as carnes sexuadas pela presença de um pênis. **Outros tempos**, São Luís, v. 17, n. 29, p. 260-181, 2000.

⁴⁰ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

Roger Chartier entende as *representações coletivas* como sistemas de classificação do mundo social e, ao mesmo tempo, como as matrizes de práticas construtoras desse mundo e de sua percepção.⁴¹ No entanto, isso se dá em meio a “lutas de representação”, ou seja, confrontos nos quais alguns grupos tentam impor uma determinada representação que, apesar de aspirar à universalidade, é decorrente de interesses específicos.⁴²

Partindo dos códigos e não de recortes sociais dados *a priori*, Chartier⁴³ destaca a possibilidade de realizar outras seleções, não unicamente a partir de classes sociais ou grupos, mas a partir de outras variáveis. Nesta pesquisa, trata-se de considerar as representações construídas em torno dos prazeres, das sexualidades, das vivências e relações homoeróticas que atravessam camadas sociais e gerações, havendo também diferenças econômicas, de escolaridade e culturais, tratando-se, então, de um grupo plural delimitado a partir das significações calcadas numa prática, prazer, desejo, um tipo de vivência específica.

Igualmente teorizando acerca das representações, Sandra Jovchelovitch ajuda a pensar as representações a partir da distinção entre “representações sociais na esfera pública” das “representações sociais da esfera pública”. Compreende as representações para além da individualidade dos sujeitos e sua construção na esfera pública, mas que, ao mesmo tempo, a própria esfera pública torna-se objeto de representações. Os meios de comunicação destacam-se nesse cenário na medida em que possibilitam o contato com representações numa relação de mediação distinta daquela que ocorre na esfera pública.⁴⁴

Isso possibilita pensar nas diferenças entre as representações sobre as pessoas homossexuais e/ou sobre as homossexualidades que, de maneira geral, circulam na sociedade, e aquelas que são veiculadas na

⁴¹ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1991. p. 183.

⁴² CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990. p. 17.

⁴³ CHARTIER, 1991, p. 180-181.

⁴⁴ JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

mídia. O espaço social onde são produzidas é o mesmo ao qual são direcionadas, podendo ser reconstruídas e transformadas, tendo-se que esse entendimento influencia as relações sociais e, por conseguinte, as próprias representações. Não se trata de pensar as representações em oposição à realidade orgânica, mas como sinaliza Chartier, apontar que a percepção dessa própria realidade já é, em si, uma representação⁴⁵ – não obstante, uma compreensão elaborada a partir de diferentes referenciais teóricos.⁴⁶

Parte dessa problemática está centrada na imagem veiculada, ou seja, tratando da questão das homossexualidades em abordagens que pendam mais para a seriedade ou para a chacota. É aí que o estereótipo homossexual construído e difundido revela uma determinada representação desses sujeitos, mas não é representativo da complexidade presente no amálgama social. Rui Zink, ao refletir acerca dos estereótipos, destaca que sua construção e partilha podem estar pautadas em preconceitos, mas também é possível que eles sinalizem uma determinada realidade, lembrando que se tratam de criações externas sobre um objeto.⁴⁷ A construção de um modelo e a sua apresentação como referencial de um grupo é perpassada por relações de poder que legitimam e creditam. No entanto, padrões também podem ser constituídos sem essa “autorização” do grupo, mas mediante a imbricação de diferentes componentes.

Nesse sentido, a mídia e a imprensa escrita brasileira, ao veicularem notícias e imagens de gays, contribuíram não apenas para a sua visibilização, mas para a difusão de representações acerca dessas pessoas e de sujeitos apresentados como atraentes e desejáveis para esses consumidores gays, bem como de modelos a serem evitados. Na

⁴⁵ CHARTIER, 1990; 1991; CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. Tradução de André Dione Fonseca e Eduardo de Melo Salgueiro. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

⁴⁶ Para analisar alguns dos referenciais teóricos utilizados por Chartier na elaboração de sua compreensão, ver: CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos**, Maringá, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.

⁴⁷ ZINK, Rui. Da bondade dos estereótipos. In: LUSTOSA, Isabel (Org). **Imprensa, Humor e Caricatura: a questão dos estereótipos culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 47-68. p. 49.

temporalidade açambarcada, os acontecimentos e a conjuntura contribuíram para a fabricação do sujeito tido como gay de respeito, comportado, interpelando ainda modificações estéticas viris e masculinizadas, modelando subjetividades e constituindo o chamado gay padrão contemporâneo que emerge como parte de um fenômeno global. Apesar de sua construção como objeto de desejo valorizado socialmente e aferida essa distinção através da incorporação e exaltação da masculinidade, atenta-se ao processo de sua fabricação e emergência no Brasil.

Esta pesquisa se insere nos estudos sobre sexualidades e relações de gênero, atravessadas por diferentes variáveis, e tem como um de seus principais interlocutores Michel Foucault. A sexualidade é compreendida como uma construção histórica e social estabelecida em meio a um conjunto de relações de poder e de saber produzidas por meio de técnicas, normas e instituições que a regulamentaram e a tornaram central na constituição da identidade dos sujeitos.⁴⁸

Considerando tais contribuições, mas avançando nas reflexões propostas pelo autor, focaliza-se a análise sobre a ação de um *biopoder*, que, segundo Foucault, é um “[...] conjunto de mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder”.⁴⁹

Conforme Foucault, em razão das multiplicidades presentes na sociedade são produzidos interesses coletivos artificialmente apresentados como de interesse de todas as pessoas e sobre as quais são aplicados instrumentos de controle que são os dispositivos de segurança, estes agem em meio aos dispositivos jurídicos e disciplinares vigentes garantindo a governabilidade de um território.⁵⁰

⁴⁸ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2020.

⁴⁹ FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 3.

⁵⁰ FOUCAULT, 2008.

Apesar da vigência do dispositivo disciplinar que contribuía na docilização e adestramento dos corpos dos sujeitos⁵¹, especialmente esperando que reproduzissem comportamentos alinhados à cisheteronormatividade e operando a diferenciação das pessoas em “normais” das “anormais”, outro dispositivo ganhou centralidade nessa forma de governabilidade centrada no controle da população, tratava-se do dispositivo de segurança direcionado à população homossexual visando mantê-la sob controle para não alterar a ordem social vigente. Diferente de períodos anteriores, as transformações nos costumes no final da década de 1960 e o surgimento de movimentos homossexuais politizados permitiram um maior entrelaçamento de discursos na construção de representações e teve como frente o recrudescimento do aparato repressor e censório no período da ditadura militar para impedir tais iniciativas no Brasil. O lastro dessa política sexual repressora⁵² não foi totalmente apagado no período posterior.

A estigmatização das homossexualidades e o dispositivo de segurança perpetrado podem ser entendidos a partir da reflexão proposta por Giorgio Agamben sobre a distinção entre a vida natural ou “vida nua” (*zoé*) da vida política (*bíos*) como forma de exercício do poder soberano. Para o autor, a “vida nua” faria parte de uma exceção na medida em que seria incluída na esfera política somente em razão de sua exclusão⁵³, ou seja, uma vida insacrificável, mas matável mediante sua desumanização e disponibilidade aos propósitos dos governantes. Nesse sentido, para Agamben, a biopolítica foucaultiana seria “tão antiga quanto a exceção soberana”.⁵⁴

Como Agamben possibilita pensar, as pessoas homossexuais estavam incluídas na sociedade somente mediante sua exclusão social, como parte de uma política governamental de controle que tinha o respaldo de diferentes instituições, discursos e saberes. Evidentemente havia uma diversidade de vivências e de sujeitos que não caberiam em

⁵¹ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhetete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

⁵² QUINALHA, 2017.

⁵³ AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: EdUFMG, 2002. p. 18.

⁵⁴ AGAMBEN, op. cit. p. 14.

categorias estáticas, embora entendimentos generalistas partilhados nos deem uma ideia do tipo de representações que se sobressaíam. Nesse contexto, entende-se que nenhum tipo de pessoa homossexual gozava de uma vida humanizada semelhante à conferida às pessoas heterossexuais, pois o lugar em que estavam era o da dissidência. E ser dissidente naquele cenário não significava um tratamento equivalente, posto que variáveis estruturais e interseccionais podiam conferir tratamentos variados dadas as distintas colonialidades que asseguravam privilégios para algumas pessoas e estigmas para outras.

Essa tentativa de marginalização das homossexualidades a partir do reforço da ideia de uma “vida nua” começou a se modificar de forma crescente, no Brasil, a partir da segunda metade da década de 1970, o que se deu sobretudo pelos ativismos precedentes e pela organização do Movimento Homossexual. A positivação das homossexualidades também adentrou timidamente a grande imprensa escrita em espaços temáticos específicos.⁵⁵ Entretanto, como chama a atenção Butler, essas mesmas pessoas às quais se impunha uma “vida nua”, um desprezo, uma segregação, mesmo destituídas de direitos, ainda assim faziam parte da esfera política e podiam revelar sua indignação, revolta e resistência.⁵⁶ Como de fato fizeram. Isso ajuda a pensar na tentativa vertical de impor a elas e à sociedade a ideia de uma “vida nua”, desumanizada; contudo, tais homossexuais puderam desenvolver diferentes formas de enfrentamento – social e político – tornando sua sexualidade, práticas e vivências aceitáveis no país.

A partir de algumas transformações e conquistas, a adesão por representações positivas se ampliou. Dessa forma, vai se constituindo um mecanismo de segurança distinto do dispositivo disciplinar efetuando uma normatização. Conforme Foucault:

⁵⁵ Destacam-se: a “Coluna do Meio” e o “Correio Elegante” escritas pelo jornalista Celso Curi no jornal *Última Hora*, de São Paulo; a coluna “Guei” no semanário *Correio de Copacabana*, escrita por Glorinha Pereira; a coluna “Tudo Entendido” na *Gazeta de Notícias*, de autoria de Fernando Moreno. MARTINELLI, Leonardo da Silva. “Um gay power à brasileira”: *Veja* e a representação dos homossexuais em meados de 1977. *Aedos*, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 164-188, ago. 2019. p. 171-172.

⁵⁶ BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 91.

[...] vamos ter uma identificação das diferentes curvas de normalidade, e a operação de normalização vai consistir em fazer essas diferentes distribuições de normalidade funcionarem umas em relação às outras e [em] fazer de sorte que as mais desfavoráveis sejam trazidas às que são mais favoráveis.⁵⁷

Essa operação de normatização é parte da *biopolítica*, ou seja, uma ação política sobre aspectos biológicos da vida humana e voltada ao controle de uma população, tendo surgido a partir do século XVIII, segundo Foucault. Nesse caso, essa operação atuou na construção de uma curvatura das homossexualidades que oscilou de uma “vida nua”, destituída de direitos, de humanidade, vista como marginal, até o sujeito político, que conquistou parte dos direitos que lhe eram interditados. A variável principal desse sistema é a forma de experienciar os prazeres afetivo-sexuais e a construção desses sujeitos gays. Nesse sentido, diferentes relações de poder perpetradas socialmente visavam mover essa curvatura: alguns grupos objetivavam mantê-la como algo anormal, uma “vida nua”; ao passo que outros tentavam positivá-la e lutar pelos direitos dessas pessoas.

No período analisado, de diferentes transformações, sobretudo sociais e culturais, analisar as representações veiculadas na mídia e na imprensa permitem que se possa observar outro aspecto desse dispositivo de segurança direcionado à população homossexual: a sua curvatura de normatização em torno de sujeitos e vivências singulares. Na medida em que pessoas homossexuais passaram a conquistar mais espaço na sociedade e respeitabilidade, deixando de ser classificadas como doentes e, como a década de 1980 nos permite observar, tornando-se uma população numericamente visibilizada, presente em todas as camadas sociais, passa-se de um tempo de vida nua, em que as práticas afetivo-sexuais e/ou sexualidades antes marginalizadas, que legava às pessoas homossexuais uma “vida nua”, altera-se para um tempo de normatização atravessado por diferentes variáveis.

⁵⁷ FOUCAULT, 2008, p. 82-83 – grifos do autor.

É aí que representações de determinados tipos de sujeitos e vivências homoeróticas passaram a ser mais favoráveis na sociedade do que outras, uma vez que o discurso contrário à homossexualidade, em si, não era mais inteligível – ao menos em determinados contextos e de forma crescente para o restante da população – para desqualificar tais práticas e existências. Há uma ruptura na racionalidade médica, decorrente da despatologização; maior visibilidade homossexual na imprensa, que cresce sobretudo em decorrência da aids; a estética valorizada passa a veicular corpos musculosos, fabricados como saudáveis e atrativos; discursos que produziam subjetividades e tentavam moldar comportamentos e condutas. Trata-se, em todo caso, de tecnologias de poder biopolíticas voltadas à população homossexual que, através da ação da mídia impressa, na década de 1980 e 1990, fabricaram um novo sujeito – o gay padrão – e operaram uma normatização gay.

Essas alterações podem ser percebidas de diferentes formas, mas os meios de comunicação, em especial a imprensa escrita, auxiliaram nessa mediação preparando o público leitor para esses novos entendimentos acerca das homossexualidades que acompanhavam modificações que ocorriam em nível transnacional. Não se tratou de uma iniciativa intencional desses veículos de imprensa, uma vez que *representações entrelaçadas*⁵⁸ costumavam aparecer, mas em seu conjunto representações específicas passaram a ser visibilizadas e o dispositivo de normatização compreendido conforme Foucault⁵⁹ é reforçado e parcela do público leitor passa a estar familiarizada com, o que se deu em processos midiáticos que informavam mas também formavam e transformavam seus interlocutores.

O ano de 1985, em especial, é tomado como um marco de grande relevância nesse processo – sobretudo dada a conquista da despatologização das homossexualidades –, pois marca uma ruptura entre

⁵⁸ Utiliza-se o conceito de “representações entrelaçadas” pensado a partir de “memórias entrelaçadas” de Sebastian Conrad, pois conforme o autor, “Contra essa nostalgia por uma narrativa ‘pura’ e ‘objetiva’ (e portanto, incontroversa) da realidade passada, o termo ‘entrelaçado’ enfatiza as relações e interações assimétricas que produzem relatos diferentes e conflitantes do passado”. Nesse sentido, a ideia de entrelaçamento ajuda a pensar as representações como sendo algo construído em diálogo transnacional e tendo a possibilidade não somente de se opor a uma narrativa do passado, como também de reescrevê-la e mudá-la. Cf. CONRAD, Sebastian. *Memórias entrelaçadas: versões do passado na Alemanha e no Japão, 1945-2001*. **Esboços**, Florianópolis, v. 27, n. 44, p. 130-148, jan./abr. 2020. p. 133 – grifo do autor.

⁵⁹ FOUCAULT, 2008.

o tempo de vida nua, período em que ser homossexual era tido pela sociedade como algo ruim e doentio – uma desumanização de tais pessoas – para o tempo de normatização, em que o uso dos prazeres homoeróticos e/ou a definição de homossexual passaram a tornar-se humanizadas. Diz-se isso pois não foi de uma hora para outra que essa positivação foi conquistada, tendo em vista o lastro cultural histórico que se reproduzia. Parece oportuno pensar que foi na segunda metade da década de 1980 que passou a ser constituída uma nova subjetividade homoerótica no Brasil, com suas conexões globais, produzindo o sujeito gay tornado padrão e enaltecendo algumas características masculinas nele presente como signo de orgulho e distinção social. Estas, como já foi dito, produziram-se em diálogo com as masculinidades hegemônicas e subordinadas.

Por isso, concorda-se com Trindade quando pontua que houve transformações nas homossexualidades nas décadas de 1980 e 1990.⁶⁰ É nesse período que o gay padrão passou a ser construído como parte do processo de normatização das homossexualidades na sociedade brasileira, sendo a masculinidade um componente central na constituição desse modelo de sujeito. Uma cisão que demarca duas temporalidades.

Para compreender esse processo histórico no Brasil, três categorias de análise fundamentam o olhar lançado. A primeira delas é *homossexualidades*. A palavra “homossexual” foi divulgada⁶¹ inicialmente em 1869 e é atribuída ao poeta e escritor Karl-Maria Benkert (ou Kertbeny, na grafia húngara) em dois textos anônimos que visavam argumentar em favor de tais relações e pontuar que se trataria de características biológicas dadas, objetivando supostamente o fim da proibição dessas práticas, vigente no contexto da unificação alemã.⁶²

Com o surgimento dessa palavra, Michel Foucault distingue o período precedente do posterior ao dizer que o “sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie”.⁶³ Essa interpretação parece estar associada à ideia de que anteriormente a ênfase e a própria legislação vigente pautavam-se na prática em si, ou seja, naquelas pessoas

⁶⁰ TRINDADE, 2003.

⁶¹ Usa-se a palavra “divulgada” porque, conforme Jonathan Ned Katz, Kertbeny já teria utilizado o termo numa correspondência trocada com outro reformador sexual, Karl Heinrich Ulrichs, em 1968; ou seja, a palavra já fazia parte do vocabulário do autor, mas veio a ser divulgada por ocasião dos textos que vieram a público em 1869. Cf. KATZ, Jonathan Ned. **A invenção da heterossexualidade**. Tradução de Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. p. 63.

⁶² Ver discussão em RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. **De Daniele a Chrysóstomo: Quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012. p. 41-42.

⁶³ FOUCAULT, 2020, p. 48.

que incorriam no “erro” de praticar atos homoeróticos que eram proibidos, daí sendo chamadas de sodomitas. A nova palavra viria a distinguir essa maneira precedente de experimentar tais relações com o corpo, que Foucault as vê mais como uma “libertinagem”, modificando-se a partir da categoria homossexualidade que caracterizaria um sujeito dotado de um desejo, um “[...] comportamento sexual ligado a uma psicologia”.⁶⁴ Essa aparente visão reducionista das relações homoeróticas nos períodos precedentes à emergência dessa palavra levou alguns pesquisadores a criticá-lo, tendo em vista a possibilidade de constatar a presença de subculturas em pelo menos três séculos antes.⁶⁵ Possivelmente havia mais do que apenas uma “libertinagem”, contudo Foucault parece querer enfatizar a constituição de um sujeito dotado de um desejo singular que o diferenciava de um sujeito jurídico nomeado por cometer um delito, ou seja, ele parte de um dispositivo da sexualidade que cuja centralidade está na subjetividade do sujeito moderno.

Naquele momento, século XIX, é que as palavras homossexualidade e heterossexualidade foram criadas e inicialmente referiam-se a práticas não reprodutivas, como destaca o historiador Jonathan Ned Katz. À medida que foram sendo difundidas e teorizadas por pesquisadores, tais palavras foram sendo ressignificadas. Conforme Katz, a heterossexualidade – que sinalizava práticas eróticas entre homens e mulheres que não tinham como finalidade a procriação – passou a assumir um estatuto de normalidade frente à homossexualidade e a ser usada, posteriormente, como uma forma de classificação historicamente situada e positivada.⁶⁶

Por duas razões é que se usa o termo homossexualidades, no plural, como uma categoria de análise nesta pesquisa: a primeira é porque, como nos lembram James Green e Renan Quinalha, até a época da ditadura

⁶⁴ FOUCAULT, Michel. O saber gay. Tradução de Eder Amaral e Silva e Heliana de Barros Conde Rodrigues. **Ecopolítica**, São Paulo, n. 11, p. 2-27, jan.-abr. 2015. p. 4.

⁶⁵ Ao analisar a documentação inquisitorial, o pesquisador Luiz Mott destaca essa presença em Portugal a partir de elementos encontrados nos processos de sodomitas que frequentavam determinados espaços festivos de sociabilidade, partilhavam espaços públicos e privados para encontros amorosos, além de haver descrições referentes ao comportamento, maneiras de se vestir e falar e as gírias usadas, tudo isso sinalizando o compartilhamento de elementos de uma subcultura homoerótica específica. Nesse sentido, embora Foucault destaque essa cisão entre sodomia e homossexual, que tinham sentidos distintos, não se pode ignorar esses elementos partilhados em períodos pretéritos reduzindo as práticas dessas pessoas a uma “libertinagem”. Sobre as contribuições de Mott citadas acima, ver MOTT, Luiz. Raízes históricas da homossexualidade no atlântico lusófono negro. **Afro-Ásia**, Salvador, v. 33, p. 9-33, 2005. p. 20; MOTT, Luiz. Pagode português: a subcultura gay em Portugal nos tempos inquisitoriais. **Ciência e Cultura** (SBPC), v. 40, n. 2, p. 120-139, fev. 1988.

⁶⁶ KATZ, op. cit. p. 31.

militar brasileira não havia uma divisão identitária específica, ou seja, travestis, lésbicas, gays ou quaisquer outras terminologias que caracterizassem essas pessoas, todas estariam incluídas no grande grupo⁶⁷; assim, apesar das singularidades internas, as diferenciações a partir de identidades com demandas sociais específicas ocorreram apenas posteriormente.

O segundo motivo, como chama a atenção João Silvério Trevisan, deve-se ao fato de que algumas pessoas mantêm práticas e vivências homoeróticas, mas não se reconhecem de maneira identitária como homossexual ou outra expressão semelhante⁶⁸; ou ainda, não partilham ou se inserem no universo homossexual, por essa razão seria mais conveniente pensá-la de maneira ampla considerando a diversidade presente e possível a partir dessa terminologia. Mesmo na década de 1990, quando diferentes siglas passaram a ser usadas, opta-se por manter essa categoria no plural para ampliar as dimensões de análise considerando pessoas que não estavam e/ou não queriam estar integradas a essas identificações. E dadas as inúmeras vivências possíveis, parece ser bastante profícua para a análise.

Gênero é outra categoria de análise utilizada. Joan Scott alertou em 1986 sobre a importância dessa categoria na análise histórica. Em sua definição “[...] gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e, ao mesmo tempo, “[...] gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”.⁶⁹ Apesar de seu entendimento inicial estar voltado somente às diferenças entre homens e mulheres, percebê-las como um elemento central nas relações de poder foi de grande contribuição. Para Scott, o poder político foi construído sobre as noções de gênero e sua explicação justifica a manutenção do próprio sistema⁷⁰, questioná-lo levaria a sua alteração, razão pela qual é lançado a um espectro, como se fosse inalterável. O fragmento abaixo esclarece melhor tal assertiva:

⁶⁷ GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 11.

⁶⁸ TREVISAN, 2018a, p. 39.

⁶⁹ SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. p. 86. Este artigo foi originalmente publicado em 1986 e teve duas traduções brasileiras: a primeira em 1990, do francês para o português, e a segunda publicação, em 1995, revisada a partir do original em inglês.

⁷⁰ SCOTT, op. cit., p. 89.

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da oposição homem/mulher; ele também o estabelece. Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa e fixa, fora de toda construção humana, parte da ordem natural ou divina. Desta maneira, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro.⁷¹

Judith Butler igualmente se dedicou a analisar tal tema e em 1990 publicou uma obra propondo a teoria da *performatividade de gênero*. Para a autora, gênero é uma construção discursiva que se dá mediante a repetição de atos, não se trata de um componente ontológico determinado pela biologia, tampouco de um determinismo cultural, pois do contrário as pessoas iriam performatizar exatamente aquilo que se espera e se investe sobre elas, mas é construído de forma subjetiva em meio a esses discursos e seus efeitos.⁷² Conforme Butler:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.⁷³

Vale ressaltar que a partir das contribuições de Butler o entendimento de gênero rompeu com um certo binarismo e, por se tratar de construções discursivas e não de algo dado *a priori*, libertou as carnes sexuadas das pessoas das imposições sociais de gênero que recaíam sobre elas. Tecendo críticas ao sujeito essencialista produzido mesmo pelas políticas de identidade, abre-se a possibilidade de observar diferentes expressões performativas de gênero – independentes da corporalidade –

⁷¹ SCOTT, op. cit., p. 92.

⁷² BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

⁷³ BUTLER, 2017, p. 69.

e as resistências frente às imposições normativas na sociedade onde algumas identidades e existências são creditadas, e outras, negadas.

Por outro lado, gênero não está radicado somente no campo da linguagem performativa que o constrói. Paul B. Preciado destaca:

O gênero não é simplesmente performativo, (quer dizer, um efeito das práticas culturais linguístico-discursivas) como havia querido Judith Butler. O gênero é, antes de tudo, prostético, quer dizer, não se dá senão na materialidade dos corpos. É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico.⁷⁴

A ênfase no discurso performativo na obra de Butler suscitou críticas em razão da necessidade de discutir a materialização de gênero nos corpos das pessoas e, a partir daí, sua percepção e implicações sociais. Entretanto, em obra posterior, Butler trouxe novas reflexões aprofundando a discussão sobre a materialidade dos corpos e, nesse aspecto, salienta que não se trata de campos distintos: gênero enquanto construção e corpo como algo dado; mas que o próprio corpo é efeito de uma dinâmica de poder sobre as quais agem normas regulatórias que o governam e que incidem sobre ele significações.⁷⁵

Nesta pesquisa o entendimento de gênero deve-se às contribuições acima citadas. Mas cabe dizer que, ao longo da trajetória e historicidade dessa categoria, diferentes reflexões possibilitaram que tal tema fosse discutido e incorporasse novas questões.⁷⁶ De acordo com Ana Maria Veiga e Joana Maria Pedro, o entendimento político recente de gênero

⁷⁴ PRECIADO, Paul B. **Manifiesto contra-sexual**. Madri: Opera Prima, 2002. p. 25 – tradução minha. Confira a citação original: “El género no es simplemente performativo (es decir, un efecto de las prácticas culturales lingüístico-discursivas) como habría querido Judith Butler. El género es ante todo prostético, es decir, no se da sino en la materialidad de los cuerpos. Es puramente construído y al mismo tiempo enteramente orgánico”.

⁷⁵ BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. Tradução de Veronica Daminelli, Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019a. p. 17.

⁷⁶ Para uma compreensão geral da historicidade da categoria gênero ver: PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

ocorreu especialmente a partir da segunda metade da década de 1980 e foi construído coletivamente.⁷⁷

Em diálogo com Foucault, Butler, Preciado e Scott, gênero é entendido aqui como um processo resultante da produção de um saber cuja performatização discursiva interpela os sujeitos a realizarem atos que constroem aquilo que nomeiam. É materializado através de e nas carnes sexuadas das pessoas, que também são constituídas por normas regulatórias tornando-se corpos que serão compreendidos como inteligíveis ou não, cuja expressão incide em distintas formas de relações sociais que fizeram deste componente um elemento central nas relações de poder, com usos políticos na estruturação da sociedade.

A terceira categoria de análise usada é o que Michael Warner denominou em 1991 de *heteronormatividade*.⁷⁸ De acordo com Richard Miskolci:

A heteronormatividade é um regime de visibilidade, ou seja, um modelo social regulador das formas como as pessoas se relacionam. Em nossos dias, a sociedade até permite, minimamente, por sinal, que as pessoas se relacionem com pessoas do mesmo sexo; portanto, ao menos para alguns estratos sociais privilegiados, já não vivemos mais em pleno domínio da heterossexualidade compulsória. Nas classes médias e altas urbanas, sobretudo metropolitanas, ganhou clara visibilidade a existência de pessoas que se interessam por outras do mesmo sexo. Nesse contexto, não é possível dizer que se nega a elas a homossexualidade, mas a sociedade ainda exige o cumprimento das expectativas com relação ao gênero e a um estilo de vida que mantém a heterossexualidade como um modelo inquestionável para todos/as.⁷⁹

⁷⁷ VEIGA, Ana Maria; PEDRO, Joana Maria. Gênero. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. 2. ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019, p. 330-333. p. 330.

⁷⁸ MISKOLCI, Richard. A Teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, a. 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009. p. 156.

⁷⁹ MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP, 2017. p. 46.

O aprofundamento das reflexões sobre gênero possibilitou que outras questões viessem à tona e pudessem ser problematizadas. Para além de uma heterossexualidade compulsória⁸⁰ imposta a todas as pessoas, pesquisas passaram a questionar as construções normativas que instituíam normalidades e marginalidades tendo como eixo central a representação de um mundo cisheteronormativo supostamente universal. Não se tratava apenas de esperar que homens se relacionassem com mulheres, mas de um sistema que operava normatizações que era e é sustentado por um aparato intensamente operante. Eram questões que iam além daquilo que estava sendo discutido pelos estudos gays e lésbicos de então. A esse conjunto de pesquisas Teresa de Lauretis chamou de Teoria *Queer*, numa conferência realizada no ano de 1990, cujo artigo foi publicação no ano seguinte.⁸¹

O termo *queer* deriva do alemão e nesta língua tem significado de torcido, desviado. Contudo, a partir da década de 1920, nos países de língua inglesa, a palavra adquiriu uma conotação pejorativa ao ser atribuída às pessoas homossexuais até a década seguinte, quando o termo *gay*⁸² passou a ser utilizado. Já na década de 1990, *queer* é caracterizado como uma teoria a partir de pesquisas que questionavam determinados elementos da sociedade, mas também foi retomada de forma afirmativa por movimentos sociais.⁸³ Diferente das políticas reivindicadas pelas chamadas minorias, dentre as quais se incluíam as pessoas homossexuais, que visavam requalificar suas práticas e vivências e torná-las normais, não abjetas, inserindo-se na sociedade com poucas alterações em sua

⁸⁰ Termo usado pela feminista norte-americana Adrienne Rich já em 1980. Cf. RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, Natal, n. 5, p. 17-44, 2010.

⁸¹ LAURETIS, Teresa de. *Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities*. An Introduction. **Differences – A Journal of Feminist Cultural Studies**, v. 5, n. 2, p. 3-18, 1991.

⁸² De acordo com John Boswell o termo *gai* já era usado desde o século XIII e XIV em algumas regiões da Europa, como no sul da França, em referência a pessoas que tinham relações homoeróticas, sendo que o autor aventa a possibilidade de sua variante *gay* ter sido difundida a partir da língua inglesa, apesar de salientar que a mudança de grafia não tenha alterado o significado e seu referente. Cf. BOSWELL, John. **Cristianismo, Tolerancia Social y Homosexualidad**: Los Gays en Europa occidental desde el comienzo de la Era Cristiana hasta el siglo XIV. Barcelona: Muchnik Editores, 1998. p. 59.

⁸³ PENEDO, Susana López. **El labirinto queer**: la identidad en tiempos de neoliberalismo. Barcelona-Madrid: Egales, 2008. Considerações discutidas no primeiro capítulo.

estruturação, os estudos *queer* criticam as tentativas de normalização e normatização.

De acordo com Guacira Lopes Louro, o desenvolvimento dessa teoria se dá sob a influência do pós-estruturalismo, valendo-se da operação de desconstrução proposta por Jacques Derrida, de uma política pós-identitária de questionamento dos sujeitos, das identidades, das normatizações. As principais autorias dessa esfera teórica, influenciadas pelo pensamento de Foucault e Butler, questionam esse ajustamento de sujeitos à norma e o que ocorre com aqueles que não se ajustam a ela. Por isso, para a autora, *queer* “[...] representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora”.⁸⁴ Tais contribuições possibilitam articular as reflexões em torno dos estudos de gênero com os estudos *queer*, mas não devem ser tomadas num sentido evolutivo, como chama a atenção Clare Hemmings, mas enquanto uma continuidade.⁸⁵ O *queer* está sendo utilizado nesta investigação como uma perspectiva para pensar o conhecimento histórico.

Para melhor compreender o tema e o problema de pesquisa citado, é necessário analisá-lo sob uma perspectiva global, pois o entendimento acerca dessas práticas afetivo-sexuais, sexualidade e vivências homoeróticas foram constituídas mediante entrelaçamentos de saberes, discursos e representações que nessa esfera se materializaram. Nesse sentido, as chamadas homossexualidades compõem um fenômeno global ocidental cuja causalidade incidiu na constituição da normatização gay na sociedade brasileira e na fabricação do sujeito gay padrão mediante conexões transnacionais, numa dimensão relacional, não sendo um acontecimento único gestado nesse recorte espacial, nem somente uma importação⁸⁶ – razão para se analisar as singularidades presentes no contexto brasileiro da época.

⁸⁴ LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. p. 546.

⁸⁵ HEMMINGS, Clare. Contando estórias feministas. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 215-241, jan. – abr. 2009.

⁸⁶ A contribuição teórica que auxiliou a compreender esta perspectiva da História Global construiu-se a partir da seguinte leitura: CONRAD, Sebastian. **O que é história global?** Lisboa: Edições 70, 2019.

A imprensa também atuou como componente dessa operação. Ademais, deve-se pensar tal fenômeno a partir de uma variação de escalas⁸⁷ analíticas, o que possibilita observar a construção do modelo que fabrica o biotipo idealizado das masculinidades e, subjetivamente, constitui um novo sujeito mediante outras conexões. É um fenômeno que emergirá de diferentes maneiras e conforme as espacialidades, não apenas no Brasil, mas em outros países também. Uma vez construída a normatização gay, uma norma torna-se evidente e, a partir dela, normalizações são possíveis, ajustadas e perceptíveis sobre diferentes contextos sociais.

Para compreender o papel desempenhado pela imprensa⁸⁸ na fabricação subjetiva de sujeitos gays com uma estética corporal tida como de machos (i.e masculinizada), sendo os mais visados objetos do desejo homoerótico gay, foi escolhida a revista *Veja* como lente condutora para entender a conjuntura da época. Isso porque, enquanto representante da grande imprensa⁸⁹ escrita nacional, sua circulação chegou a muito mais lares do que a imprensa gay⁹⁰, e análises que focalizem esse tema em

⁸⁷ LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 77-102.

⁸⁸ A imprensa tem sido uma fonte muito utilizada nas pesquisas desenvolvidas no Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) da UFSC, como: CRESCÊNCIO, Cintia Lima. **Veja o feminismo em páginas (re)viradas (1968-1989)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012; QUEIROZ, Igor Henrique Lopes de. **As sexualidades desviantes nas páginas do jornal Diário Catarinense (1986-2006)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014; GOMES, Mauricio Pereira. **A força de uma palavra: homofobia nas páginas da Folha de São Paulo (1986-2011)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

⁸⁹ A respeito da grande imprensa: “De forma genérica designa o conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro”. LUCA, Tania Regina de. *A grande imprensa na primeira metade do século XX*. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2012. [E-book sem paginação].

⁹⁰ A imprensa gay é entendida enquanto um segmento da imprensa alternativa, geralmente produzida por pessoas homossexuais e direcionada a esse público leitor. Há evidências de várias publicações que podem ser inseridas nesse segmento, surgidas em várias partes do país. Em 1967 foi fundada no Rio de Janeiro a Associação Brasileira de Imprensa Gay (ABIG), que teve como diretores Agildo Guimarães e Anuar Farah, contudo, foi finalizada em 1968 pela ditadura militar. (cf. GREEN, 2022, p. 327). Era comum referir-se a essas publicações como “imprensa gay”, assim como o termo gay era usado para referir-se a todas as pessoas homossexuais, possivelmente um lastro da universalização masculina do regime cisheteronormativo. Tal termo não representava a totalidade e diversidade dessa população homossexual, pois era a

periódicos não direcionados exclusivamente a população homossexual carecem de maiores investigações. Porém, esse fenômeno de normatização e construção do gay padrão ocorreu também através das tecnologias de poder da imprensa homoerótica, que possibilitará compreender questões não trazidas ou pouco abordadas na grande imprensa.

As fontes selecionadas foram as seguintes:

Revista *Veja*⁹¹, primeira semanal de informação criada no Brasil, em 1968 e ainda em circulação. Editada pela Abril, fundada por Victor Civita, *Veja* era a revista mais vendida no país na década de 1980. Foi escolhida pela grande tiragem de exemplares, por sua circulação nacional, e por tratar temas diversos, não tendo a população homossexual como público exclusivo – logo, permitindo observar aquilo que foi dito, mostrado e fabricado acerca dessas pessoas para parcela da classe média urbana que a adquiria e para quem era direcionada. Esse periódico já foi usado em diferentes temáticas de pesquisa, sendo que tais produções nos ajudam a compreender a historicidade dessa revista.⁹²

Revista *Rose* (1979-1983), que, inicialmente, apareceu voltada para o público feminino, mas, posteriormente, autodenominou-se revista gay. Impressa pela editora Grafipar, de Curitiba, tinha circulação nacional. A informação de que se dispõe é de que teve uma edição número

generalização terminológica a partir de uma parcela interna, ora usada somente para essa fração, ora para todas as pessoas. Nesta pesquisa será usado o termo “imprensa homoerótica” para referir-se a essas produções, usando as nomeações das identidades para referir-se aos grupos internos disso que se entende como universo homossexual.

⁹¹ *Veja* foi acessada no acervo virtual da revista (<https://veja.abril.com.br/>) mediante assinatura mensal paga. As fontes selecionadas foram coletadas através do manuseio virtual da revista, sendo consultadas desde o ano de 1980 até o ano 1999. Essas fontes foram salvas pelo autor.

⁹² Dada a grande variedade de pesquisas, cita-se as que possibilitam compreender a historicidade da revista: CARTA, Mino. **O castelo de âmbar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000; ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. **Veja sob censura: 1968-1976**. São Paulo: Jaboticaba, 2009; SILVA, Carla Luciana Souza da. **Veja: o indispensável** partido neoliberal (1989-2002). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005; MARANHÃO, Carlos. **Roberto Civita o dono da banca: a vida e as ideias do editor da Veja e da Abril**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. São citadas também algumas pesquisas que se aproximam da temática analisada nesta tese: MARTINELLI, Leonardo da Silva. **Em tempos de Gay Power: representações da homossexualidade masculina na revista Veja (1968-1983)**. Porto Alegre: Editora Fi, 2022; VOKS, Douglas Josiel. **Masculinidades em publicidades da revista Veja (década de 1970)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

0 e outras 81 edições, que contaram também com algumas especiais com postersão e fotonovela.⁹³

Revista *Spartacus*, que circulou entre 1987 e 1990, impressa pela Edições Ki-Bancas, de São Paulo, mas comercializada também fora do estado. As informações disponíveis indicam a existência de 17 edições.⁹⁴

Jornal *Nós por Exemplo* (1991-1995), que era direcionado às pessoas homossexuais e publicado pela editora Leviatã, do Rio de Janeiro. Aproximadamente metade das suas edições foram cobradas e a outra metade é de números distribuídos gratuitamente, segundo Rodrigues⁹⁵. O jornal teria expandido para São Paulo e, em pouco mais de um ano de seu lançamento, podia ser comprado, por assinatura, em qualquer lugar do país⁹⁶. Publicou um total de 24 edições pelo levantamento realizado.⁹⁷

Revista *Sui Generis* (1994-2000), editada no Rio de Janeiro, voltada a pessoas homossexuais e distribuída por todo o país. Além da edição número 0 publicou outras 55 edições.⁹⁸

⁹³ Essa revista tem sido menos utilizada em pesquisas, talvez pela dificuldade de acesso aos seus exemplares – entretanto também encontrado nesta investigação. No entanto, deve-se registrar um agradecimento especial a Paulo Souto Maior Júnior, que gentilmente compartilhou os exemplares de que dispunha fotografados no acervo pessoal do professor Fernando Seffner, a quem estendo igualmente o agradecimento. Outra parte dessas fontes foi digitalizada no Acervo do Arquivo Edgard Leuenroth, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, em Campinas, São Paulo. Agradeço a Emerson Costa pela mediação. Das poucas pesquisas encontradas que mencionam a revista cita-se: LOPES, Charles Roberto Ross. **Seja gay... mas não se esqueça de ser discreto**: produção de masculinidades homossexuais na Revista Rose (Brasil, 1979-1983). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011b; LOPES, Charles Roberto Ross. Masculinidade em Rose: gays efeminados/homens discretos. **Métis**: história & cultura, Caxias do Sul, v. 10, n. 20, p. 165-184, jul./dez. 2011a. Além destes, a tese já citada de Souto Maior Júnior, de 2019, utiliza-a como fonte.

⁹⁴ Carecem maiores informações sobre a revista, sendo que a pesquisa que a cita como fonte é a tese já citada de Souto Maior Jr., 2019. Essas fontes foram acessadas no Acervo Bajubá.

⁹⁵ RODRIGUES, 2010, p. 110.

⁹⁶ SOUTO MAIOR JR., 2019, p. 26.

⁹⁷ O acesso a esse jornal também se deu mediante o compartilhamento feito por Paulo Souto Maior Júnior, a quem novamente agradeço, e estendo tais cumprimentos ao Jorge Caê Rodrigues, que os partilhou. Da mesma forma, alguns exemplares foram digitalizados no Acervo do Arquivo Edgard Leuenroth, da Unicamp, registrando novamente o agradecimento a Emerson Costa pela ajuda. Sobre o jornal, destaca-se as produções: RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de identidade**: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil. Niterói: EdUFF, 2010. A tese de doutoramento de Souto Maior Júnior, de 2019, também o cita como fonte.

⁹⁸ As 36 edições usadas da *Sui Generis* foram conseguidas através da doação feita por Luiz Morando, a quem agradeço. Das produções que usaram a revista como fonte, destaca-se: MONTEIRO, Marko Synésio Alves. **Masculinidade em revista**: um estudo da *VIP Exame, Sui Generis* e *Homens*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de

Além dos periódicos mencionados, outras publicações da imprensa são usadas, caso do jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981)⁹⁹, além de entrevistas, boletins do Grupo Gay da Bahia, esquetes televisivos, sites e matérias publicadas na internet, além de filmes, músicas, biografias que permitem analisar o fenômeno que norteia esta pesquisa. Esses desdobramentos para além dos veículos de imprensa citados permitem analisar a dimensão e a lateralidade que essas notícias, personalidades e/ou acontecimentos tiveram na época e auxiliar na reflexão acerca das matérias da imprensa na medida em que podem corroborar ou discordar daquilo que estava sendo dito, bem como aprofundar os conhecimentos acerca daquilo que estava sendo noticiado.

Alguns recortes nas fontes foram realizados, pois não era possível utilizar todo o material, além do fato de que existem, presente nesses periódicos, publicações que não ajudam a entender e analisar o problema de pesquisa já apresentado. Nesse sentido, utilizaram-se matérias veiculadas e não todas as edições. As justificativas dos recortes adotados são citadas na medida em que os dados são apresentados ao longo do texto, dada a diversidade – em se tratando de um corpus documental vasto – dos usos que foram feitos do corpus e do intento de apenas introduzir e apresentar as fontes. A explicação da seleção no momento em que as fontes são acionadas visa melhor compreensão e mais coerência na análise e exposição das ideias ao longo da tese.

Campinas, Campinas, 2000; LIMA, Marcus Antônio Assis. **O estilo Sui Generis de vida gay**. Uberlândia, MG: o sexo da palavra, 2018; FEITOSA, Ricardo Augusto de Sabóia. **Linhas e entrelinhas: homossexualidades, categorias e políticas sexuais e de gênero nos discursos da imprensa gay brasileira**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014; da área da História, cita-se SOUTO MAIOR JR., 2019.

⁹⁹ O acesso a esse periódico deu-se por *download* realizado no *site* do Grupo Dignidade (<https://www.grupodignidade.org.br/>) de Curitiba, no Paraná, no ano de 2017, que posteriormente foi salvo nos arquivos do autor desta tese. Esse jornal tem sido bastante analisado, no entanto, cita-se duas obras que perfazem discussões em torno das masculinidades no periódico: PEREIRA, Ronielyssom Cezar Souza. **“Gay-Macho”, “Travesti” ou “Bicha Pintosa”?** A produção discursiva sobre representações homoeróticas no jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2017; PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento. **Movimentos homossexuais nos trópicos: a constituição de identidades a partir do jornal Somos** (1973-1976) e do jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

A metodologia da Análise de Conteúdo mostrou-se bastante pertinente para reunir e organizar um *corpus* documental vasto, bem como para operacionalizar e analisar os dados e informações obtidos. Para Laurence Bardin, tal metodologia corresponde a:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.¹⁰⁰

O primeiro critério de seleção – conforme a metodologia e, ainda, adequado às intencionalidades desta investigação – foi a coleta da fonte pautada na regra da pertinência. Dessa forma, foram selecionadas as publicações que trataram do tema das homossexualidades de forma específica ou que se inseriam nele citando personalidades ou notícias vinculadas. Também foram adicionadas outras matérias que poderiam auxiliar na compreensão dos demais elementos da pesquisa. Esse mapeamento foi realizado de forma exploratória a partir do manuseio dos periódicos e da atenção aos títulos e às imagens publicizadas.

Posteriormente, passou-se à leitura sistemática do material e à codificação dos dados. Atentou-se a diferentes elementos nessa leitura, de modo a permitir o cruzamento de informações. Após terem sido coletados, tais dados permitiram a elaboração de tabelas, quadros e comparações que possibilitaram sua análise e interpretação.

O conjunto de questões observadas e anotadas nas unidades de registro vão ao encontro do que destaca Roque Moraes acerca dessa metodologia: “Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum”.¹⁰¹

¹⁰⁰ BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 42.

¹⁰¹ MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Educação**, Porto Alegre, a. 22, n. 37, p. 7-32, mar. 1999. p. 9.

A inferência da análise se dará sobre as mensagens publicadas, sendo considerados tanto os recursos narrativos quanto imagéticos abordados. A análise das imagens pautou-se pelas contribuições da abordagem histórico-semiótica proposta por Ana Maria Mauad¹⁰², e pela adaptação dessa metodologia à problemática da pesquisa, compreendendo-a, sobretudo, a partir das intencionalidades da autoria e editoria ao incorporá-las para compor uma mensagem jornalística. Ademais, a abordagem será explicitada ao ser acionada ao longo do texto.

Embora os emissores das mensagens também sejam levados em conta, não será realizada uma análise exaustiva deles, pois, assim como destaca Bardin, parte-se da hipótese de que “[...] a mensagem exprime e representa o emissor”¹⁰³, ou seja, independente de eventuais interesses e/ou direcionamentos que fossem motivadores na elaboração das publicações, sejam dos autores e autoras ou do grupo de direção à frente dos periódicos, essas notícias divulgadas chegaram ao público leitor e foram decodificadas, apropriadas e/ou reapropriadas através de sua significação.

A categorização¹⁰⁴ foi feita a partir de diferentes agrupamentos de dados ao longo dos capítulos, organizados de acordo com intencionalidades específicas para melhor compreendê-los. As categorias são explicitadas e justificadas no texto ao serem mencionadas. Destaca-se que foi utilizada tanto a abordagem qualitativa quanto quantitativa da Análise de Conteúdo. A interpretação foi realizada a partir dos agrupamentos de dados nas categorias e segundo os objetivos traçados.

O primeiro deles, e geral, foi analisar o papel da mídia e sobretudo da imprensa brasileira na fabricação estética e subjetiva dos sujeitos gays padrão e/ou dos homens adeptos das práticas e vivências homoeróticas na contemporaneidade. Este desdobrou-se em quatro outros objetivos: verificar e analisar a visibilidade e as representações imagéticas dos gays

¹⁰² MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133-174, jan.-jun. 2005.

¹⁰³ BARDIN, op. cit. p. 134.

¹⁰⁴ “A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos.” (BARDIN, op. cit. p. 117 – grifo da autora).

veiculadas na revista *Veja* no tempo de vida nua; examinar as representações publicadas na imprensa homoerótica focalizando a composição estética corporal na construção do sujeito masculino de desejo na época; compreender o processo de normatização gay gestado em meados da década de 1980 e 1990, na imprensa, em suas interfaces com a aids, o mercado e a valorização da aparência física; e analisar a fabricação estética contemporânea corpo-masculinizada e masculinizadora difundida na imprensa estabelecendo comparações com a estética anterior e discutindo a emergência da objetificação do “macho”.

A importância acadêmica e historiográfica do tema desta tese deve-se, em primeiro lugar, à necessidade de compreensão das homossexualidades que durante muito tempo não tiveram sua história contada e permaneceram à margem do interesse intelectual, sobretudo historiográfico. Visa-se contribuir com o aprofundamento de estudos acerca das masculinidades gays atentando ao processo de construção de uma operação de normatização das homossexualidades na sociedade brasileira, em que um modelo de ser gay foi fabricado e tido como merecedor de mais respeitabilidade em detrimento de outros que permaneceram marginalizados. Além disso, lança-se mão de um aparato teórico e metodológico que possibilita reinterpretar o período proposto em resposta a uma História que por muito tempo foi omissa e cisheteronormativa.

A relevância social da pesquisa deve-se à necessidade de compreender e analisar parte de um passado marcado por transformações na história das homossexualidades e à necessidade de reparo histórico para esse grupo de pessoas, trazendo suas questões para o debate científico visando possibilitar leituras e entendimentos acerca de tal processo e evidenciando seus constructos, desdobramentos, de modo a combater quaisquer formas de discriminação, opressão e amarras normativas. Por um mundo onde a pluralidade e o respeito imperem, e as subjetivas identificações e construções de sujeitos não sejam hierarquizadas, mas partes de um devir agradável e não opressivo.

Em *As representações dos gays na revista Veja e as masculinidades em disputa* é examinada a visibilidade das homossexualidades veiculada nessa revista na década de 1980. A ênfase

da análise focaliza o tempo de vida nua, verificando as terminologias usadas na revista, bem como as representações dos gays, grupo que obteve maior destaque na *Veja*, tanto nas menções quanto nas fotografias publicadas. São comparadas as representações imagéticas de personagens gays fictícios com sujeitos reais pormenorizando a percepção das masculinidades e da efeminação enquanto componentes sinalizadores de seus desejos homoeróticos, bem como enquanto componentes da construção de representações que apresentavam os sujeitos gays para a sociedade.

A estética masculinizada do desejo homoerótico incorporada às carnes sexuadas no tempo de vida nua analisa as representações do biotipo físico fabricado como objeto do desejo gay, sobretudo na revista *Rose*, entre o final da década de 1970 e o começo da década de 1980. Os corpos masculinizados despídos são colocados em tela observando-se as suas características e a recepção dessa estética por parte dos consumidores da revista. Além disso, são analisadas as representações construídas pelos próprios gays ao anunciarem a si no espaço voltado a relacionamentos da *Rose* – quais os componentes visibilizados para conquistar pessoas – estabelecendo-se comparações com as representações do objeto de desejo construídas através dos requisitos buscados no parceiro.

A epidemia de aids e o governmento populacional: a produção de gays saudáveis e comportados investiga as transformações suscitadas pela epidemia de hiv-aids no Brasil, captadas através da análise da revista *Veja*. O pânico social e as contradições nas informações que circularam afetaram os sujeitos, que foram modificando suas subjetividades, práticas e agências a partir das tecnologias de poder biopolíticas configuradas pela ação da imprensa. Além disso, para distanciamento da imagem de doente, ocorreu um incentivo do cuidado de si, da saúde, cujos investimentos somaram-se à emergência de uma estética corporal masculinizada como símbolo de beleza, mas também de saúde, prestígio e distinção social. Um processo simultâneo ocorrido em torno das masculinidades que gerou também a objetificação do “macho” na sociedade. Trata-se, outrossim, de componentes que atuaram no tempo de normatização das homossexualidades produzindo novos sujeitos, em especial, o gay viril.

Além da revista *Veja*, a revista *Spartacus* e o jornal *Nós Por Exemplo* contribuíram para analisar esse processo histórico.

No último capítulo, *A masculinidade hegemônica dos subalternizados: o mercado GLS e a emergência do gay padrão*, foi analisado o tempo de normatização e a produção de um dispositivo de segurança que configurou oscilações nas curvaturas em torno das vivências e existências gays fabricando um modelo idealizado e aceito socialmente. Esse processo demarcou duas áreas, uma que conferia “vida nua” aos sujeitos e outra, humanização e relativa dignidade. Através dele foi construída uma norma de ser gay que trazia benefícios aos seus detentores, suscitando normalizações e adequações, mas também resistências. As tecnologias de poder biopolíticas voltadas à população homossexual através da ação da imprensa e da mídia foram responsáveis por essa produção e disseminação. Dessa forma, o capítulo final entrelaça essas ideias e pontua o papel da incorporação mercadológica enquanto público consumidor e a construção de *estilos de vida* e subjetividades formadoras do protótipo do gay viril padrão na sociedade brasileira. As revistas *Veja* e *Sui Generis* são analisadas na compreensão desse fenômeno global, no esforço de traçar uma arqueogenealogia¹⁰⁵ desse sujeito gay másculo no Brasil, tornado o padrão de beleza e de respeito.

¹⁰⁵ Esse exercício arqueogenealógico diz respeito ao procedimento de cavar no tempo buscando compreender como uma determinada questão se cristalizou, analisando as mudanças, permanências e rupturas. Nesta pesquisa, em especial, trata-se de analisar como foi produzido o sujeito gay macho, viril e normatizado na sociedade brasileira. Dessa forma, atentar as condições de existência e permanência de determinados saberes, discursos e especialmente da construção de sujeitos, não apenas focalizando as formações e práticas discursivas, mas também as relações de poder, os ditos e os não ditos. O intento analítico, *a priori*, sinalizou que o chamado gay padrão nem sempre existiu, assim como a valorização predominante das suas características, mas foi produzido numa determinada conjuntura e é isso que a tese investigará. Sobre as produções de Foucault da década de 1960, destaca-se: FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2008.

2. AS REPRESENTAÇÕES DOS GAYS NA REVISTA *VEJA* E AS MASCULINIDADES EM DISPUTA

As representações possuem uma energia própria, e tentam convencer que o mundo, a sociedade ou o passado é exatamente o que elas dizem que é.
Roger Chartier¹⁰⁶

Na década de 1980, observa-se o crescimento da visibilidade de gays na imprensa brasileira. Entretanto, ser identificado socialmente como homossexual era quase um pré-requisito para ser discriminado, pois, além dos discursos moralistas propagados na sociedade, a área da medicina no Brasil classificava essas pessoas como doentes, seguindo a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID).¹⁰⁷ Pessoas patologizadas não eram tidas socialmente como normais, apesar dos discursos dissonantes que já se difundiam no exterior – e também em território nacional. A legislação penal brasileira, ainda que não explicitasse uma criminalização, permitiu margens interpretativas que, por sua vez, foram usadas como forma de perseguição e punição à parcela desses sujeitos. Entende-se que houve uma mudança significativa nas representações das homossexualidades nessa década após a vitória empreendida pelo ativismo homossexual na luta pela despatologização, conquistada em 9 de fevereiro de 1985.

Até aquele momento, nenhum modelo de ser homossexual era tido como o mais aceito, pois lhes era imposta uma “vida nua” pelo discurso dominante que havia sido firmado mediante relações de poder. Ser

¹⁰⁶ CHARTIER, 2011, p. 23.

¹⁰⁷ A Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, mais conhecida como CID, é um código da área médica que descreve os motivos das consultas a partir de uma divisão e numeração elucidativa. Atualmente é publicada pela Organização Mundial da Saúde e partilhada em diversos países, estabelecendo e facilitando essa comunicação global. O “homossexualismo” apareceu citado na 6ª revisão do CID, do ano de 1948, na categoria “Personalidade Patológica” – e foi alterado na 8ª revisão, de 1965, quando apareceu na categoria “Desvio e Transtornos Sexuais”, código 302.0. (Cf. LAURENTI, Ruy. Homossexualismo e a Classificação Internacional de Doenças. *Saúde Pública*, São Paulo, v. 18, n. 5, p. 344-345, 1984). Apesar de ter havido discordâncias e alterações em alguns países da classificação que compreendia as pessoas homossexuais como doentes, ela foi mantida no CID até 17 de maio de 1990, quando foi alterada, deixando de ser considerada uma patologia.

respeitado socialmente, mesmo se a pessoa fosse homossexual e/ou sentisse atração afetivo-sexual homoerótica, era não passar por¹⁰⁸ homossexual, ou seja, não ser identificado como um. Passar despercebido. Passar por um homem masculino, alinhando à cisgeneridade imposta com as expectativas sociais construídas sobre esses sujeitos homens – e equivocadamente essencializada.

Algumas representações de gays e/ou modos de ser gays ganharam destaque nesse período, mas também críticas oriundas tanto de parte da sociedade quanto dos movimentos homossexuais. Que modelo de gay estava sendo veiculado na imprensa nesse período de afirmação e/ou visibilização dessa identidade na sociedade brasileira? De que forma as masculinidades e feminilidades, a partir dessas representações veiculadas, tensionavam a imagem do sujeito homossexual que se queria mostrar? Em torno dessa disputa de representação se analisam aqui as interfaces entre as interpelações de gênero que recaíam sobre essas pessoas e as resistências que se davam entre os padrões estereotipados e o modelo de seriedade que queriam difundir.

A análise da imprensa mostra a representatividade desse tema nas publicações da época e as representações dessas pessoas, enfatizando, sobretudo, a imagética dos gays e as suas imbricações na composição de uma estética corporal tida como masculina e/ou feminina, possibilitando refletir sobre suas composições e simultaneidades no período em que lhes era imposta uma “vida nua”, ou seja, na transição de práticas homoeróticas marginalizadas, que neste capítulo abarca os anos de 1980 até 1985, para o espectro de humanização inteligível contemporâneo.

¹⁰⁸ O passar por diz respeito à *passabilidade*, ou seja, a percepção de outrem sobre as pessoas de modo a identificar se elas passam ou não por homens e/ou mulheres, conforme analisa Tiago Duque em sua pesquisa, centrando-se nos regimes de visibilidade e conhecimento acerca de pessoas que não reproduzem o suposto alinhamento entre sexo-gênero. Cf. DUQUE, Tiago. **Gêneros incríveis:** identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Campinas, Campinas, 2013. Entretanto, estende-se tal compreensão de modo a aventar a possibilidade de múltiplas passabilidades, dentre as quais passar por uma pessoa homossexual ou não, cisgênero ou transgênero, dentre outras configurações.

2.1 PRAZERES HOMOERÓTICOS DESUMANIZADOS

Michel Foucault fornece ferramentas conceituais que ajudam a pensar as homossexualidades, especialmente a partir do conceito de *biopolítica*, ou seja, uma forma de exercício do poder político que está voltada ao controle dos componentes biológicos da vida humana, semelhante ao *biopoder*, no entanto este está mais atrelado ao dispositivo disciplinar, enquanto a *biopolítica* volta-se para o controle de uma população, estando atrelada ao dispositivo de segurança e usada como forma de governamentalidade de um território.¹⁰⁹

A população homossexual era definida a partir do discurso médico do século XIX e meados do século XX como um grupo de pessoas doentes, chamadas inclusive de “invertidos” por sentirem-se atraídos afetivo-sexualmente por pessoas com a mesma genitália, sendo que algumas dessas pessoas desempenhavam um papel social distinto daquele esperado para o gênero que lhe era imposto. Eram tidas na representação dominante compartilhada socialmente como anormais, ocupando lugares sociais e de fala que eram constantemente inferiorizados, quando não interditados.

Peter Fry ao observar as relações homoeróticas nas regiões interioranas do Brasil nos anos 1970 destacou a predominância de um modelo hierárquico entre a *bicha*, homossexual efeminado e o *bofe*, tido como o homem, masculino. Nesse entendimento havia uma complementaridade entre a feminilidade da *bicha* e a masculinidade do *bofe* visibilizadas e entendidas nesses corpos e nas relações sociais de modo aproximado de uma conformação heterossexual. Homossexual mesmo seria o efeminado, “invertido” por não ser e desejar aquilo que comumente lhe era imposto, ao passo que o *bofe* era visto dentro da normalidade da sociedade cisheteronormativa, ou seja, um homem que agia e fazia o papel de homem.¹¹⁰ Não havia uma diferenciação entre gênero e sexualidade, ambos estavam imbricados no entendimento social brasileiro.

¹⁰⁹ FOUCAULT, 2008.

¹¹⁰ FRY, 1982.

Nota-se que a representação difundida do homossexual como um “invertido” atuou na construção caricata de um estereótipo que foi e continua sendo explorado. O homossexual era um dissidente da estruturação político-sexual vigente e, por isso, estigmatizado. Nesse aspecto específico, o homossexual de até então pode ser comparado ao *queer* de hoje. Com distinções mais marcantes a partir da emergência de um ativismo disciplinador e normalizador.

Nas classes médias urbanas de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, na década de 1960, Fry percebeu a presença de um modelo igualitário, caracterizando propriamente o que entende como uma relação homossexual, pois eram realizadas entre duas pessoas cuja conformidade de gênero era reproduzida, ou seja, masculinidade com masculinidade, feminilidade com feminilidade.¹¹¹ Nessas relações, o suposto olhar visionário das pessoas externas fracassava na medida em que não era possível decodificar os papéis de atividade e passividade na relação tal como eram pensados com o outro modelo citado, uma vez que tais divisões sexuais e funções desempenhadas eram fluidas e não estáticas.

É preciso destacar que as relações homoeróticas são mais complexas e diversificadas do que nossa possibilidade de categorizá-las. As formas de obter prazer homoerótico são múltiplas, indo além daquilo que convencionalmente é considerado, ou seja, da penetração anal. Nas aventuras sexuais, a imaginação atua como um componente profícuo que possibilita experienciar práticas e posições distintas, explorando áreas erógenas que potencializam os prazeres. Da mesma forma, as conjugalidades podem ser organizadas segundo lógicas distintas à estruturação social, o que sugere um caleidoscópio de vivências. Não obstante, isso não descarta a divisão observada por Fry, que existiu e partilhava de uma significação a respeito dessas relações, mas deve-se ampliar a dimensão do olhar para considerar as complexidades presentes em suas próprias singularidades.

Nesse período de ditadura militar brasileira houve um reforço para tentar manter as homossexualidades estigmatizadas para não afrontarem o sistema cisheteronormativo e os privilégios construídos na imbricação

¹¹¹ FRY, 1982.

entre gênero e poder político, como já pontuou Joan Scott.¹¹² Censuras, repressões e interdições eram parte da política sexual repressora perpetrada no período às homossexualidades e transgeneridades¹¹³, e estavam embasadas na defesa da moral e dos bons costumes, que era um dos principais elementos que visava impedir a alteração daquela ordem social, política e sexual. A contracultura e a revolução sexual do fim da década de 1960 nos Estados Unidos e na Europa também podem ter contribuído para a intensificação desse mecanismo repressivo na medida em que evitar que tais transformações ocorressem no Brasil ia ao encontro da moralidade prezada pelo grupo dominante que governava o país com adesão de parcela da sociedade.

As questões sexuais também foram usadas no cenário global de Guerra Fria da época para além das divergências políticas e econômicas dos países envolvidos nesse conflito mundial. As homossexualidades eram vistas pelo entendimento capitalista e pelos grupos de direita como parte das revoluções almejadas pelos socialistas, revoluções que iriam acabar com a família nuclear cristã, subvertendo a juventude. Já os socialistas e os grupos ligados à esquerda da época viam as homossexualidades como um “vício pequeno-burguês”, resultado da “decadência da burguesia”.¹¹⁴ Ou seja, para além dos usos sexuais tomados em meio a essa disputa, tanto grupos de direita quanto os da esquerda tinham, na época, relutância em aceitar as homossexualidades.¹¹⁵ Há que se fazer notar, ademais, que essas disputas ideológicas também se fizeram presentes nos embates travados pelos grupos de direita e esquerda no Brasil.

¹¹² SCOTT, 1995, p. 92.

¹¹³ QUINALHA, 2017.

¹¹⁴ QUINALHA, 2017, p. 243; BRITO, Antonio Mauricio Freitas. A subversão pelo sexo: representações anticomunistas durante a ditadura no Brasil. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 36, n. 72, p. 859-888, set./dez. 2020.

¹¹⁵ Sobre isso, pode-se observar a trajetória de Herbert Eustáquio de Carvalho (1946-1992), conhecido também como Herbert Daniel, militante de esquerda envolvido em organizações que lutaram contra a ditadura no Brasil, e a forma com que lidou com o fato de se perceber homossexual nesse meio, como mostra a pesquisa biográfica escrita sobre ele. Cf. GREEN, James N. **Revolucionário e Gay: a vida extraordinária de Herbert Daniel** – pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão. Tradução de Marília Sette Câmara. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

Nesse período, intelectuais militares e civis conservadores associaram as homossexualidades à ideia de subversão, que já era uma tradição reacionária presente há décadas, entendendo-a como parte de uma estratégia revolucionária respaldada pelo movimento homossexual e pela difusão desse tema na mídia e no meio artístico e cultural, o que era visto como uma promoção de tais práticas e vivências que, junto aos comunistas e outros sujeitos, eram tidos como inimigos da segurança nacional.¹¹⁶

Nesse sentido, pessoas tidas como “de bem” deviam se comportar de determinada forma naquela época, alinhadas à cisheteronormatividade; pessoas que não estavam sintonizadas a essa formatação eram vistas como marginais, dissidentes. A partir de Giorgio Agamben, é possível pensar essa questão e distinguir essas pessoas com base na diferenciação entre a vida humanizada social e politicamente (*bíos*) e a vida nua (*zoé*). Essa “vida nua” corresponde, para Agamben, à destituição do sujeito tornando-o um ser matável, cuja inclusão social era somente realizada mediante a sua própria exclusão.¹¹⁷ As pessoas homossexuais foram tornadas *homo sacer* na representação dominante tanto pela ação política dos governantes quanto pela convivência e reforço de parcela da sociedade. E não é demais lembrar que isso não começou com a ditadura militar, mas foi intensamente reforçado no período.

De acordo com Agamben:

[...] a sacralidade é, sobretudo, a forma originária da implicação da vida nua na ordem jurídico-política, e o sintagma *homo sacer* nomeia algo como a relação “política” originária, ou seja, a vida enquanto, na exclusão inclusiva, serve como referente à decisão soberana.

Dessa forma, a conformidade às normas cisheteronormativas conferia um grau de normalidade ao sujeito, que gozava de uma

¹¹⁶ COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e "subversão" no regime militar. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 27-52.

¹¹⁷ AGAMBEN, 2002, p. 18, grifo do autor.

respeitabilidade social e política, logo, era dotado de uma humanidade. Praticar qualquer ato contra essas pessoas seria uma afronta, pois afetava sua insacriabilidade. Esse componente cisheteronormativo era um elemento valorizado, inteligível, tido e aceito por normal, logo não atuava como um entrave de antemão à conquista de direitos políticos e sociais. Mas isso não significa que todas as pessoas que estavam nesse grupo ocupavam o mesmo status social e político, pois outros marcadores eram usados como forma de inferiorização de determinadas pessoas, como boa parte das mulheres, por exemplo, que, mesmo sendo cisheterossexuais, eram acometidas por uma série de discriminações e violências, adquirindo limitações na sua *bios*. Da mesma forma, outras pessoas nesse grupo poderiam vir a ter uma “vida nua”, perdendo sua humanidade por outras razões, ou seja, a cisheteronormatividade não conferia uma “vida nua”, mas não livrava eternamente as pessoas de não a terem.

Por outro lado, a dissidência a esse modelo, sobretudo calcada nas homossexualidades e transgeneridades, era tida como uma afronta, pois era estigmatizada socialmente por grande parte da população, criticada nos discursos dominantes das religiões abraâmicas – dentre as quais o cristianismo, matriz das sociedades modernas ocidentais¹¹⁸ –, e referenciada pela área da ciência médica como uma patologia. Essas pessoas sofriam diferentes discriminações, parte delas inclusive no próprio núcleo familiar, desenvolvendo uma homofobia internalizada, ou seja, uma autorrejeição introjetada decorrente de uma sociedade que, de forma predominante, as excluía e ensinava a excluir a partir de diferentes pedagogias. Esses elementos não as aproximavam da vida social plena de direitos, mas o oposto, reforçavam a ideia de anormalidade, empurrando-as à marginalidade social, despindo sua humanidade e tornando-as *homo sacer*.

¹¹⁸ William Naphy destaca que povos e culturas não ocidentais passaram a ser mais intolerantes em relação às homossexualidades em decorrência da “colonização das mentes” Ocidental, sobretudo pela hegemonia europeia do século XIX e expansão econômica e cultural dos Estados Unidos na última centúria, quando foram disseminadas as ideias judaico-cristãs-islâmicas e o ideal de procriação sobre o de prazer. Cf. NAPHY, William. **Born to be gay**: história da homossexualidade. Tradução de Jaime Araújo. Lisboa: Edições 70, 2006. p. 137; 247.

Tratava-se de uma ação impositiva, sendo que diferentes variáveis interseccionais¹¹⁹ podiam incidir nessa questão modificando as experiências e os afetos sentidos por essas pessoas, atenuando ou potencializando outras formas de discriminação em decorrência da classe social, escolaridade, profissão, raça, gênero, embora não as tirassem totalmente de seu grupo, apenas modificavam a curvatura próxima à extremidade da “vida nua”. Isso não significa que não tinham humanidade alguma ou que o fato desse entendimento patológico não lhes legasse uma atitude de piedade ou compaixão por parte das pessoas e/ou discursos religiosos, mas que o lugar social e político que ocupavam era próximo da *zoé*, um espaço marginalizado, de modo que tais subjetividades eram incluídas na sociedade, mas ao mesmo tempo, excluídas dela.

Apesar do esforço em discriminar e desumanizar as pessoas dissidentes da cisheteronormatividade, suas existências e maneiras de experienciar os prazeres afetivo-sexuais – que, mesmo repreendidos, eram praticados, era uma forma de criticar o sistema e subverter essa ordem normatizadora. Butler ressalta que apesar da tentativa de imposição de uma “vida nua”, as pessoas continuavam a fazer parte da esfera política mediante sua indignação, manifestação.¹²⁰ Diferentes ações foram perpetradas a fim de modificar esse desprezo às pessoas homossexuais, criticando os elementos que as desqualificavam e visando a obtenção de direitos e da normalidade de suas vivências.

A década de 1980 trouxe maior visibilidade das homossexualidades, sobretudo na mídia, imprensa e televisão, sendo que tais transformações somaram-se ao engajamento de ativistas homossexuais que buscaram obter vitórias mais efetivas no espectro científico da área médica que gozava de um estatuto de inteligibilidade socialmente respeitado e aferido. Esse acontecimento de destaque não levou ao fim imediato do tempo de vida nua imposta às homossexualidades, posto que o legado cultural ainda tinha sua

¹¹⁹ E ao falar em interseccionalidade atenta-se ao alerta feito por Carla Akotirene de que não se trata de somar identidades para compreender as opressões, mas também de considerar as condições estruturais, as posicionalidades desses corpos e sua significação subjetiva em meio a essas interações. Cf. AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2018. p. 43-44.

¹²⁰ BUTLER, 2018, p. 91.

ressonância, mas foi uma conquista importante e marco de ruptura para que outras histórias pudessem ser vividas e contadas.

2.2 A VISIBILIDADE HOMOSSEXUAL NAS PÁGINAS DA REVISTA *VEJA*

Para analisar a visibilidade homossexual veiculada na mídia, foi selecionada a revista *Veja* – segundo as justificativas já esboçadas na introdução. Inicialmente, esta seção apresenta algumas notícias para mostrar como o tema das homossexualidades ganhou destaque na imprensa da época, no começo da década de 1980, especialmente nessa revista.

Como representante da grande imprensa escrita nacional, posição conquistada ao longo dos anos e voltada para um público circunscrito pela classe e pela geografia urbana, a *Veja* não era especificamente direcionada ao público homossexual. Tinha um nome bastante difundido no mercado jornalístico e grande tiragem, tornando-se a revista mais vendida do país na década.¹²¹ Por noticiar assuntos gerais, é profícua para analisar a representatividade de menções às homossexualidades em suas páginas. Da mesma forma, alguns acontecimentos da história do movimento homossexual também precisam ser pontuados, pois mostram a agência dessas pessoas em defesa de sua humanização e direitos. Se o tempo era de vida nua, estavam lutando para que isso mudasse, e para melhor.

¹²¹ A seção “Carta ao leitor” da edição número 596 informava ao público de que o número de assinantes da revista *Veja* havia crescido, abarcando um total de 250 mil assinaturas, que, somadas a outras formas de aquisição da revista, como a compra nas bancas, sinalizava o crescimento e apreço por sua aquisição. Cf. E.G. Carta ao leitor. *Veja*, São Paulo, n. 596, 06 fev. 1980, p. 12. Mas isso também pode ser visto como uma estratégia de vendas, pois na medida em que o informa e que tais números são tomados como verídicos, a difusão do nome da revista se amplia e pode conquistar mais pessoas consumidoras. No ano de 1989, a “Carta ao leitor” da edição número 1088 informava que o número de assinaturas da revista *Veja* era de 721 mil assinantes, acrescida das vendas em bancas, salientando que já superava as tiragens somadas de outras revistas semanais, ou seja, *Veja* se consolida como veículo da grande imprensa escrita nacional nessa década. Cf. CARTA ao leitor. *Veja*, São Paulo, 1088, 19 jul. 1989, p. 23.

As pessoas homossexuais faziam parte das chamadas minorias¹²², expressão que estava sendo difundida não num sentido estatístico, pois a união de todas as pessoas integrantes não era numericamente pequena, mas estavam à margem da sociedade pela interdição de seus direitos, sobre as quais se impunha distintas formas de opressão. Uma reportagem na revista *Veja*, publicada na seção “Brasil” no ano de 1980, destacou: “Começa o barulho: negros, lésbicas, índios, homossexuais e feministas prometem ganhar as praças nos anos 80”.¹²³ No título foi usada a palavra “barulho” que comumente é acionada de forma negativa, haja vista que barulho é algo que é incômodo, desconfortável. Na menção aos grupos também pode-se perceber que, ao falar nos “homossexuais”, estavam se referindo aos gays, homossexuais supostamente masculinos, ao passo que as lésbicas ganharam destaque separado.

Duas manifestações marcantes na história do Movimento Homossexual Brasileiro ocorreram naquele ano. A primeira foi em maio, quando uma comissão foi formada reunindo parte das pessoas que integravam o *Somos* para realizar uma manifestação em decorrência do dia 1º de maio, que ocorreu em São Bernardo do Campo, São Paulo. O grupo carregou faixas contra a discriminação de trabalhadores e trabalhadoras homossexuais. Esse evento, entretanto, quase não ocorreu em razão da repressão. No dia 13 de junho de 1980 ocorreu outra manifestação, que pedia a saída do delegado José Wilson Richetti e o fim das repressões e batidas policiais.¹²⁴ Nota-se, a partir do exposto, que, mesmo sob um clima repressivo, as pessoas homossexuais enfrentaram adversidades e o governo a fim de conquistarem direitos e de sua humanização perante à sociedade.

As representações acerca das homossexualidades eram divergentes na época. Ao mesmo tempo em que alguns grupos tentavam positivá-la,

¹²² Para saber mais ver a pesquisa sobre as minorias no jornal *Lampião da Esquina*. Cf. PEREIRA, João Lenon Siqueira. **Somos todos minorias**: mulheres, negros e indígenas nas páginas de *Lampião da Esquina* (1978-1981). Dissertação (Mestrado em História), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

¹²³ COMEÇA o barulho: negros, lésbicas, índios, homossexuais e feministas prometem ganhar as praças nos anos 80. *Veja*, São Paulo, n. 614, 11 jun. 1980, p. 24-25.

¹²⁴ GREEN, James N. “Abaixo a repressão, mais amor e mais tesão”: uma memória sobre a ditadura e o movimento de gays e lésbicas de São Paulo na época da Abertura. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 53-82, jan.-jun. 2014, p. 73-76.

outros insistiam em reprimi-la e marginalizá-la. Isso vai ao encontro do que pontuou Chartier acerca das “lutas de representação” que envolvem interesses específicos dos grupos sociais que tentam fazer com que uma se sobressaia às outras.¹²⁵ A imprensa não ficou a par desse cenário, reportando parte dessas notícias e reforçando representações.

As ações de Richetti¹²⁶ foram publicizadas pela imprensa, caso de uma reportagem na revista *Veja*¹²⁷ que resultou também na publicação de três cartas, de dois leitores e uma leitora, publicadas em edição posterior. É interessante observar que, numa carta, o delegado foi parabenizado por suas ações, outra criticou-as, e a terceira atentou para a não inclusão dos homossexuais como marginais, pois não o eram, nem doentes ou suspeitos.¹²⁸ Ao que parece na matéria, o estigma foi direcionado especialmente às travestis, grupo que ainda permanece como o mais acometido por violências e estigmatizações.

Para além das formas de opressão já mencionadas, alguns grupos de pessoas empreenderam ações para agredir e até mesmo matar pessoas homossexuais. James Green lembra que, em 1980, o *Somos* recebeu ameaças de um grupo de extrema-direita chamado *Cruzada Anti-Homossexualismo*, mas outros grupos também agiram para praticar violências contra essas pessoas.¹²⁹ Numa matéria publicada na revista *Veja*, homossexuais recifenses estavam indignados com os assassinatos cometidos contra seus semelhantes diante do que chamaram de “abertura da temporada de caça aos homossexuais”, decidindo tomar medidas por conta própria para se protegerem de tais arbitrariedades, ampliando a discussão do tema e buscando apoio.¹³⁰ Tais questões demonstram o relativo descaso por parte das autoridades em relação às homossexualidades, mas também o reforço de tais situações mediante a

¹²⁵ CHARTIER, 1990, p. 17.

¹²⁶ Para saber mais acerca das ações de Richetti ver: OCANHA, Rafael Freitas. “**Amor, feijão, abaixo camburão**” – imprensa, violência e *trottoir* em São Paulo (1979-1983). Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Especialmente capítulo 3.

¹²⁷ CACIQUE da noite: Delegado promete limpar o centro da cidade. *Veja*, São Paulo, n. 615, 18 jun. 1980, p. 29.

¹²⁸ TRAVESTIS *In*: CARTAS. *Veja*, São Paulo, n. 617, 2 jul. 1980, p. 8.

¹²⁹ GREEN, 2014, p. 76.

¹³⁰ TEMPO de caça: homossexuais recifenses enfrentam o crime. *Veja*, São Paulo, n. 624, 20 ago. 1980, p. 74.

defesa ufanista de determinados valores e a aberta abjeção aos seus dissidentes.

O tema da homossexualidade foi ganhando cada vez mais espaço e visibilidade, tanto na sociedade quanto na imprensa. Exemplo disso foi uma polêmica surgida no ano de 1981 em torno de uma entrevista dada à revista *Veja* pela atriz Dina Sfat, cujo título da reportagem assinalava: “Ser heterossexual é bom: a famosa atriz garante que, no verão de 1982, o amor entre o homem e a mulher estará na moda até mesmo nas areias de Ipanema”. Sfat contou parte de sua trajetória e, na matéria, houve grande destaque para suas supostas críticas à homossexualidade. Segundo informado, defendia que: “Homem com mulher é a relação mais antiga, natural. Não exige simulação porque os dois são absolutamente diferentes”.¹³¹ Embora defendesse a emancipação da mulher, parece que a atriz via os homossexuais como um obstáculo para isso, pois estariam ocupando o papel social atribuído socialmente à mulher, e Sfat o criticava, destacando que as mulheres não estavam mais querendo ser assim.

No entanto, apesar de seu entendimento a respeito das mulheres, ficou evidente na matéria sua crítica às pessoas homossexuais, defendendo que o amor entre o homem e a mulher deveria voltar à moda.¹³² Sfat foi considerada a inimiga número 1 dos homossexuais e criticada por ativistas da época¹³³ e, não obstante, ela no ano seguinte teria assinado o abaixo-assinado pedindo a despatologização da homossexualidade.¹³⁴ É preciso lembrar, ainda, que o texto jornalístico é resultado de um trabalho conjunto que passa por diferentes estágios antes de ser publicado, como chama a atenção Robert Darnton, oriundo de relações internas, mas também das formas de contar e construir os textos transmitidas ao longo do tempo.¹³⁵ Notícias de impacto que tocam em

¹³¹ SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Ser heterossexual é bom: a famosa atriz garante que, no verão de 1982, o amor entre o homem e a mulher estará na moda até mesmo nas areias de Ipanema. *Veja*, São Paulo, n. 682, 30 set. 1981, p. 3.

¹³² SANTOS, 1981, p. 4.

¹³³ SANTOS, Wilson. Dina Sfat. *Boletim do Grupo Gay da Bahia*, Salvador, a. 1, n. 2, out. 1981, p. 32-33.

¹³⁴ ABAIXO a discriminação e os rótulos. *In: De cabo a Rabo*. *Rose*, Curitiba, n. 70, 1982, p. 5.

¹³⁵ DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 86-109.

temas polêmicos podem ter grande repercussão, atraindo a atenção do público consumidor e as vendas.

Uma possível implicação dessa entrevista foi uma publicação de Alex Solnik e Paulo Caruso. Tratava-se de um livro de histórias em quadrinho de caráter humorístico, publicado em 1982, fazendo alusão explícita à atriz em uma dessas histórias. No intitulado “Verão heterossexual”, os autores a ironizam com a personagem “Dina Sfata” que fiscalizava a praia diante de um decreto que só permitia que fosse frequentada por homens e mulheres, sem “fusão”. Entretanto, diante da constatação de que isso não era o observado, a censora “Sfata” decidiu posar nua para conseguir dinheiro e largar aquela vida.¹³⁶ A curva narrativa deflagra uma forma irônica de despir-se da moralidade conservadora mediante a independência econômica para fazer o que quisesse por meio do dinheiro conquistado ao posar nua. Isso mostra a extensão da difusão da polêmica e a forma jocosa com que passou a ser associada diante da labilidade de se efetivar o intento de Sfat já no começo da década de 1980.

Para além das notícias que tiveram repercussão, a ampliação da visibilidade das pessoas homossexuais nesse tempo de vida nua pode ser observada numericamente na revista *Veja*. Esse crescimento de menções ampliou-se por ocasião do surgimento do vírus hiv e da aparição da aids, tornando-se, posteriormente, uma epidemia. É possível pensar esse período como um “tempo de visibilidade” das homossexualidades, como pontuou Souto Maior Jr.¹³⁷, já que a vinculação dessas pessoas ao vírus e à doença fez com que sua aparição e associação na mídia fosse mais frequente.

Para obter um panorama da década de 1980, foram consultadas todas as edições publicadas, manuseadas virtualmente no acervo da revista, e selecionadas a partir dos títulos e imagens que faziam menção às homossexualidades. O resultado foi a coleta de um corpus documental que totalizou 229 publicações na revista *Veja*. Essas fontes foram divididas em duas categorias: (i) as matérias que falaram sobre as

¹³⁶ SOLNIK, Alex; CARUSO, Paulo. **Ecos do Ipiranga: ...o grito que não houve...!**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 61-66. Agradeço a Luiz Morando por compartilhar este material.

¹³⁷ SOUTO MAIOR JÚNIOR, 2019.

homossexualidades e/ou que fizeram alusão a elas, bem como trataram de personalidades automeadas homossexuais ou não, foram colocadas na categoria “homossexualidades”; e (ii) publicações que se referiram à epidemia do hiv-aids, mencionando ou fazendo alusão a pessoas homossexuais, bem como a repercussão de tais veiculações nas seções posteriores, todas foram colocadas na categoria “homossexualidades e hiv-aids”. Os dados podem ser conferidos na tabela a seguir:

Tabela 1 – Visibilidade homossexual na década de 1980 na revista *Veja*

| Anos | Homossexualidades | Homossexualidades e hiv-aids | Total |
|--------------|-------------------|------------------------------|-------|
| 1980 | 30 | - | 30 |
| 1981 | 25 | - | 25 |
| 1982 | 9 | 1 | 10 |
| 1983 | 10 | 4 | 14 |
| 1984 | 21 | 3 | 24 |
| 1985 | 4 | 25 | 29 |
| 1986 | 11 | 15 | 26 |
| 1987 | 6 | 19 | 25 |
| 1988 | 2 | 24 | 26 |
| 1989 | 2 | 18 | 20 |
| Total | 120 | 109 | 229 |

Fonte: Revista *Veja*. Elaborado pelo autor.

A tabela mostra que, no começo da década, as publicações que mencionaram e/ou reportaram alguma associação às homossexualidades tiveram considerável representatividade numérica. Matérias desse tema continuaram a aparecer, mas, no entanto, tiveram uma leve queda, sendo que a partir de 1985 a epidemia de hiv-aids superou-as em quantidade. O surgimento dessa doença e a posterior descoberta do vírus que vitimou, inicialmente, pessoas homossexuais, fez com que integrassem o chamado grupo de risco, junto dos haitianos, heroinômanos e hemofílicos – os chamados 4Hs.¹³⁸

Ao considerar essa associação, poder-se-ia pensar que o número de publicações se somava, já que falar de hiv e/ou de aids remetia, naquela

¹³⁸ TEODORESCU, Lindinalva Laurindo; TEIXEIRA, Paulo Roberto. **Histórias da aids no Brasil:** as respostas governamentais à epidemia de aids. Brasília: UNESCO, 2015. v. 1. p. 34.

década, sobretudo a homossexuais. Por mais que isso possa ter ocorrido, opta-se por fazer uma distinção entre as publicações dessa categoria para não reproduzir essa imbricação assumida por parte das pessoas da época, desprendendo tais notícias como se tivessem uma ligação inseparável. Nesse sentido, está-se mostrando a quantidade de publicações por seções e espaços internos da revista, que citaram homossexuais como notícias à parte, das que mencionaram homossexuais juntamente a epidemia de hiv-aids. Deve-se destacar que, além das publicações citadas, outras 50 poderiam ser acrescentadas por tratarem da epidemia na referida década, mas que não a vincularam, explícita ou implicitamente, à homossexualidade.

Não se deve tomar tais números como totais, pois menções diluídas nos textos podem ampliar esse quantitativo de fontes para além do recorte usado. Esses dados servem para dar um panorama geral da visibilidade na revista. Da mesma forma, esse quantitativo não indica uma paridade entre as pessoas ali citadas e/ou tampouco que todos os acontecimentos referentes ao Movimento Homossexual Brasileiro, na época, fossem noticiados. Deve-se tomar o cuidado para não generalizar a abordagem quantitativa, mas aliá-la, sempre que possível, à qualitativa.

Para aprofundar a análise será focalizado o tempo de vida nua, abarcando o recorte inicial desta pesquisa, 1980, até 9 de fevereiro de 1985, data da despatologização da homossexualidade no Brasil. Foram coletadas 104 publicações na revista *Veja*, e parte delas integrou a categoria “homossexualidades” e a outra parte a categoria “homossexualidades e hiv-aids”, já citadas. Essas fontes foram lidas e os dados foram codificados¹³⁹ e reunidos na unidade de registro terminologias, que buscou encontrar as palavras usadas para se referir às pessoas homossexuais e/ou sexualidades, enumerando-as conforme a frequência simples a fim de melhor compreendê-las, como preconiza a análise de conteúdo.¹⁴⁰ As palavras foram anotadas e quantificadas na totalidade das vezes em que apareceram nas matérias. A tabela a seguir mostra o resultado obtido:

¹³⁹ Ver apêndice A.

¹⁴⁰ BARDIN, 2011, p. 103-114.

Tabela 2 – Terminologias veiculadas na revista *Veja* (1980-1985)

| Terminologias | Total |
|---------------------------------------|--------------|
| Homossexualidade | 7 |
| Homossexualismo | 31 |
| Homossexual | 62 |
| Homossexuais | 105 |
| Gay | 93 |
| Gays | 37 |
| Gay Power | 1 |
| Guei | 1 |
| Praga-gay | 3 |
| Bicha | 3 |
| Sodomia | 1 |
| Bissexualidade | 1 |
| Bissexualismo | 7 |
| Bissexual | 7 |
| Bissexuais | 5 |
| Travesti | 20 |
| Travestis | 21 |
| Enxutos | 2 |
| Boneca | 1 |
| Travestido | 1 |
| Transexual | 1 |
| Lesbianismo | 1 |
| Lésbica | 3 |
| Lésbicas | 4 |
| Duas meninas se beijando | 1 |
| Ex-namorada | 1 |
| Namorada | 1 |
| Apaixonou-se pela dona da casa | 1 |
| Romances com outras mulheres | 1 |
| Parceiros do mesmo sexo | 1 |
| Pessoas do mesmo sexo | 1 |
| Comunidade homossexual | 1 |
| Comunidade gay | 6 |
| Juventude Transviada | 1 |
| Amizade colorida | 1 |
| AIDS | 84 |

Fonte: Revista *Veja*. Elaborado pelo autor.

Os dados coletados chamam a atenção para alguns elementos. Em primeiro lugar, para a quantidade de versões do item lexical “gay” que foram veiculadas. Às vezes como adjetivo – como em “sauna gay”, “baile

gay” – e em outras ocasiões somente indicando o grupo. A palavra “gay” apareceu 93 vezes; no plural 37 vezes; e a forma aporuguesada, “guei”, apareceu somente uma vez, totalizando 131 menções. O termo apareceu também em outras três expressões que, por possuírem outro referente não foram somadas na conta anterior. São elas: “gay power”, em alusão ao movimento homossexual, citada uma vez; “praga-gay”, que apareceu três vezes e fazia menção à forma como a imprensa do exterior teria nomeado os primeiros casos de aids; além de “comunidade gay”, dando um sentido de coletividade, que teve seis ocorrências. Isso já indicava a emergência da expressão em referência não somente aos homossexuais, mas a todas as pessoas do grupo.

A palavra mais vinculada à área científica, “homossexual”, apareceu 62 vezes, e seu plural, “homossexuais”, 105. Sobre suas variações: a palavra “homossexualidade” foi mencionada sete vezes e “homossexualismo”, 31. A palavra sodomia apareceu uma vez e será colocada neste conjunto, totalizando 206 menções. Parece oportuno recordar, também, a existência de um masculino genérico nas línguas latinas, que, não obstante seja genérico – ocupando a posição de neutralidade nas declinações de gênero, segundo alguns discursos da gramática – acaba por materializar linguisticamente um sujeito masculino – coisa que ocorre tanto nos usos de “gay” quanto de “homossexual” nos casos aqui observados.

Outras categorias que, na época, faziam parte das homossexualidades tiveram menos registros escritos nas publicações da revista *Veja*, registradas aqui conforme a frequência de ocorrência: travestis, 45 vezes; bissexuais, 20; lésbicas, oito, e transexuais, uma vez. É notória a reduzida menção às lésbicas nessas fontes, bem como o uso de expressões distintas para referenciar essas relações, como: “duas meninas se beijando”, “namorada”, “ex-namorada”, “apaixonou-se pela dona da casa”, “romances com mulheres”, todas registradas uma vez cada e em alusão à lesbianidade e/ou transgeneridade.

Nesse sentido, a quantidade de menções aos homossexuais e/ou gays foi consideravelmente maior do que o restante das identidades e/ou das subculturas homossexuais. Isso já é um indício da visibilização veiculada no periódico e em sua difusão na sociedade, sendo sua presença

percebida e associada às homossexualidades, mais do que as demais pessoas que também integravam esse grupo.

2.3 A IMAGEM DO GAY CONSTRUÍDA ATRAVÉS DA REVISTA: UMA DISPUTA DE REPRESENTAÇÕES?

Além das menções escritas às pessoas homossexuais registradas nas matérias da revista *Veja*, algumas imagens também compuseram as publicações. Nesse sentido, recursos narrativos e imagéticos foram atrelados e diagramados de modo a transmitir não apenas uma notícia, informação, mas uma mensagem. Nem todas as imagens veiculadas ajudam a compreender o problema de pesquisa, mas atentou-se àquelas que se referem à população LGBT. Adverte-se que, se tal expressão não existia na época, foi aqui utilizada metodologicamente para agrupar as imagens encontradas em torno desses grupos.

Das 104 fontes analisadas no tempo de vida nua, foram encontradas 102 imagens. Estas foram divididas nas categorias L, G, B ou T,¹⁴¹ no entanto, a intenção não era impor uma identidade para as pessoas que apareceram nas imagens, mas, sim, separá-las para operacionalizar os dados e facilitar a análise. Uma ilustração que continha lésbica e gay foi quantificada separadamente, única exceção. Se as matérias informavam a automeação ou atribuição de uma identidade às pessoas, esta era a considerada. Do contrário, tiveram que ser selecionadas pela pesquisa. Algumas fontes apresentavam mais de uma imagem, enquanto outras nenhuma ou uma imagem que não foi contabilizada por não oferecer elementos que permitissem compreender o problema de pesquisa. Desse total, mais de 55% das imagens compuseram a categoria gays, num total de 57 imagens.

Ao analisar essas imagens no conjunto panorâmico, foi possível observar que alguns elementos sobressaíam e estes foram decisivos para a divisão em categorias. A seleção deu-se distinguindo personagens homossexuais que apareciam na mídia, no teatro, no cinema, dentre outros, das pessoas que de fato foram apresentadas enquanto

¹⁴¹ Em alusão a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e/ou transgênero.

homossexuais e/ou suspeitas de o serem. O primeiro grupo reuniu um total de 15 imagens, enquanto o segundo, 42.

A historiadora Ana Maria Mauad, que tem desenvolvido várias pesquisas acerca do uso de imagens na pesquisa histórica, chama a atenção para três componentes que precisam ser observados: a questão da produção da imagem, a questão da recepção da imagem e a questão do produto.¹⁴² Além disso, para dialogar com essas imagens, é preciso considerar outras escolhas, como a dos autores e autoras, mas especialmente da editoria da revista, que seleciona qual fotografia irá compor a publicação, bem como o tamanho e o espaço que ocupará. Nesse sentido, além da produção da fotografia em si, essas outras produções precisam ser consideradas.

De acordo com a autora, para se compreender a imagem é preciso considerar o nível interno (não-verbal), mas também o nível externo, atrelando-a a outros textos por meio do princípio da intertextualidade.¹⁴³ Nesta pesquisa, em especial, a imagem será atrelada aos recursos narrativos que compõem a sua publicação na revista. A fotografia não pode ser entendida como uma realidade fiel do passado, como já pontuaram diferentes autores e autoras, mas como resultado de uma operação consciente que enquadra e seleciona o momento a ser registrado, além da sua composição e disposição interna num determinado cenário.

A fotografia é uma representação. A mensagem por ela transmitida se organiza em torno de dois elementos: a expressão e o conteúdo, conforme Mauad. Duas espacialidades das imagens são privilegiadas nesse recorte específico, pois possibilitam perceber e analisar as masculinidades a partir das representações imagéticas veiculadas. O primeiro é o espaço do objeto, em que “[...] estão integrados todos os objetos fotografados tomados como atributos da imagem fotográfica”, sendo aqui focalizadas as pessoas retratadas; o outro é o espaço de figuração, que nos permite observar a hierarquia das figuras, seus atributos e gestos.¹⁴⁴

¹⁴² MAUAD, 2005, p. 135.

¹⁴³ MAUAD, 2005, p. 142.

¹⁴⁴ MAUAD, 2005, p. 149.

No primeiro conjunto imagético, composto por 15 imagens, a efeminação compôs um dos elementos mais visíveis dessas representações, sendo percebida a partir dos trejeitos registrados, da postura física e até mesmo das roupas e cores usadas. Isso porque, culturalmente, o sujeito homem deveria se portar de uma determinada forma, tendo a masculinidade como um dos seus alicerces. A ausência da masculinidade efemina essas pessoas na medida em que os signos de virilidade não são percebidos, assim como crianças e meninos adolescentes e/ou rapazes não são vistos como homens caso não tenham os componentes anatômicos que sinalizem a virilidade – como voz grossa, barba, pelos, ombros largos e um corpo mais musculoso. Estariam numa fase de transição para tornar-se homem. Além disso, outros códigos são necessários, como hombridade, seriedade e outras tantas características sociais esperadas. A efeminação é tida como a inferiorização do homem, o motivo de chacotas, de ser chamado de mulherzinha, de ser um não homem, ser um *viado*.

Essa marca estereotipada do homossexual como uma pessoa efeminada e da lésbica como masculinizada revelam o equívoco de se pensar que pessoas homossexuais são “invertidas” ou que não possam ser cisgêneras, entendimento que ainda costuma ser partilhado popularmente. Isso porque a cisgeneridade é tida como normal, e esse normal social predominante é heteronormativo, ou seja, pressupõe-se que as pessoas cis sejam heterossexuais.

No começo de década de 1980, os gays foram representados também na mídia televisiva ganhando destaque o super-herói Capitão Gay, personagem interpretado por Jô Soares no programa *Viva o Gordo*, da Rede Globo de Televisão. O Capitão Gay foi criado em 1981 e era um personagem de esquetes de humor que tinham o supracitado ator, humorista – que também foi apresentador, escritor, tradutor, dentre outras qualificações profissionais – como protagonista das cenas, que reuniam também outros atores e atrizes. Parte dos personagens interpretados faziam uma crítica ao governo militar, como Sebá, um exilado em Paris que queria retornar ao Brasil; Bô Francineide, uma atriz de pornochanchada, e o Capitão Gay, um super-herói homossexual. Este

último em especial, criticava os costumes conservadores da sociedade que eram defendidos com afinco no período.

O programa era exibido semanalmente num horário nobre, após às 21 horas, com alguns hiatos ao longo do período em que esteve na grade de apresentação (1981-1987). Por meio desse recurso, o Capitão Gay e seu ajudante, Carlos Suely, chegavam a muitos lares em todo o Brasil, possivelmente divertindo os espectadores com seus trejeitos efeminados e bordões. No entanto, o estereótipo homossexual usado como modelo para a criação do super-herói fez com que o personagem se tornasse alvo de críticas: “Atacado pelos moralistas (que acusavam o programa de fazer apologia do homossexualismo [sic]) e por certos militantes gueis (que detestavam ver as bichas como objeto de riso nacional)”, salientou Trevisan.¹⁴⁵

Dessa forma, as críticas vinham de distintas direções, tanto de pessoas conservadoras que não queriam ver aquele personagem chegando aos seus lares por tocar num tema que era repreendido na época – a homossexualidade –; quanto por parte das pessoas militantes homossexuais que não se sentiam representadas com o personagem, mas ridicularizadas. Numa edição do boletim do Grupo Gay da Bahia foi criticada a caricatura dos homossexuais que apareciam na televisão e na imprensa, asseverando a invisibilidade quando se tratava de “acontecimentos sérios”.¹⁴⁶

A revista *Veja* também veiculou notícias a respeito do super-herói, como atesta a passagem a seguir:

O sucesso do Capitão Gay e de seu secretário, Carlos Suely, se tornou tão grande que o humorista **Jô Soares**, 44 anos, resolveu dar a eles espaço maior do que o quadro semanal no programa *Viva o Gordo*, da TV Globo. Já começa a produzir um compacto com o hino da dupla, para a gravadora Som Livre, e tem planos para fazer com eles um filme infantil. “As crianças são as mais fervorosas

¹⁴⁵ TREVISAN, 2018a, p. 293.

¹⁴⁶ GGB. Boletim do Grupo Gay da Bahia, a. 2, n. 4, set. 1982. In: MOTT, Luiz (ed.). **Boletim do Grupo Gay da Bahia (1981-2005)**. Salvador: Ed. GGB/Secretaria Estadual de Justiça e Direitos Humanos, 2011. p. 65-79. p. 73.

admiradoras do Capitão Gay”, conta Soares. Apesar dos modos andróginos do personagem, o humorista não vê nisso uma contradição, “Quando criei o Capitão Gay, pensei no público infantil”, diz ele. “Criança se identifica com super-heróis. Por isso, fiz tudo com loucura, mas sem perder a pureza”.¹⁴⁷

Como exposto, a repercussão do personagem virou notícia e foi veiculada na imprensa escrita nacional, sendo até mesmo gravado um *jingle* do Capitão Gay. Parte da letra incentivava que as pessoas assumissem a homossexualidade, deixando “o machismo enrustido”, assim como o super-herói, que era também o “defensor das minorias contra as tiranias”.¹⁴⁸ Sua fama foi apropriada de forma mercadológica, pois Áureo Busetto conta que pessoas vestiam camisas nas grandes cidades com a estampa do Capitão Gay, bonecos do personagem eram vendidos na feira hippie de Ipanema e fantasias do personagem estavam disponíveis para aquisição no carnaval de 1983¹⁴⁹, elementos que sinalizam sua expansão e incorporação por outras pessoas.

A narrativa em torno da figura do super-herói era de que se tratava de uma pessoa comum, o comendador Gouveia¹⁵⁰, que tinha como seu secretário Leopoldo. Ambos trabalhavam num edifício no centro da cidade, aludindo ao distrito de Manhattan, em Nova York, e demonstravam uma postura pudica em sintonia com a moralidade conservadora.¹⁵¹ No entanto, ao receberem o chamado – “Capitão Gay!” – eles bradavam seu bordão – “Cansei!” – e transformavam-se nos super-heróis. Capitão Gay

¹⁴⁷ GENTE, **Veja**, São Paulo, n. 724, 21, jul. 1982, p. 103 – grifo do autor.

¹⁴⁸ CAPITÃO GAY & CARLOS SUELY. **Capitão Gay**. São Paulo: RGE, 1982. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uRbaJtUqxvE>. Acesso em 31 out. 2020.

¹⁴⁹ BUSETTO, Áureo. “Defensor das minorias e contra as tiranias”: o Capitão Gay no humor televisivo e entre tentativas de (auto)censura e a cobrança de *royalties*. **Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 13, n. 1, p. 242-274, jan.-jul. 2020. p. 261-162.

¹⁵⁰ A palavra *gouveia* era usada no dialeto homossexual desde a segunda década do século XX, no Brasil, significando o interesse de homens mais velhos por rapazes jovens (GREEN, 2019, p. 83). Ao que parece, isso pode estar relacionado à escolha dessa expressão e, ao mesmo tempo, ser um trocadilho frente à postura conservadora que aparentava manter antes de se transformar no super-herói.

¹⁵¹ CAPITÃO GAY. *In: Viva o Gordo*. São Paulo: Rede Globo de Televisão, 1981. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1trG3si4KO8>. Acesso em 31 out. 2020.

era interpretado por Jô Soares e Carlos Sueley interpretado por Eliezer Motta, que, além de humorista, trabalhava como policial.

Uma das características dos personagens era sua visível efeminação. As histórias que protagonizaram eram diversas¹⁵², sendo que uma de suas atribuições era resolver os problemas “que nenhum homem e nenhuma mulher podiam resolver”.¹⁵³ Com uma boa dose de criatividade, ajudavam a quem os chamava de forma descontraída e bem humorada. As roupas que o Capitão Gay e seu ajudante vestiam eram bastante chamativas. Duas imagens foram publicadas na revista *Veja*:

Figura 1 – Capitão Gay



Fonte: *Veja*, n. 705, 10 mar. 1982, p. 88.

¹⁵² Alguns episódios do Capitão Gay foram encontrados no canal YouTube: CAPITÃO GAY, 1981; CAPITÃO GAY. In: *Viva o Gordo*. São Paulo: Rede Globo de Televisão, 1982a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fOagoZTT08Y>. Acesso em 31 out. 2020; CAPITÃO GAY. In: *Viva o Gordo*. São Paulo: Rede Globo de Televisão, 1982b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mHLmi6iMuHw>. Acesso em 31 out. 2020.

¹⁵³ TREVISAN, 2018a, p. 293.

Figura 2 – Sucesso do Capitão Gay



Fonte: *Veja*, n. 724, 21 jul. 1982, p. 103

A primeira imagem publicada na revista mostra o super-herói sozinho ocupando a centralidade do espaço numa pose como se fosse voar, possivelmente uma analogia com o Super-Homem, outro herói das histórias em quadrinho, sendo que a mão esquerda estava sinalizando o alçar voo e a mão direita estava em pose mais delicada. A ausência das cores diminui o impacto da imagem, mas permite observar a maquiagem em seu rosto e os detalhes em sua cabeça, cujo ornamento é semelhante ao usado por outros super-heróis, como Hermes, o mensageiro dos deuses gregos antigos nos desenhos animados. A ausência de outros objetos chama a atenção exclusivamente para o Capitão Gay. Em 1982, quando foi publicada a matéria, foi informado que Jô estava tendo uma diminuição no Ibope¹⁵⁴ e teve algumas críticas quanto à sua forma de humor em comparação a outro humorista, Chico Anysio.¹⁵⁵

¹⁵⁴ Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) que verificava a audiência do programa.

¹⁵⁵ XEXÉO, Artur. A hora do magro: comparado com Jô, Chico Anysio sai na frente. *Veja*, São Paulo, n. 705, 10 mar. 1982, p. 88.

Quatro meses depois, a situação noticiada era outra. Capitão Gay estava conquistando audiência e, inclusive, um *jingle* seria gravado pelo super-herói e seu ajudante, o que veio a ocorrer.¹⁵⁶ A imagem mostrada aparece colorida, com destaque para seu traje rosa e colete preto, sua capa e cinturão prata, além das algemas sobre o peito, sinalizando a luta contra o crime em nome da justiça. Esse conjunto de adornos no personagem traduzem uma efeminação pela forma delicada como apareceu, bem como pelas cores e brilhos associados ao universo feminino. Era um super-herói visivelmente homossexual e efeminado na televisão brasileira, sendo que tal forma de mídia chegava a muito mais lares do que a revista *Veja*. Ao fundo, é possível observar outros objetos, o que sugere que o espaço em que está seja um camarim.

Outra característica do Capitão Gay era sua forma de falar, que costumeiramente é tida como um traço singular do universo homossexual. Ele não usava muitas expressões do dialeto pajubá¹⁵⁷, mas se expressava de um modo bastante fechativo e efeminado. Num dos esquetes de humor que iria ao ar, mostrava com quem o super-herói teria aprendido a falar assim. Uma matéria da revista *Veja* antecipou tal notícia e mostrou o suposto professor publicando a imagem a seguir:

¹⁵⁶ CAPITÃO GAY & CARLOS SUELY, 1982.

¹⁵⁷ Pajubá ou bajubá é o dialeto usado e partilhado por uma parcela de pessoas homossexuais cuja origem advém de grupos étnico-linguísticos africanos. São palavras e expressões usadas que geralmente são entendidas por pessoas do próprio universo homossexual e usadas nos diálogos, permanecendo desconhecidas do restante da população, salvo algumas terminologias que foram (e são) mais difundidas.

Figura 3 – Capitão Gay e seu suposto professor



Fonte: *Veja*, n. 758, p. 76.

Clóvis Bornay¹⁵⁸ (1916-2005) era um museólogo e carnavalesco que se destacou pelas fantasias com que desfilava nos carnavais e nos bailes de gala, sempre com muito brilho e calçados de salto. Tinha uma voz suave e dificuldades para pronunciar a consoante “R” nas palavras. Muitas das características que o Capitão Gay também possuía. Na imagem, é possível observar o personagem junto de seu ajudante, Carlos Suely, conversando, enquanto Bornay estava fantasiado e sobre uma mesa, ocupando a centralidade da fotografia. Além disso, estava usando a cor rosa nas suas vestes, mesma cor da roupa do super-herói e tida como

¹⁵⁸ Clóvis Bornay também gravou a polêmica marcha “Fla-Gay”, em alusão à torcida Fla-Gay, do Clube de Regatas do Flamengo, que estava tentando oficializar-se enquanto torcida organizada do clube, em 1979, sendo a letra e música atribuídas a Jaime Bochner. Cf. JÚDICE, Fábio. **Programão visita exposição sobre Clóvis Bornay**. Jornalismo da Rede Globo de Televisão, RJ, exibido em 30 jan. 2016, 4’13”. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4774984/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

uma cor feminina, logo, efeminadora. A legenda publicada também fez alusão a esse momento pedagógico.

Para além de uma leitura estereotipada do personagem, com o uso do humor para fazer uma caricatura dos homossexuais, suas performances também possibilitavam reflexões críticas. A atuação do personagem pode ser considerada um ativismo, ou seja, uma ação que envolve a arte e a política não estando alinhada a um movimento homossexual e/ou coletivo, mas que parte do humor para trazer o tema para discussão, criticando aspectos relevantes da sociedade, da política e do próprio Movimento Homossexual. Parte das críticas demandavam um tratamento mais sério do assunto, que de fato era necessário, mas, considerando as censuras e perseguições às positavações das homossexualidades, essa era uma forma de borrar a transposição dos limites simbólicos e fazer uso de uma margem de manobra para manter, na época, um super-herói gay e efeminado sendo representado na televisão num canal aberto.¹⁵⁹

Outras imagens também vão ao encontro da forma estereotipada com que os homossexuais costumavam ser representados:

Figura 4 – Trejeitos efeminados



Fonte: *Veja*, n. 605, 09 maio 1980, p. 98.

¹⁵⁹ MARTINELLI, Leonardo da Silva. Capitão Gay: um super-herói homossexual apesar da ditadura. *Cadernos Pagu*, Campinas-SP, n. 66, p. 1-15, 2022.

Figura 5 – Homossexual e seus ademanes



Fonte: *Veja*, n. 603, 26 mar. 1980, p. 110.

As duas imagens anteriores, em preto e branco, mostram com ênfase a gesticulação das mãos e simultânea expressão facial sob a forma de caretas feitas pelos personagens homossexuais, aludindo-as à feminilidade, ou seja, a uma forma não esperada e/ou expressada pelos homens, o que ocupa a centralidade da imagem. Sujeitos que tivessem uma expressão de gênero semelhante eram vistos como homossexuais, sendo hierarquicamente inferiorizados. Isso possibilita refletir acerca das raízes da misoginia e de sua reprodução, ampliando sua rejeição quando esses signos são percebidos em sujeitos tidos como homens, sejam eles afeitados ou não a práticas homoeróticas.

A efeminação por parte dos gays popularmente, e equivocadamente, sugere um suposto papel de “mulher” na relação, acarretando o estigma do passivo sexual. Conforme assinala Michel Misse, a incorporação de determinadas expressões na linguagem e sua significação e contextos de uso podem ser representativos de estigmas direcionados às pessoas, sobretudo quando recai sobre elas a informação

de serem passivas sexualmente, legando prestígio para alguns e rebaixamento de outros.¹⁶⁰

Margareth Rago ressalta a necessidade de se desenvolver uma cultura filógena, amigável e/ou de amor às mulheres,¹⁶¹ mas pode-se ampliar esse sentido para a feminilidade como um todo, posto que o imperativo universal é masculino e sobre ele repousa as benesses do poder. Essa valorização poderia libertar as pessoas das opressões de gênero no que concerne às masculinidades e às feminilidades e desfazer a hierarquia construída e valorativa sobre a figura do macho masculinizado na sociedade como um todo e, especialmente, no universo homossexual em que se verifica a reiteração desse modelo.

Além dessas imagens, que mostraram os gays como efeminados, duas imagens presentes nesse grupo de personagens gays retrataram homossexuais aparentemente mais masculinos que os demais: uma delas registrou um momento de sociabilidade no filme *Cruising*, que narra a trajetória de um policial que se infiltrou no meio homossexual para desvendar um crime – no entanto, tal qual Nelson Hoineff destaca na matéria, os homossexuais estadunidenses odiaram a forma preconceituosa como o tema foi tratado. Esse filme estava sendo exibido em São Paulo e no Rio de Janeiro, conforme se lê na *Veja*.¹⁶² Os gays representados exibem os músculos, usam regatas, e um aparece de bigode, elemento sintonizado à virilidade.

¹⁶⁰ MISSE, Michel. **O estigma do passivo sexual**: um símbolo de estigma no discurso cotidiano. 3. ed. Aumentada. Rio de Janeiro: Booklink: NECVU/IFICS/UFRJ: LeMetro/IFICS/UFRJ, 2007.

¹⁶¹ RAGO, Margareth. Feminizar é preciso: por uma cultura filógena. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 58-66, 2001.

¹⁶² HOINEFF, Nelson. Na caça aos gays: o filme que os homossexuais americanos odiaram. **Veja**, São Paulo, n. 663, 20 maio 1981, p. 114.

Figura 6 – Registro de homossexuais no filme *Cruising*



Al Pacino (à direita): servindo de isca

Fonte: *Veja*, n. 663, 20 maio 1981, p. 114.

Figura 7 – Homossexuais da peça *Bent*, em São Paulo



Petraglia e Junqueira: um ato sexual totalmente mentalizado

Fonte: *Veja*, n. 646, 21 jan. 1981, p. 65.

A imagem acima é da peça *Bent*, de Martin Sherman, encenada em São Paulo sob a direção de Roberto Vignati. A história contada é dos homossexuais Max e Rudy, capturados e presos no campo de concentração nazista de Dachau. Max havia sido obrigado a torturar e matar seu companheiro para ter um tratamento diferenciado. Posteriormente, vem a conhecer outro homossexual por quem se interessa, Horst, mas como não podiam tocarem-se, realizam um ato sexual mentalizado. A fotografia publicada mostra esse momento. É possível observar as características tidas como masculinas nos personagens, como a exibição de pelos no peito, a marca de barba em seus rostos, além de terem cabelo curto, ombros largos e um peitoral visto como comum para homens. O que chama a atenção na imagem é a representação masculina do casal homossexual, sem um deles ser exageradamente efeminado, como se fosse a “mulher” do casal. Não se sabe a performance deles na peça, mas o registro fotográfico inserido na matéria vai ao encontro dos elogios que a autora Lucila Camargo teceu a respeito dessa composição brasileira.¹⁶³

Esse conjunto de imagens que veiculou representações imagéticas de personagens gays tinha como características comuns e preponderantes a efeminação, visível pelos traços, postura, roupas e cores, de modo a mostrá-los de forma que fossem reconhecidos como homossexuais. Guacira Lopes Louro chamou a atenção para a tentativa de dedução da identidade de gênero e sexual a partir das “marcas” biológicas presentes no corpo, sendo que na maioria das vezes ela é equivocada.¹⁶⁴ Isso quer dizer que a representação do sujeito homossexual nas imagens foi mostrada de modo a tornar evidente seu suposto reconhecimento e ser um personagem convincente.

As imagens significam de maneira distinta dos textos, pois atraem a atenção do público leitor e materializam o registro de um momento que ocorreu, embora tenha sido selecionado pelo fotógrafo e haja uma intencionalidade por trás do clique da câmera. Não é possível saber

¹⁶³ CAMARGO, Lucila. Amor em Dachau: depois da Broadway, “Bent” empolga São Paulo. *Veja*, São Paulo, n. 646, 21 jan. 1981, p. 65.

¹⁶⁴ LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 8-42. p.16.

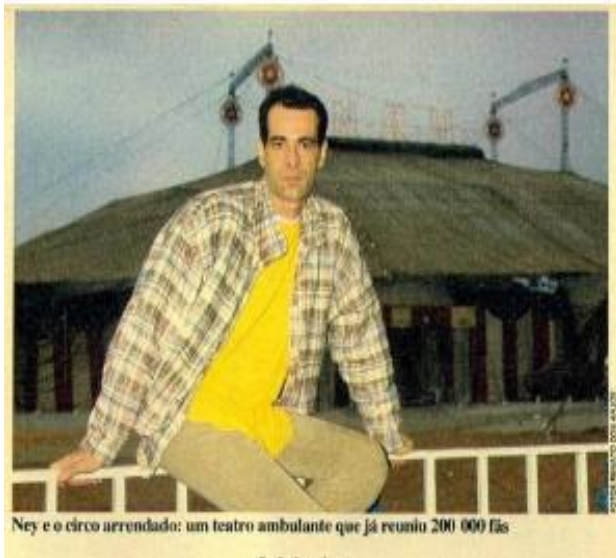
quantas pessoas leitoras realizaram uma análise hermenêutica dessas fotografias, questionando sua produção, escolhas, poses, bem como sua inclusão ou não na matéria jornalística, mas é provável que alguns leitores e leitoras atentassem a isso, assim como pessoas homossexuais frente a uma determinada representação que estava sendo divulgada. Pode-se dizer que essa era a forma imaginada com que os homossexuais estavam sendo fabricados enquanto personagens fictícios de peças de teatro, cinema e/ou televisão.

O outro conjunto de imagens compõe-se de pessoas assumidamente homossexuais e/ou suspeitas de serem gays, famosas e não famosas. Das 42 imagens que constituem esse grupo, quatro subdivisões foram feitas: a primeira abrange fotografias de personalidades famosas do mundo artístico, como músicos, apresentadores, pessoas ligadas à arte e estética, reunindo 25 imagens; o segundo grupo compõe-se de imagens de pessoas ativistas da causa homossexual, tanto do Brasil quanto do exterior, totalizando 11 imagens; o terceiro grupo de imagens esteve ligado ao lazer, numa alusão a espaços de sociabilidade homossexual, tal como festas, num total de cinco imagens; e o último grupo constitui-se de uma imagem ligada a um crime.

Foram selecionadas para análise algumas imagens dos grupos mais expressivos. Focaliza-se a corporalidade dessas pessoas retratadas, as características anatômicas, roupas usadas, buscando entender se nessas composições são ressaltadas representações que reforçam masculinidades e/ou feminilidades.

Do grupo que teve mais imagens ligadas ao mundo artístico, a masculinidade transparece na maior parte das fotografias publicadas. O cantor Ney Matogrosso, que era um símbolo da androginia e das performances, foi mostrado de uma forma casual e cisgênera. Em boa parte das imagens destaca-se seus pelos corporais, signo de masculinidade. Poucas fotos o registraram de maneira mais efeminada e/ou transitando entre fronteiras simbólicas de gênero. Dois exemplos a seguir:

Figura 8 – Ney Matogrosso



Fonte: *Veja*, n. 842, 24 out. 1984, p. 142.

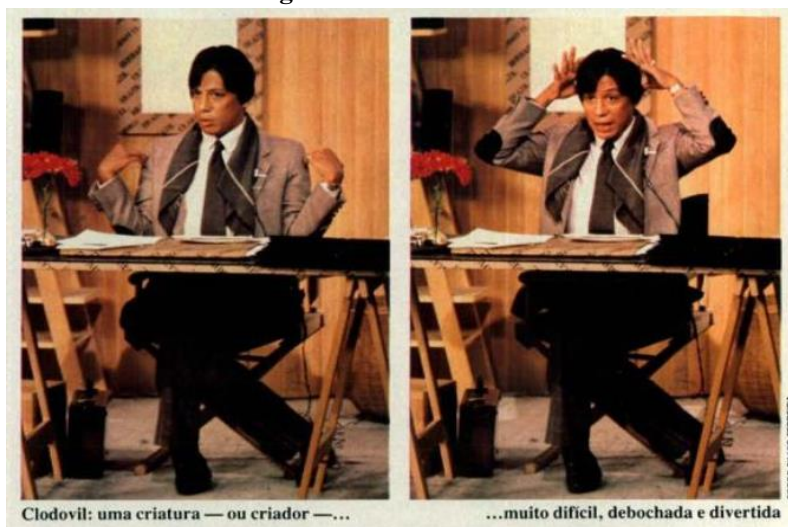
Figura 9 – Show de Ney Matogrosso



Fonte: *Veja*, n. 666, 10 jun. 1981, p. 124.

Seguida de Ney, a outra personalidade que mais apareceu na revista *Veja* foi o costureiro e apresentador Clodovil Hernandes. Polêmico, irreverente, famoso e assumidamente homossexual, Clô, como era chamado pelas pessoas íntimas, ganhou maior visibilidade ao adentrar na televisão. Nos anos 1980 passou pela Rede Globo de Televisão, Bandeirantes, Rede Manchete de Televisão, tornando-se uma pessoa conhecida.¹⁶⁵

Figura 10 e 11 – Clodovil



Fonte: *Veja*, n. 657, 08 maio 1981, p. 101.

Aparecia sempre bem vestido, pois, além de ter se especializado em moda, transmitia uma imagem de requinte e sofisticação a quem o assistia, o que se somava à possibilidade de custear um estilo de vida oneroso. Vestia-se de maneira cisgênera, mas era assumido e identificado como um homossexual pelos telespectadores e clientes. Por essa razão, talvez, não fazia questão de ser discreto ou perseguir o ideal de masculinidade hegemônica. Por outro lado, as imagens registram momentos e determinadas poses que, tal como no restante do conjunto,

¹⁶⁵ MINUANO, Carlos. **Tons de Clô**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bestseller, 2018.

tenderam para a materialização de masculinidades nas representações dos gays veiculadas. Situação semelhante ocorreu com o grupo de ativistas homossexuais.

Figura 12 – Ativista Darcy Penteadó



Fonte: *Veja*, n. 614, 11 jun. 1980, p. 25

Figura 13 – Darcy Penteadó



Fonte: *Veja*, n. 771, 15 jun. 1983, p. 79.

Nas imagens acima estão duas representações do paulista Darcy Penteadado, artista plástico e desenhista, dentre outras qualificações profissionais. Era ativista da causa homossexual e fez parte do conselho editorial do jornal *Lampião da Esquina*. Foi o ativista homossexual que mais apareceu na revista *Veja* neste recorte analisado, sendo que as razões aventadas podem estar relacionadas à classe social, tanto de Penteadado quanto do público leitor. Além disso, seu destaque no meio artístico, valorizado enquanto *capital cultural*, conforme Bourdieu,¹⁶⁶ pode ter contribuído com essa visibilidade, haja vista que outras pessoas também poderiam ter sido citadas e/ou mostradas pela revista.

Darcy Penteadado foi retratado como um homem de meia idade e, nas imagens, é possível observar a barba branca, o cabelo um pouco grisalho, que ele está vestido com roupas culturalmente esperadas por parte dos homens e aparentando estar bem vestido, segundo as suposições de classe social. Além disso, as fotografias e o cenário permitem qualificá-lo como culto, erudito. Essa composição masculina e viril não o isenta de ser identificado pelos leitores e leitoras como gay, haja vista estar justamente inserido em matérias com essa temática. As legendas inseridas nas publicações da revista *Veja*, que podem ser vistas logo abaixo das imagens mostradas, expressam críticas às atividades comumente associadas e atribuídas aos gays, bem como o moralismo que tomava tal tema como centro de suas investidas normatizadoras – posicionamentos que, possivelmente, iam ao encontro daquilo que pensava e defendia Penteadado.

Além dele, ativistas homossexuais da Argentina foram mostrados numa reportagem assinada por José Meirelles Passos, na seção “Comportamento” da edição número 822, do ano de 1984. A publicação noticiou a perseguição aos homossexuais naquele país e destacou: “Nas províncias de Mendoza e Córdoba, por exemplo, a lei pune o homossexualismo [sic] com três meses de prisão. E para alguém ser preso por isso, basta ter um jeito afeminado”.¹⁶⁷ A matéria chama a atenção para

¹⁶⁶ BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 73-79.

¹⁶⁷ PASSOS, José Meirelles. Hay que ser macho: gays se associam contra a lei argentina. **Veja**, São Paulo, n. 822, 6 jun. 1984, p. 57.

a representação popular do macho, tanto no título quanto na composição narrativa e imagética. Diante da situação preconceituosa e estigmatizante pela qual os homossexuais estavam submetidos, dentre as quais a arbitrariedade e os abusos do poder pelos policiais e delegados, decidiram se reunir formando a *Comunidad Homosexual Argentina* (CHA).

De acordo com a fala atribuída a um ativista na reportagem: “Para alguém ser homossexual em nosso país, mesmo depois da posse do governo democrático de Raúl Alfonsín, é preciso ser, antes de tudo, muito macho”. E essa palavra pode ser lida como a necessidade de ter muita coragem, pelas questões culturais com que as relações homoeróticas e as composições subjetivas de identidades foram construídas no seio da sociedade heteronormativa, bem como a reiteração da representação do homem macho. Uma fala atribuída a um policial cujo nome foi omitido destacou: “Aqui na Argentina um gay com pinta de gay não anda mais de dez metros numa rua sem ir em cana”.¹⁶⁸ Essa “pinta de gay” era a identificação pelas outras pessoas como gay, ou seja, um sujeito efeminado que não sinalizava as expectativas sociais e culturais impostas e esperadas para os homens.

Figura 14 – Reunião da *Comunidad Homosexual Argentina*



Fonte: *Veja*, n. 822, 06 jun. 1984, p. 57.

¹⁶⁸ PASSOS, José Meirelles. Hay que ser macho: gays se asociam contra a lei argentina. *Veja*, São Paulo, n. 822, 6 jun. 1984, p. 57.

Na imagem, é possível observar que os gays ali presentes sinalizam características atribuídas à masculinidade, como a indumentária, a barba, o bigode, apesar de isso não estar presente em todos. O enfoque da homossexualidade se dá sobre o segmento “masculino”, sendo que o problema suscitado na matéria era a identidade/identificação gay, lida como efeminada ou como não homem. Além disso, o registro fotográfico alude ao poder do “macho” nos temas ligados a esfera pública e de interesse dessa coletividade, trazendo no bojo um ideal de seriedade do homem que era criticado nas representações efeminadas do gay.

Essa questão pode dialogar com a ideia de passabilidade, assim como discutiu Duque¹⁶⁹, pois o regime de visibilidade e conhecimento indicava o sexo biológico, aqui entendido como os genitais e características fisiológicas e morfológicas dessas pessoas e se elas passavam ou não por homens socialmente. Seu sexo era supostamente identificado, mas não passavam por homens, pois, além das interpelações de gênero impostas, a cisgeneridade e a masculinidade também compunham esse sujeito homem. Nesse sentido, ao não corresponderem a essa imagem construída de um sujeito macho, os identificavam como homossexuais pela performatividade de gênero, entendida conforme Butler¹⁷⁰, sobretudo pela ausência da masculinidade e virilidade esperadas, que tendem a efeminar na díade hermenêutica binária difundida.

Nesse entendimento o gay não seria confundido com um homem. Seriam sujeitos diferentes, pois a universalidade é atribuída à cisgeneridade e, por conseguinte, à heterossexualidade. Não se suspeita de que pessoas que tenham tal característica possam ser gays. Isso acarreta formas opressivas de gênero e sexualidade, como a demanda para que a masculinidade cis seja expressa e, quando não o é, coloca esses sujeitos em um nível de inferiorização, tanto entre homens quanto entre as suas sexualidades, segundo Welzer-Lang¹⁷¹. Isso atua em meio às relações de poder e saber que têm como base um modelo de

¹⁶⁹ DUQUE, 2013.

¹⁷⁰ BUTLER, 2017.

¹⁷¹ WELZER-LANG, 2001.

masculinidade hegemônica¹⁷² que asseguraria a esses homens a distinção e valoração social, mas que tende a desconsiderar que essas produções de masculinidades hegemônicas e subalternas se dão de forma simultânea, como destaca Kimmel.¹⁷³

Nesse sentido, nem todos os homossexuais, gays e/ou homens que mantêm práticas e relações homoeróticas têm as mesmas características ou compõem subjetivamente sua identidade e/ou expressão performativa de gênero tendo como base a feminilidade ou a masculinidade. Existiam e existem gays efeminados e masculinizados, assim como aqueles que transitam entre as fronteiras simbólicas de gênero e sexualidade, que se autoneoiam e outros que recusam uma identidade fixa. A questão que estava sendo apresentada era o reforço para que a masculinidade supostamente essencialista dos homens fosse novamente imposta: por um lado isso podia silenciar a homossexualidade na esfera pública, passando por homens e, por conseguinte, identificados como héteros e/ou não gays, mas também minimizar a visibilidade dessa subversão à norma cisheteronormativa.

Tal questão também já havia sido posta no Brasil. Um exemplo disso é a maneira como os homossexuais se nomeavam no jornal *O Snob*, na década de 1960, inicialmente com nomes no feminino, sendo que posteriormente passaram a usar nomes no masculino, como o próprio Agildo Guimarães, batizado de Gilka que, posteriormente, passa a aparecer como Gilk.¹⁷⁴ Esse modo de conceber a imagem do gay efeminado como se fosse uma paródia da mulher passou a ser criticado em prol de uma aceitação da imposição da masculinidade, o que se deu com a emergência de uma nova identidade. A lógica pautada nos supostos papéis sexuais e sociais¹⁷⁵ *bicha/bofe*¹⁷⁶ transformou-se diante da emergência dos *entendidos*¹⁷⁷, cuja conformidade cisgênero abalou a

¹⁷² CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013.

¹⁷³ KIMMELL, 1998.

¹⁷⁴ COSTA, Rogério da Silva Martins. **Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960**: relatos do jornal *O Snob*. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010. p. 57; 59.

¹⁷⁵ FRY, MACRAE, 1985.

¹⁷⁶ FRY, 1982.

¹⁷⁷ GUIMARÃES, 2004; MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”. Salvador: EDUFBA, 2018a.

dicotomia de então. Começou a aparecer pessoas cis que evidenciavam uma outra forma de associação: masculino-masculino, feminino-feminino.

Ronielyssom Pereira, que analisou o jornal *Lampião da Esquina*, destacou que o termo *bicha* era bastante utilizado no periódico nesse contexto de afirmação da identidade homossexual, atribuindo o seu uso a um modo a esvaziar seu sentido depreciativo. Entretanto, não havia consenso quanto à expressão performativa de gênero dessas pessoas *bichas*, sendo que, conforme o autor, alguns militantes, como João Antônio Mascarenhas, entendiam que a efeminação era artificial priorizando o homossexual militante e consciente¹⁷⁸, ou seja, aquele que aceitava a masculinidade essencializada e o ser, antes de tudo, homem.

Se, por um lado, tem-se uma nova identidade ganhando espaço, há, por outro, a permanência da discrição como forma de evitar agressões e opressões, o que levava muitas pessoas a manterem uma performance de gênero alinhada àquilo que se esperava delas.¹⁷⁹

As imagens veiculadas que dialogavam com a emergência da aids mostram outros tipos de gays, estes não aparentam ser tão viris, como se nota no registro, mas, ainda assim, podem ser percebidos como masculinos.

Figura 15 – Celso Curi



Fonte: *Veja*, n. 774, 06 jul. 1983, p. 52.

¹⁷⁸ PEREIRA, 2017, p. 159.

¹⁷⁹ BUTLER, 2017.

Na imagem é possível ver o jornalista Celso Curi, que, na segunda metade dos anos 1970, assinava colunas em jornais da grande imprensa tratando das homossexualidades, sendo citado na matéria da revista *Veja* como dono da boate *Off*, que diz ser frequentada pela comunidade homossexual, em São Paulo. A publicação, de 6 de julho de 1983, estava na seção “Comportamento”, informou sobre a doença e teve como título: “A síndrome do medo”. Relatou a situação nos Estados Unidos, as mudanças diante da aids e as manifestações de pessoas homossexuais. Naquele ano a imprensa brasileira passou a noticiar sobre a doença de maneira mais assídua, apesar de alguns periódicos já veicularem essa informação desde 1981.

As especulações e o limitado conhecimento acerca da doença no momento suscitaram posicionamentos divergentes e colocaram as pessoas homossexuais na centralidade dessa discussão. Curi, que era conhecedor do tema das homossexualidades, gay¹⁸⁰ e empresário, segundo as informações dadas na matéria, teria dito: “Acho bobagem ficar preocupado com essa questão. Aqui no Brasil ainda é um perigo muito distante”.¹⁸¹ A fala atribuída a ele revela a forma como algumas pessoas lidavam com essas notícias, tranquilizando-se por ser algo que pensavam estar distante e que assim permaneceria. Outras pessoas homossexuais, todavia, passaram a se proteger mais e a agir por meio do ativismo. Os governantes demoraram para incluir a doença na agenda governamental, o que contribuiu para que os casos de aids aumentassem significativamente no Brasil tornando-o o segundo país em número de casos da doença em 1988.¹⁸²

Curi apareceu retratado como um homem cis, vestido e gesticulando de uma forma que não é possível supor que fosse gay. Apesar de não ter barba na imagem, presença que amplia a percepção

¹⁸⁰ Numa entrevista concedida ao jornalista Adriano Sod, em 2015, e publicada em seu *blog*, Celso Curi destacou que teve relacionamentos com mulheres, mas que se considerava “absolutamente gay”. Cf. SOD, Adriano. **O jogo deu coluna do meio**. Disponível em: <https://tseles.wordpress.com/2017/09/25/celso-curi-entrevista/>. Acesso em: 29 jun. 2021.

¹⁸¹ A SÍNDROME do medo: a fatal doença AIDS causa alarme e altera radicalmente a vida da comunidade gay. *Veja*, São Paulo, n. 774, 6 jul. 1983, p. 52.

¹⁸² BARATA, Germana Fernandes. **A primeira década da aids no Brasil: o Fantástico apresenta a doença ao público (1983-1992)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. p. 75.

cultural de virilidade associada à masculinidade, não transparecem características de efeminação, ou seja, não parece passar por gay se não forem do conhecimento outros componentes e informações na fotografia publicada na revista.

A discussão realizada neste capítulo destacou o crescimento da visibilidade das pessoas homossexuais na década de 1980 na revista *Veja* em particular, tomando-a como representante da grande imprensa escrita nacional, o que também era um reflexo de que tais pessoas e temas estavam ganhando destaque na sociedade. Os gays, sobretudo, foram os mais citados e mostrados, obtendo maior destaque. Algumas dessas pessoas homossexuais da época ocuparam espaços anteriormente interditados, passando a ter maior visibilidade social e midiática.

Dada a multiplicidade presente no universo homossexual, tipos de gays eram escolhidos para serem veiculados, porém, mais do que isso, é possível avaliar que as matérias na revista *Veja* construíram representações dos gays a partir das publicações. Esses modelos não representavam a totalidade coletiva, que era plural, devendo ser compreendidos em suas singularidades. Isso acentuava disputas e enfrentamentos já em curso, ou seja, quais representações deveriam aparecer e qual modelo estético de gay deveria ser mostrado nesse período de transição entre o “tempo de assumir” a homossexualidade e o “tempo de visibilidade”, como pontuado por Souto Maior Jr.¹⁸³ Ou, mais especificamente, tal como esta pesquisa opera conceitualmente, é o tempo de vida nua o que se está nomeando – o que não exclui a temporalidade mencionada com Souto Maior Jr., mas ajuda a compreender o processo de transformação e fabricação estética e subjetiva do sujeito gay padrão da contemporaneidade.

No período aqui analisado, as representações fictícias dos gays os retrataram como efeminados de forma mais expressiva, ao passo que as representações de pessoas gays reais tenderam para uma representação masculina, que se sobressaiu, embora em algumas fotografias o elemento andrógino e efeminado se fizesse presente. A estética corporal desses gays pode ser descrita como comum, sem haver um padrão físico

¹⁸³ SOUTO MAIOR JR., 2019.

compartilhado, de modo que a centralidade da análise investiu na percepção das masculinidades e virilidades para compor e identificar esses sujeitos. É interessante notar que, no começo dos anos 1980, a identidade homossexual ainda estava sendo construída e difundida. Terminologias específicas viriam a se acentuar posteriormente, mostrando a diversidade presente. A fabricação de modelos de ser gay já estava em construção e emergiu como tribo já na primeira metade dos anos 1990, quando se falava em movimento GLT.¹⁸⁴

¹⁸⁴ Conforme Regina Facchini, falava-se em movimento homossexual até o começo dos anos 1990, quando passou a ser usada a sigla GLT e o mercado difundia a expressão GLS. Já no ano de 1999 estava sendo utilizada a sigla GLBT. FACCHINI, Regina. “**Sopa de Letrinhas?**”: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Campinas, Campinas-SP, 2002.

3. A ESTÉTICA MASCULINIZADA DO DESEJO HOMOERÓTICO ENCORPORADA ÀS CARNES SEXUADAS NO TEMPO DE VIDA NUA

A masculinidade dos homens se constrói de uma forma estranha: por um lado, evitando a todo custo a penetração, mas, por outro lado, com uma curiosa permissão para penetrar o que quer que seja, incluindo o cu de outros homens.
 Javier Sáez e Sejo Carrascosa¹⁸⁵

Como visto no capítulo anterior, a imprensa publicou e construiu representações dos gays no período que se está nomeando como tempo de vida nua. A análise na revista *Veja* permitiu observar como esses sujeitos estavam sendo construídos e representados a partir das notícias veiculadas e direcionadas a um público leitor amplo. Além da representação externa elaborada, os próprios sujeitos constituíam-se a partir das interações sociais que estabeleciam conexões com aquilo que era reportado pela imprensa. Se os gays desejavam pessoas de mesmo sexo, como se dizia na época, que características deveriam ter os rapazes almejados, essas carnes sexuadas pela presença de um pênis? Que biotipos os atraíam afetivo-sexualmente e eram vistos como objetos de desejo?

A partir destas indagações, será analisada a estética corporal de sujeitos lidos socialmente como homens, rapazes, masculinos e na virilidade, charme e beleza visibilizados a partir de sua fabricação como machos desejáveis na imprensa nacional na década de 1980. As representações imagéticas que foram veiculadas em publicidades na revista *Veja* serão tensionadas com as representações da masculinidade despida publicadas na revista *Rose*, tida como integrante do segmento erótico-educativo¹⁸⁶ por parte de seus proprietários. Se, de um lado, há a produção e disseminação de um biotipo físico atrativo e jovial, que *encorporou*¹⁸⁷ uma masculinidade, de outro, há críticas sobre aqueles

¹⁸⁵ SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu**: políticas anais. Tradução Rafael Leopoldo. Belo Horizonte: Letramento, 2016. p. 29.

¹⁸⁶ KHATIB, Faruk El. **De porta em porta a Nova York**. São Paulo: Senac, 2018. p. 57.

¹⁸⁷ Aqui é usada a ideia da *encorporação* da masculinidade discutida por Connell e Messerschmidt (2013). Ao usá-la se está fazendo referência ao processo em que a masculinidade

homossexuais que adotaram uma hipervirilidade como padrão másculo em países do exterior nessa época, conforme o jornal *Lampião da Esquina* informou.

Esses vestígios do passado ajudarão a compreender não apenas as masculinidades fabricadas como padrão de beleza e suas tensões, mas também as características dos gays da época a partir dos seus relatos, os flertes redigidos no ato de anunciar a si, bem como os atributos das pessoas que estavam buscando contatar.

3.1 AS MASCULINIDADES DESEJÁVEIS: OS “HOMENS” DE CONSUMO

A corporificação das masculinidades, longe de ser uma essência ou um papel social estático e universal, é um processo de construção. Os sujeitos lidos como homens socialmente possuíam características anatômicas semelhantes, podendo ser tidos como machos em referência à espécie humana. Entretanto, tais significações são culturais e não naturais. Machos são também fabricados socialmente e podem ou não ter suas carnes sexuadas pela presença de um pênis. Costumeiramente, divide-se a sociedade em homens e mulheres de maneira extensiva à compreensão binária tida por natural, mas toma-se uma identidade que pode ser aceita ou rejeitada pelos sujeitos como se fosse um dado, uma constatação imutável. Como se fosse um número de chassi que não pode ser alterado e sempre vai estar ali.

Os corpos masculinizados apresentados no tempo de vida nua na revista *Veja*, sobretudo observados na publicidade, possuíam um biotipo físico semelhante: corpos longilíneos, magros, com ou sem pelos, viris, cujos elementos inseridos no enquadramento da fotografia reiteravam este componente. Um exemplo pode ser observado numa publicação de 1979:

é produzida em diálogo com a maturação biológica das carnes sexuadas e a fabricação dos corpos, a partir daí, tidos por masculinos ou não. Há masculinidades que são lidas na construção das carnes em corpos, mas tal processo, ao mesmo tempo, mantém conexão com a fabricação inteligível da identidade, assim como as expressões performativas de gênero.

Figura 16 – Propaganda de cueca



Fonte: *Veja*, n. 561, 06 jun. 1979, p. 66.

O sujeito representado é o ex-jogador Roberto Rivellino, tido como um dos craques do futebol de seu tempo, o que sinaliza a estreita relação entre esse esporte e a construção da masculinidade. Aparece com um corpo adulto, pelos nas pernas, axilas e poucos no peito e abdômen. É branco e bronzeado, possui cabelo curto, preto, com entradas bem marcadas na cabeça, símbolo de masculinidade. Usava bigode grosso, com um cigarro na boca, copo que parece ser de bebida na mão esquerda e um relógio no pulso, todos componentes que realçam virilidade. Seu olhar transmite seriedade, mas também conquista. Veste uma cueca vermelha da marca *Mash*, cor classificada como quente, sinalizando paixão, sedução, excitação. Os órgãos sexuais estão disfarçadamente alocados de modo a não chamar a atenção para si, característica que tempo depois se tornaria uma preocupação para aqueles sujeitos que desejassem exibir volume nos órgãos sexuais cuidadosamente alocados e supostamente dando a impressão de serem avantajados, permitindo o desfrute da fetichização priápica da sociedade falocêntrica contemporânea. A perna engessada do modelo retratado faz pensar no esporte por ele praticado, aludindo à força e à coragem – qualidades atribuídas ao macho. Por outro lado, remete também à fragilidade do modelo que não possui um aspecto ameaçador, perigoso, elementos também presentes na composição da masculinidade.

A intenção da propaganda era vender um produto íntimo para homens, isso é evidente, mas vende-se também uma representação que podia ser cobiçada pelos sujeitos mediante a aquisição da cueca. Não podia haver dúvidas quanto à masculinidade do modelo, sendo que os componentes inseridos buscam alocá-lo na masculinidade hegemônica.¹⁸⁸ Usar a peça de roupa era coisa de macho, isso que está subentendido. Contudo, nem todos tinham o biotipo físico apresentado, mas aproximar-se dele era uma forma de perseguir a masculinidade enaltecida. Esse processo contribuía igualmente para a formação de masculinidades subalternas, agenciadas e materializadas por sujeitos que, apesar de buscarem esse ideal dominante, não seriam capazes de alcançá-lo.¹⁸⁹

Figura 17 – Propaganda de roupas



Fonte: *Veja*, n. 613, 4 jun. 1980, p. 70.

O fragmento acima é parte de uma propaganda de venda de roupas masculinas da marca *Tavares*, situada no Rio de Janeiro. O foco da venda

¹⁸⁸ CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013.

¹⁸⁹ KIMMELL, 1998.

é o blazer, que fazia parte da coleção de inverno de 1980, apresentado para quem “deseja[sse] algo na moda, casual e extremamente confortável”, conforme foi informado na revista *Veja*. A imagem usada para retratar o homem nos anos 1980 foi de um sujeito branco, bem-vestido para os padrões de beleza da época, possivelmente classe média ou acima dela e capaz de custear esse tipo de vestimenta. O espaço escolhido também pode ser lido como masculino, ou seja, um bar, com muitas bebidas, sendo estas um elemento constituinte da masculinidade hegemônica. Demonstra estar fumando e bebendo, lazer que conferia um status de distinção social, independência e maturidade.

Outro exemplo de biotipo masculino veiculado era de um possível pai de família, junto da esposa e filhos. O produto vendido eram as piscinas *Jacuzzi*, enunciadas como bonitas, duráveis, fáceis de instalar, valorizadoras dos imóveis e proporcionadoras de prazer. O retrato da família feliz ia ao encontro desse discurso, como pode ser visto na imagem a seguir:

Figura 18 – Família com sua piscina



Fonte: *Veja*, n. 679, 9 set. 1981, p. 90.

O sujeito aparece ao fundo numa posição de supervisão, cuidando da família. Ele veste uma sunga branca e usa óculos de sol. É branco, bronzeado e possui um biotipo físico semelhante aos demais retratados. Esses sujeitos lidos como homens na sociedade – e de um biotipo físico atrativo na época – eram também objeto do desejo homoerótico, e vê-los despidos era uma forma de sanar a curiosidade e o apetite sexual de leitoras e leitores que podiam deleitar-se em espaços privados e desfrutar de prazeres interditados no espaço público. A grande imprensa não tinha como objetivo oferecer esse tipo de produto aos seus consumidores e a censura a tais publicações era um obstáculo para sua propagação.

No final dos anos 1960, em Curitiba, no Paraná, uma editora foi fundada pelo imigrante libanês Said Mohamad El Khatib, que trabalhava com seus dois filhos numa distribuidora de livros própria. Visando expandir os negócios, criou a Editora Paraná Cultural Ltda. que, mais tarde, juntou-se a uma gráfica e passou a se chamar Grafipar – Gráfica Editora Paraná Cultural Ltda.¹⁹⁰

Na década de 1970, a editora se especializou em histórias em quadrinhos, tornando-se conhecida por essas publicações.¹⁹¹ Em 1979 foi criada a revista *Rose* que foi pensada como produto para as mulheres, semelhante à outra revista da mesma editora, *Peteca*, fundada três anos antes e direcionada ao público masculino. Uma frase na capa de *Rose* deixava explícito o público a que se destinava: “A revista que informa as mulheres e tira a roupa dos homens”.¹⁹² Contudo, outros consumidores também se interessaram pela revista, como os sujeitos que desejavam deliciar-se com a nudez masculina e/ou com as informações veiculadas, especialmente os afeitos às práticas homoeróticas. Mesmo sabendo disso, a direção continuava enfatizando seu público primário, pois havia críticas e sugestões para ampliá-lo. Tal alteração aconteceu somente a partir da edição de número 50¹⁹³, quando a temática e o público homossexual foram focalizados, embora ainda contando com o consumo de outras pessoas.

¹⁹⁰ EL KHATIB, 2018, p. 31.

¹⁹¹ DANTON, Gian. **Grafipar**: a editora que saiu do eixo. São Paulo: Ed. Kalaco, 2012.

¹⁹² CAPA. **Rose**, Curitiba, n. 4, 1979, p. 1.

¹⁹³ LOPES, 2011, p. 40.

Proibida para menores de 18 anos, a revista tinha diferentes seções, poucos anúncios, espaço de humor, entretenimento, informação, destacando-se, sobretudo, pela imagética de corpos masculinos nus – estes corpos, não custa reiterar, são assim compreendidos por terem sido masculinizados cultural e historicamente. Os diretores responsáveis pela publicação eram os irmãos: Faissal El-Khatib e Faruk El-Khatib, sendo este último o editor e diretor de *Rose*. A diretora de redação era Lígia Mendonça, posteriormente substituída por Nelson Faria.¹⁹⁴ Inicialmente a revista possuía 40 páginas, aumentando esse número para 44 na edição 50, e para 48 páginas a partir da edição 74. Seu formato era de 20,5 centímetros de altura por 13,5 centímetros de largura.¹⁹⁵

O preço da revista variou ao longo dos anos, possivelmente reflexo da alta inflação.¹⁹⁶ Para se ter uma ideia, em fevereiro de 1981 a revista *Rose* custava 60 cruzeiros; uma edição da revista *Veja* naquele mês custava o dobro, 120 cruzeiros. A produção de cada uma certamente diferia no valor final repassado ao público consumidor, além do status social que era conferido mediante a aquisição desses produtos, sendo que as publicações proibidas à menoridade, como a *Rose*, eram mais interdidas, não podendo ser usadas como marca de distinção social por parte de quem as portasse, antes o oposto, podendo indicar uma pessoa pervertida. Contudo, era financeiramente mais acessível adquirir a *Rose* do que a *Veja*.

Para analisar nudez na estética masculina tornada atrativa no tempo de vida nua, será direcionada a investigação para os seguintes espaços internos da revista *Rose*: capa, editorial, pôster e cartas à redação. O período compreendido se dá entre 1979 e 1983, em 74 edições.¹⁹⁷ As razões desta escolha devem-se ao fato de as capas serem o atrativo principal e convidativo para a aquisição do produto; os editoriais, por veicularem informações introdutórias a respeito das edições; os pôsteres,

¹⁹⁴ Isto a partir da edição de número 28, conforme consta nas informações do editorial. Cf. **Rose**, Curitiba, n. 28, 1980, p. 4.

¹⁹⁵ LOPES, 2011, p. 35.

¹⁹⁶ Para observar os preços da revista *Rose* ver apêndice B.

¹⁹⁷ Sabe-se de 81 edições da revista *Rose* (1979-1983), no entanto, foi possível acessar 74 delas para realizar a pesquisa. Foram sete as edições que não foi possível : 01, 02, 03, 15, 17, 49 e 69. Das edições especiais foi usada apenas a fotonovela número 73 – A.

por serem imagens coloridas desses nus; e as cartas, por serem enviadas pelo público leitor emitindo opiniões acerca do conteúdo publicado, sinalizando sua adesão ou rejeição.

Os rapazes que posavam nus na revista *Rose* eram brasileiros e, em sua maioria, amadores e não modelos profissionais. Nas primeiras edições foram fotografados de modo sensual, mas evitavam mostrar os órgãos genitais. O público consumidor questionava, como sinalizam os trechos a seguir: “Eu e minhas amigas queremos fotos de corpo inteiro, de frente, que mostrem *tudo*”; “Vocês nos ofereceram uma revista super-tímida [sic]. O que houve?”; “Nós mulheres não precisamos de *Rose* para mostrar homens nus do peito para cima. Isso a gente vê ao vivo, mesmo nas ruas, todos os dias. Queremos ver da cintura para baixo e, se possível, como o pênis ereto”. As respostas dadas a essas investidas das leitoras sugere represálias da censura, como o trecho indica: “[...] lembramos que a gente publica o que pode e não o que quer”.¹⁹⁸

Apesar de haver diminuído a censura, ainda era possível utilizar a moral e os bons costumes como forma de interditar publicações. É oportuno observar que o que poderia causar problemas à revista era a exposição das genitais, o resto era mostrado, inclusive a bunda.¹⁹⁹ Apesar de reivindicar o erotismo como característica, sua venda era permitida somente a pessoas de maioridade, recebendo tratamento semelhante às demais publicações pornográficas.

Mesmo quando as partes íntimas passaram a ser veiculadas na revista, eram feitas solicitações para ver o pênis ereto. Danilo, de Brasília, ironizou essa demora: “[...] a abertura a que vocês se propõem consegue algo absolutamente surpreendente: é mais lenta, gradual e parcial que a pseudo-abertura à la Figueiredo”.²⁰⁰ O símbolo da revista era ambíguo, ilustrando o que parece ser dois cogumelos, que podiam ser assimilados também como dois pênis eretos ou uma boca sinalizando um beijo. Uma das respostas dadas pela editoria a essa demanda enumera duas razões:

¹⁹⁸ Cartas à redação, *Rose*, Curitiba, n. 4, 1979, p. 38.

¹⁹⁹ Esta parte do corpo será assim nomeada por fazer parte da cultura popular e sexual brasileira.

²⁰⁰ Cartas à redação, *Rose*, Curitiba, n. 29, 1980, p. 38.

Primeiro, que é anti-estético [sic], fugindo à linha que traçamos de **só publicar nus artísticos**, e em segundo lugar, há o impedimento legal, que por si só já seria o bastante para que tais solicitações não pudessem ser atendidas.²⁰¹

Essa ideia artística pode estar vinculada a um erotismo em oposição a uma possível alusão à pornografia por parte do público consumidor, com órgãos eretos ou cenas de interação sexual. Isso não significa que imagens desse tipo não apareceram ao longo dos anos. Algumas poucas fotografias mostravam interação, assim como desenhos a sinalizavam. Em edições especiais, a cópula homoerótica apareceu, como na telenovela publicada em 1982.²⁰² Esta, completamente explícita. Nas edições finais da revista *Rose* a qualidade das fotografias foi melhorada, sendo que as genitais passaram a ter centralidade, e algumas imagens ilustram parcial (ou total) ereção do pênis.

Em termos teóricos, não há consenso sobre o que seria classificado como erótico ou pornográfico. A palavra erotismo foi criada no século XX e deriva de Eros, deus do amor; já a palavra pornografia é de origem grega e está atrelada a prostitutas. Para Nuno Abreu: “Ao erotismo é deixada uma porta aberta ao sentimento amoroso [...]. A pornografia supõe uma certa capacidade de excitar os apetites sexuais de seus consumidores, algo que fale à libido”.²⁰³ Geralmente o erótico é visto como sublime, belo, positivo, ao passo que o pornográfico é visto como vulgar, negativo. Essa classificação depende de quem a realiza, tendo em vista que não se trata apenas de imagens explícitas, mas há também narrativas textuais.

Os sujeitos selecionados para compor as capas da revista eram, em sua maioria, brancos ou bronzeados, jovens, imberbes, sem ou com poucos pelos corporais e magros, sendo que as suas fotografias registraram especialmente a parte superior de seus corpos.²⁰⁴ Algumas capas mostraram o corpo todo, mas os órgãos genitais eram omitidos por

²⁰¹ Cartas à redação, **Rose**, Curitiba, n. 54, 1981, p. 42 – grifo meu.

²⁰² Fotonovela, **Rose**, Curitiba, n. 73 – A, 1982.

²⁰³ ABREU, Nuno César. **A representação do obsceno no cinema e no vídeo**. 2 ed. rev. e aumentada. São Paulo: Alameda, 2012. p. 24.

²⁰⁴ LOPES, 2011, p. 36.

meio das poses e dos enquadramentos da câmera. Podiam usar alguma vestimenta ou adorno para compor o *look*, sendo que a criatividade era um atributo valorizado, somada à qualidade da foto. Somente os melhores modelos eram selecionados para ocupar esses espaços privilegiados da revista, e sua seleção possivelmente considerava o biotipo físico tido por atraente na época, os interesses do público consumidor e a disponibilidade ofertada. Os sujeitos desnudados costumavam ser chamados por neologismos nos editoriais e comentários que acompanhavam os pôsteres da revista, como “modelação” e “gatão” – os mais recorrentes – “gataço”, “homaço”, todos em alusão à sua suposta virilidade e capacidade de excitar o apetite sexual. Houve também menções à sua “beleza”, “sensualidade”, “charme”, expressões também registradas.

Outras seções na revista *Rose* também traziam imagens de nus masculinos. As recomendações para quem desejasse estampar a capa ou os pôsteres da revista era de que enviasse seis fotos de 12 x 18 para o “concurso *Rose & Eles*”. As fotos em preto e branco deveriam ser encaminhadas junto de um modelo de autorização, proposto pela revista, assinado, bem como informações pessoais, sendo que modelo e quem o fotografou deveriam encaminhar a autorização acompanhada de cópia da identidade autenticada. O modelo premiado quinzenalmente recebia o valor do prêmio, assim como quem o havia fotografado. A foto era publicada na seção homônima ao concurso e, posteriormente, o modelo podia ser convidado para ser capa ou para estar nos pôsteres internos, estes, por sua feita, coloridos e com grande destaque na revista.²⁰⁵

Apesar de haver interessados candidatando-se para serem modelos, conforme foi sinalizado nas cartas enviadas à redação e publicadas na revista *Rose*, há que se considerar também o estigma moral que poderia recair sobre esses rapazes ao tornarem públicas suas fotografias de nudez. Por serem jovens, supõe-se que poderiam estar tentando construir uma carreira profissional ou ganhar dinheiro para suprir as suas necessidades. Pessoas de mais idade possivelmente tinham limitações à essa exposição,

²⁰⁵ Essas informações costumavam ser reiteradas nas edições e, às vezes, nas respostas dadas na seção “Cartas à redação”. Um exemplo pode ser conferido em: Concurso *Rose & Eles*, **Rose**, Curitiba, n. 40, 1981, p. 33.

fosse por razões morais, profissionais ou conjugais. Abaixo estão algumas capas ao longo dos anos em que *Rose* esteve em circulação:

Figura 19 – Capas da revista *Rose*



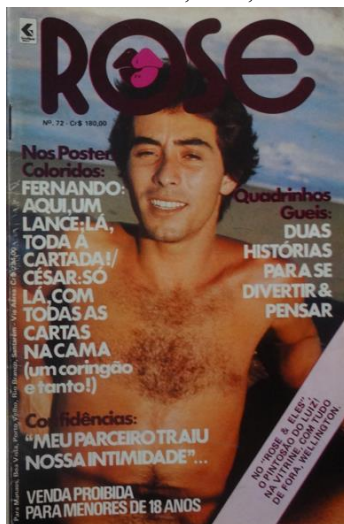
Fonte: *Rose*, n. 5, 1979.



Fonte: *Rose*, n. 31, 1980.



Fonte: *Rose*, n. 50, 1981.



Fonte: *Rose*, n. 72, 1982.

A intenção ao mostrar essas capas não é realizar uma análise exaustiva, mas captar o biotipo corporal que estava sendo fabricado e reproduzido como modelo estético de beleza masculina brasileira. Souto Maior Jr. e Pedro notaram a ausência de homens negros nas capas da revista *Rose* usadas como fonte de sua pesquisa.²⁰⁶ O argumento dos autores é oriundo de observação dos fenótipos desses sujeitos, sendo que a luz e a sombra no registro fotográfico podem dificultar a caracterização da racialidade. Em duas capas é possível supor que os modelos possam ser classificados como “de cor”²⁰⁷, apesar do uso da luz e sombra sinalizar o oposto. Isso pode ser observado nas fotos centrais, pois o mesmo sujeito também era mostrado nos pôsteres internos. A seguir, é possível analisar as duas capas, cada uma ao lado da foto que foi inserida no interior da revista.

Figura 20 – Modelo “de cor”

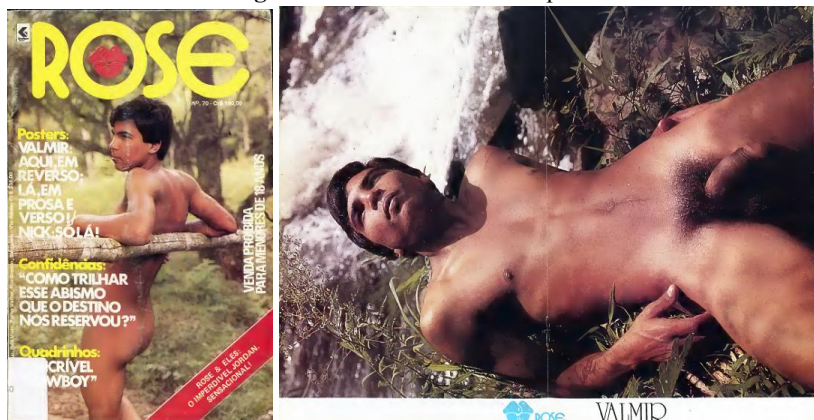


Fonte: *Rose*, n. 62, 1982, p. 1; p. 22-23.

²⁰⁶ SOUTO MAIOR JR. Paulo Roberto; PEDRO, Joana Maria. Que corpo incita o desejo homossexual? Os modelos das capas da revista *Rose*. In: SOUZA, Wlaumir Donisete de (Org.). *Xadrez à luz do sol: direitos humanos, gênero e etnia em questão*. Jundiaí: Paco, 2018. p. 129-144.

²⁰⁷ A palavra “de cor” era usada na época para se referir às pessoas não brancas, como foi constatado em alguns anúncios em que foi registrado o desejo por pessoas “de cor ou não”. A palavra “negro” também foi usada, mas por opção será utilizada em casos de afirmação da identidade.

Figura 21 – Modelo e estética preta



Fonte: *Rose*, n. 70, 1982, p. 1; p. 22-23.

O tom da pele e as características fenotípicas sugerem não se tratar de modelos brancos bronzeados. Além desses, outros dois podem ser lidos como “de cor” e estiveram presentes nas edições: um deles com apenas uma foto nos pôsteres²⁰⁸; o outro teve quatro fotografias e fez parte da seção “O homem do princípio ao fim”, cujo trocadilho sinalizava a disposição das imagens na revista, no começo e no fim dela.²⁰⁹ Alguns modelos aparentavam ser morenos ou, quem sabe, poderiam ser classificados como negros, contudo prefere-se usar tal expressão enquanto uma afirmação de identidade por parte dos sujeitos. A intenção aqui não é impor ou retirar uma identidade, mas perceber essa visibilidade na totalidade das publicações da revista *Rose* analisadas, o que não deixa de sinalizar a sua limitada presença.

Os modelos “de cor” apresentados nas imagens anteriores possuem um biotipo físico semelhante ao padrão veiculado na revista *Rose*. A cor retratada popularmente costumava ser vista como a “cor do pecado” em alusão ao suposto apelo erótico suscitado, que mexeria com a libido, com o desejo sexual. Entretanto, apesar de expandido às diferentes pessoas “de cor”, geralmente focaliza somente algumas, ou seja, aquelas que possuem

²⁰⁸ Pôsteres, *Rose*, Curitiba, n. 5, 1979, p. 21.

²⁰⁹ O homem do princípio ao fim, *Rose*, Curitiba, n. 75, 1982, p. 3-4/45-46.

atributos cobiçados. Não se pode deixar de mencionar o destaque nos pôsteres dado ao pênis dos modelos, pois popularmente costuma-se atribuir a essas pessoas uma hipervirilidade decorrente da ideia de possuir um avantajado órgão genital, um gesto de objetificação desses sujeitos.²¹⁰ Evidentemente esse discurso pode trazer benefícios para alguns, mas também entaves, devendo ser compreendido em meio as muitas contradições que suscita, tanto em relação às masculinidades quanto às homossexualidades.

As identidades são construídas em torno de elementos que lhes dão sustentação e sugerem uma unidade interna, contudo, dependem da autodeclaração da pessoa e do reconhecimento de outrem. Trata-se de uma negociação não totalmente consciente gestada nas relações sociais. Afirmar a identidade negra ou ser identificado como negro não é o mesmo que se referir à cor da pele. Uma pessoa pode ser vista como negra num determinado local e em outro não. Deve-se destacar que isso depende também do olhar lançado sobre ela e o local onde se está. As identidades não são estáveis, transformam-se com o tempo e, por isso, Stuart Hall prefere falar em identificação, pois se trata de um processo em andamento. Não se pode esquecer, também, que o sujeito pode assumir diferentes identidades sem que elas sejam, necessariamente, unificadas.²¹¹

Considerando todas essas questões, é possível perceber que o ideal estético de beleza que estava sendo construído – e reproduzido – na revista enaltecia o tom de pele alvo e bronzeado. Essa representação era captada pelo público e reapropriada. Um rapaz de 23 anos e leitor da revista *Rose* contou suas angústias na seção “Confidências” e descreveu-se como “homossexual preto e cheio de problemas”. Relatou que sentia atração por homens bonitos, mas que não conseguia nada com eles e atribuiu isso ao fato de ser negro.²¹² Essa questão revela o racismo

²¹⁰ SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da; CAETANO, Marcio. Roda de homens negros: masculinidades, mulheres e religião. In: SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da; CAETANO, Marcio (Orgs.). **De guri a cabra-macho**: masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018. p. 190-211. p. 194.

²¹¹ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopez Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 13.

²¹² SOUTO MAIOR Jr.; PEDRO, 2018.

estrutural presente na sociedade e a promoção estética da pele clara e bronzeada fabricada como bela e desejável, visada tanto para o parceiro sexual quanto para si mesmo.

Kimberle Crenshaw chama a atenção para a necessidade de se atentar à interseccionalidade.²¹³ A discriminação racial é uma forma de opressão, mas ela não se dá igualmente sobre todas as pessoas. Existem diferenças que podem ser operadas devido a confluências que afetam de maneiras distintas as pessoas. Ser preto ou afirmar-se subjetivamente na identidade negra não é uma experiência universalmente compartilhada. Marcadores de gênero podem ser usados de modo classificatório distinguindo “homens” e “mulheres”, como nos exemplos citados pela autora. A orientação sexual e/ou o uso dos prazeres sexuais é outro componente, como o são também a classe social e a geração, dentre outros. Isso significa que, durante o tráfego social, diferentes cruzamentos podem vir à tona e gerar colisões. O universo homossexual não está imune a esse cenário, mas foi moldando-se a partir dessa estruturação e, por isso, mesmo sendo alvo de discriminação, também é um espaço que produz e reproduz opressões.

Se, de um lado, havia um padrão sendo difundido pela e na revista *Rose*, de outro também houve a cobrança por parte do público consumidor em ver modelos com outras características: “[...] coloquem mais rapazes morenos e negros”²¹⁴; “Por que não há homens fortes e musculosos nessa revista?”²¹⁵; “Gostaria que os senhores publicassem modelos masculinos de cor: mulatos ou crioulos. Sou um grande admirador da raça negra”²¹⁶; “Sei que as garotas preferem os chamados gatões, mas *Rose* é também lida pelas mães, tias e mesmo avós das gatinhas, e naturalmente apreciamos os nossos tipos pela idade”²¹⁷; “Venho pedir-lhes que selecionem mais ou melhor seus modelos [...] porque esses que estão

²¹³ CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. **Cruzamento raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004. p. 7-16. Disponível em: <https://static.tumblr.com/7symefv/V6vmj45f5/kimberle-crenshaw.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022.

²¹⁴ Cartas à redação, **Rose**, Curitiba, n. 8, 1979, p. 38.

²¹⁵ Cartas à redação, **Rose**, Curitiba, n. 10, 1979, p. 36.

²¹⁶ Cartas à redação, **Rose**, Curitiba, n. 31, 1980, p. 38.

²¹⁷ Cartas à redação, **Rose**, Curitiba, n. 39, 1981, p. 38.

sendo publicados até parecem virgens”²¹⁸; “Sugestões: publiquem nus de coroaos gostosíssimos e sexy”²¹⁹.

Esses modelos, assim como a população geral, constituíam-se enquanto sujeitos através de diferentes processos, sendo que as normas regulatórias do “sexo” o materializavam em suas carnes por meio de um discurso performativo que, ao ser reiterado, produzia os efeitos que lhe conferiam inteligibilidade. O corpo era materializado e constituído nesse processo, juntamente com as expressões performativas de gênero que tornavam determinados sujeitos viáveis em detrimento de outros.²²⁰ Essa construção produziu os corpos dos modelos apresentados naquela conjuntura, sendo selecionados no meio desse processo, que é contínuo, e publicados na revista *Rose*.

Os gostos das pessoas não se limitavam ao biotipo, ao padrão estético veiculado naquele período, que recebeu elogios, mas também críticas, conforme os exemplos pontuaram. Há que se considerar as diferentes formas de censura que impediam uma profusão de periódicos que pudessem construir outros corpos como desejáveis e midiaticizá-los. A editoria da revista dizia acolher as sugestões e, geralmente, pedia para acompanharem as próximas publicações, dando a entender que seu pedido poderia ser contemplado, entretanto, manteve certa homogeneização do desejo de um determinado corpo masculino. No que se refere ao biotipo predominante, foi pontuado:

Os conceitos de beleza estão sujeitos a variações de pessoa para pessoa, e também se alteram de época para época. Assim, houve períodos em que a curtição eram os corpos roliços. **A tendência atual parece ser a beleza dos tipos longilíneos.**²²¹

A aparência dos modelos era jovial, sendo que a maior idade encontrada nas fontes utilizadas foi de 30 anos. É possível que, além da

²¹⁸ Cartas à redação, **Rose**, Curitiba, n. 51, 1981, p. 42.

²¹⁹ Cartas à redação, **Rose**, Curitiba, n. 19, 1980, p. 38.

²²⁰ BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019b. p. 193-219.

²²¹ Cartas à redação, **Rose**, Curitiba, n. 22, 1980, p. 38 – grifo meu.

tendência estética destacada pela equipe que falava em nome da revista, os modelos possivelmente eram selecionados numa faixa etária que supostamente seria a das leitoras e leitores de *Rose*. É preciso destacar que esses sujeitos eram apresentados como masculinos, logo supostamente tidos por heterossexuais. Algumas informações acompanhavam suas fotografias ou estavam presentes no editorial e traduziam seus gostos e interesses, os quais podiam ser entendidos socialmente como másculos.

Quando a revista já apresentava um viés mais voltado ao público homossexual, desejou a ele um “feliz Natal e um novo ano próspero em bofes, bofinhos & bofões”²²². Nota-se o uso de uma expressão que identificava supostamente um sujeito masculino, viril e ativo, compartilhada no universo homossexual. Era essa representação que estava sendo produzida como objeto do desejo e consumo sexual. Os modelos não eram apresentados como gays, mas como héteros. É possível que esses componentes atraíssem ainda mais o interesse dos consumidores afeitos aos prazeres homoeróticos que desejavam contatá-los, como sugere os pedidos por seus endereços para correspondência presentes nos anúncios. Isso indica que a masculinidade tida como verdadeira costumava ser apreciada por parte dos sujeitos “originais” que a teriam, ou seja, os heterossexuais. Entendimento essencialista que ignorava a pluralidade das masculinidades independente do uso dos prazeres, mas que produzia fetiches calcados nesse componente.

As características desse biotipo, que parece ter sido o modelo de beleza daquele tempo de vida nua aqui analisado, diferenciavam-se das representações de masculinidade hegemônica dos machos viris, aqui tomados enquanto construção social e não como essência biológica. A própria palavra macho indica um viés de natureza, animalidade, rusticidade, como se fosse algo intrínseco ao sujeito e não moldado socialmente. Guacira Louro, relendo Judith Butler, lembra que a “[...] afirmação ‘é um menino’ ou ‘é uma menina’ inaugura um processo de masculinização ou de feminilização com o qual o sujeito se

²²² Editorial, *Rose*, Curitiba, n. 61, 1982, p. 3.

compromete”.²²³ Boa parte dos modelos eram jovens, não somente na aparência, o que sinaliza que estavam tornando-se homens, estes compreendidos como adultos, maduros. Eles estavam no processo de tornar-se, o que pode justificar parte das críticas como a de que alguns seriam virgens, ou o pedido de ver rapazes com mais de 30 anos.

Parte desses apontamentos nos faz recordar das relações simbólicas e de opressão dos homens para com outros homens, conforme destaca Welzer-Lang.²²⁴ A masculinidade lida nos corpos dos modelos predominantemente veiculados na revista *Rose* não era igual àquela dos “homens de verdade”, “machos”, reproduzida no imaginário social como objeto de desejo da masculinidade hegemônica. Ela estava sendo subalternizada mediante as críticas por não corresponder ao modelo de masculinidade utópico esperado.

A explicação de Baubérot sobre a aquisição da virilidade é coerente:

[...] a virilidade é antes de tudo um atributo do homem maduro, esposo, pai e chefe de família. Tal afirmação é quase uma obviedade se nos atemos ao sentido etimológico da palavra. No entanto, ela nos recorda proveitosamente que o jovem macho só é considerado viril quando sua entrada na comunidade dos homens adultos tiver sido preparada por diversas etapas e validada por diferentes ritos. Definitivamente, se o menino se torna homem, é porque, à medida que se realiza o lento trabalho de maturação biológica, as instituições que participam de sua socialização encarregam-se de transmitir-lhe o hábito viril, isto é, o conjunto de disposições físicas e psíquicas que lhe permitirão desempenhar seu papel de homem uma vez chegada a maturidade.²²⁵

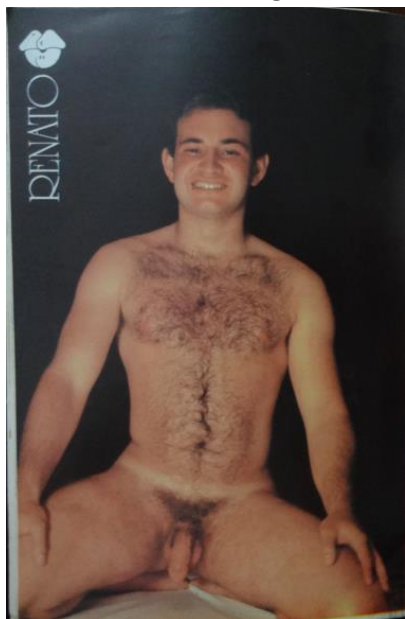
²²³ LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 3 ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 15 – grifo da autora.

²²⁴ WELZER-LANG, 2001, p. 462.

²²⁵ BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: COURTINE Jean-Jacques (Dir.). **História da virilidade**: a virilidade está em crise? Séculos XX-XXI. Tradução de Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 189-220. p. 191.

As imagens nos possibilitam observar e comparar o ideal de virilidade encarnada nos corpos fabricados como esteticamente belos, assim como a ausência dela. Um porte físico grande, com barba e pelos, aproximava-se mais da masculinidade compartilhada do que corpos magros, lidos como frágeis, lisos e desprovidos de pelos. Dois exemplos de modelos da época em que a revista *Rose* já se direcionava ao público homossexual podem sinalizar essa oposição:

Figura 22 – Biotipo e Virilidade



Fonte: *Rose*, n. 60, 1982, p. 20.



Fonte: *Rose*, n. 62, 1982, p. 26.

É curioso observar que o biotipo físico longilíneo estava sendo enaltecido, mas, assim como a ausência de virilidade foi questionada, o excesso dela também era visto com suspeição. No jornal *Lampião da Esquina*, em 1979, foi publicado um artigo condensado originalmente divulgado na imprensa norte-americana. No texto ironiza-se o sujeito gay-macho cuja característica principal era a virilidade traduzida a partir da conquista de força física, de músculos, de uma forma glamourizada que

incorporava a masculinidade hegemônica, comportando-se de maneira discreta, crendo nessa estética como atrativa, mas adotando um papel social estático cujo extravasar ocorria somente na cama.²²⁶ Isso estava sendo visto como um flerte com o machismo e com a misoginia, coadunando com os opressores.

Nesse momento a estética do nu masculino construída e divulgada no jornal *Lampião da Esquina* – apesar do discurso de não fazer parte da proposta do jornal²²⁷ – aproximava-se do biotipo veiculado na revista *Rose*, como pode ser analisado nos anúncios publicitários²²⁸ – que, possivelmente, visavam ampliar as vendas do próprio periódico – e na seção “Bofarada”.

3.2 SUJEITOS QUE DESEJAM: OS GAYS E O ANÚNCIO DE SI NAS PÁGINAS DA REVISTA *ROSE*

Após analisar o biotipo de uma dada estética masculina construída como objeto de desejo no tempo de vida nua – vestido na revista *Veja* e despido na revista *Rose* – estarão em tela as características dos sujeitos com desejos homoeróticos que anunciavam a si na imprensa para conquistar parceiros. O espaço interno da revista *Rose* que permite essa análise é a seção “Encontro”. Nela, leitores e leitoras podiam enviar cartas anunciando, de forma resumida, seus desejos afetivo-sexuais, os quais seriam posteriormente publicados na seção. Qualquer pessoa podia ter seu anúncio publicado, mas, para isso, deveria enviar uma carta dentro das seguintes recomendações: letra legível, assinada, com nome e endereço completo. A carta devia ser enviada para o endereço postal indicado, registrando a seção para qual se destinava. O nome “Encontro” já sugere a finalidade daquele espaço, em cuja diagramação havia um coração em que a face de duas pessoas aparecia trocando afagos, ao que parece, uma moça e um rapaz, aludindo à cisheteronormatividade.

²²⁶ KLEINBERG, Seymour. Gay-Macho: uma nova tragédia americana? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 8, jan. 1979, p. 8-9.

²²⁷ HOMENS, Nus. *Lampião*, Rio de Janeiro, n. 0, p. 14, abr. 1978.

²²⁸ Alguns exemplos: Publicidade. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 19, set. 1979; Publicidade. *Lampião da Esquina*, n. 19, dez. 1979; Publicidade. *Lampião da Esquina*, n. 20, jan. 1980.

Nas primeiras edições da revista apareceram, entre os anúncios, distintos desenhos. Parte deles podia sensibilizar o público leitor e transmitir um romantismo que, emocionalmente, somava-se aos objetivos da seção. Alguns eram mais eróticos, indo ao encontro dos desejos de parcela dos autores e autoras, que, possivelmente, prospectavam momentos de prazer, dentre os quais o sexual. Possivelmente tratava-se de uma estratégia usada quando não havia cartas suficientes para completar as páginas da seção. Essa modalidade de anúncio na imprensa era uma forma de estreitar as distâncias espaciais e buscar conhecer outras pessoas, pois, circulando por todo o Brasil, o anúncio chegava às mãos de possíveis pretendentes, fosse para amizade ou para eventual relacionamento romântico. Essas ilustrações parecem ter estado presentes até por volta da décima quinta edição da revista, com raras aparições posteriores, pois, a partir daí, a seção passou a dispor de mais anúncios.

Localizada nas últimas páginas da revista, a seção não se limitou a reportar anúncios alinhados à heteronormatividade. Um subtítulo indicava: *Gay Corner*. Podendo ser traduzido como “canto gay” ou “esquina gay”, era um espaço subsequente aos demais anúncios, localizado na segunda página²²⁹ dessa seção, mais à margem, e publicava mensagens de pessoas com desejos homoeróticos.

Se antes a *Gay Corner* ocupava apenas a última coluna, já na edição de número 16, passou a ocupar duas colunas. Isso sugere o aumento do interesse de pessoas homossexuais em escrever o espaço no período, e, devido à demanda – ou até mesmo por essas pessoas serem assíduas consumidoras da revista – mais espaço lhes foi destinado. Como se tratava de uma revista que veiculava nus masculinos, o público homossexual também adquiria tais produtos. Outra hipótese para esse direcionamento é que, em decorrência da própria construção social das masculinidades, comprar e/ou portar uma revista com fotos de homens nus podia levantar suspeitas sobre a virilidade desses rapazes. Ao mesmo tempo, as mulheres também podiam estar reféns dessa violência simbólica, haja vista a possibilidade de serem “faladas” caso mostrassem

²²⁹ Nem todas as edições da revista *Rose* apresentaram a seção “Encontro” em duas laudas. Em algumas foi apenas em uma, embora as laudas da seção seja, na maioria dos casos, plurais.

portar tais tipos de leitura ou enviassem cartas com seus nomes e endereços.

Algumas dessas seções continham apenas uma página, mas o espaço destinado aos homossexuais estava presente. Na edição de número 32, uma nota informativa antecedeu os anúncios: “A publicação é gratuita. Caso deseje ver seu anúncio em destaque (cercado), envie cheque de Cr \$ 500,00 em nome da Grafipar – Gráfica e Editora Ltda., juntamente com o texto do anúncio”. Ao que parece, desde o início das publicações o espaço era gratuito, tendo passado a ser cobrado somente para aquelas pessoas que desejavam anúncios mais chamativos que os demais, atraindo a atenção do público leitor.

Na edição seguinte, um box trouxe novas informações e exigências para publicar os anúncios:

Os anúncios para esta seção deverão trazer, além do pseudônimo para publicação, nome completo e endereço, autorização e cópia autenticada da Carteira de Identidade do interessado. A documentação será mantida em nossos arquivos, sob sigilo, sendo que da publicação só constará o pseudônimo fornecido pelo anunciante.²³⁰

Na referida edição foi informada a segurança do anonimato dos nomes das pessoas, se assim o desejassem, publicando apenas um pseudônimo da autoria do anúncio, contudo, a veracidade deveria ser sinalizada mediante a autenticação da cópia da Carteira de Identidade enviada à editora Grafipar e a autorização para publicação, informando seu nome de registro civil e endereço. É preciso destacar que a autenticação foi uma exigência enfatizada na revista especialmente para quem quisesse publicar na seção de anúncios gays.²³¹ Já na edição de número 50, foi informado que não havia necessidade de autenticar os documentos para publicar no espaço.²³² É possível que esta regra tenha sido pensada para evitar fraudes que poderiam causar problemas à revista,

²³⁰ Seção Encontro, **Rose**, Curitiba, n. 33, 1980, p. 37.

²³¹ Cartas à redação, **Rose**, Curitiba, n. 43, 1981, p. 38.

²³² Cartas à redação, **Rose**, n. 50, 1981, p. 42.

no entanto, o direcionamento da regra apenas para os anúncios gays é uma sutil forma de discriminação.

Para analisar as características dos gays no tempo de vida nua e a forma como anunciaram a si mesmos na revista *Rose*, descrevendo-se e nomeando-se, será realizada uma investigação na seção “Encontro” do ano de 1981, dado que, naquele ano, a seção foi dividida e os anúncios que antes apareciam no *Gay Corner* passam a fazer parte de uma nova divisão: o “Encontro Gay”, que ganhou maior espaço na seção. Deve-se destacar que anúncios de outras pessoas continuaram a aparecer e antecediam os anúncios gays na organização interna da revista.

A partir da tabela mensal e anual na qual as edições da revista *Rose* foram divididas²³³, analisou-se 23 edições: do número 35 até a edição 58.²³⁴ Destas, 274 cartas escritas por sujeitos que desejavam relações homoeróticas, assumidos ou tidos como homossexuais foram encontradas, selecionadas e lidas.²³⁵ A partir disso, alguns elementos apareciam reiteradamente, tendo sido usados para selecionar as unidades de registro da análise de conteúdo que iria compor esse *corpus* documental. Foram catalogadas as seguintes unidades: idade, cor da pele, altura, peso, cor dos olhos, do cabelo e os respectivos estados onde residiam, cuja contagem deu-se segundo a frequência simples. Outras duas unidades de registro: identificação e características de quem deseja, que reuniu os termos usados e a autodeclaração desses autores, também quantificada segundo a mesma frequência, agrupada em categorias.

Os sujeitos que tiveram a idade informada nos anúncios de encontro computaram mais de 65% da totalidade. A distribuição etária registrada na publicação pode ser observada na tabela a seguir:

²³³ LOPES, 2011, p. 15. Uma divergência foi constatada na classificação proposta pelo autor, pois as edições de número 35 e 36, identificadas pelo autor no mês de janeiro do ano de 1981, fizeram parte do ano de 1980, conforme sinalizado nas capas. Contudo, essa observação foi percebida posteriormente a análise e os dados já contabilizados conforme a tabela proposta por Lopes. O recorte no ano de 1981 foi feito para analisar com mais profundidade as fontes, de modo que a ausência ou inclusão de poucas edições não muda o fato de que o objetivo era captar o biotipo físico fabricado como atrativo na época e a forma com que os gays agenciavam seus prazeres e objetos de desejo nesse cenário.

²³⁴ A edição de número 49 não foi obtida e, por essa razão, não foi contabilizada e não fez parte da análise.

²³⁵ Anúncios escritos por lésbicas também foram veiculados, tendo sido encontrados nove nas fontes analisadas.

Tabela 3 – Distribuição etária dos gays (*Rose*, 1981)

| Idade | Quantidade²³⁶ |
|--------------|---------------------------------|
| 18 a 20 anos | 29 |
| 21 a 25 anos | 61 |
| 26 a 30 anos | 59 |
| 31 a 35 anos | 17 |
| 36 a 40 anos | 9 |
| 41 a 45 anos | 1 |
| 46 a 50 anos | 2 |
| 51 a 55 anos | 1 |
| Total | 179 |

Fonte: Revista *Rose*. Elaborado pelo autor.

A tabela indica que a maior parte dos gays que escreveram cartas anunciando-se ou anunciando seus desejos foi composta majoritariamente por pessoas jovens, entre 18 e 30 anos. Deste grupo, o que obteve maior representatividade esteve na faixa etária de 21 a 25 anos. O perfil é semelhante aos modelos que eram mostrados na revista, também jovens. Pessoas de mais idade enviaram anúncios, embora o número tenha sido bem menor.

Além da idade, outras características costumavam ser ditas para tentar conquistar pretendentes, como a cor da pele, dos olhos, do cabelo, a altura e até mesmo o peso. Profissão, interesses e preferência sexual também foram destacadas por alguns. Esses atributos indicam a forma como esses gays estavam elaborando suas descrições, construindo-se enquanto sujeitos do desejo, expondo-se na “vitrine” narrativa para serem escolhidos. Estavam buscando pessoas, mas acabavam sendo os escolhidos ao receberem ou não uma devolutiva.

Deve-se destacar que essa era outra modalidade de flerte, distinta daquela que era realizada trocando olhares nas ruas e/ou espaços de pegação, como na pesquisa de Perlongher.²³⁷ Aquela tornava visível os sujeitos e seus interesses no espaço público, podendo acarretar distintas retaliações sociais e familiares devido a preconceitos, dada a

²³⁶ Observação: em uma carta foi mencionada a idade de três rapazes. Dois deles estavam na faixa de 26 a 30 anos, então foi contabilizada a carta nesse grupo. Outra carta dizia a idade entre 40 e 50 anos. Optou-se por colocá-la no grupo de 46 a 50 anos.

²³⁷ PERLONGHER, 1987.

possibilidade de ser visto por alguma pessoa, o que fazia desta uma forma mais marginalizada. Para quem desejasse omitir ou até mesmo negar seus desejos homoeróticos, aquela modalidade era mais arriscada.

Anunciar a si através da imprensa pode, à primeira vista, parecer menos sigiloso, mas havia a possibilidade de mudar o nome, fornecer as informações que desejasse e, na medida em que fossem trocadas as correspondências, construir intimidade. O veículo de imprensa usado, a revista *Rose*, não era direcionado ao público geral, logo, somente consumidores específicos interessados teriam contato com esses escritos. Era uma possibilidade de manter o anonimato, aos que assim preferissem, e buscar outras formas de encontro presencial em espaços mais privados e/ou que assegurassem as benesses do prazer e maior isenção de estigmas sexuais.

Nota-se que a noção de agência é fundamental para compreender as ações desses rapazes, entendida como “[...] a forma como sujeitos negociam seus desejos com as normas e convenções morais em voga, portanto como algo situacional e dinâmico que pode preceder a ação e envolve, inclusive, a construção social do desejo”.²³⁸ Eram possibilidades de experimentar seus prazeres afetivo-sexuais à margem do desejo heteronormatizado.

A cor da pele também foi um dado que apareceu em boa parte dos anúncios publicados. Do total de 274 cartas, 139 não mencionaram essa informação, ao passo que 135 citaram. O padrão de beleza é racializado porque a estética fabricada como desejável e atrativa privilegia determinadas características em detrimento de outras. O tom de pele claro é valorizado socialmente e confere privilégios sociais aos seus detentores, mas a pele alva ocupa o topo desse patamar somente a partir da alteração fenotípica, ou seja, a pele branca bronzeada estava sendo valorizada nos pôsteres da revista. O fato de alguns terem utilizado essa informação para compor a sua representação narrativa sugere a importância de atentar às suas autonomações. A tabela a seguir indica os termos e a quantidade de vezes com que foram acionados:

²³⁸ MISKOLCI, 2017. p. 27.

Tabela 4 – Autodefinição da cor da pele (*Rose*, 1981)

| Tom de pele | Quantidade |
|---|-------------------|
| Branco/Alvo/Claro | 32 |
| Bronzeado/Caramelado/Dourado/Queimado de sol/Branco bronzeado | 7 |
| Moreno claro | 69 |
| Moreno | 23 |
| Escurinho | 1 |
| Moreno jambo | 1 |
| Mulato | 1 |
| Negro | 1 |
| Total | 135 |

Fonte: Revista *Rose*. Elaborado pelo autor.

As expressões usadas nos anúncios foram coletadas, separadas e agrupadas de acordo com a similaridade. Foi optado pela manutenção dos termos publicados para pensar a própria forma de abordar o tema e de referenciá-lo para que o público leitor entenda sua descrição a partir dessas expressões. Ao destacar esse componente, os rapazes podiam aumentar as chances de atrair interessados ou, ao contrário, de serem rejeitados. Um homem negro anunciar que está procurando um relacionamento não tem as mesmas chances que um homem branco, nem no trabalho, nem no amor. Isso ocorre porque o lastro cultural que discrimina tais pessoas costuma ser reproduzido, consciente e inconscientemente. Estar com um homem e estar com um homem negro são duas situações distintas e, se ambas eram discriminadas na época para homossexuais, além da soma de opressões deve-se, nesse segundo caso, refletir sobre as hierarquizações e intolerâncias mesmo no interior desse grupo estigmatizado. Isso mostra que o olhar interseccional se faz necessário para melhor compreender a agência dos sujeitos em meio às estruturas sociais.

A maior parte dos sujeitos que referiu à cor da pele poderia ser agrupada na categoria brancos, embora parte deles tenha dito estar bronzeado ou ser morenos-claro. O número que sinalizou outros tons de pele foi menor, sendo que somente um deles disse ser negro. Será que no ano de 1981 somente um sujeito negro com interesses homoeróticos chegou a anunciar a si na seção da revista *Rose*? Possivelmente não, o que nos leva a fazer mais uma pergunta: Dizer-se negro naquele momento

seria benéfico ou não na conquista de uma paixão, de um relacionamento? É possível aventar a hipótese de que o empoderamento pessoal em relação à origem étnico-racial ainda estivesse em construção, pois fazia três anos que havia sido fundado o Movimento Negro Unificado no Brasil, além da necessidade de maiores reflexões e difusão de ideias críticas a respeito das questões que envolvem a racialização na sociedade.

Da mesma forma, a questão de classe poderia interferir na aquisição da revista devido aos entraves para poder comprá-la e/ou saber que existia uma revista com uma proposta de veicular nus masculinos e que fosse do interesse dos sujeitos. Outro exemplo de como os cruzamentos interseccionais podem atuar como limitadores sociais e ser potencializados quando sobrepostos à questão étnico-racial. Além disso, é possível supor que outras estratégias de sociabilidade fossem usadas por parte dessas pessoas para agenciar seus desejos homoeróticos.

A maior parte dos sujeitos não tornou explícita a cor da pele, mas é possível pressupor que a não classificação sinalizasse o universal, que, nesse caso, seria a pele alva. Essas questões ampliam a dimensão de leituras acerca do uso de tal informação nas descrições para se pensar a época, mas deve-se ponderar a ressalva de que a maneira como as pessoas se veem pode não ser a mesma forma como as outras a veem. Dito de outra maneira, é possível que algumas pessoas não fossem percebidas conforme a representação de si fabricada nos anúncios por elas mesmas ou pela equipe da revista, construindo um “eu” idealizado. A maneira como nós nos representamos pode não ser a mesma representação que as outras pessoas têm de nós.

Os sujeitos que desejavam anunciar na seção “Encontro” enviavam a carta junto de alguns documentos, mas não é possível saber se tais cartas eram publicadas tal qual recebidas pela editoria. Além dessa questão, é possível que os próprios autores dos anúncios inventassem alguma informação para descrever-se. A identidade solicitada não autenticava a veracidade de todas as informações contidas na carta, somente a suposta certeza de ter sido aquela pessoa quem a enviou, contudo, o envio poderia ter sido por outra pessoa, há margens de manobra. Uma fotografia acompanhava o xerox do documento oficial pedido, mas a foto poderia ser antiga e o sujeito poderia ter mudado. Isso

tudo sugere que algumas preocupações por parte da equipe que produzia a revista, especialmente a referida seção, eram parcialmente sanadas, ficando o restante das descrições a serem constatadas ou não por parte de pessoas interessadas.

Em se tratando de um flerte objetivando uma conquista amorosa e/ou sexual, é possível que dados tenham sido preenchidos visando promover o sujeito, torná-lo mais interessante, atraente. Por outro lado, não é possível precisar o que foi ou não alterado, e nem é central para a pesquisa sabê-lo, mas, sim, considerar essas possibilidades e analisar a fabricação desses sujeitos, corpos, gênero, masculinidades e feminilidades por meio dos anúncios supostamente verídicos.

Editada na capital do estado do Paraná, Curitiba, portanto fora do eixo Rio-São Paulo, que concentrava a maior produção da imprensa no país, a revista *Rose* tinha circulação nacional. Esses sujeitos que prospectavam um romance homoerótico faziam parte de todas as regiões do país, e até mesmo do exterior, segundo os endereços informados nas cartas anunciadas. A veracidade de todos esses dados deve ser ponderada, pois podia haver verdades, mas também distorções feitas pelos próprios anunciantes das cartas ou por pessoas da revista. Dois sujeitos deram como endereço suas residências na Alemanha e na Argentina. Isso sugere tratar-se de possíveis imigrantes de passagem pelo Brasil, de sujeitos buscando promover-se com informações inventadas ou mesmo de profissionais da revista visando sinalizar que a circularidade do periódico podia contatar até mesmo pessoas do exterior para eventuais encontros.

Considerando essas possíveis contradições, a tabela a seguir informa a representatividade por região citada nas fontes:

Tabela 5 – Mapeamento das regiões (*Rose*, 1981)

| Endereço | Quantidade |
|------------------------|-------------------|
| Sudeste | 192 |
| Sul | 29 |
| Nordeste | 29 |
| Centro-Oeste | 19 |
| Norte | 3 |
| Internacional | 2 |
| Total de cartas | 274 |

Fonte: Revista *Rose*. Elaborado pelo autor.

A região do país que mais constou como local de residência nas cartas dos sujeitos afim de relacionamentos homoeróticos foi a sudeste. O circuito de sociabilidade gay no Brasil se concentrou de forma mais específica na cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro, conforme as pesquisas já realizadas indicaram. Outras cidades também foram espaços onde histórias homoeróticas foram protagonizadas, apesar de tal fato demandar maiores investigações, sobretudo para compreender a maneira como essas pessoas agenciavam seus desejos e práticas, o redonda em um melhor entendimento do cenário nacional. O aumento populacional nas cidades era decorrente de diferentes fatores: melhores oportunidades, busca por trabalhos, além do anonimato citadino e da possibilidade de viver e experienciar desejos e prazeres homoeróticos em capitais de grande porte.

Outras cidades no país também atraíram pessoas diante das possibilidades que podiam oferecer. Deve-se destacar que, na década de 1980, a demografia urbana compunha mais de 67% da população do país²³⁹, retrato do desenvolvimento econômico no setor industrial e de serviços. As regiões sul e nordeste obtiveram o mesmo percentual nos anúncios de encontros, posteriormente seguidas pela centro-oeste e, por fim, a região norte foi a menos expressiva. Esse dado pode estar relacionado, além de outros possíveis fatores, ao preço acrescido ao valor de mercado da revista quando comercializada em locais mais distantes, bem como a possível dificuldade de encontrá-la nas bancas.

Além das características físicas que apareceram noticiadas, alguns sujeitos definiram-se informando outros aspectos. Estes, por sua vez, foram registrados e quantificados, mas não se limitaram ao número de anúncios publicados, pois alguns usaram somente as informações recorrentes, outros descreveram apenas o tipo de pessoas nas quais tinham interesse. No entanto, a pesquisa também registrou aqueles que usaram outras expressões para construir sua representação de si a partir do anúncio. Um agrupamento pôde ser reunido na categoria “profissão/escolarização”.

²³⁹ MINAYO, Maria Cecília (Org.). **Os muitos Brasis**: saúde e população na década de 1980. São Paulo e Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1995 apud PARKER, 2002, p. 152.

Tais menções, tomadas como um dado, podem significar que os sujeitos estavam buscando maiores oportunidades de relacionamento, e depreende-se que tal informação poderia conferir um maior prestígio social, distanciando-se de representações que construíram a imagem dos gays como pessoas marginais, ligadas ao perigo, à noite e a atividades estigmatizadas. Possivelmente tratava-se de uma forma de sinalizar que tinham uma profissão respeitada, uma boa formação, alguém que valia a pena conhecer.

A afirmação que obteve maior quantidade de ocorrências foi o nível universitário de escolarização. As pessoas disseram que estavam cursando universidade, 26 sujeitos, e talvez o fizeram para obter um status social avantajado. Além destes, outros 15 citaram já ter ensino superior.²⁴⁰ Há ainda os casos nos quais os anunciantes disseram sua escolarização em nível superior a partir de suas formações como engenheiro, contador, administrador, professor de francês, jornalista, advogado, profissional liberal, dentre outras. São acrescentadas, ademais, dos casos em que há declaração de ser estudante de determinada área: psicologia, engenharia mecânica, administração, teatro, dentre outras.

A maior parte das profissões que foram destacadas pelos rapazes costuma ser vista como masculina, contradizendo a representação do homossexual como invertido, aquele que se identifica com a feminilidade e/ou que desejava ser uma mulher. Isso não significa que todos os anunciantes se identificavam apenas com tais profissões, mas que, para pessoas que nasciam com um pênis e eram chamadas socialmente de homens, eram direcionadas determinadas tarefas, expectativas e formas de ser com base naquilo que Butler chamou de performatividade de gênero.²⁴¹ Por isso a agência desses sujeitos nessas escolhas se deu a partir de negociações subjetivas considerando aquilo que estava disponível, processo semelhante à construção das próprias expressões performativas de gênero.

A independência financeira também foi usada como elemento em destaque para compor a representação de si na narrativa dos anúncios.

²⁴⁰ Usaram expressões como: nível superior, curso superior, instrução superior, nível universitário, formação universitária.

²⁴¹ BUTLER, 2017.

Com distintas expressões²⁴² nove sujeitos definiram sua situação, agregando um capital social à sua representação. Em outros casos, foi enfatizado o *capital cultural*, com menções à boa formação moral e familiar que disseram ter tido. Em todo caso, aspectos que costumam ser valorizados na sociedade.

Outro conjunto de descrições foi agrupado na categoria “características pessoais”. Nesta, os sujeitos citaram descrições próprias: 17 deles disseram ser jovens, possivelmente omitindo a idade; alguns destacaram possuir “barba e bigode”, ser “barbudo”, ter “barba” ou, mais especificamente, “barba vermelha”. Parte fez questão de destacar sua aparência, dizendo ter “boa aparência” e/ou descrevendo-se como “bonito”, “enxuto”, “manequim”. Especificações mais eróticas também ganharam destaque como: “gostoso”, “gostosão”, “corpo gostoso”, “corpo proporcional”, “bem dotado”, “tarado por homens bonitos”, “com pênis bem comprido”, “traseiro de bom gosto”, “peludo”, “sensual”, “musculoso”, apesar de pouco recorrentes.

Alguns nomearam-se pelo gentílico como: paulista, carioca, catarinense, gaúcho, dentre outros, de certo modo reiterando uma informação que já constava na sequência do anúncio. Parte desses sujeitos demonstraram crer na astrologia e citaram seus signos. Esse componente faz parte de um entendimento partilhado de que o signo traduz características das pessoas, atributos e defeitos, sugerindo ser um fator seletivo nas relações amorosas. O estado civil também foi registrado: três sujeitos disseram ser casados, ou seja, inseridos num relacionamento heterossexual formalizado legalmente, mas desejantes de relações homoeróticas. Assume-se a possibilidade de anunciar-se um homem casado atrair também fantasias sexuais de, supostamente, estar com um “homem de verdade” que flerta com outros rapazes. Um anunciante disse ser desquitado, outro divorciado e cinco relataram-se como solteiros. Isso não significa que somente esse percentual fosse constatado, mas foram aqueles que fizeram questão de pontuar tais informações nos anúncios, o que eventualmente pode ter sido proposital com o objetivo de conquistar pretendentes.

²⁴² Algumas das expressões usadas foram: “bom nível socioeconômico [sic]”, “boa posição socioeconômica[sic]”, “boa situação financeira”, “bom nível social”.

Sentimentos e atributos igualmente foram enfatizados, tendo sido organizados aqui de forma decrescente do maior percentual de ocorrências: a palavra “solitário” apareceu dez vezes; “carinhoso” seis; “atraente”, “romântico” e “simpático”, quatro vezes; “amigo”, “culto”, “inteligente”, “sincero” e “mente aberta” tiveram três menções cada; “sem preconceito”, “muito sacana e vivido”, “meigo”, “descontraído”, “preciso amar e ser amado” e “triste”, duas ocorrências; finalmente, “sensível”, “charmoso”, “acredito no amor”, “estou só e preciso de alguém”, “excêntrico”, “ardente”, “bastante versátil”, “alegre”, “superdelicado”, “leal”, “sensual”, “mente feminina”, “liberal” e “sou muito feliz” tiveram uma menção cada.

As palavras usadas certamente pretendem traduzir os sentimentos experienciados por parte desses sujeitos. Boa parte delas sinalizou a solidão, o desejo de estar com alguém que lhes fizesse feliz e a crença no amor romântico. Isso pode sugerir uma infelicidade pelos entraves na construção de uma relação afetiva devido às interdições sociais aos prazeres homoeróticos. Por outro lado, ninguém é feliz o tempo todo, ou seja, é possível que os sujeitos que anunciaram na seção estivessem querendo atrair a atenção aos descreverem-se desta maneira, quem sabe visando despertar a compaixão de leitores, componentes que podem ser usados também para analisar o imaginário, as emoções, as formas de afetar e de ser afetado.

Os sujeitos que desejavam um relacionamento homoerótico na seção “Encontro” da revista *Rose*, sobretudo no ano de 1981, definiram-se de diferentes formas. Aqueles que utilizaram alguma expressão referindo-se a si possibilitam à pesquisa observar os termos que estavam sendo usados na época, suas ocorrências, bem como os papéis sexuais que preferiam desempenhar. Esse dado costumava ser importante e distinguiu as *bichas* dos *bofes*.²⁴³ Popularmente esse entendimento se difundiu, porém, outras maneiras de se identificar estavam sendo difundidas e utilizadas, como *entendidos*²⁴⁴ e gays.

Tais nomeações parecem distinguir-se da compreensão anterior devido ao fato de que, na primeira, somente as *bichas* eram consideradas

²⁴³ FRY, 1982.

²⁴⁴ Sobre os *entendidos* ver a pesquisa de GUIMARÃES, 2004.

homossexuais. Os sujeitos que se definiam e/ou eram reconhecidos como *entendidos* ou *gays* diferenciavam-se devido à sua reprodução de um comportamento alinhado àquilo que era esperado de sujeitos tidos por masculinos. Identificavam-se com as masculinidades e tendiam a não subverter a estruturação cisheteronormativa. Nesse sistema, os supostos papéis sexuais aparentemente não se tornavam “explícitos”, mas como já pontuaram Fry e MacRae, essa sorte de “papéis” não pode ser tida como estática ou unívoca.²⁴⁵

Independente da palavra usada e sobre a qual é construída uma identidade coletiva, essas pessoas deveriam ser de uma determinada forma, ou seja, há a captura do sujeito em torno de um território imaginado e materializado que possui fronteiras e limites. Ele é sujeitoado, disciplinado, mas é construído também ao longo desse processo. Existem inter-relações entre o moldar-se, ser moldado e o permitir, desejar moldar-se. O sujeito é efeito, mas também agente, e a noção de pertencimento é basilar nesse processo. Contudo, a sociedade costuma adotar um referente sobre o que é um homossexual, *gay* ou *bicha*. É construída uma explicação, um verbete que diga essa pessoa “é” isto e não aquilo. A representação desse sujeito que se sobressai se dá no interior de relações de poder constantes que o fabricam, a imagem que passará a ser o referencial da identidade.

Um exemplo disso pode ser encontrado no jornal *Lampião da Esquina*. Ronielyssom Pereira discute o uso de algumas palavras usadas por parte dos editores do jornal, como *bicha*, e também as divergências entre eles e o público leitor sobre como uma *bicha* deveria ser, se deveria comportar-se de modo mais masculino, efeminado ou andrógino. Alguns editores defendiam a ideia de um “homossexual militante e consciente”, vendo na efeminação uma artificialidade, outros defendiam o esvaziamento pejorativo da palavra, ressignificando-a, há ainda aqueles que nem a usavam.²⁴⁶ Além disso, o autor cita exemplos de personalidades efeminadas, como Clodovil Hernandes, mas também de Ney Matogrosso que a usava sobretudo enquanto *performance* nos shows. Essas contradições compunham as disputas e tensões na composição

²⁴⁵ FRY; MACRAE, 1985.

²⁴⁶ PEREIRA, 2017, p. 108.

estética e performativa do sujeito *bicha* que estava sendo veiculado num contexto de afirmação homossexual. Qual seria o modelo de *bicha* viável, creditado, e qual seria desqualificado? Tais questões estavam no cerne da problemática na época e permanecem em embate constante.

Parte dos leitores da revista *Rose* que anunciaram a si na seção “Encontro” utilizou o termo “guei” para nomear-se. Trinta e dois deles registraram a expressão aportuguesada e não sua versão estrangeira, usada apenas por um. Na revista tal forma do verbete também foi a majoritariamente veiculada, porém em alguns momentos a outra grafia foi adotada, inclusive nos títulos, a recordar: “*Gay corner*” e depois “Encontro Gay”. Apesar da diferença na escrita, a construção subjetiva era a mesma, compunha-se um novo sujeito que adotava a identidade construída pelo movimento social num contexto global e neoliberal.

A palavra *entendido*, apesar de usada em décadas anteriores, teve seu significado alterado nos anos 1960, quando passou a ser usada por pessoas homossexuais para referir-se a si, como um sinônimo de homossexual,²⁴⁷ dentre outros usos, mas cedeu lugar à identidade gay, que se tornou preponderante. Em 1981 o termo foi acionado por 24 pessoas nos anúncios, número que também é significativo popularmente. Apenas dois anunciantes disseram ser homossexuais, sendo que um deles complementou com a informação de que não era assumido, ou seja, não havia tornado pública sua adesão a essa identidade e comunidade. Apenas quatro registraram o fato de ser assumidos socialmente. Expressões sem uma conotação homoerótica também foram usadas: nove se definiram como rapazes e um, garotão.

Segundo Richard Parker, no início da década de 1980 a maior parte dos seus entrevistados, que integravam as camadas populares, desconhecia o uso da categoria homossexual. O surgimento da epidemia de hiv-aids, conforme o autor, acabou difundindo o uso dessa terminologia, de modo que, no ano de 1989, no Rio de Janeiro, 50% dos homens entrevistados por ele identificaram-se através da palavra homossexual, ao passo que cerca de 33% não responderam ou utilizaram categorias populares como *bicha* ou *viado*.²⁴⁸ Isso significa que no tempo

²⁴⁷ GREEN, 2022, p. 322.

²⁴⁸ PARKER, 2002, p. 68.

de vida nua poucos se reconheciam por meio dessa expressão, que era utilizada especialmente pela área da saúde e de modo formal. No entanto, desde o fim dos anos 1970 havia interpelações para que os sujeitos assumissem essa identidade, orientação sexual, período que Souto Maior Jr. nomeou como “tempo de assumir”.²⁴⁹

A pergunta clichê sobre o papel sexual desempenhado na relação homoerótica foi respondida em alguns anúncios. Um sujeito disse ser ativo, nove disseram-se passivos e quatro, ativos e passivos. O percentual de pessoas que fizeram referência ao papel sexual é baixo considerando o expressivo número dos que não informaram. Existem muitas opções de experienciar os prazeres sexuais que não se limitam à penetração, logo, ser ativo, passivo ou versátil não define os sujeitos. Alguns têm suas preferências sexuais, limitando-se ou sendo limitados por diferentes fatores; já outros são capazes de ajustar-se de acordo com a situação e a pessoa com quem estão.

Boa parte dos que registraram mais informações a seu respeito identificaram-se como “discreto” ou “discretíssimo”, menções encontradas 43 vezes. Ser discreto significava ser um sujeito reservado, que não chamava a atenção para si. Isso quer dizer que eram comportados socialmente, agindo ou aproximando-se da forma como os rapazes deveriam agir segundo as normas de gênero predominantes. Essas características borravam as fronteiras perceptivas que os categorizariam como heterossexuais ou homossexuais. Ao não assumirem publicamente a identidade gay, as subjetividades e o modo de vida que estava sendo construído, essas pessoas tinham a possibilidade de “passar” por heterossexuais em alguns ambientes²⁵⁰. Dessa forma evitariam desqualificações emasculadoras que os inferiorizariam.

²⁴⁹ SOUTO MAIOR JR., 2019.

²⁵⁰ Essa questão envolve as múltiplas possibilidades de ser que levam em conta as expressões performativas de gênero e sua imbricação às percepções de masculinidades e feminilidades encarnadas e performadas pelos sujeitos. Trata-se de um reconhecimento ou nomeação que depende do olhar de outrem. Nesse sentido, alguns sujeitos podem ser vistos como homens, gays, *bichas*, *entendidos*, *viados*, hétero, homo, bissexual, dentre outras tantas possibilidades de “passar por” que vão além da questão sexual e das identidades, tensionadas social, espacial e temporalmente no interior de um regime de visibilidade. Tal entendimento se dá a partir das contribuições de DUQUE, 2013.

Todavia, essa ação era resultado das interpelações de gênero cisheteronormativas tentando moldar esses sujeitos e tentando trazê-los para o modo de vida que era naturalizado socialmente e tido como melhor, aceitável – imposição feita a todas as pessoas. Na época, as existências e vivências que reproduziam esse paradigma, mesmo somente com a alteração das práticas eróticas compulsórias, não eram aceitas no espaço público. A subversão das normas de gênero era um entrave ainda maior, embora houvesse movimentos sociais e formas de ativismo que positivavam os prazeres homoeróticos. Nesse sentido, entende-se que o “[...] ‘passar por’ não é uma opção, mas uma estratégia de sobrevivência em um contexto social hostil”.²⁵¹

A partir do crescimento da visibilidade homossexual na sociedade, na imprensa, assumindo essa identidade e orientação sexual, não vai mais ser apropriado, em meados dos anos 1980, dizer que isto era uma condição patológica. O que houve, então, foi uma resignificação, o que tornou essas existências, vivências e uso dos prazeres homoeróticos algo possível e humanizado, apesar de compreensões dissonantes disputarem o tipo de representação que iria prevalecer. É a partir daí que vai haver uma operação de normatização que fabricou novos sujeitos, mas que conservou algumas das práticas disciplinadoras direcionadas às suas carnes sexuadas.

3.3 SUJEITOS DESEJADOS: OS OBJETOS DO DESEJO HOMOERÓTICO GAY

Na seção anterior, observou-se a forma como alguns sujeitos que desejavam manter relações sexuais e de sociabilidade homoeróticas se definiram, quais elementos abordaram para construir sua autorrepresentação e os componentes de sedução acionados ao anunciar a si na imprensa. Da mesma forma, viu-se como eles descreveram em si características esperadas por parte de quem gostariam de conhecer e com quem desejavam envolver-se. Esses dados ajudam a compreender muitos

²⁵¹ MISKOLSKI, 2017, p. 157 – grifo do autor.

aspectos daquela época, como o perfil dos sujeitos desejados, os atributos esperados e as formas de nomeação utilizadas.

Os termos acionados para identificar os sujeitos objetos do desejo homoerótico foram diversos: o que mais apareceu foi “rapaz” – no singular e no plural, podendo contar com alguma adjetivação –, expressão que costumava ser usada para referir-se a uma pessoa jovem, adolescente. Essa caracterização poderia ser somada aos anúncios que disseram buscar “jovens”, que, juntos, contaram com 88 menções. Outros optaram por escrever um anúncio buscando contato com modelos veiculados na revista *Rose*, que também eram pessoas jovens, o que registrou 35 ocorrências. Assim como as expressões citadas, os termos “garotos” e “garotões”, apesar de poucas aparições, quando presentes sugerem um biotipo jovial e viril. Essa categoria predominou nos anúncios.

Outros sujeitos disseram buscar “homens”, terminologia que pode sugerir a procura por alguém de um pouco mais idade, independente, alguém que já teria passado pela fase de ser um rapaz. A categoria foi mencionada nos anúncios 12 vezes. Além disso, um anunciante disse desejar “gays idosos” e outro usou o termo “senhores”, que parece remeter, além de um perfil específico, a alguém que se situaria numa determinada faixa etária. “Pessoas do mesmo sexo”, “pessoas do sexo masculino” e, também, pessoas específicas foram citadas.

Aventa-se a hipótese de que identificar os sujeitos a partir dessas expressões poderia querer dizer que se estava buscando alguém heterossexual e/ou que tivesse tais características, as quais, embora sejam construídas, historicamente poderiam estar implicadas em um entendimento essencialista como parte de um traço cultural compartilhado socialmente por esses sujeitos. Estavam buscando, em sua maioria, o que – em períodos anteriores, sobretudo – era chamado de *bofe*, “homens verdadeiros”, masculinos. Para um período mais recente, pode-se pensar que fosse uma opção política adotar outras terminologias, tendo em vista que as identidades são construídas e é possível identificar-se ou não com elas. Entretanto, naquele momento os sujeitos eram interpelados a assumirem a identidade homossexual, sendo igualmente sinônimo de uma pessoa diferente das demais.

“Entendidos” foi a palavra que mais apareceu referindo-se a uma identidade singular partilhada por sujeitos com desejos e práticas homoeróticos, sendo registrada 67 vezes, ajustada nos anúncios conforme a coerência semântica da frase e, algumas vezes, complementada por um “ou não”. Nesses poucos casos, poderia ser um *entendido* ou não ser. Outro termo que apareceu 27 vezes foi “guei”, que, assim como a expressão anterior, foi acrescentada por um “ou não”, neste caso somente duas vezes. Isso sugere a possibilidade considerada por parte desses sujeitos que desejavam relações homoeróticas de conquistar algum “igual” ou alguém que não o fosse mas estivesse interessado em contatá-lo.

A palavra *entendido* podia traduzir uma relação igualitária conforme já pontuou Peter Fry, indicando, dessa forma, um sujeito visto como masculino e afim de práticas homoeróticas²⁵², no entanto, lembra Green que alguns membros do jornal *O Snob* utilizavam essa expressão como sinônimo de *bicha* ou *boneca* nos anos 1960.²⁵³ Ou seja, diferentes usos da palavra eram feitos, como indicou Waldomiro, de São Paulo, que gostaria de se corresponder com “gueis e entendidos”.²⁵⁴ Nos anúncios de 1981, os sujeitos que disseram desejar *entendidos* possivelmente estavam fazendo alusão ao biotipo físico masculino, conforme Fry. A palavra *guei* tornou-se popular na segunda metade dos anos 1970 e já era conhecida anteriormente, especialmente nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, contudo, alguns sujeitos a consideravam uma versão moderna da palavra *bicha*²⁵⁵, outros rejeitavam sua grafia inglesa por entender ser uma apropriação do exterior que não traduzia as subculturas homoeróticas brasileiras.

Para além das práticas de atividade e passividade tornadas exclusivas no senso comum – a exemplo da compreensão extensiva da relação heterossexual – alguns sujeitos demonstraram buscar parceiros e parceiras para ampliar as possibilidades de prazer. As menções e suas respectivas quantificações são destacadas: “Moças e rapazes” (4), “ambos

²⁵² FRY, 1982.

²⁵³ GREEN, 2022, p. 439.

²⁵⁴ Seção Encontro, **Rose**, Curitiba, n. 53, 1981, p. 41.

²⁵⁵ GREEN, 2022, p. 439.

os sexos” (3), “homens e mulheres homossexuais” (1), “casais” (1), “e garotas gueis” (1), “mulheres e rapazes gueis, bonitos e discretos para novas experiencias sexuais” (1). Isso sinaliza a versatilidade com que as relações sexuais estavam sendo experienciadas e o desejo de explorar outras possibilidades de prazer, fossem elas de sociabilidade ou de transa. É preciso destacar que anúncios de pessoas bissexuais não apareciam na seção de anúncios gays, mas na página anterior, que a antecedia, junto das demais pessoas tidas como heterossexuais. Ou seja, os anúncios citados no *Gay Corner* ou no “Encontro Gay” eram de pessoas que possivelmente pediam para publicar naquele espaço da revista e/ou que foram selecionadas e publicadas ali pela equipe que estava à frente da revista. Isso pode significar que pessoas homossexuais desejavam ampliar as possibilidades de prazeres sexuais para além do mesmo sexo e de uma pessoa.

Assim como muitos dos que anunciaram a si na seção “Encontro” disseram ser “discretos”, a expressão também apareceu como pré-requisito para os sujeitos desejados. Foi registrada 38 vezes e, assim como pontuado na seção anterior, identifica uma pessoa comportada, não efeminada, que não chama a atenção para si, características que se aproximam da performatividade de gênero²⁵⁶ masculina esperada por parte dos sujeitos que nascem com pênis e/ou que queriam passar por homens socialmente.

A procura por “assumidos” foi pouco citada, aparecendo somente quatro vezes, o que reitera a estruturação cisheteronormativa e a estigmatização das homossexualidades e daqueles que estavam afirmando sua identidade de forma positivada. Não se tratava apenas de gostos singulares, mas de formas de agenciar seus desejos num cenário em que ser discreto e estar com alguém discreto era uma possibilidade de desfrutar dos prazeres homoeróticos evitando discriminações. Empoderar-se assumindo tal identidade demandava ser capaz de enfrentar a sociedade homofóbica, a família, os colegas de trabalho, o que não era algo possível a todos. Além disso, o assumido podia estar sendo associado

²⁵⁶ BUTLER, 2017.

ao sujeito efeminado, logo, não era o perfil que estava majoritariamente sendo procurado.

Outro componente que pode ser somado a esse ideal de masculinidade é a procura por pessoas “com barba e bigode”, citada cinco vezes em anúncios, o que reforça a construção de uma representação viril. O mesmo pode ser sugerido pelo desejo por “ativos”, citado 19 vezes; por “bem-dotados”, duas vezes; “sem frescuras”, uma vez; “extremamente atléticos”, uma vez; “carinhas que tem pouca pinta de guei”, uma vez; “peludos”, uma vez; “militares”, uma vez; “halterofilistas”, duas vezes. Diferentes formas de compor o sujeito de desejo buscado e que traduzem componentes da masculinidade.

O estereótipo popular do homossexual era de um efeminado querendo alguém masculino. Ser identificado como homossexual era ser alvo de discriminação. Estar com alguém assim também traria empecilhos, mesmo se o outro possuísse uma masculinidade “não duvidosa”. Essas barreiras são extensivas da ação da cisheteronormatividade nesses sujeitos afeitos aos prazeres homoeróticos. É um desdobramento dessa opressão imbricada aos efeitos do patriarcado e da misoginia, independente da orientação sexual e/ou do uso dos prazeres. O universo homossexual foi construído por pessoas que eram, ao mesmo tempo, efeitos e agentes desse sistema. Isso poderia ter sido alterado, superado nesse espaço constituído por pessoas homossexuais, também subalternizadas, em prol de uma cultura filógina,²⁵⁷ no entanto, isso não predominou nele, tampouco na sociedade da época.

Por outro lado, somente três anúncios mencionaram o desejo por sujeitos que fossem “passivos”, logo, popularmente lidos como efeminados. Outros 10 informaram que podia ser ativos e/ou passivos. Considerando o total de anúncios, o número dos que não registraram tal requisito foi muito maior, no entanto, isso não significa que não tivessem alguma preferência, mas deixaram aberta essa possibilidade de contatar diversas pessoas e, quiçá, negociar o uso dos prazeres.

A maioria dos sujeitos que teve construída uma representação de si nos anúncios era de pessoas brancas, que desfrutavam dos seus

²⁵⁷ RAGO, 2001.

privilégios na sociedade brasileira, ao passo que o número de pessoas “de cor” foi muito menor. Com relação aos sujeitos desejados, alguns deixaram bem explícitos os seus interesses, como um *entendido* do Realengo, no Rio de Janeiro, que buscava correspondência com “rapaz do sul, solitário, alto, bonito, louro, olhos azuis ou verdes, que qu[isesse] morar no Rio”.²⁵⁸ Outro sujeito, este de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, identificou-se como senhor Geraldo, de 50 anos, comerciante, que desejava contato com “brancos ou morenos-claros” com até 40 anos de idade.²⁵⁹ Seu anúncio estava destacado na seção, indicando que o autor pagou para que chamasse a atenção do público leitor.

Outros solicitaram: “homens morenos, negros ou mulatos”, como o estudante Wanderley, de Belo Horizonte, desde que tivessem entre 18 e 35 anos.²⁶⁰ Também foram coletadas outras menções de sujeitos desejados como: “niseis, morenos, mulatos e negros”, “morenos ou escuros”. Não foram muitas as ocorrências que desejavam especificamente pessoas “de cor”, mas houve anúncios que não se limitaram a essa característica, desejando pessoas de “qualquer idade, raça ou cor”, “loiros ou morenos”, “de cor ou não”.

É histórica a fabricação de biotipos mais desejados, construídos como de grande beleza, atração, charme e que gozavam de um status social privilegiado, atributos extensíveis àqueles que se relacionavam com essas pessoas e que tornavam visível essa associação. Sua difusão e preponderância faz parte das tensões e lutas pela imposição de uma dada representação na sociedade,²⁶¹ no entanto, outras ainda estarão presentes sob um clima de tensão constante que pode modificá-las. O padrão de beleza não é eterno, mas construído e localizado num determinado tempo e espaço. Sua produção se dá a partir de diferentes tecnologias de poder que reiteram, enaltecem e positivam determinadas representações, como a ação da imprensa.

Os sujeitos são racializados. O lastro histórico de discriminação às pessoas “de cor” decorrente do fenótipo exteriorizado, fossem

²⁵⁸ Seção Encontro, **Rose**, Curitiba, n. 39, p. 36.

²⁵⁹ Seção Encontro, **Rose**, Curitiba, n. 52, p. 41.

²⁶⁰ Seção Encontro, **Rose**, Curitiba, n. 38, p. 37.

²⁶¹ CHARTIER, 1991.

autodeclaradas negras ou tendo outra identidade afirmada, porém lidas por outrem como pertencente ao mesmo grupo, estruturou a sociedade. A identidade negra foi construída em meio a processos de subalternização na esfera econômica e política, contudo, a identidade sexual negra tornou-se exaltada traduzindo virilidade e potência a partir de significações corporais decorrentes da ideia de um pênis avantajado.²⁶²

Essa representação que envolve a ideia de potência e desempenho sexual satisfatório é parte de uma cultura falocêntrica que toma o tamanho do órgão sexual como signo de masculinidade, de um “macho”, apropriada por alguns e agenciada de diferentes maneiras. Isso corrobora para a objetificação e o fetiche sexual que reduzem a pessoa a um atributo, esteja ele presente ou pressuposto. Além disso, isso impõe expectativas que podem se tornar uma violência para os sujeitos objetificados na medida em que “precisam” dar conta, corresponder àquilo que é esperado e/ou foi apropriado positivamente. As pessoas são muito mais do que isso e limitá-las a objeto sexual é igualmente uma forma de discriminação racial.

Essa masculinidade viril negra tanto podia ser benéfica quanto uma violência para rapazes heterossexuais. Ou seja, esse discurso podia ser usado a favor dos sujeitos, mas também agir contra eles, objetificando-os. Para aqueles adeptos de práticas homoeróticas, tal entrave podia ser ainda maior, na medida em que se esperava deles o comportamento de um “macho de verdade”, ideal que poderia não ser correspondido. Alguns poderiam ser efeminados, passivos sexuais, para quem as expectativas falocêntricas são violências, o que faz com que componham um grupo estigmatizado no interior do próprio universo homossexual. Isso mostra a existência de hierarquizações e subalternizações até mesmo no interior de um grupo estigmatizado, como o das homossexualidades.

Essa compreensão popular e concupiscente também estava presente nos anos 1980. Entretanto, havia sujeitos que discordavam dela e a maneira como agenciavam seus desejos poderia se dar de outra forma, não apenas vendo pessoas negras e/ou “de cor” como objeto sexual. Alguém que desejavam não somente na cama, mas para a sua vida. Um

²⁶² SILVA JÚNIOR, 2018, p. 194.

fator que influiu na limitação desse desejo eram as imagens construídas na imprensa, sendo que os rapazes tidos como mais belos a estampar os pôsteres da revista *Rose*, por exemplo, em sua maioria eram brancos e bronzeados. Essas representações alimentavam o imaginário do público leitor, que poderia internalizar a estética aí veiculada. Daí os gostos não serem apenas algo subjetivo, exclusivo de cada pessoa, mas construídos em meio a uma estruturação social.²⁶³ A imprensa, através das tecnologias de poder de que faz uso, contribui nesse processo de interiorização de pedagogias e estéticas produzidas e veiculadas, contudo há de se considerar a margem de resistências nessas relações, como alerta Foucault.

A visualidade foi um componente bastante requisitado, pois muitos sujeitos deixaram explícito nos anúncios o desejo por fotos na primeira correspondência, sendo que algumas das expressões coletadas foram: “peço foto”, “mande fotos”, “troco fotos”, “aceito e retribuo fotos”, “enviar foto descontraída”, “pede foto desinibida”, “pede foto de calção”, “peço foto aderindo a nudez [sic]”. Cerca de 80 ocorrências desse tipo foram anotadas a partir das fontes usadas, denotando certa ênfase que poderia sinalizar a necessidade de constatar a veracidade das características desejadas e se o sujeito as correspondia, evitando envolver-se com alguém que estaria inventando informações e brincando com os sentimentos daqueles sujeitos que, de fato, desejavam ir além da troca de correspondências. Era a oportunidade de perceber se havia atração física, pois a exposição de sua intimidade mediante as fotografias trocadas poderia estreitar os laços entre eles, demonstrando o grau de interesse e de confiança construídos para, posteriormente, marcar-se um encontro presencial. Não se pode esquecer do prazer voyeurístico de ver materializado nas carnes sexuadas o corpo fabricado nos anúncios.

Neste capítulo percebeu-se que a revista *Veja* publicou representações de sujeitos masculinos que tinham um biotipo físico em comum, por sua vez semelhante àquele veiculado na revista *Rose*. O desnudamento desses rapazes para analisar e captar o modelo de beleza estética corporal que estava sendo construída como atrativa na época, no

²⁶³ Ver a noção de *habitus* em Bourdieu. Cf. BOURDIEU, 1989.

tempo de vida nua, deu-se mediante essa comparação. As representações imagéticas, mas também narrativas, ali presentes, contribuíram para a fabricação estética de um padrão atrativo corpo-masculinizado construído como objeto de desejo sobre os quais os consumidores desses produtos podiam direcionar seus interesses afetivo-sexuais.

Apropriando-se desse arcabouço cultural mediado pela ação das revistas, os leitores projetavam seus interesses homoeróticos e negociavam a agência de seus prazeres com base naquilo que estava sendo apresentado como atraente, aquilo que estava disponível para consumir e desejar. Ao mesmo tempo, adequavam subjetivamente a representação que tinham de si mesmos, enaltecendo aspectos que podiam ser valorizados socialmente e possibilitar-lhes privilégios nas relações sexuais e amorosas.

Nos anos 1980, no tempo de vida nua, a visibilidade das homossexualidades cresceu na imprensa e na sociedade, sobretudo dos gays, conforme já foi analisado, a partir das representações construídas na revista *Veja*. Neste capítulo, os objetos do desejo homoerótico – e também heterossexual – foram examinados, contribuindo para a compreensão da forma como os gays foram apresentados à sociedade e como seus potenciais objetos de desejo *encorporaram* a masculinidade²⁶⁴, ou melhor, como a masculinidade foi encarnada nesses sujeitos. Essas transformações também incidiam na construção subjetiva e estética dos sujeitos gays, em uma época, reitera-se, em que os homossexuais tinham imposta sobre si uma “vida nua”, desumanizada, integrada socialmente mediante sua própria exclusão.²⁶⁵

²⁶⁴ CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 269.

²⁶⁵ AGAMBEN, 2002.

4. A EPIDEMIA DE AIDS E O GOVERNAMENTO POPULACIONAL: A PRODUÇÃO DE GAYS SAUDÁVEIS E COMPORTADOS

O meu prazer agora é risco de vida.

Cazuza²⁶⁶

A despatologização da homossexualidade ocorreu em 9 de fevereiro de 1985²⁶⁷, e foi resultado de uma intensa campanha liderada pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) desde julho de 1981, mas que traduzia anseios anteriores de militantes homossexuais, bem como de alianças políticas.²⁶⁸ Realizou-se uma mobilização e um abaixo-assinado que contou com o apoio de parcela da sociedade brasileira para que o código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças (CID) que vigorava no Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (INAMPS) fosse revisto. Nele, a homossexualidade era compreendida como “desvio e transtorno mental”, e tratava-se de um manual que especificava doenças e o motivo das consultas médicas.²⁶⁹ Era adotado no Brasil e em muitos países seguindo o que era estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Esse discurso patológico traduzia mais o estigma social em relação à homossexualidade do que uma condição doentia com respaldo científico, pois este entendimento já estava sendo modificado e revisto pelos cientistas da área da saúde e ciências sociais. Em alguns países, como os Estados Unidos, o CID já havia sido alterado. Entretanto, apesar das contradições que tal tema suscitava, tal código permanecia embasando muitas interpretações e discriminações sobre essas pessoas chamadas de homossexuais desde o século XIX.

²⁶⁶ CAZUZA; FREJAT. **Ideologia**. Rio de Janeiro: PolyGram, 1988. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hfsxcebq5Rc>. Acesso em 01 fev. 2023.

²⁶⁷ RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. A despatologização da homossexualidade no Brasil. In: CAETANO, Marcio; RODRIGUES, Alessandro; NASCIMENTO, Cláudio; GOULART, Treyce Ellen. **Quando ousamos existir**: itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI Brasileiro (1978-2018). 1. Ed. Tubarão: Copiart; Rio Grande, RS: FURG, 2018. p. 48-53. p. 51.

²⁶⁸ Sobre o processo de despatologização foram analisados os boletins produzidos pelo GGB e são listados nas fontes.

²⁶⁹ LAURENTI, 1984, p. 345.

Após essa conquista²⁷⁰, que precisa ser entendida também como possível devido ao enfraquecimento da ditadura militar, o discurso patológico não era mais bem visto socialmente, embora o estigma tenha permanecido, já que seu pilar de sustentação não era unicamente o respaldo da área da saúde. Nota-se que não se tratou apenas de um avanço científico, mas, acima de tudo, de uma vitória política, um espaço de disputas e tensões que pôde transformar a realidade dessas pessoas. Ser homossexual não era mais uma doença e o contrário não poderia ser dito, pois não havia nada de anormal em ser assim, em desejar relações afetivo-sexuais homoeróticas consentidas.

Essa mudança se deu num momento em que a epidemia de hiv-aids estava se difundindo pelo mundo e as pessoas homossexuais, sobretudo aquelas lidas como masculinas por ter um pênis, eram culpadas por propagarem este mal. Foram chamadas de “grupo de risco”, expressão tida como depreciativa, sendo, posteriormente, alterada para “comportamento de risco”.²⁷¹

Michel Foucault destacou que, a partir da segunda metade do século XVIII, o exercício do poder por parte dos soberanos se deu sobre o controle da população através do poder biopolítico. O poder – que não pode ser entendido como característica concentrada em uma pessoa ou instituição, mas é relacional e está presente nas inter-relações sociais mediante sua reprodução ou resistência – passou a funcionar de uma forma diferente dos períodos anteriores. Essa tecnologia de poder sobre

²⁷⁰ Sobre o processo que levou a despatologização das homossexualidades, ver os boletins do Grupo Gay da Bahia, desde o número 1, no qual informações a respeito do andamento dessa ação podem ser encontradas. Os boletins que trazem maiores detalhes são: GGB. Boletim do Grupo Gay da Bahia, a. 3, n. 8, jan. 1984. *In*: MOTT, Luiz (Ed.). **Boletim do Grupo Gay da Bahia (1981-2005)**. Salvador: Ed. GGB/Secretaria Estadual de Justiça e Direitos Humanos, 2011. p. 137-154.; GGB. Boletim do Grupo Gay da Bahia, a. 4, n. 10, jan. 1985. *In*: MOTT, Luiz (Ed.). **Boletim do Grupo Gay da Bahia (1981-2005)**. Salvador: Ed. GGB/Secretaria Estadual de Justiça e Direitos Humanos, 2011. p. 170-186.; GGB. Boletim do Grupo Gay da Bahia, a. 5, n. 11, jun. 1985. *In*: MOTT, Luiz (Ed.). **Boletim do Grupo Gay da Bahia (1981-2005)**. Salvador: Ed. GGB/Secretaria Estadual de Justiça e Direitos Humanos, 2011. p. 186-204.; GGB. Boletim do Grupo Gay da Bahia, a. 6, n. 13, out. 1986. *In*: MOTT, Luiz (Ed.). **Boletim do Grupo Gay da Bahia (1981-2005)**. Salvador: Ed. GGB/Secretaria Estadual de Justiça e Direitos Humanos, 2011. p. 219-238.

²⁷¹ ARRAES, Grazielle Regina de Amorim. **Entre o desejo e a culpa: a transformação do comportamento sexual e as mudanças da noção de risco nas campanhas de prevenção à aids no Brasil (1981-2013) e Estados Unidos durante a década de 1980**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. p. 108-109.

os sujeitos se voltará não apenas ao indivíduo através do poder pastoral ou disciplinar, que continuarão a ser reproduzidos e a se ajustar as novas realidades, mas sobretudo a uma coletividade.

Diferente do poder de morte que os soberanos tinham sobre os sujeitos, passou a ser investido um poder maior sobre a vida, não o fazer morrer que ocorria, por exemplo, nos autos de fé e suplícios, mas, a partir do século XVII, um fazer viver e um deixar morrer.²⁷² Muda a lógica do funcionamento do poder por parte dos soberanos e o discurso passa a ser a defesa da vida, um biopoder que, a partir de meados do século XVIII, é chamado por Foucault de biopolítica e voltado a uma população numa sociedade de controle.²⁷³ É nesse tipo de sociedade que haverá a criação de um dispositivo de segurança que garantirá a governamentalidade das pessoas homossexuais, enfatizada nesta pesquisa, e produzirá normatizações e, por conseguinte, novos sujeitos.

Os veículos de imprensa, como as revistas e jornais, vão exercer tecnologias de poder sobre os corpos masculinos, produzindo normatizações e controles biopolíticos populacionais a partir da visibilização e fabricação de determinados biotipos em detrimento de outros. Essa ação produzirá desejos coletivos sobre os corpos robustos, bronzeados, viris, em detrimento daqueles que são magros, minguados. Isso somado aos traços culturais presentes na história do Brasil e as transformações na conjuntura das décadas de 1980 e 1990. É uma forma de governamentalidade não intencional, não custa enfatizar, mas que gestará a população masculina, sobretudo, foco desta análise, bem como modelando subjetividades que criarão novos sujeitos a partir das curvaturas que oscilarão entre os modelos mais favoráveis daqueles desfavoráveis. É a partir disso que o protótipo do biotipo estético do gay padrão vai se tornar cada vez mais aparente na sociedade brasileira.

²⁷² FOUCAULT, 2020, p. 146.

²⁷³ FOUCAULT, 2008.

4.1 A PEDAGOGIA DO MEDO DA MORTE E AS SUBJETIVIDADES HOMOERÓTICAS NA ERA AIDS ATRAVÉS DA REVISTA *VEJA*

Na segunda metade da década de 1980 há uma população homossexual a considerar, que não é de doentes, mas a quem parte da sociedade ainda relutava em oferecer aceitação humanizada. Além disso, esta mesma população que não proliferava a vida, no sentido de relações homoeróticas entre pessoas com a mesma genitália, estava sendo culpabilizada por proliferar um vírus que gerava a morte das pessoas. As mídias disseminaram notícias alarmantes e o pânico que se estabeleceu alterou as vivências de algumas pessoas, sobretudo dos homossexuais. Houve uma espécie de repatologização das sexualidades dissidentes, no dizer de Larissa Pelúcio e Richard Miskolci.²⁷⁴ É preciso compreender esse momento para analisar as transformações nas subjetividades individuais e coletivas e as subdivisões internas que irão surgir como resultado dessa conjuntura no grupo das homossexualidades.

Para compreender esse momento histórico serão usadas publicações coletadas na imprensa, uma das fontes que tem sido utilizadas para analisar a aids em diferentes espacialidades.²⁷⁵ Nesta pesquisa será analisada a revista *Veja* entre 1985 – ou seja, a partir da despatologização da homossexualidade e, o mesmo ano em que a doença passou a ser divulgada de forma mais recorrente na revista – até 1996, quando surgiu o coquetel e a aids deixou de ser considerada uma doença mortal.²⁷⁶ Foram selecionadas as fontes que abordaram o tema da aids e que, direta ou indiretamente, fizeram alusão à homossexualidade. Tal seleção se

²⁷⁴ PELÚCIO, Larissa; MISKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n.1, p. 125-157, 2009.

²⁷⁵ Algumas pesquisas são: SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. **A homossexualidade e a AIDS no imaginário de revistas semanais (1985-1990)**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006; AGUIAR JÚNIOR, Fernando Domingos de. **Imagens da doença, políticas da notícia: cenários e representações da aids na imprensa paraibana (1980)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016; SILVEIRA NETO, Adílio Luiz da. **Nós e o que falavam de nós: subjetividades e discursos jornalísticos – HIV/aids em Criciúma (1986-1996)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

²⁷⁶ TIMERMAN, Artur; MAGALHÃES, Naiara. **Histórias da AIDS**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 118.

justifica porque, como já foi falado na tese, apesar de a doença se alastrar nesse grupo na época, usar todas as fontes que referiam à aids, sem filtrá-las pela menção à homossexualidade, seria reiterar essa espécie de metonímia de que falar de aids era falar das pessoas homossexuais. Além disso, o número de fontes seria ampliado e a intenção é compreender o momento histórico, não realizar uma análise exaustiva sobre a epidemia a partir da revista *Veja*. A seleção das edições da revista deu-se conforme exposto na introdução desta tese, ou seja, a partir do manuseio virtual de todas as edições, folhadas uma a uma.

Tabela 6 – Distribuição das publicações na revista *Veja* (1985-1996)

| Anos | Publicações sobre homossexualidades | Homossexualidades e hiv-aids | hiv-aids |
|--------------|-------------------------------------|------------------------------|----------|
| 1985 | 4 | 25 | 5 |
| 1986 | 11 | 15 | 10 |
| 1987 | 6 | 19 | 21 |
| 1988 | 2 | 24 | 7 |
| 1989 | 2 | 18 | 7 |
| 1990 | 12 | 7 | 3 |
| 1991 | 4 | 5 | 6 |
| 1992 | 5 | 12 | 7 |
| 1993 | 20 | 9 | 13 |
| 1994 | 16 | 7 | 16 |
| 1995 | 31 | 8 | 13 |
| 1996 | 8 | 15 | 7 |
| Total | 121 | 164 | 115 |

Fonte: Revista *Veja*. Elaborado pelo autor.

A tabela mostra a separação das publicações localizadas na revista *Veja* em três grupos. O primeiro corresponde àquelas que abordaram algum tema a respeito das homossexualidades; o segundo grupo, às que interrelacionaram o tema do hiv-aids com o das homossexualidades; e o terceiro abordou, *a priori*, somente notícias da epidemia. Dessa forma, utilizou-se especialmente as 164 fontes que abordaram o tema de forma relacional.

Os dados mostram oscilações ao longo dos anos. Na década de 1980 as publicações sobre as homossexualidades e hiv-aids predominaram. Deve-se considerar que foi o momento em que a epidemia

começou a vitimar pessoas no Brasil e esse cenário epidêmico estava em ascensão. Notícias somente do hiv-aids tiveram um saldo significativo. Se fossem somadas as duas categorias o total seria ainda maior, considerando que anualmente eram editadas cerca de 52 edições da revista *Veja*.

Já na década de 1990, o conjunto da categoria homossexualidades foi maior, sugerindo um relativo descolamento entre as homossexualidades e o hiv-aids. O número de publicações da categoria hiv-aids também reforça essa ideia. Não custa pontuar que esses dados quantitativos não são extensivos de um projeto arquitetado visando esse fim, mas de acasos que vão além dos interesses editoriais que podem se fazer presente de forma mais incisiva na composição das notícias e demais publicações.

O vírus hiv e a aids afetou as pessoas, não apenas as vitimadas, num sentido concreto, mas transformou as subjetividades de todas aquelas que passaram a saber sobre a doença no país e até mesmo antes dela ser constatada. Isso porque o corpo vibrátil, segundo Suely Rolnik, possibilita outras relações apreensíveis a partir de uma sensibilidade invisível, captada e capaz de afetar e de produzir afetos, sendo distinta daquela apreensão visual ou auditiva.²⁷⁷ A autora permite entender que as carnes sexuadas, em sua existência biológica, entram em contato com outras carnes a partir dos seus efeitos invisíveis, o que gera sensações, afetos, atração, repulsa. Esse contato – que não precisa ser exclusivamente com pessoas, mas com um *outro* – tem a capacidade de afetar, mas também de ser afetado por ele. A autora não nega as questões culturais que constroem os sujeitos, seus olhares e representações, porém, atenta para essa dimensão que também transforma as subjetividades.

A imprensa brasileira passou a noticiar a doença a partir do ano de 1981²⁷⁸, sendo que as primeiras publicações eram traduções de matérias internacionais, especialmente dos Estados Unidos. Jane Galvão chama a

²⁷⁷ ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Ed. UFRGS, 2016.

²⁷⁸ A primeira publicação na imprensa que se tem conhecimento foi do dia 5 de julho de 1981, no *Jornal do Brasil*, sendo uma tradução de um artigo assinado por Lawrence Altman publicado no jornal norte-americano *New York Times*, cujo título foi “Câncer raro ataca homossexuais”. Cf. TEODORESCU; TEIXEIRA, 2015, p. 37-38.

atenção para um aspecto pouco considerado: para a autora a imprensa desempenhou um papel fundamental, tendo sido a primeira resposta civil da sociedade ao difundir informações sobre a doença e, não obstante, foi uma iniciativa do setor privado.²⁷⁹ O que não desconsidera o fato de que parte das reportagens tenham contribuído para a construção de um pânico social. Segundo Claudia Moraes e Sergio Carrara: “A imprensa se engaj[ou] tanto em ‘combater o pânico’ que acab[ou] por disseminá-lo”.²⁸⁰

Na revista *Veja*, em 1982, uma notícia dada na seção “Medicina” já alertava o público leitor, embora não tenha sido usada a nomenclatura “AIDS”²⁸¹ – nem as anteriores – que apenas mais tarde seria difundida.²⁸² Foi destacado que a imprensa norte-americana estava chamando a doença de “praga gay”.²⁸³ Os anos seguintes abordaram esse assunto de maneira mais detida, e títulos das matérias publicadas na semanal indicam o pânico social que se instalou, inicialmente, sobre os na época chamados grupos de risco: homossexuais, haitianos, heroinômanos e hemofílicos. A tabela a seguir cita algumas dessas publicações.

Tabela 7 – Títulos que informam, formam e transformam

| Título | Data |
|---|------------|
| A multiplicação do mal: a AIDS se espalha | 14/08/1985 |
| Primeira vítima: suspeita de AIDS leva a população de Araguari, em Minas, a expulsar cabeleireiro | 04/09/1985 |
| O gigante abatido: depois de impor três anos de agonia a Rock Hudson, a AIDS mata sua vítima mais célebre | 09/10/1985 |

²⁷⁹ GALVÃO, Jane. **AIDS no Brasil: a agenda de construção de uma epidemia**. Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 51.

²⁸⁰ MORAES, Claudia; CARRARA, Sérgio. Um mal de folhetim. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, a. 4, n. 17, p. 20-27, dez. 1985. p. 26 – grifo dos autores.

²⁸¹ É preciso registrar duas grafias que foram usadas na revista *Veja*: a primeira foi *AIDS*, em caixa alta, de 1983 em diante; a outra, que passou a ser veiculada, foi *Aids*, somente com a primeira letra em caixa alta, a partir de 1987, apesar da primeira permanecer sendo usada algumas vezes. Essa alteração é entendida, assim como pontuou Aguiar Júnior na sua pesquisa, como uma forma de chamar a atenção do público leitor e causar um impacto negativo, na maioria dos casos. Cf. AGUIAR JÚNIOR, 2016, p. 17.

²⁸² A doença passou a ser chamada de *aids* no segundo semestre do ano de 1982, conforme TEODORESCU; TEIXEIRA, 2015, p. 31.

²⁸³ MAL particular: hormônios causariam doença entre homossexuais. **Veja**, São Paulo, n. 723, 14 jul. 1982, p. 76.

| | |
|---|------------|
| Um atalho para o passado: a AIDS se multiplica, dá um nó nos costumes e ameaça reviver a tradição de combater o doente, e não a doença | 01/01/1986 |
| A terceira onda: batizada primeiro de “peste gay”, a AIDS saltou do círculo homossexual e já é vista como catástrofe | 12/11/1986 |
| Na fronteira do medo: os governos dos países atingidos pela AIDS tentam, com campanhas públicas, impedir que a moléstia avance sobre os heterossexuais | 28/01/1987 |
| Encruzilhada da AIDS: a morte do pintor Jorge Guinle Filho e a chacina promovida por um comerciante em São Paulo expõem toda a brutalidade da doença | 27/05/1987 |
| Legado de morte: aidético diz que padre o contaminou | 27/07/1988 |
| O fator humano: pesquisa mostra que contágio da Aids em relações heterossexuais é mais difícil do que se pensava | 04/05/1988 |
| AIDS: OS QUE VÃO MORRER CONTAM A SUA AGONIA | 10/08/1988 |
| Morrendo aos poucos a cada dia: uma comovente incursão no cotidiano de pacientes e médicos nas enfermarias dos maiores hospitais de Aids do país | 10/08/1988 |
| AIDS – Vírus da intolerância: suspeita de estar com Aids, uma mulher é intimidada e perseguida no interior do Estado do Rio | 14/09/1988 |
| CAZUZA: uma vítima da Aids agoniza em praça pública | 26/04/1989 |
| Risco múltiplo: estudo detecta contágio de Aids por sexo oral | 11/10/1989 |
| A falsa epidemia: numa rigorosa investigação, o americano Fumento destrói o mito da Aids entre heterossexuais | 17/01/1990 |
| A nova face da Aids: com um arsenal de remédios que detém o avanço do vírus, os cientistas prolongam a vida dos aidéticos e ajudam a amenizar o estigma da doença | 19/06/1991 |
| A vida com o vírus: o cotidiano dos brasileiros que carregam no corpo ainda sadio o vírus da Aids, sabem que em breve vão adoecer e lutam para esquecer a morte | 29/10/1992 |
| Luz contra o vírus da treva: plantonista da vida, a dermatologista <i>Valéria Petri</i> vai tratando da intratável Aids | 09/09/1992 |
| A caça aos vampiros: psicólogos denunciam que prostitutas e travestis de Pelotas espalham o vírus da Aids | 21/07/1993 |
| MULHERES E A AIDS: cresce o número de vítimas femininas da doença | 25/08/1993 |
| O vírus do medo: uma cidade vive o pânico do primeiro caso de Aids | 02/02/1994 |
| Camisinha é pecado: na Campanha da Fraternidade deste ano, a Igreja despreza os riscos da Aids e volta a atacar os preservativos | 23/02/1994 |
| A Aids ameaça o exército | 01/11/1995 |
| A peste avança: OMS diz que a Aids cresce mais do que se imaginava | 29/11/1995 |

| | |
|--|------------|
| AIDS MAIS PERTO DA CURA: um coquetel de drogas revive doentes desenganados | 10/07/1996 |
| MORRE UM REBELDE: a Aids leva Renato Russo | 16/10/1996 |

Fonte: Revista *Veja*. Elaborado pelo autor.

A tabela mostra alguns dos títulos publicados na revista *Veja* e presentes nas fontes usadas. Foram escolhidos e agrupados a partir do tema que abordavam em relação à conjuntura em que foram noticiados. Esses títulos fizeram parte de diferentes seções na semanal de informação, inclusive das capas.²⁸⁴ A intenção, ao listá-los, é mostrar o uso de expressões que afetaram o público leitor a partir do conhecimento de tais notícias, que, por sua vez, mobilizaram expressões de impacto emocional. A materialidade desse discurso de morte publicizado e narrado de uma forma pretensamente neutra, isenta, poderia sensibilizar as pessoas. Isso não quer dizer que elas passariam a ser condescendentes, pois algumas até mesmo sinalizaram seu suposto contentamento diante das vítimas homossexuais, ou seja, traduzindo seu preconceito e desprezo por essas pessoas. Contudo, houve uma parcela que demonstrou mais humanidade em relação aos doentes e saiu em sua defesa.

Jackson R. A. Santos enviou uma carta à revista em referência a uma reportagem sobre a aids. Escreveu:

Tenho certeza que a reportagem sobre a AIDS respondeu a todas as interrogações dos leitores. Gostaria de acrescentar que a Bíblia já mencionava, em Romanos, capítulo 1, versículo 27, o seguinte: “E semelhante, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro”.²⁸⁵

²⁸⁴ Todas as capas da revista *Veja* da década de 1980 e 1990 que abordaram o tema da aids numa tira na capa, manchete ou aludindo a alguma personalidade que teve grande destaque nessa luta contra a aids podem ser encontradas no apêndice C.

²⁸⁵ CARTAS. *Veja*, São Paulo, n. 887, 4 set. 1985, p. 10.

Outra carta, ainda mais estigmatizante que a anterior, escrita por Roberto A. M. Turta, pontuou:

A combinação homossexualismo [sic] + AIDS pode constituir a solução para um grave problema brasileiro: a superpopulação. De um lado, os homossexuais não terão filhos, o que reduzirá a natalidade. De outro, como a AIDS é 100% mortal, aumentará a mortalidade. Como resultado, teremos uma população brasileira menor e muito mais saudável, o que todos devemos almejar.²⁸⁶

Os argumentos contrários às homossexualidades ressaltaram uma crítica de viés religioso cristão e outra do campo pretensamente científico. A primeira, respaldada em fragmentos bíblicos, culpabiliza as relações homoeróticas como um pecado que teria retaliação, compreensão extensiva de determinadas interpretações das religiões abraâmicas, sobretudo o cristianismo, no Ocidente.²⁸⁷ Já a morte dessas pessoas pela aids foi interpretada como positiva pelo autor da segunda carta, gerando uma população mais sadia, lastro do entendimento higienista de outrora. Para ele, as mortes massivas eram algo a ser desejado, pois seria benéfico para a sociedade. Isso mostra que parcela da população não se importava com o que podia ocorrer as pessoas homossexuais, já que estavam sendo consideradas descartáveis, possuindo uma “vida nua”, desumanizada.

Outras pessoas, por sua vez, demonstraram outro entendimento, como Claudio Castelo Filho:

Assusta-me ver a maneira preconceituosa e sensacionalista com que VEJA e cientistas estão lidando com a AIDS. Dizer que esta é uma doença ligada ao homossexualismo é negar o fato de que vírus não escolhe vítima.²⁸⁸

²⁸⁶ CARTAS. *Veja*, São Paulo, n. 888, 11 set. 1985, p. 21.

²⁸⁷ Ver MOTT, Luiz. Homofobia: uma praga cristã. *E-hum*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 66-73, ago.-dez. 2016.

²⁸⁸ CARTAS. *Veja*, São Paulo, n. 886, 28 ago. 1985, p. 10.

Já Robervaldo J. Lázaro criticou a ação do governo em relação à aids. Destacou:

Segundo o ministro da Saúde, Carlos Sant'Anna, a situação não é preocupante. Quero dizer que o ministro deve mudar sua posição, pois a AIDS pode tornar-se tão catastrófica quanto o foi a gripe espanhola, que matou 20 milhões de pessoas no período de um ano.²⁸⁹

Essas epístolas traduzem anseios que não eram apenas individuais, mas coletivos. Lidar com uma doença que estava tornando-se epidêmica e para a qual não havia cura era uma situação preocupante, especialmente para pessoas homossexuais, considerando que as informações na mídia enfatizavam tratar-se de um grupo específico acometido pela aids. No mesmo momento em que poderia haver uma mudança no convívio social devido à despatologização da homossexualidade, é ampliada a aversão social não apenas por preconceito sexual e/ou de gênero, mas pelo medo de contatar alguém que poderia estar com a doença. Ser homossexual ou ser identificado como um tornou-se um pré-requisito para suspeita de que a pessoa tivesse o vírus hiv ou a aids.²⁹⁰ Ademais, sobre essa população recaía especialmente o medo da morte, sendo que a metáfora da guerra²⁹¹ e de haver um inimigo a combater também contribuíram na construção e propagação de um pânico midiático e social.

Quadro 1 – Expressões e frases que produziam pânico – *Veja* (1985-1989)

Sentença de morte; continua sem cura; implacavelmente terminal; E sempre mata. E mata de maneira fulminante; doença é geralmente fatal; terrível; devastação da AIDS; a epidemia se espalha no Brasil; número de vítimas continua aumentando; multiplicação do mal; a doença é fulminante; potencialmente letal; fulminante capacidade de matar as suas vítimas; o vírus se alastra; doença implacável; doença 100% fatal; ante-sala da morte; doença 100% mortal; já sabe que vai morrer mesmo; ele se olha no espelho e se vê

²⁸⁹ CARTAS. *Veja*, São Paulo, n. 886, 28 ago. 1985, p. 10.

²⁹⁰ DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. A terceira epidemia: o exercício da solidariedade. In: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. *Aids – a terceira epidemia: ensaios e tentativas*. São Paulo: Iglu, 1991. p. 13-30. p. 22.

²⁹¹ SONTAG, Susan. *Doença como metáfora. AIDS e suas metáforas*. Tradução Rubens Figueiredo e Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

morrer; terminar os dias junto dos seus; doença letal; já não havia salvação; ainda havia a esperança de que a morte, mesmo que inevitável, não viria tão cedo; medo; peste pré-apocalíptica; castigo de Deus; doença fatal; mortal síndrome; o número de vítimas segue duplicando a cada doze meses; sombrios últimos anos de vida; agonia; letal síndrome; peste gay; catástrofe; nova praga da vida contemporânea; flagelo universal; casos fatais; sobrevida; flagelo dos anos 80; poder letal; 100 milhões de pessoas terão sucumbido ao vírus da AIDS até o ano 2000; quadro assustador; morte dolorosa; amenizar-lhes a morte; calvário; mortal vírus da AIDS; tragédia; CIA diz que todos os infectados pela Aids vão morrer; letalidade absoluta; mal se alastra; mortífera síndrome; à morte certa; síndrome é mortal; legado de morte; os que vão morrer; morte anunciada; doença que mata e estigmatiza; podemos apenas prolongar a vida; conta fatal; peste moderna; futuro sombrio; a doença é um castigo de Deus; vírus da intolerância; chaga; morte; definha; morreriam em breve; doença ainda incurável; letal em 100% dos casos.

Fonte: Revista *Veja*. Elaborado pelo autor.

As expressões e frases listadas foram coletadas nas fontes usadas da revista *Veja* presentes na categoria que vinculou a aids e as homossexualidades entre 1985 e 1989. Essas palavras apareceram na totalidade da publicação, sendo registradas independentemente de sua autoria, posto que, ao serem divulgadas, seriam recebidas pelo público leitor. O objetivo não é realizar uma análise aprofundada sobre os lugares de fala dessas pessoas, seja de membros da revista, autores externos ou pessoas que tenham tido a sua fala registrada ou tornada fonte atribuída nas publicações, mas, sim, captar as terminologias que reiteravam e sinalizavam o sofrimento e a morte pelo vírus e doença. Isso porque essas transformações fizeram parte da construção e emergência do sujeito gay macho e viril. Além das frases citadas que traduzem o pânico social a partir de sua veiculação, a nuvem de palavras abaixo revela as expressões mais recorrentes do quadro citado.

Figura 23 – Nuvem das palavras que causavam pânico



Fonte: Revista *Veja* (1985-1989). Elaborado pelo autor.

As expressões destacadas foram distribuídas na nuvem de palavras segundo sua ocorrência no quadro 1. Essa operação foi realizada online²⁹² e contabilizou 92 palavras das quais 66 são visibilizadas na imagem acima. Sua disposição e tamanho reiteram a percepção alarmante construída a partir da decodificação dessas narrativas e terminologias por parte do público leitor e da circularidade dessas ideias na esfera pública.

Essa ideia de morte associada à aids não foi construída pela revista *Veja*, sendo um discurso divulgado também por outros veículos de imprensa que, juntos, criaram representações que circularam em nível global. Não havia cura, tampouco remédios disponíveis cuja eficácia pudesse tranquilizar as pessoas doentes, entretanto, a forma como foi apresentada para o público pela imprensa brasileira explorou especialmente a ideia do medo como pedagogia preventiva. Luiz Mott criticou a imprensa e os profissionais da medicina, na época, pela divergência nas informações supostamente científicas divulgadas, o que confundia as pessoas. Além disso, destacou a existência de duas correntes

²⁹² No seguinte endereço eletrônico: <https://wordcloud.online/pt>. Acesso em: 26 set. 2022.

antagônicas no trato da epidemia: a “escola do dr. Veronesi” e a “escola do dr. Teixeira”.²⁹³ O pânico instaurado fez com que o diagnóstico médico se tornasse uma sentença de morte civil, antecedendo a morte biológica.

O militante Herbert Daniel, doente de aids, observando o cenário social, pontuou que o pânico mataria mais do que a própria doença.²⁹⁴ Ao analisar o quadro social e ciente dos prejuízos advindos em meio à difusão de informações sobre o vírus e a doença, destacou que seu potencial mortal não era somente a morte biológica do indivíduo, que eventualmente poderia ocorrer em razão da aids, considerando, porém, que a morte é uma etapa que vai ocorrer para todas as pessoas. O autor estava enfatizando os prejuízos e a nocividade da morte do cidadão, ou seja, da desumanização em vida, da imposição de uma “vida nua” que matava o sujeito e o tornava um dado estatístico.

Houve casos em que os pacientes ao receberem o diagnóstico médico reagem atentando contra a sua própria vida, uma resposta à notícia de um fato que não aceitavam e/ou uma realidade construída que maximizava um cenário de finitude.²⁹⁵ O governo brasileiro foi lento em tomar atitudes e ações visando conter o vírus e lidar com o cenário

²⁹³ MOTT, Luiz. Os médicos e a aids. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 4-12, 1987. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003069&pagfis=48769>. Acesso em: 30 set. 2022. Aprofundando a discussão sobre as duas correntes, Remom Bortolozzi destacou que a “escola Veronesi” referia-se ao grupo comprometido com os laboratórios multinacionais, com a aplicação de testes em larga escala e medidas discriminatórias das pessoas soropositivas; já a “escola Teixeira” reunia profissionais jovens e engajados que atentavam para diagnósticos precisos, medidas profiláticas, considerando as diferenças sociais envolvidas, produzindo uma resposta coletiva que incluía o sistema de saúde público, a academia e os movimentos sociais. Cf. BORTOLOZZI, Remom Matheus. **Entre trapos e colchas**: vestígios da memória LGBT sobre as primeiras respostas paulistanas à epidemia de HIV/Aids. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Especialmente o capítulo 3.

²⁹⁴ DANIEL, Herbert. A síndrome de nossos dias. In: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **Aids – a terceira epidemia**: ensaios e tentativas. São Paulo: Iglu, 1991b. p. 115-123. p. 123. O texto foi originalmente publicado na revista *Desvio*, em março de 1986.

²⁹⁵ Exemplo de um paciente atendido pelo médico Artur Timerman que, ao receber a notícia, começou a dar cabeçadas consecutivas na parede. Ver: TIMERMAN, Artur. “Você está vendendo atestado de óbito?”. In: TIMERMAN, Artur; MAGALHÃES, Naiara. **Histórias da AIDS**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 13-24. p. 20.

mundial que alertava o perigo de uma epidemia. A revista *Veja* abordou essa questão em algumas publicações, bem como a situação no país.²⁹⁶

É preciso destacar que enquanto o governo não atuou de forma incisiva sobre essa doença, ativistas homossexuais passaram a realizar atividades de conscientização e prevenção, além de pressões que contribuíram para a criação de Organizações Não Governamentais (ONGs), em diferentes estados, realizando campanhas e defendendo os direitos das pessoas acometidas pelo vírus. Dentre as ONGs, pode-se citar: o Grupo de Apoio à Prevenção da Aids (GAPA), criado em 1985, em São Paulo; a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA), em 1986; o grupo Pela Valorização, Integração e Dignidade do Doente de Aids (Pela VIDDA), fundado em 1989, no Rio de Janeiro, dentre outros espalhados pelo país.²⁹⁷

Para João Silvério Trevisan, apesar dos efeitos negativos trazidos pela aids, um aspecto positivo pode ser o fato de que ela deu maior visibilidade às homossexualidades.²⁹⁸ Isso porque essa temática foi imbricada à doença, de modo que homossexuais e aids passaram a ter uma articulação que foi imposta e permaneceu estática durante longo tempo, uma compreensão acrítica que prestou um desserviço ao reforçar a discriminação, mas, em contraponto, deu visibilidade às pessoas homossexuais e aos temas afins, que passaram a ser discutidos e de conhecimento da população. A esse período, Souto Maior Jr. chamou de “tempo de visibilidade”.²⁹⁹ As fontes coletadas na revista *Veja* indicam o crescimento de publicações, especialmente se somadas às oriundas de acontecimentos singulares com aqueles em que dividem espaço com a temática do hiv-aids na década de 1980.

Em 14 de julho de 1985, numa matéria intitulada “A multiplicação do mal: a AIDS se espalha”, publicada na seção “Medicina” da revista

²⁹⁶ ATAQUE severo: médica fala dos casos da AIDS no Brasil. *Veja*, São Paulo, n. 838, 26 set. 1984, p. 56; O AVANÇO da AIDS: a doença já fez 50 mortos só em São Paulo. *Veja*, São Paulo, n. 847, 28 nov. 1984, p. 107; A AIDS divide: cientista faz um desafio ao ministro da saúde. *Veja*, São Paulo, n. 885, 21 ago. 1985, p. 64-65; VERONESI, Ricardo. O governo subestima a AIDS. *Veja*, São Paulo, n. 893, 16 out. 1985, p. 154.

²⁹⁷ Para saber mais a respeito dessas iniciativas e da configuração de uma resposta brasileira à epidemia de aids ver GALVÃO, 2000.

²⁹⁸ TREVISAN, 2018a, p. 344.

²⁹⁹ SOUTO MAIOR Jr., 2019.

Veja, foi destacada uma frase atribuída ao ministro da saúde, Carlos Sant’Anna, que teria dito: “Trata-se de uma doença preocupante mas não prioritária”. Isso, segundo sua interpretação, pelo fato de que outras doenças vitimavam milhões de pessoas como a doença de Chagas, esquistossomose e tuberculose, necessitando de maior atenção do que a aids.³⁰⁰

A pouca importância dada naquele momento, justificada pelo número de casos ser tido como reduzido, precisa considerar o grupo de pessoas que estavam sendo acometidas. As notícias reforçavam a ideia de que os “grupos de risco” eram os acometidos, dessa forma, as demais pessoas estariam relativamente imunes se não pertencessem a esses grupos e/ou se não se relacionassem sexualmente com eles. Dito de outra forma, não era uma doença de heterossexuais, não havia com o que se preocupar. Houve, inclusive, uma tranquilização a população em geral em algumas publicações, como:

Os homossexuais se situariam em primeiríssimo lugar entre os grupos de risco, em função, segundo as explicações disponíveis até agora, da alta receptividade ao vírus apresentada pela mucosa anal. Mas o fato é que há muitos casos de AIDS também entre os heterossexuais. Isso coloca a questão: qual o risco de um heterossexual contrair a doença?³⁰¹

A resposta foi dada no parágrafo seguinte:

Até agora são muito poucos – uma vez que a virulência da AIDS tem se mantido restrita aos chamados grupos de risco. Lideram a lista dos atingidos pela moléstia os homossexuais, e isso é demonstrado por todas as estatísticas dos países europeus e americanos. Num grupo de 184

³⁰⁰ A MULTIPLICAÇÃO do mal: a AIDS se espalha. *Veja*, São Paulo, n. 884, 14 ago. 1985, p. 56.

³⁰¹ A SOMBRA da AIDS: com a revelação de que o ator Rock Hudson sofre da doença, aumentam ao redor do mundo o medo e as indagações sobre suas causas e riscos. *Veja*, São Paulo, n. 882, 31 jul. 1985, p. 89.

franceses atacados pelo vírus nada menos que 160 eram homossexuais.³⁰²

Nota-se, pelo exposto, que houve um reforço da ideia de que as pessoas heterossexuais poderiam ficar tranquilas, pois esse não era um problema com que tinham que se preocupar. Foucault já pontuou o esforço governamental realizado a partir do século XVIII de uma biopolítica de gestão da vida da população, tendo como finalidade o fazer viver e o deixar morrer.³⁰³ Neste caso, homossexuais e demais pessoas vitimadas pela doença iriam padecer pela falta de recursos e ações que pudessem fornecer meios humanamente dignos de enfrentar a doença.

Não bastasse esse descaso governamental nos momentos iniciais de disseminação da doença, ser identificado como homossexual era motivo de preocupação redobrada, pois, além do estigma da orientação sexual e da expressão performativa de gênero, a discriminação social atingiu outros patamares. Cabe mencionar o caso do cabeleireiro expulso da cidade de Araguari, em Minas Gerais, por estar doente, ter emagrecido, recaindo sobre ele suspeitas de que estaria com aids e, inclusive, gerando boatos de que estaria disseminando o vírus hiv. Tal fato, inclusive, ocasionou a sua hospitalização forçada e um abaixo-assinado para que fosse expulso, tamanho o pânico que se instalou.³⁰⁴

Além desse episódio, muros foram pichados com dizeres como: “AIDS é câncer de bicha”. Trevisan testemunhou uma frase escrita em banheiro público em São Paulo que dizia: “Contribua para o progresso da humanidade, mate um gay por dia”. Cartas anônimas, telefonemas e ameaças de morte eram outros desdobramentos dessa cruzada que invertia a compreensão, parecendo querer combater o “vírus” da homossexualidade e não do hiv.³⁰⁵ As pessoas que não simpatizavam com o tema e com homossexuais reforçaram seu posicionamento contrário,

³⁰² A SOMBRA, 1985, p. 89.

³⁰³ FOUCAULT, 1988; 2008.

³⁰⁴ PRIMEIRA vítima: suspeita de AIDS leva a população de Araguari, em Minas, a expulsar cabeleireiro. *Veja*, São Paulo, n. 887, 4 set. 1985, p. 109-110.

³⁰⁵ TREVISAN, 2018a, p. 412-414.

sendo que parte delas partiu em direção ao extremismo, incitando a violência e perpetrando atrocidades discursivas que se materializaram.³⁰⁶

Essa paranoia fez com que alguns homossexuais chegassem a provar à sociedade que não tinham o vírus, isso porque muitas pessoas não queriam aproximar-se por medo de contrair a aids. Esse resultado podia tranquilizar as próprias pessoas homossexuais submetidas ao exame. As formas de transmissão da aids eram reiteradas nas notícias na mídia, no entanto, incertezas ainda tensionavam a ação das pessoas que podiam recusar tal possibilidade de se expor e/ou de aproximar-se de possíveis pessoas que poderiam tê-la.

O cabeleireiro Ruddy, profissional que era cobiçado por atrizes de novela, segundo a matéria veiculada por *Veja*, fez questão de fazer o teste³⁰⁷ e deixou fotografar-se para mostrar o resultado negativo, publicizando-o, afinal, estava bem e com saúde. Sua clientela não tinha com que se preocupar.

³⁰⁶ Alguns casos foram: expulsão de pessoas decorrente de suspeitas e/ou ciência de que tinham o vírus hiv; perseguição e tentativas de expulsão da cidade; suicídio após o diagnóstico; tentativas de suicídio; preconceitos contra crianças com aids para não ingressarem na escola; exigência de testes antes da entrada em alguns países, dentre outras. Cf. PRIMEIRA vítima: suspeita de AIDS leva a população de Araguari, em Minas, a expulsar cabeleireiro. *Veja*, São Paulo, n. 887, 4 set. 1985, p. 109-110; LOPES, J. A. Dias. Na ante-sala da morte: experiências e conclusões de uma psicóloga paulista que já acompanhou 38 pacientes terminais vitimados pela AIDS. *Veja*, São Paulo, n. 889, 18 set. 1985, p. 5-8; SINAL negativo: OMS rechaça testes de AIDS em massa. *Veja*, São Paulo, n. 966, 11 mar. 1987, p. 71; MORRENDO aos poucos a cada dia: uma comovente incursão no cotidiano de pacientes e médicos nas enfermarias dos maiores hospitais de Aids do país. *Veja*, São Paulo, n. 1040, 10 out. 1988, p. 66-76; AIDS – Vírus da intolerância: suspeita de estar com Aids, uma mulher é intimidada e perseguida no interior do Estado do Rio. *Veja*, São Paulo, n. 1045, 14 set. 1988, p. 52-53; VÍTIMAS inocentes: as lições de preconceito e solidariedade que as crianças com Aids estão aprendendo. *Veja*, São Paulo, n. 1235, 20 maio 1992, p. 68-70; O VÍRUS do medo: uma cidade vive o pânico do primeiro caso de Aids. *Veja*, São Paulo, n. 1325, 2 fev. 1994, p. 79.

³⁰⁷ No ano de 1985 há publicações na revista *Veja* que se referem ao teste que detectava o vírus hiv no sangue da pessoa, contudo, havia desconfianças da possibilidade de acerto desses testes e do impacto que esse resultado causaria, tratando-se de uma questão polêmica. Em 1987, outra matéria traz maiores informações acerca desses testes: um deles era o Elisa, mais barato e menos preciso, e o Western Blot, mais preciso e oneroso. É dito que este último estava disponível apenas em dois hospitais brasileiros e que costumavam ser usado para tirar a dúvida do primeiro teste. Cf. A MULTIPLICAÇÃO do mal: a AIDS se espalha. *Veja*, São Paulo, n. 884, 14 ago. 1985, p. 59; NA FRONTEIRA do medo: os governos dos países atingidos pela AIDS tentam, com campanhas públicas, impedir que a moléstia avance sobre os heterossexuais. *Veja*, São Paulo, n. 960, 28 jan. 1987, p. 62.

Figura 24 – Teste negativo do vírus hiv



Fonte: *Veja*, n. 889, 18 set. 1985, p. 86.

Essa atitude, porém, não era algo disponível a todas as pessoas. Algumas recebiam receber o resultado do teste, pois era tido como uma espécie de “prazo de validade”. Todas as pessoas um dia morreriam, mas enfatizava-se sempre o curto prazo dos infectados pelo hiv, sobretudo os já doentes de aids. Algumas ideias, na época, foram aventadas, como forçar determinados grupos a realizar o teste, confinar doentes em sanatórios³⁰⁸, em todo caso, medidas que remontavam aos padrões higienistas de reprodução de uma população saudável. Da mesma forma, uma pessoa homossexual que realizasse o teste e expusesse seus resultados consistia em uma forma de reforçar sua virilidade a partir de sua publicação.³⁰⁹

Um dos aspectos que foi pouco considerado nos primeiros anos da aids foi a maneira como ela adentrou e foi apresentada na cultura brasileira. Sua introdução repetiu informações do exterior, usando termos que pouco eram utilizados e conhecidos pela população geral, salvo algumas camadas sociais e sujeitos mais familiarizados. No Brasil, as práticas sexuais e os desejos engendrados atravessavam as fronteiras das terminologias que pressupunham um “eu” interior estável, homossexual,

³⁰⁸ A SÍNDROME na ribalta: a morte do cenógrafo Flávio Império leva o debate em torno da AIDS para a classe teatral. *Veja*, São Paulo, n. 889, 18 set. 1985, p. 84-86.

³⁰⁹ TREVISAN, 2018a, p. 409.

bissexual, heterossexual. Como já havia analisado Peter Fry nos anos 1970, no caso das camadas populares, homossexual era apenas aquele que deixava ser penetrado, a *bicha*, o penetrador não era considerado homossexual, pois supostamente estaria cumprindo seu papel sexual e social.³¹⁰ Este era o entendimento predominante. É aí que Parker chama a atenção, pois o foco foi direcionado a um grupo – o homossexual –, sendo que, na cultura brasileira, o sexo anal era praticado sem prejuízo de abalo de uma identidade que era reforçada pelo papel social³¹¹ desempenhado.³¹²

Nesse sentido, o perigo informado dizia respeito, sobretudo, a homossexuais, embora essas aventuras através dos prazeres anais e orais contribuíram para difundir o vírus e eximir os sujeitos do lastro de culpabilidade que era direcionado aos homossexuais.

4.2 DA DOENÇA ENCARNADA AO CORPO SAUDÁVEL

O atestado de óbito socialmente imposto às pessoas que tinham aids resultou num pânico social diante da morte prematuramente anunciada, especialmente na década de 1980, quando esse discurso foi mais difundido, reduzindo-se na década seguinte. Tais prenúncios e suas diferentes adjetivações fizeram parte de publicações na revista *Veja*, sendo que seu uso repetitivo e, por vezes, não científico – como nas expressões: “a espada do anjo da morte toca seu ombro”; “bomba relógio num corpo sadio”³¹³ – parece ser um recurso apelativo muito questionável. Além disso, alguns doentes foram fotografados e compuseram as reportagens, sendo que sua aparência física e mazelas eram mencionadas. As carnes sexuadas transformadas em corpo a partir de diferentes tecnologias de poder e de saber, sobretudo a performatividade de gênero, tornaram-se um suposto comprovante de

³¹⁰ FRY, 1982.

³¹¹ A ideia de papéis sociais e sexuais pode ser vista em FRY; MACRAE, 1985.

³¹² PARKER, Richard. O americano quando cai no samba ou a cultura sexual brasileira e a AIDS. In: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS – a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. São Paulo: Iglu, 1991. p. 53-80.

³¹³ A VIDA com o vírus: o cotidiano dos brasileiros que carregam no corpo ainda sadio o vírus da Aids, sabem que em breve vão adoecer e lutam para esquecer a morte. *Veja*, São Paulo, n. 1219, 29 out. 1992, p. 64-70.

saúde, porque as doenças oportunistas e as reações adversas ao uso dos medicamentos, como o AZT, modificavam não somente o estado psicológico e emocional dos pacientes, mas também sua estética e biotipo físico.

Um dos casos mais comentado na mídia foi decorrente da descoberta da doença no ator Rock Hudson³¹⁴, tido como a primeira celebridade internacional a ser vitimada. Sua veiculação na imprensa, possivelmente, não teve unicamente a aids como foco da notícia, mas também a descoberta de que era homossexual.³¹⁵ É preciso destacar que o ator encarnava uma masculinidade viril nos personagens que encenava, sendo um biotipo bastante cobiçado. Por performar o gênero masculino, fazia parte do grupo que se poderia nomear como “homens de verdade”, realmente macho, embora rumores circulassem. De maneira geral, era um sujeito que passava por homem socialmente, cuja identidade pressupunha alguém heterossexual e cisgênero. Além disso, para reforçar essa ideia, havia sido casado com uma mulher. Era um artista que havia sido fabricado como modelo masculino que despertava o desejo sexual e fantasias de fãs. O estado de saúde do ator ficou bastante comprometido devido à doença.

Figura 25 – Rock Hudson no auge e já doente



Fonte: *Veja*, n. 882, 1985, p. 88-89.

³¹⁴ Trata-se do ator norte-americano Roy Harold Scherer Jr. (1925-1985), mais conhecido como Rock Hudson, um galã dos filmes da década de 1950 e 1960.

³¹⁵ Para saber mais a respeito da sua vida ver a biografia: HUDSON, Rock; DAVIDSON, Sara. **Rock Hudson: história de sua vida.** Tradução de Newton Goldman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

Fotos de Hudson foram publicadas na revista *Veja* e contrapõem olhares de quando estava bem, como na imagem do filme *Assim Caminha a Humanidade*, contracenado com a atriz Elisabeth Taylor, em 1956, quando tinha 31 anos de idade. Na segunda imagem está ao lado da atriz Doris Day, com quem também contracenou, estando com 59 anos e já acometido pela doença. As duas fotografias mostram diferentes fases da vida do ator, sendo que a mais recente mostra seu estado mais debilitado, contudo, há que se considerar que tinha quase o dobro da idade da foto anterior.

Os efeitos da doença na pessoa podiam iniciar com manchas vermelhas na pele, conhecidas como Sarcoma de Kaposi, um tipo de câncer, além de fraqueza, febre, diarreia, emagrecimento, e seria possível, ademais, manifestar doenças oportunistas devido à queda da imunidade. Isso era somado às complicações sociais da doença, como rejeição, afastamento de familiares e amigos, desemprego, desamparo na assistência à saúde. Algumas descrições de doentes mencionadas na revista *Veja* foram: “magro”, “definhado”, “pessoa abatida”, “voz embargada”³¹⁶, “muitos quilos a menos”³¹⁷, “calvário”³¹⁸.

A alteração na aparência, sobretudo o emagrecimento, era tida como motivo para suspeitas. Em 1991, uma jornalista perguntou ao então presidente da República, Fernando Collor: “Presidente, o senhor está muito magro e as pessoas fazem comentários a respeito disso. O senhor está com Aids?” Collor negou ter a doença e teria respondido de uma forma bem-humorada, conforme consta na edição de *Veja* publicada no Natal daquele ano.³¹⁹ A modificação na aparência do ex-presidente possivelmente era resultado de outras questões.

O exemplo ajuda a entender que se ser homossexual era o primeiro motivo para supor que a pessoa tivesse aids, a perda de peso ocupava o segundo lugar, indício de que havia algo errado com a saúde. Além disso,

³¹⁶ Cf. A SÍNDROME na ribalta: a morte do cenógrafo Flávio Império leva o debate em torno da AIDS para a classe teatral. *Veja*, São Paulo, n. 889, 18 set. 1985, p. 84-86.

³¹⁷ Cf. LIMA, João Gabriel de. Volta do boêmio: Cazuza faz turnê com estilo renovado. *Veja*, São Paulo, n. 1043, 31 ago. 1988, p. 111.

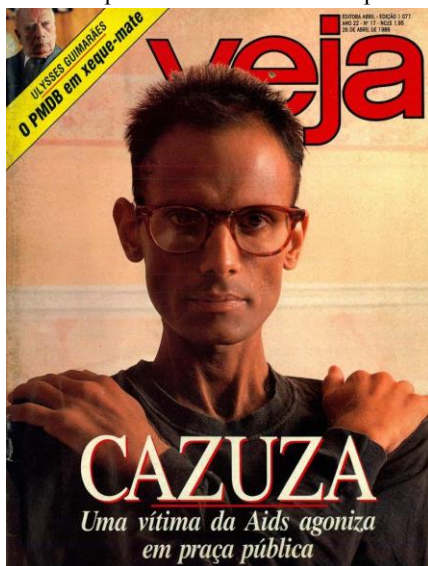
³¹⁸ Cf. A LUTA em público contra a Aids: abatido aos poucos pela doença, o compositor Cazuza conta como resiste em nome da vida e da carreira. *Veja*, São Paulo, n. 1077, 26 abr. 1989, p. 80-87.

³¹⁹ “O SENHOR está com Aids?” *Veja*, São Paulo, n. 1214, 25 dez. 1991, p. 61.

havia pessoas que olhavam para a aparência física para ver se a pessoa podia ou não ter aids, como teria dito um rapaz casado que gostava de sair com homens de vez em quando.³²⁰ Possivelmente não era o único, o que ajuda a entender o crescimento e a receptividade da preocupação estética e corporal visando aparentar estar bem de saúde.

Além de Hudson, brasileiros também apareceram nas páginas da revista. A imagem mais emblemática, talvez, tenha sido a capa com a foto do cantor Cazuzza³²¹, na qual aparece magro e debilitado, uma manchete sensacionalista que, como é sabido, gerou maior repercussão na mídia.

Figura 26 – Aparência física debilitada pela doença



Fonte: *Veja*, n. 1077, 26 abr. 1989.

O tom apelativo da reportagem gerou um descontentamento para o cantor, que recebeu os repórteres para dar a entrevista, mas surpreendeu-se com o resultado da publicação. Na edição seguinte da revista *Veja*,

³²⁰ AZEVEDO, Eliane. Hipocrisia que mata: pesquisa expõe a ineficácia das campanhas contra Aids e mostra que medo da doença não muda comportamento sexual. *Veja*, São Paulo, n. 1216, 8 jan. 1992, p. 30-31. p. 31.

³²¹ Cazuzza era o nome artístico do cantor e compositor Agenor de Miranda Araújo Neto (1958-1990).

somente epístolas sobre esse tema foram publicadas na seção “Cartas”, e não foram poucas, totalizando 58. Nas cinco páginas em que apareceram, dividindo espaço com um anúncio publicitário, foram intercaladas cartas favoráveis à publicação e outras contrárias, bem como comentários acerca de algum aspecto mencionado.

Ana Maria Peres Figueira, de São Paulo, destacou: “Longe de querer fazer sensacionalismo, VEJA mostrou a realidade de um ser humano à morte com a máxima fidelidade e respeito”. Já José Roberto Leonel, também de São Paulo, interpretou de outra forma: “Venho protestar contra o horror da capa de VEJA sobre Cazuzu. Sua poesia, seu lado artístico é que deveríamos ter na capa”.³²² Numa edição posterior foi publicado um *box* na seção “Cartas” que ilustrou através de um gráfico apresentado para o público leitor da revista a distribuição do total de cartas recebidas, demonstrando que a maior parte delas foi favorável a publicação.³²³

Há de se considerar que a equipe que representava a revista *Veja* tinha a função de defendê-la, evitar a queda nas vendas e proteger o seu nome no mercado. Não se pode esquecer também que se tratava de um produto para consumo, que transcende o afã jornalístico de uma imparcialidade que, afinal, não existe. Contudo, mesmo que a maioria das epístolas tenham sido favoráveis, conforme querem fazer crer, isso não significa que estejam com a razão absoluta. As críticas e a repercussão não foram à toa. Chamavam a atenção para a possibilidade de outras narrativas sem recorrer à apelação e adjetivação.

Artistas, intelectuais, pessoas famosas realizaram um abaixo-assinado que contou com cerca de 510 assinaturas sinalizando sua solidariedade ao cantor e sua crítica à reportagem.³²⁴ A revista *Veja* noticiou tal fato, mas teve o posicionamento defensor de si, reforçado diante da repercussão.

O jornal *Nós Por Exemplo*, por sua vez, que circulou entre 1991 e 1995, era produzido pelo Núcleo de Orientação em Saúde Social (NOSS)

³²² CARTAS. *Veja*, São Paulo, n. 1078, 10 maio 1989, p. 18.

³²³ CARTAS. *Veja*, São Paulo, n. 1081, 31 maio 1989, p. 18-19.

³²⁴ SHOW de intolerância: artistas e intelectuais encenam um espetáculo estridente para contestar reportagem de VEJA sobre Cazuzu. *Veja*, São Paulo, n. 1078, 10 maio 1989, p. 74-75.

e voltado à discussão sobre as homossexualidades.³²⁵ Era coordenado por Sylvio de Oliveira e Paulo H. Longo e teve 24 edições. A linha editorial seguida levava em consideração um aspecto relevante da imprensa da época. Conforme foi informado na primeira edição:

Acontece que os outros meios de comunicação habituaram-se a discriminar o homossexual. Faz-se necessário, então, um jornal que leve a este público informações dignas, reais e de seu interesse. Para NÓS POR EXEMPLO é vital que o homossexual brasileiro seja respeitado.³²⁶

Ao analisar a estética de corpos masculinos veiculada nesse jornal ao longo das edições, foi possível constatar que era mista. Diferentes biotipos masculinos apareceram ilustrando as discussões, porém nenhum apresentou os traços físicos da doença. Ao invés de apostar na pedagogia do medo, reiteraram as relações homoeróticas como saudáveis e possíveis, sem abrir mão desses prazeres por causa do vírus e da aids, conscientizando o público leitor, prevenindo e informando através das narrativas que evitavam o viés moralizante.

Diferentes biotipos de carnes masculinizadas podem ser observados nas edições, que inseriam também modelos interracialistas. A partir da análise imagética, é possível atentar que o padrão musculoso passou a ser visto de modo recorrente. É interessante destacar que, apesar das diferentes ilustrações masculinas, o arquétipo do macho musculoso e viril da compreensão essencialista ainda era reproduzido, como num desenho veiculado que demonstrava uma relação homoerótica e ensinava a maneira correta de usar o preservativo.

No desenho, estão homens, essa identidade por imposição que interpela determinados sujeitos a referenciar-se dessa maneira como lastro da divisão binária das pessoas que prevalece no imaginário social, que possuem características valorizadas na cultura falocêntrica. Portam

³²⁵ O jornal era vendido nas bancas, posteriormente, por assinaturas e, a partir da edição número 12, passou a ser distribuído gratuitamente. Era editado pela Leviatã, no Rio de Janeiro. Cf. RODRIGUES, 2010.

³²⁶ EDITORIAL, *Nós Por Exemplo*, Rio de Janeiro, a. 1, n.1, dez. 1991. p. 2.

cabelos curtos, rostos mais quadrados, que sinalizam masculinidade, bigode – componente usado por parte dos gays – braços fortes, músculos enrijecidos, abdômen definido, coxas grandes, pênis ereto e simulação de um estágio pré-penetração, ou seja, o parceiro coloca a camisinha enquanto o ativo performa uma pose de dominação colocando sua mão atrás da sua cabeça.

Figura 27 – Sexo homoerótico seguro



Fonte: *Nós Por Exemplo*, a. 1, n. 2, maio 1992, p. 9.

Para Jorge Caê Rodrigues:

Os retratos dos rapazes serviam, de alguma forma, para aliviar o estado de tensão provocado pela aids, que naquele tempo ainda era fatal. Além disso, inconscientemente as fotos propagavam uma imagem de saúde, já que o jornal falava tanto de doença. Os rapazes embelezavam o jornal.³²⁷

As fotografias eram retiradas de publicações do exterior até a edição de número 8, a partir daí, modelos brasileiros passaram a aparecer nas páginas do jornal.³²⁸ Além disso, convidavam os modelos que desejassem aparecer na capa ou nas páginas internas do *Nós Por Exemplo* a enviar a sua foto junto com o nome do fotógrafo e uma autorização para publicação. Não há menção à qualquer remuneração por isso.

Apesar desse projeto editorial modificar a representação de morte trazida na grande imprensa, há que se considerar o alcance desses

³²⁷ RODRIGUES, 2010, p. 124.

³²⁸ EDITORIAL, *Nós Por Exemplo*, Rio de Janeiro, a. 2, n. 9, jul./ago. 1993, p. 2.

periódicos. Por mais que a sua tiragem possa ser questionada, a circulação de revistas como a *Veja*, que era nacional, atingia um número mais elevado de consumidores, ao passo que o jornal *Nós Por Exemplo* voltava sua atuação para determinados grupos sociais acometidos pela doença, como forma de prevenção e conscientização. Inicialmente vendido por pessoas em São Paulo e Rio de Janeiro, nas bancas, posteriormente introduzindo o sistema de assinaturas que ampliou sua circulação. A proposta desse jornal criava fissuras nas representações dominantes que sinalizavam as diferentes formas de encarar aquele cenário epidêmico.

Havia divergências quanto à forma de lidar com o hiv-aids no interior das homossexualidades, inclusive entre ativistas conhecidos. O grupo Outra Coisa foi um dos primeiros a dialogar com o sistema público de São Paulo a fim de tomar decisões no enfrentamento do que já estava sendo observado como uma epidemia. Trevisan pontuou que alguns integrantes do Somos não demonstraram interesse em agir naquele momento, pois, além de enfrentarem uma crise interna, não consideravam um problema coletivo das pessoas homossexuais, como teria lhe dito Néstor Perlongher à frente do grupo, na época, mas de alguns sujeitos que frequentavam determinados espaços homoeróticos no exterior.³²⁹ O GGB realizou várias atividades desde o surgimento da epidemia³³⁰ até o presente, mantendo um discurso de prevenção e de temor à aids. O militante João Antônio Mascarenhas, do grupo Triângulo Rosa, tinha opinião distinta, dizendo que os grupos homossexuais não deviam articular-se nessa luta, pois isso reforçaria o estigma sobre si, deixando a epidemia a cargo das secretarias de saúde.³³¹

Os homossexuais eram tidos como o “grupo de risco” mais acometido pelo hiv-aids, porém, o vírus não tem a capacidade de selecionar quem infectar e quem não. Essa associação inicial reforçou o estigma sobre essas pessoas num momento em que o Movimento

³²⁹ TREVISAN, João Silvério. Somos o quê mesmo? In: GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018b. pp. 137-155. p. 146.

³³⁰ MOTT, Luiz. O imprescindível GGB, Grupo Gay da Bahia. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. pp. 211-225. p. 220-221.

³³¹ MOTT, 2018, p. 220.

Homossexual no Brasil estava lutando para desconstruir a representação negativa construída sobre o segmento. A justificativa dada à maior incidência do vírus nessas pessoas foi atribuída à sua suposta promiscuidade sexual. Alguns trechos coletados na revista *Veja* pontuam essa questão.

Na seção “Medicina” de uma edição de fevereiro de 1985, foi destacado: “[...] o grupo mais exposto ao risco, justamente pela promiscuidade, é formado pelos homossexuais”. Essa interpretação foi dada pela autoria da reportagem, que não foi assinada, uma característica presente nas edições da revista *Veja* que supostamente poderia indicar a neutralidade informativa, ocultando o sujeito fazedor e “limitando-se” apenas à notícia – objetividade que não existe plenamente. A seção abordava temas ligados à área da saúde, mas, ao mesmo tempo, estava reiterando a autoridade de cientificidade e respeito socialmente atribuída à medicina.

A reportagem informou que um espermicida identificado pelos cientistas de Atlanta, nos Estados Unidos, tinha a capacidade de destruir o vírus. Todavia, uma frase atribuída ao bioquímico Bruce Voeller ponderou: “Ninguém deve encarar isso como uma licença para entregar-se à promiscuidade sexual”.³³² Ou seja, embora o espermicida pudesse ser potente na prevenção, não autorizava uma desenfreada atividade sexual por parte das pessoas. A narrativa publicada, explicando melhor a citação inserida, atribuiu a libertinagem aos homossexuais, conforme trecho destacado acima, como se as demais pessoas não tivessem nada a ver com esse alerta.

Cinco meses depois, outra edição trouxe novamente essa questão à tona. Num *box* inserido na reportagem, os “grupos de risco” foram abordados, sendo que o quadro que destacou os homossexuais reforçou a promiscuidade como a principal causa destes e dos bissexuais liderarem as estatísticas.³³³ Esse entendimento parece pautar-se em compreensões do senso comum de que os homens têm mais necessidades e desejos

³³² UMA boa defesa: cientistas descobrem uma arma contra a AIDS. *Veja*, São Paulo, n. 859, 20 fev. 1985, p. 42.

³³³ A SOMBRA da AIDS: com a revelação de que o ator Rock Hudson sofre da doença, aumentam ao redor do mundo o medo e as indagações sobre suas causas e riscos. *Veja*, São Paulo, n. 882, 31 jul. 1985, p. 90.

sexuais do que as mulheres e, para tanto, sua natureza biológica seria supostamente responsável por isso. Tal senso comum ignora o estímulo cultural direcionado aos homens para que tenham relações sexuais, fundando em sua biologia uma construção que é social. Homossexuais e bissexuais, biologicamente tidos como homens, uma identidade que ocorre por imposição, teriam essa necessidade, e múltiplos esforços eram feitos no sentido de conscientizá-los para reduzir tais estímulos. Os homens heterossexuais não são mencionados, como se para eles a natureza não fosse a mesma, ou estivessem imunes por relacionarem-se supostamente apenas com mulheres.

As epidemias que surgiram na história produziram representações sobre as doenças e os doentes, e parte delas foram reapropriadas no caso da aids. Não se pode pressupor que a discursividade referente à aids tenha sido totalmente distinta das demais, pois o lastro das anteriores penetrou na mentalidade das pessoas. A culpabilização dos doentes com base nas representações mágico-religiosas é uma dessas permanências. Em uma reportagem da revista *Veja* esse pensamento foi criticado:

Trata-se – e é para esse ponto que deveriam convergir todas as energias da coletividade – de tentar cercear cientificamente o inimigo. Que, não custa repetir, é o vírus e não sua vítima. Não existe na história da medicina um vírus que tenha sido exterminado pelo ódio a uma minoria ou pelo estigma lançado contra os pacientes.³³⁴

Entretanto, apesar das divergências, tal discursividade continuava vigente. Leide Sanches destacou essa permanência ao analisar as representações da aids e sua relação com as epidemias anteriores e, além disso, alertou sobre a postura semelhante de determinados profissionais da área da saúde, responsabilizando os sujeitos ou grupos pelo contágio e pela disseminação da aids.³³⁵ Cabe mencionar que a autora também usou

³³⁴ UM atalho para o passado: a AIDS se multiplica, dá um nó nos costumes e ameaça reviver a tradição de combater o doente, e não a doença. *Veja*, São Paulo, n. 904, 1 jan. 1986, p. 162.

³³⁵ SANCHES, Leide da Conceição. **Representações sociais da Aids:** entre permanências e ressignificações. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. p. 205.

como fonte edições da revista *Veja*, nas quais foi possível identificar essa postura por parte de alguns profissionais da saúde.

Algumas narrativas jornalísticas também sugerem tal culpa quando isentam outras pessoas de um potencial transmissor e da possibilidade de contágio, maximizando, por outro lado, o estigma sobre determinados sujeitos. A reação social mobilizada a partir dos afetos e emoções era diferente em se tratando de uma criança com aids ou de uma pessoa hemofílica, daquelas que haviam sido contaminadas por meio sexual ou pelo uso de drogas injetáveis. O estigma sobre as doenças sexualmente transmissíveis é maior devido à sua associação com a promiscuidade, abominada pela tradição moral cristã, no discurso e na visibilidade pública, seguida de sua forma de contaminação.

Em uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), publicada em 1993 na revista *Veja*, resultado de entrevistas com 2 mil pessoas de todas as regiões do país, e de diferentes classes sociais, 61% delas atribuía aos homossexuais a culpa pela disseminação da aids no mundo, sendo tal resposta mais recorrente nas pequenas cidades.³³⁶ Mesmo que a metodologia de obtenção de tais dados possa ser questionada, chama a atenção a permanência da culpabilização de uma fração dos doentes – os homossexuais.

Esse cenário de medo da morte, do contágio e de discriminações alterou o comportamento sexual de algumas pessoas, tanto no Brasil quanto no exterior.³³⁷ Néstor Perlongher pontuou que o processo de moralização ocorrido pode ser entendido como um “dispositivo da aids”, em diálogo com Foucault, mas não apenas em razão da doença, e, sim, igualmente como um desdobramento da revolução sexual.³³⁸ Em uma pesquisa realizada entre 1989 e 1990 pelo antropólogo Richard Parker, com 503 pessoas da região metropolitana do Rio de Janeiro, foi constatado o percentual significativo de pessoas que conheciam sobre os meios de transmissão do hiv, entretanto, 66,4% afirmaram que não

³³⁶ O MUNDO gay rasga as fantasias: Ibope mostra a difícil convivência da maioria dos brasileiros com os homossexuais. *Veja*, São Paulo, n. 1287, 12 maio 1993, p. 53.

³³⁷ Sobre as transformações decorrentes da aids no exterior ver a pesquisa: POLLAK, Michael. **Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia**. Tradução de Paula Rosas. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

³³⁸ PERLONGHER, Néstor. **O que é AIDS?** São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 74.

usariam camisinha no sexo anal, enquanto 62,4% concordaram parcial ou completamente em usá-la. Cerca de 25,2% passaram a usar camisinha nas relações casuais, 25,8% reduziram a frequência de relações anais passivas e 19,3% aumentaram a frequência da masturbação mútua. Em síntese, Parker constatou a permanência de um comportamento de elevado risco no começo da década de 1990.³³⁹

Tais dados podem ser comparados com outra pesquisa, realizada em 1995, que indicava outra realidade: 80% das pessoas contatadas não fariam sexo anal sem camisinha e 87,3% delas tinha o entendimento de que poderiam ser infectadas pelo hiv; somente 10,3% discordavam.³⁴⁰ A pesquisa pode ser questionada quanto à sua abrangência, considerando a diversidade cultural presente no Brasil, mas, mesmo assim, as informações coletadas indicam que o comportamento sexual passou por transformações no período da epidemia de hiv-aids.

Juntamente com as transformações que modificavam os costumes sexuais, o modo de vida homossexual foi alterado. De um lado o dispositivo disciplinar cisheteronormativo continuava atuando, demandando posturas condizentes com as demandas sociais culturalmente forjadas – sendo possível, não obstante, resistir e driblar essa ação impositiva. Por outro lado, assumir a identidade homossexual mesmo após o ativismo iniciado no fim da década de 1970 era algo difícil. Urgia romper com o poder exercido sobre as consciências coletivas que controlava o que as pessoas podiam ou não fazer, bem como as sensações de culpa ou satisfação a partir das suas ações. Ou seja, era um problema que precisava ser resolvido em diferentes instâncias: consigo mesmo, com a família, com a sociedade, com o Estado e com a legislação.

Não bastasse isso, a discriminação decorrente do hiv-aids se intensificou. Se, de um lado, era difícil assumir essa identidade, de outro, o cenário epidêmico sugeria uma permanência no “armário”, mesmo com

³³⁹ PARKER, 1994, p. 67-83. Dados da pesquisa também podem ser analisados nos gráficos presentes em obra em que analisa também o desdobramento desses índices com o período posterior. Ver PARKER, Richard et. al. Práticas sexuais e mudança de comportamento entre homens que fazem sexo com homens no Rio de Janeiro (1990-1995). In: PARKER, Richard; TERTO Jr. Veriano (Org.). **Entre homens: homossexualidade e aids no Brasil**. Rio de Janeiro: ABIA, 1998, p. 15-48.

³⁴⁰ PARKER et. al., 1998, p. 36.

a visibilidade das homossexualidades na mídia. Discrição e passar por homem socialmente – ou seja, por cisgênero e masculino – era uma forma de evitar a discriminação recorrente que havia sido ampliada na década de 1980.

4.3 A CONSTRUÇÃO DA ESTÉTICA CORPORAL DO GAY VIÁVEL NO TEMPO DE NORMATIZAÇÃO

Ao mesmo tempo em que a aids estava vitimando várias pessoas, transparecendo nos seus corpos as marcas da doença – como a magreza e fraqueza – começou a ganhar projeção nacional outro biotipo estético masculino tido como atraente. Enquanto a revista erótica *Rose*, no fim da década de 1970 e começo dos anos 1980, introduziu no mercado de consumo um modelo de beleza jovial, a partir de corpos de adolescentes, sugestivamente imberbes, tidos como atraentes e fabricados de modo a reforçar e produzir desejos sobre esse tipo de sujeito, na segunda metade da década esse padrão foi modificado. Essa alteração pode ser observada nas páginas de outra revista erótica que circulou no fim da década de 1980.

Intitulada *Spartacus*, a publicação era produzida pela Edições Ki-Bancas, de São Paulo, que ficava situada na Avenida do Café, número 445, na Vila Guarani, zona sul da cidade de São Paulo. Segundo informações da primeira edição da referida revista, a editora estava completando cinco anos de existência. Além disso, produzia outras revistas como *Master Sex* e *New Rudolf*, revistas eróticas que veiculavam fotografias de mulheres, possivelmente voltadas ao público heterossexual, mas que também podiam ser adquiridas por outras pessoas interessadas nesse produto. É provável que *Spartacus* tenha circulado entre 1987 e 1990, e sabe-se da existência de 17 edições publicadas. Era direcionada ao público homossexual, sobretudo aos gays. Quem desejasse comprá-la podia encontrá-la nas bancas, sendo que, posteriormente, foi introduzido um sistema de distribuição pelo correio mediante assinatura semestral.

A maior parte dos exemplares localizados tinha cerca de 32 páginas. *Spartacus* era apresentada como erótica e não pornográfica.³⁴¹ O motivo da escolha desse nome não é abordado,³⁴² entretanto, leva o nome do guerreiro romano Espártaco, em latim, *Spartacus*, um soldado desertor que foi escravizado e acabou tornando-se gladiador. Ele liderou levantes contra Roma, porém acabou sendo morto em um desses conflitos. Tornou-se um símbolo de força e resistência, sendo retratado em várias produções filmicas desde os anos 1950. Seu nome também evoca a antiga cidade de Esparta, na Grécia, conhecida por ser militarista e por nela vigorar um modelo de masculinidade idealizada. O uso dessa referência em latim reitera um modelo de masculinidade viril que é direcionado a produzir desejos eróticos e sexuais, voltando-se, sobretudo, a uma população tida como masculina. Eram aspirações homoeróticas fabricadas que suscitavam a volúpia dos leitores, deleitando-se com as fotografias de sujeitos lidos como homens verdadeiros, fortes e rijos.

Além da virilidade exaltada nesses modelos, o símbolo de *Spartacus* – veiculado desde a primeira edição – era um cogumelo, cujos contornos também podiam aludir a um pênis, componente exaltado na cultura falocêntrica. A partir da segunda edição, a sua representação ganhou cores quentes que explicitavam ainda mais sua relação com o órgão genital, grafismo que permaneceu inalterado até a última edição localizada. A seguir, algumas capas da revista *Spartacus*.

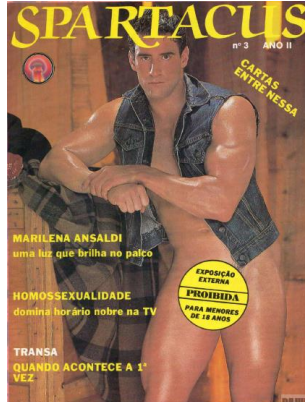
³⁴¹ FERREIRA, Mara. Editorial. **Spartacus**, São Paulo, n. 2, 1987, p. 3.

³⁴² O nome da revista não é inédito. Já havia sido usado em outras publicações no mundo, uma delas era a *Spartacus International Gay Guide*, que passou a circular na década de 1970 e trazia informações e dicas, sendo um guia para conhecer espaços onde homossexuais seriam melhor atendidos, semelhante ao que viria a ser chamado de *gay friendly*.

Figura 28 – Capas da revista *Spartacus* (1987-1990)



Fonte: *Spartacus*, n. 1, 1987.



Fonte: *Spartacus*, n. 3, 1988.



Fonte: *Spartacus*, n. 6, 1988.



Fonte: *Spartacus*, n. 16, 1990.

O biotipo físico masculinizado veiculado nas capas dessa revista preserva a característica do bronzado, como já foi visto em *Rose*, contudo, aposta numa construção das carnes sexuadas fabricando um corpo masculino enrijecido, com músculos salientes que traduzem força, uma estatura aparentemente grande que sugere proteção, ombros largos, coxas definidas e uma expressão facial que demonstra seriedade. Uma fabricação imagética que visa realçar a masculinidade viril do imaginário social que a entende como biológica, natural, mas que foi construída a partir de exercícios físicos, refeições reguladas, suplementos alimentares

e poses definidas. Esses enquadramentos fotográficos atizam o apetite sexual e destacam partes do corpo que podem excitar o público leitor construindo e despertando desejos sobre esses componentes.

Como se tratava de uma revista que veiculava nudez, era proibida para menores de 18 anos e, nas capas, o órgão genital era ocultado. Sua exposição nas bancas já indicava o teor do conteúdo que seria encontrado internamente. Os modelos escolhidos para ocupar esse espaço chamativo, atraindo a aquisição da revista, eram cuidadosamente selecionados. Uns estavam completamente nus, enquanto outros vestiam alguma peça de roupa. O cenário em que apareceram também variou, embora os elementos inseridos pareçam ter sido cuidadosamente pensados de modo a ressaltar ambientes masculinos, como na selva, carregando objetos, em ambientes rústicos, com madeira ou em cenário de futebol.

Todos os modelos que apareceram nas capas³⁴³ compunham o grupo racial privilegiado socialmente, reforçando o padrão branco de beleza, ressalte-se que fenotipicamente alterada pelo bronzeado conquistado a partir da exposição de seus corpos ao sol ou seguindo as orientações veiculadas na revista, como o uso de produtos bronzeadores, hidratantes, consumo de determinados alimentos ou a realização de bronzeamento artificial. Eram dicas para uma época em que se estava recomendando – como se lê em uma edição da revista – que se chegasse já bronzeado à praia, e não com a marca branca de escritório.³⁴⁴ Corpos musculosos predominaram nas imagens, sem ou com poucos pelos. Nenhum modelo de pele negra estampou as capas da revista *Spartacus*.

As masculinidades negras, segundo bell hooks, ocuparam um lugar de inferioridade na sociedade decorrente da ação do “patriarcado supremacista branco capitalista imperialista”, que construiu os negros como menos homens, violentos, perigosos – como se encarnassem a animalidade do macho.³⁴⁵ Esse mesmo sistema também é responsável pela forma como os homens negros perseguiram a masculinidade do homem branco burguês, reproduzindo práticas sociais que acarretam

³⁴³ Algumas edições, como a de número 13, antecipou a capa da seguinte, porém a da edição 14 não era a mesma indicada anteriormente.

³⁴⁴ UM bronzeamento saudável. *Spartacus*, São Paulo, n. 2, a. 1, 1987, p. 24.

³⁴⁵ hooks, bell. *A gente é da hora: homens negros e masculinidades*. Tradução de Vinicius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

relações de poder, tanto horizontais como verticais, entre os seus e com a alteridade. Entretanto, ao reproduzir essas engrenagens do sistema, tais sujeitos acabam tornando-se também alvos dele, vítimas, de modo que bell hooks solicita, para os homens negros, uma conscientização, o que facultaria a eles a possibilidade de tornarem-se outros homens, modelando uma masculinidade curativa.

Nas páginas internas da revista, outros modelos foram veiculados: alguns possuíam outro biotipo que pode ser entendido como comum; outra parcela era de corpos adolescentes e/ou jovens que eram veiculados na seção “Boys” de *Spartacus*. Alguns modelos tinham muitos pelos no corpo, outros menos, no entanto, tendencialmente as fotografias sugeriam um corpo liso, sendo que alguns aparentavam ter sido hidratados com óleos, loções ou lubrificantes usados estrategicamente para realçar suas formas físicas. Diferente das imagens veiculadas no início da década de 1980, o corpo imberbe teve uma redução de visibilidade, não foi abandonado, mas a ostentação estava centrada em outro biotipo – o musculoso.

Uma distinção precisa ser pontuada. Enquanto a revista *Rose* veiculou modelos amadores nacionais, *Spartacus* mesclou modelos internacionais e brasileiros. Não é possível dizer se as imagens dos modelos internacionais foram cedidas ou simplesmente reproduzidas de outros periódicos. No entanto, observa-se como a tendência vinda do exterior – corpos rijos e depilados – estava ganhando as páginas da imprensa homoerótica brasileira.

Essa valorização do corpo musculoso pode ser observada, também, em outros tipos de mídias. Em 1982, foi lançado o primeiro filme³⁴⁶, nos Estados Unidos, do personagem John Rambo – interpretado pelo ator Sylvester Stallone – um ex-soldado da Guerra do Vietnã, valente e destemido que enfrentava diferentes perigos, com força, astúcia e determinação. A personagem encarnava as características da masculinidade hegemônica e encenava uma virilidade que passou a ser

³⁴⁶ O título do filme brasileiro foi Rambo – programado para matar. Direção de Ted Kotcheff, EUA, 1982, 97’.

cobiçada e desejada. Já em 1985, foi lançado o segundo filme³⁴⁷ e, três anos depois, outro.³⁴⁸ Esses filmes conquistaram bastante audiência nos cinemas, mas também nas exibições nos canais de televisão, tornando o personagem ainda mais conhecido.

Entre 1982 e 1992, um programa no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) chamado *Viva a Noite* era apresentado por Gugu Liberato³⁴⁹. Em 1988, devido ao sucesso dos filmes de Rambo, foi criado aí um concurso chamado “Rambo brasileiro” para escolher os homens que fossem parecidos com o personagem.³⁵⁰ Além do título, os vencedores ganhavam um prêmio em dinheiro. Os candidatos poderiam se inscrever e, se escolhidos, iriam ao programa, eram entrevistados com breves perguntas e participavam de provas no palco, realizando cenas de atividades semelhantes às que Rambo protagonizou no segundo filme. Assim como o personagem, vestiam calça camuflada, botas pretas, uma cinta e uma faixa amarrada na cabeça. Portavam uma bazuca, arma cinematográfica que, no conjunto, ressaltava a virilidade máscula que estavam tentando ostentar por meio do concurso.³⁵¹ Seus peitorais eram desprovidos de pelos e lustrosos, possivelmente resultado do uso de óleos que ressaltavam seus contornos.

O biotipo halterofilista difundiu-se para além dos modelos profissionais que treinavam e construía um corpo musculoso e rijo. Essa tentativa de encontrar um Rambo brasileiro pode ser vista como a procura por alguém que apresentasse o tipo físico que estava sendo valorizado sem ser profissional. Isso produzia desejos eróticos, especialmente por performar uma masculinidade tida como essência, supostamente característica dos machos. Era um arquétipo que despertava a atração, não por ter sido criado naquele momento, mas por ocupar espaços para além

³⁴⁷ O título do filme brasileiro foi Rambo 2 – a missão. Direção de George Pan Cosmatos, EUA, 1985, 96’.

³⁴⁸ O título do filme brasileiro foi Rambo 3. Direção de Peter MacDonald, EUA, 1988, 100’.

³⁴⁹ Antônio Augusto Moraes Liberato (1959-2019) foi radialista, jornalista, apresentador, empresário, obtendo bastante sucesso nos seus programas de audiência, com quadros diversificados.

³⁵⁰ MARCKEZINI, Fábio. Em 1988, Gugu aproveitou [a] febre e elegeu o Rambo brasileiro no *Viva a Noite*. Disponível em: <https://tvhistoria.com.br/em-1988-gugu-aproveitou-febre-e-elegeu-o-rambo-brasileiro-no-viva-a-noite/>. Acesso em: 16 ago. 2022.

³⁵¹ Um trecho do programa do *Viva a Noite* pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=9TUo8eu9dH0>. Acesso em: 16 ago. 2022.

dos voltados ao esporte físico ou revistas de fisiculturismo. Foi um fenômeno que se difundiu socialmente e podia provocar o desejo e a agência dos sujeitos a fim de conquistar alguém com esse perfil, tornar-se assim ou adquirir as características que estavam sendo valorizadas.

No universo homossexual a masculinidade que era performada pelos *bofes*, *entendidos* ou gays reproduzia elementos da cisgeneridade imposta, permitindo-lhes passar por homem socialmente em alguns ambientes. Na compreensão social predominante, ser homem era ser hétero, ou seja, um sujeito distinto daquele chamado por terminologias que revelavam sua homossexualidade.³⁵²

Aproveitando-se desse cenário de transformações sociais, a travesti brasileira Eloína dos Leopardos teve a ideia de produzir shows em teatros e boates, a partir de 1987, performances cuja marca era rapazes que dançavam e despiam-se em público. Esses espetáculos foram estreados no Rio de Janeiro, inicialmente no teatro Serrador e, posteriormente, foram realizados no teatro Alaska, dentre outros. Segundo relatou Eloína, até então mulheres costumavam realizar esses shows, mas a ideia de colocar homens era inovadora.³⁵³ Apesar de encontrar resistências iniciais, tais espetáculos foram bem sucedidos e expandiram-se para outros países. À medida que foram conseguindo mais dinheiro, o espetáculo foi sofisticando-se e chamou a atenção da imprensa.

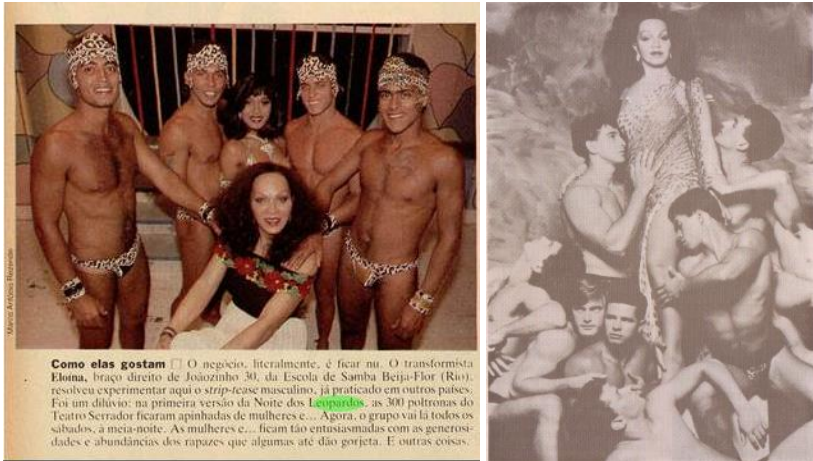
Na revista *Manchete*, em uma edição de 1987, a travesti Eloína apareceu ao lado de alguns leopardos, como eram chamados aqueles rapazes, destacando o sucesso do show “Noite dos Leopardos” e o grande número de pessoas que foram prestigiar o evento. A descrição enfatiza que as mulheres gostaram, no entanto, as reticências usadas sinalizam que não era o único público a quem tal espetáculo interessava. Gays e demais pessoas atraídas pela masculinidade prestigiavam tais eventos, cujo

³⁵² Ideia desenvolvida a partir da leitura de Monique Wittig, que destacou que as lésbicas não eram mulheres. Cf. WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Tradução de Maira Mendes Galvão. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

³⁵³ LEOPARDOS, Eloína dos. **Memória da diversidade sexual**. Direção de Luffe Steffen. Produção de Edu Lima. São Paulo: Museu da diversidade sexual, 2017. 57'. Disponível em: <https://culturaemcasa.com.br/video/memoria-da-diversidade-sexual-eloina-dos-leopardos/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

sucesso resultou na sua apresentação semanalmente aos sábados, à meia-noite. Junto de uma das fotos abaixo, foi publicada uma entrevista no jornal *Nós Por Exemplo*, em 1993, destacando a permanência desse espetáculo, o horário dos shows e projetos futuros.³⁵⁴

Figura 29 – Eloína e os Leopardos



Fonte: *Manchete*, n. 1860, 1987, p. 62.

Fonte: *NPE*, n. 6, 1993, p. 9.

Os rapazes contratados para realizar o show deviam ser fixos, segundo Eloína, não podendo trabalhar em outras boates.³⁵⁵ Fossem homossexuais, heterossexuais ou michês, isso não importava, contanto que fizessem seu trabalho, dançando, despindo-se, sensualizando seus corpos, atijando o erotismo e voyeurismo da plateia. Devido à valoração social desse tipo de trabalho, não era qualquer sujeito que aceitaria tal proposta de ficar totalmente nu no palco. Retratados juntos com a criadora desse espetáculo e aparecendo nas páginas da revista *Manchete*, esses rapazes aparentavam ter um biotipo físico comum, alguns com peitoral mais definido do que os outros. Tratava-se de uma objetificação da masculinidade aos moldes essencialistas de compreensão difundidos

³⁵⁴ ELOÍNA, a dama dos Leopardos. *Nós Por Exemplo*, Rio de Janeiro, a. 2, n. 6, 1993. p. 9.

³⁵⁵ LEOPARDOS, 2017.

popularmente. Um culto à masculinidade que, desde a segunda metade da década de 1980, passou a difundir-se na sociedade e na mídia brasileira.

Uma das casas de show paulista que abriu as portas para esse tipo de espetáculo foi a boate *Nostro Mondo*, cuja proprietária era a Condessa Mônica. Ocorreram concursos para escolher o “Garoto Leopardo 87”, sinalizando desdobramentos dessa fabricação da masculinidade viril como um produto de consumo e de desejo.³⁵⁶ Outro exemplo que pode ser citado é o concurso de mais belo bumbum 88, como o realizado na boate *Wall Shows*.³⁵⁷ Tudo isso soma-se ao processo crescente de objetificação do macho, semelhante ao que ocorria com o corpo feminino, sendo que os rapazes tidos como atraentes eram contratados também para trabalhar em boates exclusivas para mulheres, numa versão heterossexual semelhante àqueles eventos que já animavam os espaços homossexuais. Alguns desses rapazes podiam aparecer, inclusive, nas revistas de nu masculino, como o garoto leopardo Beto, que realizou um ensaio fotográfico na revista *Spartacus*, em 1989.³⁵⁸

Essa objetificação já era abordada e assim nomeada na imprensa no começo dos anos 1990.³⁵⁹ Seus desdobramentos ampliaram a cultura falocêntrica, tornando a masculinidade viril símbolo de audiência, propaganda, deleite voyeurista, sexual e um produto de consumo. Um fenômeno que repercutiu na vida dos gays, das mulheres e dos homens cis e trans.

A preocupação com a saúde no contexto da epidemia do hiv-aids demandou maior atenção por parte das pessoas, bem como da saúde pública, a fim de assegurar esse direito sobre a vida, esse aspecto biopolítico central no governmentamento da população. Na segunda metade da década de 1990, a grande imprensa nacional já noticiava o crescimento desse cuidado traduzido, sobretudo, nos exercícios que esculpiam músculos e modificavam a estética física. Quando analisados em conjunto, os dados revelam não apenas o cuidado com a saúde, mas também a construção da vaidade sobre esses modelos de beleza, como a

³⁵⁶ OUTRAS faces do “Nostro Mondo”. *Spartacus*, São Paulo, n. 1, a. 1, p. 6-7, 1987.

³⁵⁷ O MAIS belo bumbum 88. *Spartacus*, São Paulo, n. 4, a. 2, p. 5, 1988.

³⁵⁸ BETO: um garoto leopardo. *Spartacus*, São Paulo, n. 10, a. 3, p. 20-21, 1989.

³⁵⁹ OLIVEIRA, Patrícia. Clube das mulheres: hora e vez dos homens-objeto. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 2111, 19 set. 1992, p. 43-45.

exaltação da masculinidade padrão. Algumas notícias na revista *Veja* sinalizam essas transformações, como se lê na Tabela 8:

Tabela 8 – Saúde, estética e distinção social

| Título | Data |
|--|-------------|
| PRONTOS PARA O VERÃO: como as novas técnicas de ginástica estão esculpindo os músculos nas academias | 08/01/1997 |
| Em busca do corpo desenhado: aeróbica para a saúde e definição muscular para a vaidade – é a nova receita das academias | 08/01/1997 |
| Malhação caseira: aulas de ginástica em vídeo ajudam os avessos a academia a entrar em forma | 29/01/1997 |
| O outono do macho: cresce o número de homens que buscam na reposição hormonal o vigor da juventude | 28/05/1997 |
| Um corpo saudável não se constrói só com musculação | 21/01/1998 |
| O FEITIÇO DO CORPO IDEAL: insatisfação com a auto-imagem [sic] e luta contra a gordura se transformam em obsessão | 04/02/1998 |
| Músculos que erguem o Ibope | 11/03/1998 |
| A PÍLULA MILAGROSA: Foi aprovado o remédio que resolve até 80% da impotência sexual | 01/04/1998 |
| SATISFAÇÃO GARANTIDA: com até 80% de eficácia está chegando ao país a pílula contra a impotência | 01/04/1998 |
| Impotência sexual | 08/04/1998 |
| RETOQUE SEM FACA: O Botox é a sensação dos tratamentos temporários de rejuvenescimento do rosto | 20/05/1998 |
| Passos em falso: indispensável à boa forma, o exercício físico detona os músculos e ossos se mal praticado | 10/06/1998 |
| SUAVE É O VERÃO: branco e cinza, areia, tecidos moles e delicados, decotes e transparências dão o tom para os meses de muito calor | 09/09/1998 |
| Esporte fino - sem terno, mas elegante: como ser bem vestido hoje com o estilo do futuro | 07/10/1998 |
| CADA VEZ MAIS CEDO: graças aos avanços da cirurgia plástica, cresce o número de pacientes jovens que procuram os consultórios médicos em busca de retoques sutis no rosto e no corpo | 14/10/1998 |
| ALEGRIA RENOVADA: cada vez mais gente desafia o medo de dentista só para embelezar a boca e sorrir mais branco | 28/10/1998 |
| Operárias da beleza: cada vez mais numerosas, e mais jovens, brasileiras disputam passarelas internacionais | 04/11/1998 |
| Malhar no molhado: artes marciais, musculação e até massagem entram nas piscinas das academias | 20/01/1999 |

| | |
|--|------------|
| Dentista de cuecas | 27/01/1999 |
| FAMA E BELEZA: Plástica, malhação e outros truques das celebridades para ficar mais bonitas | 17/02/1999 |
| SUCESSO FAZ MILAGRE: como a fama, o dinheiro e um bom bisturi operam metamorfoses | 17/02/1999 |
| Fama e beleza | 24/02/1999 |
| Luxo barato: como o telefone celular, o personal trainer se torna acessível à classe média | 17/02/1999 |
| Energia pura: o laser vira arma potente nos tratamentos estéticos | 03/03/1999 |
| Menores no bisturi: aumenta o número de adolescentes que se submetem a operações plásticas | 10/03/1999 |
| E ainda remoça! Pesquisa inédita revela que a prática sexual freqüente [sic] mantém a juventude | 17/03/1999 |
| Tropeçando na sorte - do batente pesado para a carreira diante das câmeras: acaso ajuda os modelos | 07/04/1999 |
| ATENTADOS À BELEZA: mutilações e mortes alertam para o risco de escolher o médico errado | 12/05/1999 |
| Picada de vaidade: apesar dos perigos, cresce o número de brasileiros que tomam injeções de hormônio do crescimento para tentar rejuvenescer | 26/05/1999 |
| Homens de peito: deformados por anabolizantes, homens recorrem à cirurgia de redução de mama | 09/06/1999 |
| A NOVA ESTÉTICA MUSCULAR: os corpos delgados dão lugar às formas esculpidas nas academias de ginástica | 16/06/1999 |
| Cuidados – Plástica expressa: conheça as principais técnicas de rejuvenescimento sem cirurgia | 16/06/1999 |

Fonte: Revista *Veja*. Elaborado pelo autor.

As notícias veiculadas na revista *Veja* indicam que o fenômeno da procura por academias e exercícios para construir um corpo tido como atraente e visível nas mídias acompanhou outras transformações que se operaram sobre a estética, como tratamentos dentários, cirurgias plásticas, dicas de moda, além de medicamentos cujo discurso prometia rejuvenescer a beleza e restabelecer o vigor dos tempos de outrora. Se envelhecer era inevitável, aparentar ser jovem tornou-se um desafio a ser alcançado. A imprensa ajudou a criar esse fenômeno, reiterando esse padrão estético e sugerindo estratégias para atingir esse objetivo. Pessoas com problemas econômicos e que desejassem inserir-se nesse afã recebiam dicas de exercícios para fazer em casa.

Adquirir essa estética masculinizada era algo possível, exigia esforços individuais, seguir as orientações dadas na imprensa, bem como ser capaz de custear as consultas e procedimentos com os profissionais especializados em suas áreas de atuação, como: *personal trainer*, dentista, cirurgião plástico, dentre outros. Além disso, houve a incorporação de vestimentas que incrementaram o guarda-roupas masculino. É possível que não se tratasse de uma preocupação com a moda, tida como uma característica feminina, embora alguns sujeitos poderiam estar em sintonia com ela, mas desde a composição de estilos e tendências a partir das personalidades dos sujeitos e/ou daquelas cobiçadas e midiáticas.³⁶⁰

Mediante a aquisição desses elementos, era possível parecer-se com os artistas de cinema cobiçados, com os modelos que apareciam na mídia ou com os galãs das novelas. Era possível, ademais, conquistar alguém que ostentasse esse arquétipo nas baladas ou se tornasse alguém que obtivesse essa distinção. Isso não significa que todos os rapazes queriam ser assim ou os que sentissem atrações homoeróticas e desejassem alguém com esse biotipo, entretanto, esse padrão de beleza sobressaiu-se.

Essa masculinidade fabricada e exaltada por meio da virilidade atingiu todas as camadas sociais, embora as mais abastadas tivessem mais condições de *incorporá-la* inicialmente. Isso se expandiu, posteriormente, e tal ideal também pôde ser acessado por outras pessoas. Os sujeitos que se transformaram a partir dessas mudanças estéticas, dando novos significados à percepção da sua masculinidade por outrem, cuidando da aparência e mantendo sua heterossexualidade, passaram a ser chamados de metrossexuais.

Os homens metrossexuais eram resultado de uma conjuntura de transformações operada a partir da contracultura dos anos 1960 e 1970, dos produtos de beleza disponíveis nestas e nas décadas seguintes, sujeitos que passaram a cuidar mais da aparência numa época em que o cuidado com a saúde passou a ocupar maior centralidade na mídia e nas políticas públicas. Eram parte dos chamados novos homens, ou seja, daqueles cuja masculinidade patriarcal essencializada estava sendo posta

³⁶⁰ Sobre essa questão ver BARROS, Fernando de. Assim caminha a moda masculina. In: CALDAS, Dario (Org.). *Homens*. São Paulo: Editora SENAC, 1997. p. 135-146.

em xeque. Um desdobramento que contou também com a fusão crescente do masculino e feminino no que diz respeito às tendências do vestuário.³⁶¹

É necessário atentar que a suposta crise³⁶² pela qual passou a masculinidade permitiu a produção de novas subjetividades em torno do “ser homem” e de novas performatividades de gênero, aliadas à composição de expressões de gênero distintas das masculinidades hegemônicas. O metrossexual seria um sujeito intermediário moldado a partir das inter-relações entre as masculinidades tornadas hegemônicas e as subalternizadas a partir do contato como o público gay.³⁶³ Kimmel pontuou que ambas, as masculinidades hegemônicas e as subalternas, são produzidas através de interações mútuas, porém desiguais, em uma ordem social e econômica dividida pelo gênero.³⁶⁴

Os homossexuais que obtinham tal biotipo hiper viril podiam passar despercebidos em alguns ambientes, ocultando suas preferências sexuais e evitando o preconceito. Por outro lado, ao encarnar o arquétipo da masculinidade cobiçada, despertavam a fantasia de serem conquistados por alguém pelo fato de supostamente serem homens de verdade. A representação do homem hétero, macho, viril, podia ser acessada através desse sujeito afeito às práticas homoeróticas, independentemente da forma como se autodefinia, que circulava nos espaços de sociabilidade GLS e se permitia tais prazeres.

Sylvio de Oliveira, editor do jornal *Nós Por Exemplo*, num artigo publicado, destacou sua surpresa decorrente da diferença entre a geração

³⁶¹ CALDAS, Dario; QUEIROZ, Mário. O novo homem: comportamento, moda e mercado. *In*: CALDAS, Dario (Org.). **Homens**. São Paulo: Editora SENAC, 1997. p. 149-161.

³⁶² A ideia de crise da masculinidade foi construída a partir das suas transformações na segunda metade do século XX, tendo em mente a masculinidade essencializada falocrática que estava sendo posta em xeque. Crise é uma palavra usada de modo negativo para sinalizar que algo não está certo, é uma perturbação de um estado de pretensa harmonia e bem-estar. Tudo está indo bem, aí ocorre uma crise, que abala. Tal entendimento parece não levar em conta as diferentes masculinidades existentes para além de um modelo utópico que poucos sujeitos são capazes de performar. Como Marko Monteiro pontua, essa visão de “crise” costuma ser atribuída ao movimento feminista e gay como forma de culpabilização. Cf. MONTEIRO, Marko. Masculinidades em revista: 1960-1990. *In*: PRIORE, Mary Del; ADAMANTINO, Marcia (Orgs.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Ed. Unesp, 2013. p. 335-358. p. 341.

³⁶³ ALVES, Jorge Luiz da Silva. Masculinidades em debate: a metrossexualidade no espectro entre a subalternidade e a hegemonia. **Diversidade e Educação**, Rio Grande/RS, v. 7, n. 2, p. 197-223, jul./dez. 2019. p. 219.

³⁶⁴ KIMMEL, 1998.

homossexual da década 1970 e a dos anos 1990. Para esse autor, tal modificação seria decorrente da “geração saúde”, em que as pessoas passaram a investir na aparência física sadia, focando em exercícios e em alimentação regrada que estaria alinhada a uma ocultação da sua sexualidade – ao mesmo tempo em que a experienciavam em outros espaços, não mais nos guetos. Essa ambiguidade pode ser extensiva da ideia de que ser visto como homossexual poderia sinalizar ter hiv ou aids. Por isso, Oliveira critica o padrão musculoso posto que, para ele, tratava-se de pessoas que não eram capazes de definir sua própria sexualidade e o faziam esquecendo-se de que havia comportamentos de risco e não grupos de risco.³⁶⁵

Essa transformação nas masculinidades, ocorrida também entre os gays – que são o objeto desta análise – passou a ganhar maior visibilidade na década de 1990, no Brasil, mas é resultado de um fenômeno global que envolve o crescimento da visibilidade homossexual e outros fatores pontuados por Trindade, como a epidemia de hiv-aids, a ascensão de um neoliberalismo que incorporou parcela desses gays na sociedade mediante seu poder de consumo e as novas formas de ativismo.³⁶⁶ Contudo, há que se considerar o papel desempenhado pela mídia nesse processo, pois, além de noticiar, ela contribuiu na fabricação e reprodução de modelos apresentados, tanto na valorização daqueles a serem seguidos quanto no distanciamento daqueles a serem evitados.

Esses veículos de imprensa vão exercer tecnologias de poder biopolítico de controle populacional, normatizando biotipos, existências e *estilos de vida* produzidos como favoráveis, melhores do que outros – ação que será utilizada para os propósitos de governmentação da população gay. No entanto, esse poder exercido pela mídia não pode ser entendido como uma ação consciente de controle da população homossexual, independente do periódico em questão, mas algo que no seu conjunto incidiu na fabricação de subjetividades gays. Não quer dizer que apenas a imprensa e/ou mídia produziu esse sujeito gay padrão, pois esse processo contou com outras interferências culturais, sociais, políticas e

³⁶⁵ OLIVEIRA, Sylvio de. Geração saúde. **Nós Por Exemplo**, Rio de Janeiro, a. 1, n. 3, jul. 1992. p. 12.

³⁶⁶ TRINDADE, 2003.

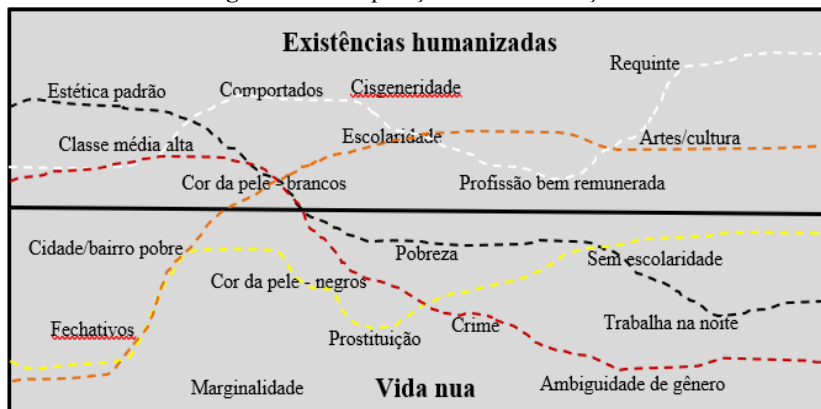
econômicas presentes na história do Brasil. Além das transformações presentes nas décadas de 1980 e 1990. É tênue a fronteira que separa o assujeitamento do protagonismo desses sujeitos adeptos dos prazeres homoeróticos masculinos, mas perceber os fatores que compõem esse fenômeno é fundamental para compreendê-lo.

Existe uma população plural na sociedade e, nela, pessoas afeitas às práticas homoeróticas sem reivindicar uma identidade gay ou homossexual. Ao mesmo tempo, há na sociedade um contingente de pessoas visivelmente ou assumidamente homossexuais. Se o grupo anterior consegue disfarçar seus interesses sexuais performando a cisgeneridade – que, por extensão, também é lida e materializada como uma performance heterossexual –, as alterações nos costumes sexuais pós-epidemia vão introduzir mudanças. Trazem à tona uma geração saúde, que cuida do corpo, da estética, modelando sua aparência a partir de padrões de vaidade consumidos pela mídia, especialmente a imprensa escrita, considerando-se ser uma época em que a internet ainda era uma novidade e não era tão difundida no território. É aí que vai ocorrer, nessa sociedade biopolítica de controle populacional, uma operação de normatização como forma de exercício do poder a partir de dispositivos de segurança, fazendo com que os grupos sociais se relacionem de uma forma ordenada e estejam sujeitos ao controle.

As tecnologias de poder das revistas e jornais, através de sua ação de governamentalidade, vão contribuir para garantir a segurança e o controle biopolítico da população gay nesse tempo de normatização. Há que se considerar o lastro de rejeição às homossexualidades que se perpetuava através de diferentes discursos e representações, dificultando a convivência social de uma forma humanamente digna e respeitosa. Por outro lado, o ativismo homossexual, as transformações da moralidade e o saber científico renovado vão atuar como um contradiscurso. A defesa dos direitos humanos, das minorias, a visibilidade que as homossexualidades passaram a ter a partir dos anos 1980 e as críticas decorrentes da ideia de “grupo de risco”, convertido para “comportamentos de risco”, trouxeram à tona elementos para compreender as relações sexuais das pessoas sem impor-lhes etiquetas fixas. É no bojo desse cenário que vai ocorrer uma operação de

normatização das homossexualidades, analisada a partir do que ocorrerá com os gays.

Figura 30 – A operação de normatização



Fonte: Elaborado pelo autor.

O esquema exemplifica o entendimento da operação de normatização dos gays. Existe uma diversidade de vivências e maneiras de ser e existir no mundo. Essa multiplicidade foi alvo de tecnologias disciplinares que adestraram o corpo das pessoas, regulando movimentos, normalizando práticas e ações que reforçaram a cisheteronormatividade. Nessa forma de exercício do poder sobre o indivíduo, partia-se de uma norma, tida como o modelo ideal, e, a partir daí, operavam-se as divisões entre os ditos normais, ou seja, os bem adestrados, e os anormais, que resistiam a essas imposições. A esse processo, Foucault prefere chamar de normação, pois tinha como ponto de partida uma norma.³⁶⁷

A normatização é o processo que vai se dar pela via oposta. Enquanto a normação continuava sendo reproduzida, dividindo espaço com outras formas de poder, como o pastoral e o jurídico, a norma é estabelecida no fim, não no começo. Há diferentes tipos de homossexuais, gays, diferentes terminologias que os nomeiam e com as quais eles se identificam, entretanto, em meio a essas oscilações, curvas de normalidade são configuradas. Esse percurso tracejado soma

³⁶⁷ FOUCAULT, 2008, p. 75-76.

características de um determinado sujeito e acarreta determinadas percepções sociais. Alguns componentes são valorizados, outros são rejeitados. Os elementos apreciados aproximam os sujeitos de uma vida e existência humanizada, digna; os opostos delegam o sujeito a uma posição de inferioridade, impondo-lhes uma “vida nua”.³⁶⁸ A operação fará com que as diferentes distribuições de existências atuem uma em relação às outras, fazendo com que as desfavoráveis se aproximem daquelas mais convenientes.³⁶⁹

Como resultado das diferentes curvaturas, será produzida uma norma, ou seja, um modelo de ser e existir aceito socialmente, valorizado e útil aos propósitos de governo dessa população através do seu controle e segurança. Que modelo é esse? Trata-se daquele em que o sujeito pode se dizer homossexual, gay, ou adepto dos prazeres homoeróticos, mas que seja comportado, discreto, cisgênero, evitando exposição e exibição sexual, encarada por outrem como proselitismo. Alguém que reitere os princípios da moralidade vitoriana de recato público, que trabalhe, estude e alcance a prosperidade utópica prometida pelo neoliberalismo. Um sujeito que vai cobiçar a virilidade masculina exaltada na mídia e perseguirá o caminho para construir-se como um gay dotado de um biotipo físico forte e atraente. Um jeito de ser gay aceitando as imposições cisheteronormativas.

Além disso, sua subjetividade passará por transformações, posto que as tecnologias de poder da imprensa passaram também a fabricar um estilo de vida gay como parte dessa operação de normatização, útil ao mercado, à sociedade e aos propósitos de governo. Por outro lado, será responsável pela reiteração falocêntrica da virilidade masculina agenciada pelos gays em consonância com a objetificação do macho, cuja representação essencialista nada mais é do que cultural, reforçando a misoginia na sociedade brasileira.

³⁶⁸ AGAMBEN, 2002.

³⁶⁹ FOUCAULT, 2008, p. 82-83.

5 A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA DOS SUBALTERNIZADOS: O MERCADO GLS E A EMERGÊNCIA DO GAY PADRÃO

*Em muitas situações um modelo de masculinidade domina,
é hegemônico sobre os outros. No entanto, isso não
faz com que os outros desapareçam. As
masculinidades são tanto coletivas
quanto individuais. Frequentemente
estão divididas e são contraditórias;
além disso, mudam com o passar do tempo.*
Raewyn Connell³⁷⁰

Conforme foi discutido nos capítulos anteriores, não havia uma maneira única de ser homossexual, mas o estereótipo aferido pela suposta ciência médica desde o século XIX construiu o discurso de uma alma feminina presa num corpo masculino e vice-versa.³⁷¹ O sujeito homossexual não era nem homem, nem mulher, era outra coisa, alguém a ser estudado, pois as definições binárias essencializadas eram cisheteronormativas. O distanciamento dessa categoria patologizada e a emergência de uma identidade gay, sobretudo a partir do fim dos anos 1960, mediante conexões transnacionais, permitiu que novas representações e discursos fossem construídos a fim de mostrar à sociedade uma nova imagem de si, não mais aquela atribuída por outras pessoas.

No Brasil dos anos 1960 e 1970, como já foi visto anteriormente, era possível observar dois modelos que pautavam as relações homoeróticas: um deles era o hierárquico, no qual a *bicha* assumia o papel feminino no comportamento e na relação sexual, e o *bofe*, o papel masculino, sendo que este último não era tido como homossexual; já o segundo modelo era igualitário e estabelecido entre *entendidos*, que tinham um comportamento masculino.³⁷² Esse esquema não pode ser tomado como único, mas o primeiro era visto especialmente nas camadas baixas e o segundo nas camadas médias e altas. É preciso atentar para o

³⁷⁰ CONNELL, Raewyn. **Masculinidades**. México: UNAM, 2003. p. 7. Tradução minha.

³⁷¹ GREEN, 2022.

³⁷² FRY, 1982.

fato de que é boa parte desses integrantes do segundo modelo que vai reforçar especialmente a performance cisgênero, entendida, conforme Butler, enquanto uma ação intencional construtora do gênero masculino em seus corpos. A outra parcela, por sua feita, poderia reproduzi-la mediante a performatividade de gênero, esta mais situacional e espontânea, o que não quer dizer que fosse essência, mas as pessoas a reiteravam porque sentiam-se relativamente confortáveis em fazê-lo.³⁷³

O marcador de classe social também é útil para entender parte desse processo, pois os *entendidos* ou gays passaram a distinguir-se a partir de elementos como elegância, bom gosto, discricção, melhores moradias, profissões, salários, ou seja, uma fração de grupo que agenciava seus desejos homoeróticos no ambiente em que transitava, negociando e fazendo uso de componentes que lhes conferiam privilégio social.³⁷⁴ Embora o uso do termo possa estar mais atrelado a esta fração do tecido social, outras pessoas podiam reconhecer-se nessa identidade e não necessariamente reproduzir tais características. Além disso, assim como os *entendidos* estudados por Dora Guimaraes, tais sujeitos tendiam a reiterar a cisgeneridade heteronormativa, aceitando a estruturação social e passando muitas vezes por hétero e não gay, buscando aí um meio de adentrar na sociedade e ser aceito apesar da preferência pelos prazeres homoeróticos.

Foucault oferece ferramentas analíticas para compreender esse processo a partir da ação do poder disciplinar³⁷⁵, posto que este também é perpetrado pelos emergentes movimentos homossexuais que tentavam construir uma imagem de gay aceitável, em uma disputa por representações³⁷⁶ visando abandonar o estereótipo caricato. Mesmo no caso homossexual, ser discreto e cisgênero era um pré-requisito para mostrar à sociedade a seriedade dessas pessoas. A imprensa também exercia poderes na fabricação dessas representações a partir da visibilidade que o tema e as pessoas homossexuais passaram a ter na década de 1980, como analisado a partir da revista *Veja*. Entretanto,

³⁷³ BUTLER, 2017.

³⁷⁴ GUIMARÃES, 2004.

³⁷⁵ FOUCAULT, 1999.

³⁷⁶ CHARTIER, 1991.

salienta-se que se trata de uma disputa pela representação que iria prevalecer, mas não era a única existente, já que o universo homossexual também é misto. Além desses componentes, que supostamente confeririam seriedade ao movimento, os modelos valorizados eram aqueles que somavam tais atributos ao seu poder aquisitivo, logo, mais reconhecidos que os demais.

À medida que a visibilidade das homossexualidades cresceu, não sendo mais um grupo tão estigmatizado na imprensa – como ocorria anteriormente através da política de repressão sexual às homossexualidades e transgeneridades no período da ditadura militar³⁷⁷ – a defesa por direitos, existências dignas e respeito começou a alterar a maneira como parte das pessoas pensavam sobre o tema. Um número cada vez maior de pessoas foi assumindo a identidade gay para a qual estavam sendo interpeladas e algumas tensões discursivas chamavam a atenção para a necessidade de diferenciar o que era científico do que era falacioso em tempos de hiv-aids, quando atribuíam a um vírus um público preferencial. A aceitação e/ou tolerância das homossexualidades ampliou-se, de modo que os novos tempos demandavam posturas mais modernas e politicamente corretas como forma de deixar no passado o atraso reacionário de outrora.

É nesse momento que vai ocorrer a passagem do tempo de vida nua para o tempo de normatização. No primeiro período, os sujeitos homossexuais eram desumanizados, pois os discursos dominantes religiosos destacavam o aspecto de pecado e sem-vergonhice de suas práticas e vivências; o saber médico enfatizava sua anormalidade; e a área jurídica embasava-se na tese da degenerescência. Não havia norma para ser homossexual.³⁷⁸ Havia norma para ser homem, masculino,

³⁷⁷ QUINALHA, 2017.

³⁷⁸ Até 1985 não havia norma para ser gay criada e reconhecida pela sociedade brasileira. As pessoas estavam sendo interpeladas a assumir a identidade homossexual pelo Movimento Homossexual devido ao desejo pelos prazeres homoeróticos compartilhados, mas não havia consenso interno sobre qual deveria ser o termo usado para caracterizar o grupo dos homossexuais masculinos, por exemplo, sua versão inglesa, portuguesa ou outra, bem como a expressão performativa de gênero que esses sujeitos deveriam ter. Dentro do universo homossexual havia grupos que tentavam criar parâmetros para guiar as condutas de determinados sujeitos construindo uma subcultura ou identidade, mesmo antes da década de 1980, mas não eram normas imperativas sociais. Atuavam como diretrizes para pertencer e se inserir dentro de uma coletividade, ou seja, era um reconhecimento dentro de um grupo específico. Poderiam ser

heterossexual e todos deviam se sujeitar a isso. Essa era a norma impositiva compartilhada na sociedade brasileira que atuava como princípio para gerir as condutas e a maneira de ser e existir no mundo por parte dos sujeitos. Tratava-se de um reconhecimento social e institucional. Algumas alterações e adequações desse modelo de masculinidade tida como essência podia ser constatada através de uma variação de escala analítica, especialmente geográfica, mas não unicamente, entretanto, o padrão permanecia bastante semelhante. Os sujeitos que transgrediam essas fronteiras ou estavam desajustados da cisheteronormatividade eram tidos como anormais pelo saber-poder dominante, pois estavam fora da norma heterossexual e a verdade sobre si estava sendo dita por diferentes tipos de pastores na tentativa de conduzi-los a um caminho intermediário.

Isso se dava sobretudo sobre aqueles que não eram percebidos como homens, ou seja, aqueles que eram efeminados, homossexuais, tidos como doentes. Se o sujeito fosse cisgênero, passasse por homem e mantivesse as práticas homoeróticas confinadas ao mais absoluto sigilo, poderia obter vantagens sociais e menos discriminação, mas ainda seria afetado pela imposição de uma “vida nua”, haja vista que seus prazeres e vivências não podiam ser plenamente experienciados ou visibilizados.

A imposição de uma “vida nua” sobre as homossexualidades gays vai cedendo espaço a uma operação de normatização gestada no interior de relações de poder engendradas entre as décadas de 1980 e 1990, no Brasil, sinalizando a emergência de um fenômeno global, ou seja, a masculinização das homossexualidades e a configuração hierárquica de um gay viril, viável e aceito mediante seu potencial de consumo. Essa forma de sujeito passará a ser um cidadão relativamente respeitado socialmente e gozará de uma distinção social dentro do próprio grupo das homossexualidades, o que ocorreu a partir de tecnologias de poder biopolíticas centradas na população homossexual.³⁷⁹

seguidas ou não pelos sujeitos, que não deixariam de ter os prazeres homoeróticos caso não fossem da forma como o grupo os reconheceria. Esses sujeitos que compartilhavam características em comum podiam ser socialmente identificados, porém, assim como os que eram adeptos dos prazeres homoeróticos, mas cisgêneros, eram considerados anormais, ou seja, fora da norma coletiva aceita e reconhecida social e institucionalmente, que era cisheteronormativa.

³⁷⁹ FOUCAULT, 2008.

Desde a década de 1970, no Brasil, houve uma masculinização das homossexualidades, mobilizando signos e componentes masculinizadores, como uso de bigode, determinadas roupas e posturas. Parte dos militantes homossexuais do grupo Triângulo Rosa enfatizavam a distinção entre o homossexual e a travesti, possivelmente visando distanciar-se do estereótipo de criminalidade atribuído a elas, sinalizando que elas integravam uma outra categoria que tinha as suas próprias necessidades, mas, diferente delas, a aparência dos homossexuais estava sendo entendida como normal.³⁸⁰ Segundo Carlos Figari, tratava-se de uma política de integrar o gay na sociedade.³⁸¹ Dessa forma, a cisgeneridade não era demandada somente pelo regime heteronormativo, mas também pela ação do poder disciplinar exercido por representantes do movimento homossexual, tentando adestrar a forma como os corpos e comportamentos dos gays deveriam ser. No entanto, a cisgeneridade era demandada pelo regime político heteronormativo. A norma era que fossem: homens, masculinos e cisgêneros. A diferença estava na rejeição da heterossexualidade a partir da visibilização pública da sua identidade homossexual. Era a reprodução do modelo cisheteronormativo relativamente adaptado.

No entanto, assim como argumenta Foucault, há resistências no interior dessas relações e, por conseguinte, havia gays que subvertiam essas tentativas de docilização de seus corpos, podendo citar a ambiguidade de gênero na época exaltada por grupos como o Dzi Croquettes³⁸², Secos & Molhados, e as discussões acerca da bissexualidade de algumas pessoas e/ou do talvez “quarto sexo” que estava sendo percebido, conforme noticiou a imprensa³⁸³. Desse modo, é perceptível no Brasil a continuidade de alguns elementos da década de 1970, mas não parece ter sido a gênese desse fenômeno, mas, sim, a década seguinte, 1980, quando de uma determinada ação da mídia se deu

³⁸⁰ CÂMARA, Cristina. **Cidadania e orientação sexual: a trajetória do grupo Triângulo Rosa**. Rio de Janeiro: Academia avançada, 2002. Especialmente o capítulo 4.

³⁸¹ FIGARI, 2007, p. 446.

³⁸² LOBERT, Rosemary. **A palavra mágica: a vida cotidiana do Dzi Croquettes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

³⁸³ O QUARTO sexo. **Veja**, São Paulo, n. 295, 1 maio 1974, p. 76. Acervo Biblioteca Central da PUCRS.

no gesto de reportar sobre o vírus hiv-aids, na glamorização de biotipos estéticos, na ênfase aos cuidados com a saúde e a beleza, além da mercantilização voltada ao público homossexual e à construção de subjetividades. Foi através desses componentes, e em suas conexões transnacionais, que um novo sujeito homossexual foi gestado – o gay viril padrão.

Se alguns gays passaram a adotar a performance cisgênero de modo mais recorrente a partir da década de 1970, o mesmo não pode ser dito quanto à estética corporal, pois, conforme foi analisado nos capítulos anteriores, os gays mostrados na grande imprensa não possuíam um biotipo físico musculoso, tampouco o tinham os homens e/ou rapazes veiculados em revistas eróticas para seu deleite entre os anos 1970 e início da década de 1980 – como observou-se no jornal *Lampião da Esquina* e na *Revista Rose*. Havia a possibilidade de contatar tais biotipos socialmente, caso alguém o tivesse, nas revistas de fisiculturismo ou de nudez.³⁸⁴

É somente na segunda metade da década de 1980, no Brasil, que essa estética mais robusta passou a ser veiculada, ao mesmo tempo em que a luta contra o hiv-aids na imprensa investiu na fabricação de condutas sexuais homoeróticas comportadas, monogâmicas, através de práticas de sujeição, mas também moldando novas subjetividades gays a partir da incorporação pelo mercado desse público consumidor. A integração do gay cidadão – ainda que muitos direitos ainda tivessem que ser conquistados – ocorreu nesse período mediante uma normatização de suas existências e vivências a partir de um modelo tido como aceitável, mostrando como o gay deveria ser e agir para ser melhor aceito socialmente. Um discurso foi sendo produzido de modo a não segregar os sujeitos devido à orientação sexual, mas a um conjunto de elementos interseccionais que visava trazer os dissidentes, as “vidas nuas” à vida humanizada, bem como mostrar os modelos a serem seguidos e aqueles a serem evitados. Ou seja, um tempo de normatização que vai atuar na construção de uma norma para um gay viável a partir de relações de poder e de controle biopolítico populacional numa sociedade neoliberal.

³⁸⁴ Sobre imagens de nu masculino ver o capítulo 5 de SILVA, Ellis Regina Araújo da. **O corpo nu e as representações sociais do masculino**. São Paulo: Annablume, 2015.

5.1 UM MERCADO PARA GAYS, LÉSBICAS E SIMPATIZANTES

Experienciar os prazeres homoeróticos desde o começo do século XX, ou até mesmo antes, era algo a ser bem planejado, pois não havia espaços exclusivos destinados às pessoas homossexuais. A vigilância por parte das outras pessoas e as formas de discriminação acarretaram a construção de territórios gays, circuitos e espaços que eram chamados de guetos, pois as pessoas homossexuais se reuniam nesses locais que estavam à margem da sociedade. Renan Quinalha lembra que o *Stonewall In*, famoso bar estadunidense tido como o local onde surgiu o movimento homossexual contemporâneo, não era um espaço onde as homossexualidades eram aceitas, mas toleradas devido ao consumo efetuado por esse público.³⁸⁵ O mesmo acontecia no Brasil. Até então espaços que não tinham como finalidade encontros homoeróticos foram apropriados, construindo-se novos usos, sentidos e significados.³⁸⁶ Eram heterotopias de resistência e existência focadas no seu presente.³⁸⁷

Na medida em que determinados espaços eram tomados pelos consumidores homossexuais, eles assumiam uma representação negativa construída por parte das outras pessoas, de modo que algumas sequer cogitavam a possibilidade de frequentá-los. Alguns sujeitos, talvez, esporadicamente visitassem esses locais, agenciando prazeres interditos sob a imagem pública de homens de verdade que tentavam transmitir. E ser visto como homem ou passar por homem era pré-requisito para ser heterossexual. Já havia essa discussão no movimento homossexual brasileiro sobre ser, antes de tudo, homem, homem com uma preferência homoerótica, conforme defendia Mascarenhas, e outras que focalizavam na ideia de ser gay, alguém dotado de características distintas.

Os espaços de sociabilidade homoerótica ampliaram-se nas décadas de 1970 e 1980, especialmente nas grandes cidades brasileiras. Nos Estados Unidos e Europa, o mercado de consumo passou a incorporar esse segmento. À medida que a visibilidade das homossexualidades se

³⁸⁵ QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos dias atuais. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. p. 79.

³⁸⁶ GREEN, 2022.

³⁸⁷ FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

ampliava e a defesa por direitos políticos crescia, os cidadãos homossexuais passaram a ser mais humanizados, havendo críticas aos preconceitos veiculados em algumas propagandas. Para Franco Reinaldo e Laura Bacellar, homossexuais assumidos que investiram nesse ramo no mercado brasileiro desde os anos 1990, “o arco-íris passou a ser uma marca gay³⁸⁸, a primeira no mundo, e até hoje pode ser considerado o maior *case* de sucesso relacionado ao mercado homossexual”.³⁸⁹

Nos anos 1990, tal fenômeno mercadológico emergiu mediante a incorporação do discurso de *gay friendly*, advindo do exterior, ou seja, de um segmento de mercado simpatizante aos homossexuais. No Brasil isso foi apropriado por meio da sigla GLS, que remetia a gays, lésbicas e simpatizantes – este último, para alguns, estavam sob suspeição. Sob esse rótulo, quaisquer pessoas poderiam frequentar esses ambientes desde que fossem tolerantes com as diferenças aí presentes. Por outro lado, a sigla poderia invisibilizar a identidade do sujeito e gerar enrustimento, palavra usada em contraponto aquelas pessoas que não assumiam publicamente a homossexualidade.³⁹⁰ Além desses elementos, deve-se considerar a explícita convivência e interação que passou a haver entre prazeres hetero e homoeróticos assumidos no mesmo espaço, bem como a possibilidade de pessoas que tivessem esse desejo, e o omitissem, de conhecer o universo homossexual.

Em 1993, foi criado o Festival de Manifestação das Sexualidades – posteriormente conhecido como Mix Brasil da Diversidade Sexual – em São Paulo, por André Fisher e Suzi Capó. Tratava-se da exposição de filmes de temática sexual, especialmente aquelas marginalizadas, semelhante ao que acontecia em outras cidades, como Nova York, Paris, Tóquio. O festival, posteriormente, passou a ter exposições de artes plásticas e teatro, situando-se fora do gueto homossexual brasileiro. No

³⁸⁸ Destaca-se que a bandeira com o arco-íris, inicialmente com oito cores, depois com seis, foi proposta por Gilbert Baker e usada pela primeira vez na Parada Gay de São Francisco, em 1978. Cf. NUNAN, 2003, p. 176.

³⁸⁹ REINAUDO, Franco; BACELLAR, Laura. **O mercado gls**: como obter sucesso com o segmento de maior potencial na atualidade. São Paulo: Ideia & Ação, 2008. p. 42 – grifo dos autores.

³⁹⁰ TREVISAN, 2018, p. 349.

ano seguinte, foi inaugurado o site GLS, que acabou impulsionando esse evento cultural e difundindo a sigla.³⁹¹

Bares, boates e saunas foram se sofisticando, inserindo o distintivo *friendly*, realizando investimentos que qualificaram tais espaços como de boa qualidade, atraindo diferentes públicos e turistas, tanto nacionais quanto internacionais. Vários periódicos foram criados, sinalizando o crescimento desse ramo de negócios e oferecendo produtos informativos e eróticos para diferentes públicos. Periódicos de grande circulação passaram a criar colunas GLS, como *O Globo*, do Rio de Janeiro, *O Tempo*, de Belo Horizonte, e a *Folha de São Paulo*. Foi criado o selo de livros GLS, a Livraria do Meio e várias empresas de turismo que focalizavam esse mercado consumidor, como a Inter-rainbow, Tropicalis, Ruditour, Over e Álibi.³⁹²

O advento da internet também impulsionou essa propagação com a criação de sites e ambientes de troca de mensagens que atingiam outro perfil de público. Salas de bate-papo, encontros virtuais e troca de fotos podiam ser agenciados. Eram outras modalidades de flerte que se distinguiam do costumeiro encontro presencial, olho no olho, ou das trocas de cartas através dos anúncios na imprensa. As novelas da época passaram a veicular personagens homossexuais de forma mais recorrente, surgindo a Parada GLT³⁹³ em 1997, tornando-se um evento tradicional e passou a ficar conhecida como Parada do Orgulho Gay, ocorrendo todos os anos e obtendo um crescente número de participantes. As próprias

³⁹¹ TREVISAN, 2018.

³⁹² REINAUDO; BACELLAR, 2008, p. 63.

³⁹³ Existe uma disputa de narrativas sobre qual teria sido a primeira Parada, sendo o Rio de Janeiro e São Paulo os dois grandes centros disputados, bem como a data específica. De maneira geral costuma ser atribuída a primeira Parada no Brasil aquela realizada em São Paulo, em 1997, e na época, falava-se em Movimento de Gays, Lésbicas e Travestis, logo os convites para este evento traziam esta sigla – GLT, assim como na II edição, de 1998. Na III, passou a ser Parada do Orgulho GLBT; a IV edição chamou-se Parada do Orgulho Gay, e assim sucessivamente. A VIII retomou o nome Parada do Orgulho GLBT, permanecendo até a XII edição. Na XIII, de 2009, foi chamada de Parada do Orgulho LGBT. A XXII edição, de 2018, usou o nome Parada do Orgulho LGBTI+. Na edição seguinte a vogal I foi retirada, permanecendo apenas Parada do Orgulho LGBT+. A XXIV parada, devido à COVID-19, foi realizada de forma virtual: Primeira Parada Virtual de Orgulho LGBT de São Paulo. As paradas de 2021 e de 2022 mantiveram o mesmo nome: Parada do Orgulho LGBT. Informações disponíveis em <https://paradasp.org.br/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

pessoas homossexuais passaram a criar determinados empreendimentos e produtos voltados ao segmento GLS.

Em síntese, o mercado de consumo teve um papel central na inserção das pessoas homossexuais na sociedade de forma humanizada, sobretudo a partir da difusão da noção de que seu poder de compra era ampliado. E isto não apenas no Brasil, pois tratou-se de um fenômeno global observado especialmente no Ocidente, mas não apenas. Ao mesmo tempo, tais transformações abriam margem para oportunismos diante desse contingente, fossem políticos ou de mercado, a fim de evitar a perda desses potenciais apoiadores e/ou consumidores.

O gay viável estava sendo produzido por diferentes tecnologias de poder biopolíticas e normativas que masculinizaram seus corpos, disciplinaram seus trejeitos, apostaram na discrição enquanto performance cis de acesso à cidadania humanizada em uma sociedade capitalista neoliberal. Essa ruptura entre um tempo de vida nua e um tempo de normatização modificou as representações públicas sobre os gays, humanizando algumas existências, mas tentando controlar todas a partir da sua normatização e da sua normalização. Um dos seus impulsionadores foi o fator econômico, ou seja, o dinheiro foi o componente principal para esse acesso.

Se, por um lado, havia um viés positivo nesse processo, por outro há que se considerar a pequena fração de grupo no interior das homossexualidades que estava sendo beneficiada por meio dessa operação. Quem estava de fato sendo considerado era o grupo composto por pessoas que consumiam produtos e frequentavam lugares considerados chiques e que valorizavam a discrição em seu comportamento, ou seja, aqueles que adotaram especialmente as identidades *entendido* e *gay*.³⁹⁴ Os segmentos mais periféricos estavam excluídos dessa contagem, mas podiam acessar tais benesses se atuassem de modo a se autogerir, buscando acessar tais produtos, ser cisgênero, consumindo em determinados lugares, mas também consumindo esses lugares, pois assim sua identidade passaria a ser reconhecida e valorizada, como pontuou Isadora Lins França.³⁹⁵

³⁹⁴ TREVISAN, 2018, p. 375.

³⁹⁵ FRANÇA, 2012.

Uma das revistas criadas em 1995, a *Sui generis*, publicada pela Tribo Editora, do Rio de Janeiro, tinha como segmentação de mercado o público homossexual. De acordo com o editor Nelson Feitosa, tratava-se da “primeira revista brasileira a trazer discernimentos sérios e futilidades chics dirigidas para homens e mulheres gays. Mas não exclusivamente”.³⁹⁶ Teve um número zero e outros 55 números que circularam nacionalmente entre os anos de 1995 e 2000. Algumas seções internas eram: cartas, contraponto, vídeo, cinema, música, ponto de vista, livros, viagem, além de entrevistas, especiais, moda e colunas. Essa revista trazia informações, entretenimento, fotografias, mas de modo geral não fazia uso de imagens de nudez explícita, com raras exceções, pois queria diferenciar-se de revistas pornográficas.

Apesar de ser a proposta da revista, houve consumidores que a criticaram, como ponderou Dante Asadorah, de Belo Horizonte:

Parabéns pelo seu primeiro aninho de vida, que deveria ser comemorado com muita pompa e circunstância. A revista conseguiu ser séria, interessante e respeitada. E, pelo nosso lado, conseguimos ter a nossa revista, com nossos assuntos e nossa linguagem (às vezes essa linguagem é meio exagerada, mas tudo bem!). Vida longa à Sui! Mas como nem tudo são flores, faço uma crítica: onde estão os beijos, abraços, carícias e nus frontais, que tanto povoam as ditas “revistas caretas”? a Sui procurou uma linha de seriedade e conseguiu, mas um pouco de erotismo de bom gosto não faz mal a ninguém, a revista “tá um tanto seca”, vocês não acham?³⁹⁷

O pedido em meio à crítica era de que a revista passasse a mostrar corpos despidos, componentes que eram acessados em revistas eróticas e/ou pornográficas. A equipe responsável pela seção não respondeu à carta do sujeito na sequência da publicação, algo que podia ocorrer, conforme visto em outras situações. A proposta da revista, por outro lado, também foi elogiada por alguns: “Acho que se vocês atendessem ao leitor

³⁹⁶ FEITOSA, Nelson. Editorial. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, n. 1, 1995, p. 4.

³⁹⁷ CARTAS. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, a. 2, n. 10, 1996, p. 8.

Luís (edição 8) – ele queria ver homem pelado na revista – estariam fugindo (e muito) ao que vieram”.³⁹⁸

Esses consumidores de *Sui Generis* certamente gostavam de ver corpos masculinos despídos, sedutores, que os atraíssem, como sinalizado pelos pedidos de alguns. A recusa de outros não se devia ao fato de negarem os desejos homoeróticos pela ausência desse tipo de fotografia, pois a revista era abertamente direcionada ao público homossexual, logo, portá-la era um indício ou suspeita de pertencer a esse grupo, por mais que o leitor fosse apenas um simpatizante. É possível que essa recusa em ver nus explícitos esteja relacionada com as retaliações sociais decorrentes do fato de adquirir essa sorte de periódico na banca, portá-lo na rua, no ônibus ou até mesmo em casa, ao lê-lo na presença de familiares. Existe um desconforto construído culturalmente associado à obscenidade. Esse mecanismo de intimidação sexual fazia com que boa parte das pessoas lessem e observassem essas revistas no quarto ou em um ambiente em que estivessem sozinhas, para não serem vistas por outrem como pervertidas. Uma possível sensação de culpa que sentiam por estarem fazendo algo que era tido como errado.

Uma das variáveis para essa classificação pode ter sido a classe social das pessoas, pois as revistas mais caras costumam ser tidas como de perfil erótico, ao passo que as mais populares são tidas como pornográficas – o que não ocorre apenas no Brasil, mas em outros países também.³⁹⁹ Tal traço cultural pode ser observado nas justificativas que alguns leitores expressaram nas cartas enviadas à redação. Assis, de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, pontuou:

Em relação a essas pessoas que insistem em fotos de nus frontais na revista: será que elas desconhecem as publicações “homoeróticas” espalhadas por aí? Me apaixonei pela *Sui Generis* por se tratar de uma revista que não vincula a homossexualidade ao erotismo gratuito, porque não dizer à pornografia. Alguns ainda tentam se justificar dizendo que revistas caretas abusam deste

³⁹⁸ CARTAS. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, a. 2, n. 11, 1996, p. 6.

³⁹⁹ MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001. p. 113.

recurso: Mais um motivo para não se fazer a mesma coisa! Eu quero poder ser diferente, é por isso que eu luto, não para me igualar. Não pretendo cometer os mesmos erros. Repetir os mesmos clichês. Espero que vocês, da Sui, também não.⁴⁰⁰

Já Valdo, de Campina Grande, na Paraíba, destacou:

Nos bastidores da minha cidade é um ti-ti-ti acerca de uma revista séria que traz boas informações, entrevistas e depoimentos dos mais variados. Comprei ontem a edição nove e logo percebi que havia algo diferente. Ao abri-la tive a liberdade de poder lê-la dentro do ônibus sem preconceito ou constrangimento de quem estivesse por perto. Em casa não tive que me trancafiar no meu quarto, para minha satisfação. Obrigado por vocês terem dado um novo look às nossas leituras.⁴⁰¹

Esses argumentos reproduzem a ideia de que o nu é algo vulgar, haja vista que não tê-lo tornava a revista “séria”, conforme argumentado pelo leitor. Não foi cogitada a possibilidade de que ambos estivessem na revista, esse tipo de fotografia e matérias interessantes. É preciso considerar que esse traço cultural se expandia para além das relações entre leitores, donos de bancas e práticas de leitura, mas incidia igualmente na publicidade paga na revista, sendo que algumas empresas e marcas não veiculavam seus produtos devido a retaliações simbólicas e sociais devido ao público consumidor a que a publicação se direcionava. No entanto, mesmo buscando se afastar desse perfil tido como pornográfico, a revista *Sui Generis* tinha um percentual baixo de anunciantes, especialmente fora do mercado GLS, como destaca Monteiro⁴⁰², o que acarretava diminuição da sua arrecadação.

A respeito do público que se manifestava através das cartas, deve-se pontuar que para publicar na seção bastava enviar o texto com nome, endereço e telefone para a caixa postal informada, do Rio de Janeiro, ou

⁴⁰⁰ CARTAS. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, a. 2, n. 12, 1996, p. 6.

⁴⁰¹ CARTAS. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, a. 2, n. 12, 1996, p. 7.

⁴⁰² MONTEIRO, 2000, p. 98.

enviar um e-mail, conforme veiculado a partir da quinta edição. Caso não quisessem que o nome fosse publicado precisavam informar “identificação não autorizada”. As duas cartas acima mencionadas tiveram apenas o prenome de seus supostos autores informado, seguido da cidade e estado.

Há que se considerar as seleções internas de quais epístolas seriam publicadas, seu teor, a possibilidade de uso de nomes fictícios, endereços falsos, margens interpretativas que devem levar em conta essas contradições.⁴⁰³ A respeito das fotografias de nus, parece que a aposta de seriedade da *Sui Generis* inviabilizou essa inserção, apesar de que, em algumas seções, corpos masculinos pudessem ser consumidos, parte deles nus, mas não totalmente como solicitado por alguns leitores. Contudo, em 1997, uma concorrente de São Paulo, a revista *G Magazine*, inicialmente chamada de *Bananaloca*, pode ter sanado o desejo daqueles leitores que desejavam ver a nudez explícita. E isso pode ter sido o motivo da Editora SG-Press, que editava a *Sui Generis*, em criar a revista *Homem*, em 1997, nesta, sim, veiculando nus.

Essas revistas podem ser inseridas nesse contexto de proliferação de produtos voltados ao mercado homossexual, sobretudo. Também atuaram na difusão de espaços GLS, de produtos, de marcas, mostrando a inserção das pessoas homossexuais nesse cenário mercadológico, mas também produzindo desejos, necessidades e construindo subjetividades gays. Helio Hara, autor da seção de cinema na primeira edição da *Sui Generis* pontuou a nova onda *queer* que se alastrava e que tirava “[...] o mundinho do gueto e leva[va] histórias gays para plateias straight”. Para o autor, o objetivo dessa onda era “[...] tirar o assunto de guetos e exibir ao mundo uma subcultura cuja proporção e poder econômico já não pod[iam] ser ignorados”.⁴⁰⁴

Em outro texto na mesma edição, Erika Palomino pontuou:

Nos EUA, o buzz é mais político, o que significa econômico. Inclui desde a comercialização de

⁴⁰³ Uma análise mais detida a partir de epístolas publicadas na revista *Veja* pode ser conferida especialmente no capítulo 2 da seguinte obra: MARTINELLI, 2022.

⁴⁰⁴ HARA, Helio. Estranha provocação: a *queer new wave* tira o mundinho do gueto e leva histórias gays para plateias straight. *Sui Generis*, n. 1, p. 12-13, jan. 1995. p. 12.

produtos ou afins, junto à comunidade gay, até publicidade, marketing, lazer e turismo. No Brasil ainda nem dá para se ter ideia do tanto de dinheiro que movimenta toda essa cultura (sim, já é uma cultura). Um dos motivos que vem sendo citados é o fato de que a maioria dos gays não tem filhos e o resultado é um intenso consumo de bens relacionados a interesses pessoais. Money makes the world go round.⁴⁰⁵

Como pôde ser analisado a partir do caso brasileiro, a visibilidade das homossexualidades de fato tornou-se crescente a partir da década de 1980, mas a ideia de um poder econômico singular desse grupo difundida na década de 1990 precisa ser ponderada. O discurso de que gays tinham dinheiro precisa considerar de quais gays falava-se, se era de alguns famosos que assumiam sua homossexualidade, daqueles cuja “verdade” era revelada através do *outing*, dos que posavam para determinadas marcas anunciando seus produtos ou se era das pessoas não famosas, com profissões comuns. É interessante observar que esse discurso e mercado GLS estavam sendo intensamente difundidos e consideravam o grupo assumidamente homossexual, aqueles que se reconheciam como tal, não aqueles que eventualmente ou somente mantinham relações homoeróticas.⁴⁰⁶

Além da visibilidade que sinalizava o crescimento percentual da aparição pública de homossexuais, os assumidos e os tirados do armário, algumas pesquisas foram realizadas a fim de quantificar tal grupo. Uma das principais pesquisas foi a realizada pelo biólogo Alfred Kinsey (1894-1956) no fim da década de 1940, a partir de entrevistas feitas com norte-americanos, propondo que 10% da população era composta por homossexuais. Além de ser uma pesquisa antiga, sua universalização é criticada, embora tal dado ainda costume ser referendado ao tentar

⁴⁰⁵ PALOMINO, Erika. Acostume-se aos anos 90. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 60-62, jan. 1995, p. 60.

⁴⁰⁶ REINAUDO; BACELLAR, 2008, p. 72.

quantificar as homossexualidades. Outras pesquisas sobre sexualidade surgiram posteriormente.⁴⁰⁷

Essas análises – por mais que tenham surgido diferentes índices, com variações a depender do lugar e da temporalidade pesquisada – foram usadas como evidência de que era um público considerável ao qual “o mercado” devia atentar.⁴⁰⁸ Em pesquisa do Ibope realizada com duas mil pessoas de todo o Brasil em 1993 e citada na revista *Veja* – sendo que parte dos dados já foram discutidos quando se analisava a epidemia de hiv-aids –, 50% das pessoas disseram que conviviam com homossexuais no local de trabalho, família ou ambiente de sociabilidade frequentado.⁴⁰⁹ Isso mostra a circularidade dessas pessoas e sua percepção por outrem, não apenas ocupando as margens da sociedade, mas cada vez mais ocupando espaços e sendo vista em seu interior.

Além disso, do ponto de vista econômico, que era exatamente o que estava sendo levado em conta, estavam considerando duas rendas sem filhos,⁴¹⁰ logo, supostamente, esses sujeitos teriam condições financeiras acima da média. Pesquisas realizadas no exterior já indicavam isso.⁴¹¹ No entanto, há que se considerar que nem todos os arranjos familiares eram de duas pessoas sem filhos. E mesmo se o fossem, nem todos tinham uma renda elevada, somente uma parcela dessa população homossexual foi considerada, ou seja, o discurso construído de um *pink money* enalteceu e tornou visível especialmente uma fração desses sujeitos e, para estes, as portas da aceitabilidade e da humanização social estavam se abrindo. Para os demais a situação era diferente.

Uma das marcas brasileiras, Divas, atentou a esse mercado cor-de-rosa, criando uma série de camisetas com a sigla GLS, sendo que a letra que sobressaía ficava a critério do comprador. Trevisan lembra que a

⁴⁰⁷ Para saber mais a respeito das principais pesquisas sobre a sexualidade humana, ver a tese de SENA, Tito. **Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite**: as sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

⁴⁰⁸ REINAUDO; BACELLAR, 2008, p. 72-73.

⁴⁰⁹ O MUNDO gay rasga as fantasias: Ibope mostra a difícil convivência da maioria dos brasileiros com os homossexuais. *Veja*, São Paulo, n. 1287, 12 maio 1993, p. 52-57.

⁴¹⁰ Essa tendência era chamada no exterior de DINKs: *Double Income No Kids*.

⁴¹¹ REINAUDO; BACELLAR, 2008, p. 76

maior parte das pessoas usava a de simpatizante.⁴¹² Como falado, essa questão podia acarretar diferentes representações, positivas ou negativas, dependendo do ponto de referência que se está considerando. Para além disso, é oportuno observar a forma como as pessoas simpatizantes estavam sendo vistas, sobretudo numa revista voltada a homossexuais.

Os simpatizantes são no momento os arautos do comportamento aberto e desencanado que a causa gay precisa para perder os ranços do preconceito oriundos justamente da parcela mais conservadora da classe média e da assustadora facção da juventude dos grandes centros urbanos do país. Socorro. Mas é fato.

Os simpatizantes-formadores de opinião, figuras de ponta em seus grupos, líderes por natureza, estimulam o relaxamento de fronteiras. São heterossexuais fofos, gente como a gente, pessoas que têm amigos gays sim e que são *proud to be friendly*. De quando em quando até se dão ao luxo de adicionar conquistas homossexuais, só para conhecimento de causa. Os simpatizantes são os mais modernos.⁴¹³

O discurso veiculado na revista sobre as pessoas homossexuais é receptivo para com as pessoas simpatizantes, demonstrando o quão positiva era sua ação enquanto favoráveis às relações homoeróticas, frequentando espaços e manifestando-se em prol da causa homossexual. Há, inclusive, a incorporação frequente de expressões estadunidenses no vocabulário usual reproduzindo palavras estrangeiras e aplicando-as ao contexto brasileiro – o que não se dava exclusivamente no Brasil, podendo seu uso ser constatado em outros países também. Essas interrelações transnacionais fazem parte desse fenômeno global de conexões que expandiu o imperialismo norte-americano e o modelo capitalista neoliberal engendrado, no qual as homossexualidades passaram a ter aceitação configurando-se no interior desse sistema.

⁴¹² TREVISAN, 2018, p. 349.

⁴¹³ PALOMINO, Erika. Opção friendly. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 38-41, maio 1995. p. 40.

Desse modo, o fenômeno não pode ser tratado como mera aplicação de um modelo fabricado no exterior em terras tupiniquins, mas, sim, deve ser visto como relações de poder que possibilitaram que esse padrão ganhasse projeção, produzido a partir de diferentes contatos, se expandisse e fosse construído em outras partes a partir de diferentes configurações. Não é uma imposição vertical Norte/Sul Global, mas um processo que se ajustou às realidades onde foi recebido e aceito, pois podia ter sido rejeitado, realidades que também o forjaram localmente, reconfigurando o próprio modelo tido como matriz precursora e tornando-o predominante.

Sui Generis era um produto de consumo voltado à população homossexual e boa parte dos profissionais que trabalhavam nela eram homossexuais, como salienta Monteiro, que analisou as condições de produção de algumas reportagens e produziu um esquema com a distribuição espacial da redação da *Sui Generis Press*, situada no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro.⁴¹⁴ Inicialmente, a revista possuía 76 páginas, sendo que os números posteriores foram diminuindo essa quantia. A maior parte das edições tinha 52 páginas e custava R\$ 5,50. Sua tiragem era em torno de 20 mil exemplares, conforme Monteiro⁴¹⁵; já Feitosa calcula em torno de 25 a 30 mil exemplares por edição.⁴¹⁶

Ao mesmo tempo em que era vendida uma revista, também o eram fotografias, informações, cultura e entretenimento. Através dela eram produzidos discursos, representações, corporalidades e subjetividades. Seus consumidores podiam assimilar tais direcionamentos, alterá-los, discordar deles, reproduzi-los. Sua decodificação se dá a partir de uma série de possibilidades interpretativas, práticas de leitura, circularidade cultural, dentre outras. Além disso, é possível compreender a própria revista como um espaço de sociabilidade, na medida em que podia reunir pessoas para discutir sobre as publicações, mas também podia ser um ponto de encontro a partir dos locais GLS informados ali.

⁴¹⁴ MONTEIRO, 2000, p. 55.

⁴¹⁵ MONTEIRO, 2000, p. 97.

⁴¹⁶ FEITOSA, Ricardo Augusto de Sabóia. Um jornalismo “sui generis?”: visibilidade, identidades e práticas jornalísticas numa revista gay brasileira dos anos 1990. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 78-107, abr. 2018. p. 81.

O jornalista e editor Nelson Feitosa fazia parte da classe média urbana do Rio de Janeiro, de modo que as notícias veiculadas eram aquelas que faziam parte da realidade vivida por ele e seu companheiro na época, sendo que o público a quem se direcionava seria integrante desse mesmo universo presente no eixo Rio-São Paulo, mas muito distinto das demais realidades brasileiras vividas pelas pessoas homossexuais. Conforme Jorge Caê Rodrigues, o editor teria se baseado, para a criação da revista *Sui Generis*, na fórmula “beleza, dinheiro e sucesso”, agregando aí um pouco de ativismo. Além disso, o autor salienta que essas revistas criadas na década de 1990 apostaram numa imagem de gays e lésbicas bem sucedidos, de um modo até glamourizado da cultura gay pós-Stonewall e pós-aids.⁴¹⁷

Nas capas da *Sui Generis* estavam estampadas diferentes personalidades do mundo cultural, não apenas homens. Ademais, daqueles que apareceram, nem todos eram homossexuais. A aposta parece ter sido em veicular celebridades que estariam alinhadas à linha editorial de seriedade proposta pela revista e que estivessem se destacando, gozassem de prestígio ou interesse por parte do público consumidor. Algumas poses tinham um apelo erótico maior, mas sintonizavam-se ao perfil editorial. Essas pessoas, além da capa, tinham destaque nas partes internas da revista, com fotos, entrevistas ou reportagens específicas sobre elas. Algumas capas podem ser analisadas a seguir:

⁴¹⁷ RODRIGUES, 2010, p. 139.

Figura 31 – Capas da *Sui Generis*



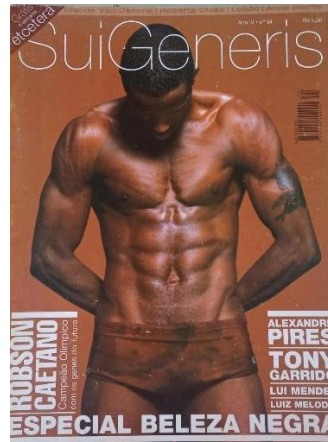
Fonte: *Sui Generis*, n. 2, 1995.



Fonte: *Sui Generis*, n. 5, 1995.



Fonte: *Sui Generis*, n. 32, 1998.



Fonte: *Sui Generis*, n. 34, 1998.

Outros componentes presentes na revista *Sui Generis* e que se conectaram com e também ampliaram a expansão mercadológica GLS eram os anúncios publicitários. Tratava-se de espaços internos na revista que inseriam a divulgação de determinados produtos por parte de empresas que pagavam pelo serviço. Era uma forma de alcançar mais pessoas através da circularidade e projeção da *Sui Generis*, bem como um meio de obter recursos para a manutenção do periódico. Essa negociação

precisa ser ponderada, pois nem todas as empresas ou marcas podiam ter interesse em veicular seu produto numa revista para homossexuais. Tal *marketing* poderia trazer benefícios na medida em que ampliava o número de consumidores do produto divulgado ou prejudicá-lo através de preconceitos e discriminações que sua associação à revista representava.

André Iriburi pesquisou anúncios de publicidade e propaganda veiculados na televisão brasileira entre 1979 e 2008 para analisar as representações sociais das homossexualidades. Através da análise diacrônica do *corpus* selecionado, observou tensões entre representações estereotipadas e desconstrucionistas, verificando alterações no decorrer do tempo, mas pontuando que o discurso publicitário reproduziu as representações sociais das homossexualidades.⁴¹⁸

A imbricação entre uma empresa que almejava vender seu produto e patrocinava algum evento ou produto em prol da causa homossexual não era inédita. Há registros de que, na década de 1960, a cervejaria *Antarctica* patrocinava oficialmente bailes gays⁴¹⁹, porém isso não significa que várias marcas seguissem esse caminho. O emergente mercado GLS na década de 1990 vai ser o momento em que a adesão de empresas vai se tornar mais representativa, assim como a crítica a algumas marcas com anúncios preconceituosos, ainda que não intencionalmente, como ocorreu no caso das críticas envolvendo a marca de *lingerie DuLoren*, especialmente por parcela de homossexuais que se sentiram prejudicados.⁴²⁰

A revista *Sui Generis* informou sobre essa polêmica e publicou a fotografia que acompanhava o anúncio registrando os comentários num box explicativo. Nele foi dito que as “bibas” ficaram interessadas com o lançamento da campanha, sobretudo pelo beijo de língua dado por Ronaldão e Maurício, conforme informou a revista, e que encarnavam uma aparente virilidade. A imagem dos dois homens se beijando não era

⁴¹⁸ IRIBURE, André. **As representações das homossexualidades na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira: um olhar contemporâneo das últimas três décadas.** Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

⁴¹⁹ GREEN, 2019, p. 376.

⁴²⁰ SCOFIELD JÚNIOR, Gilberto. Contraponto. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, a. II, n. 13, 1996, p. 9.

a questão central da problemática, mas a frase inserida e o destaque dado na propaganda em si: “Você não imagina do que a **falta** de uma *DuLoren* é capaz”.⁴²¹ Ora, a loja era de peças íntimas femininas e a falta dessas peças no guarda-roupas das mulheres foi apresentada e entendida como a razão dos homens se tornarem homossexuais. É pertinente recordar que, na época, também era comum ouvir que as mulheres feministas tornavam os homens homossexuais. O anúncio divulgado na época pode ser visto a seguir:

Figura 32 – Anúncio da marca *DuLoren*



Fonte: <https://boquiaberto.wordpress.com/2009/04/06/voce-nao-sabe-do-que-uma-duloren-e-capaz/>. Acesso em: 31 dez. 2022.

Em resposta à campanha, foi dito que, se tivessem visitado as *raves* cariocas, teriam constatado que “não há Du Loren no mundo capaz de interromper o furor de uma barbie bem bombada”.⁴²² Além desses casos polêmicos, *Sui Generis* veiculou anúncios de diferentes empresas que visavam ampliar seu mercado consumidor, conquistá-lo ou produzi-lo, como: points GLS nos diferentes estados brasileiros, informando locais simpatizantes nessas cidades, anúncio de roupas, vídeos e revistas eróticas, saunas, bares, boates, festas, livros de literários e científicos, *sex*

⁴²¹ NUNAN, 2003, p.192.

⁴²² SCOFIELD JÚNIOR, 1996, p. 9.

shops, turismo, atendimento psicológico, assessoria jurídica, produtos de beleza, lentes de contato, depilação masculina, agência de acompanhantes masculinos, clubes, sites, serviços de veterinária para pets, além de um guia gay dos Estados Unidos, dentre outros serviços.⁴²³

Constatou-se que os principais produtos publicizados eram voltados para homossexuais, sendo que parte dos empreendimentos pode ter sido criada justamente nesse contexto. Empresas que já estavam no mercado e que tinham um público consumidor diversificado e que atuavam em diferentes segmentos não anunciaram na revista. Nesse sentido, observa-se, naquele momento, um número crescente de anunciantes na revista, mas distinto daquele que costumeiramente anunciava em outras revistas. Essas negociações incidem nos valores cobrados pelo espaço ocupado na revista e, conseqüentemente, nos ganhos para mantê-la no mercado.

O mercado GLS, embasado na racionalidade neoliberal, vai conduzir as pessoas homossexuais nesse tempo de normatização, facilitando o acesso à cidadania humanizada de alguns sujeitos – ainda que o discurso se apresente como acessível a todos – que ainda era limitada naquele momento. Essas transformações atuaram na modificação do discurso, que passou a referir-se ao homossexual não mais como ativista e politicamente engajado em um movimento, mas como um homossexual consumidor, especialmente pela ação da imprensa homoerótica, conforme pontuou Adriana Nunan.⁴²⁴

Na pesquisa realizada com homossexuais assumidos das camadas média e alta do Rio de Janeiro, em 2001, Nunan destacou que eles acreditavam que pertenciam a um segmento privilegiado economicamente por não terem filhos e receberem maiores salários que os heterossexuais, de modo que o gesto de partilhar de uma relação monogâmica com outro ampliava o poder aquisitivo de ambos.⁴²⁵ Depreende-se, assim, que acreditavam no discurso do mercado cor-de-rosa e na capacidade de compra das pessoas homossexuais, entretanto, há que considerar que seu lugar de fala é perpassado também pelo marcador

⁴²³ Para conferir alguns desses anúncios, ver Apêndice D.

⁴²⁴ NUNAN, 2003, p. 169.

⁴²⁵ NUNAN, 2003, p. 309.

de classe, raça, etnia, gênero, sendo integrantes das altas camadas sociais e, como já foi pontuado, nem todos os gays pertenciam a elas.

Na revista *Veja*, representante da grande imprensa, não foi possível constatar ênfase semelhante àquela observada na *Sui Generis* em torno do discurso do mercado cor-de-rosa, entre as décadas de 1980 e 1990. Isso pode ser decorrente do fato de que o foco da imprensa homoerótica estava em informar o público homossexual, diferente da *Veja*, por exemplo, que se direcionava ao público geral, de modo que as reportagens e matérias versavam sobre assuntos gerais.

Em 1999, uma reportagem sobre essa segmentação de mercado nos Estados Unidos foi publicada na revista *Veja*. Na seção “Internacional”, foi destacada a criação de um banco virtual direcionado as pessoas homossexuais, especialmente facilitando modalidades de empréstimos. Tratava-se do *Gay and Lesbian Internet Bank* (G&L Bank), de propriedade de Steven Dunlap, cujo objetivo era expansão para outros países também. Na matéria lê-se que empresas estavam investindo na publicidade em revistas não pornográficas, oferecendo produtos sofisticados para esse público consumidor. Num box, há menção ao fato de que o “dinheiro rosa”, assim chamado, estava representado por um elevado número de consumidores nos Estados Unidos, 16,7 milhões, sendo que estes possuíam uma renda média anual de 52 mil dólares, conforme dados acessados do *The Miami Herald*.⁴²⁶

O foco na *Veja* está no cenário internacional, embora outros vestígios já apontassem que tal mercado também estava chamando atenção no Brasil, como visto na *Sui Generis*. Não houve menção a ele na publicação citada, mas, possivelmente, isto viraria notícia na revista nos anos 2000. Adriana Nunan chama a atenção ao fato de que, em janeiro de 2001, foi criada a *Associação das Empresas Gays*.⁴²⁷ Souto Maior também destaca que o mercado foi um dos principais personagens do período que chama de “tempo de sair do armário”⁴²⁸, pontuando que, à época, houve um investimento em práticas de confissão para que os

⁴²⁶ MENAI, Tania. Um nicho alegre: primeiro banco para homossexuais mostra a expansão de segmento de mercado. *Veja*, São Paulo, n. 1621, 27 out. 1999, p. 70-71.

⁴²⁷ NUNAN, 2003, p. 188.

⁴²⁸ SOUTO MAIOR JÚNIOR, 2019, p. 209.

sujeitos revelassem sua sexualidade ou a tivessem revelada de forma forçada através do *outing*.

Para Souto Maior Júnior, as pessoas que se assumiam na *Sui Generis* estavam atravessadas pelos marcadores de classe, raça e gênero, compondo um padrão. Era, nesse sentido, flagrante a pouca presença de negros, travestis, pessoas comuns, da terceira idade e do interior.⁴²⁹ Essa revista apostou numa ação que visava desestigmatizar as homossexualidades elaborando noções positivas de cultura e identidade.⁴³⁰ Tratava-se da construção de representações e discursos favoráveis para um público a quem tal imagem era necessária, posto que o traço cultural discriminador prevalecia. Ao mesmo tempo, a revista produziu subjetividades e mediou as práticas de autoaceitação, confissão e saída do armário.

Esses exemplos indicam os diferentes papéis que as mídias, em geral, e a imprensa, em particular, representam – sobretudo neste caso específico – para analisar e entender o fenômeno global de fabricação do sujeito gay padrão contemporâneo, a produção de sua estética corporal e indumentária, sugerindo práticas masculinas e convidando-o a encenar uma performatividade de gênero, mas também uma performance, masculina. Essas pedagogias moldavam, ademais, subjetividades e modos de ser, agir e existir.

O fenômeno foi gestado a partir de conexões transnacionais, porém construiu-se através de tecnologias de poder biopolíticas voltadas à população homossexual entre as décadas de 1980 e 1990 através da ação das mídias e da imprensa. Em síntese, não foi apenas o hiv-aids, a geração saúde ou o mercado neoliberal que construiu esse novo sujeito gay padrão, mas foram principalmente os discursos e representações noticiados e até mesmo produzidos pelas mídias e imprensa que construíram e iniciaram o “tempo de normatização” das homossexualidades. Isso não exclui o papel de ativistas homossexuais que batalharam para conquistar direitos interditados, posto que essas lutas sociais também asseguraram transformações nos discursos e representações a respeito das homossexualidades.

⁴²⁹ SOUTO MAIOR JÚNIOR, 2019, p. 215.

⁴³⁰ FEITOSA, 2018, p. 93.

5.2 TORNANDO-SE UMA *BARBIE*

Falava-se, na década de 1990, de um grupo de pessoas homossexuais que obtinha maior prestígio que as demais no universo homossexual, eram mais valorizadas, gostavam de atrair as atenções e ganharam bastante visibilidade midiática e social. Essa tribo foi nomeada por outrem de *barbies*, no feminino. O nome faz alusão à boneca de mesmo nome que surgiu no fim da década de 1950, branca, loura, magra e com uma estética jovial. Porém, nem todas as pessoas sabiam que além de nomear a boneca a palavra tinha outro significado, como o jovem Bruno, do estado do Rio de Janeiro, que mandou uma carta à redação da *Sui Generis* questionando:

Escrevo para protestar em nome de todos os gays novos, pois **estou entrando no mundo gay agora e fico sem entender algumas palavras (gírias) que vocês falam**. Sim, porque eu adoro a *Sui Generis*, mas se não deciframos toda a reportagem, consequentemente, ficamos sem entender toda a revista. Os termos em inglês também vocês digam o que significam. **Porque eu não sei o que são barbies (por exemplo)**. Pensei que fossem drags, pois *barbies* são bonecas bonitas e esculturais. Também não sei o que é *Mix Brasil*. Outra coisa que eu não sei: o que é se assumir por meio do bendito outing? Por amor de deus, o que é um outing?⁴³¹

Sua carta obteve a seguinte resposta:

Bruno, a gente não aguenta mais explicar que **baaaaaarbie é um cara fortão, parecido com um bofe, mas gay**. Outing significa artifício político (criado pelo movimento gay norte-americano) de denunciar publicamente a homossexualidade de uma pessoa enrustida, contra a vontade dela. Também pode ser usado no sentido de assumido, por exemplo: o melhor seria que todos nós

⁴³¹ CARTAS. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, a. II, n. 17, 1996. p. 6 – grifo meu.

fôssemos out. E, Mix Brasil é o nome de um festival de vídeo gay e lésbico, criado por André Fisher e Suzy Capó (também pais do termo GLS), que originou uma BBS gay e uma feira de moda. Agora chega, tá.⁴³²

Apesar de um pouco extensa, a transcrição da epístola escrita por Bruno sinalizava as dúvidas de um gay que estava adentrando o universo homossexual e desconhecia expressões usadas no meio e abordadas na revista *Sui Generis* que, afinal, voltava-se para esse público consumidor. Pode ser que os redatores partiam do pressuposto de que todas as pessoas que liam entenderiam de que se tratava, mas, como exposto, havia aquelas que tinham diversas dúvidas. A resposta, que informou não apenas Bruno mas outras tantas pessoas que desconheciam tais categorias, foi bem precisa, apesar de usar de um tom sarcástico.

É explicitada a distinção entre um *bofe*, que é tido como masculino, sarado e heterossexual, da *barbie*, que possuía a mesma estética física, mas era assumidamente gay. No entendimento popular acerca das condutas sexuais, o *bofe* não era tido como homossexual, apenas a *bicha*.⁴³³ O *entendido* podia passar por homem heterossexual socialmente, mas revelava sua sexualidade somente nas situações que julgava apropriadas, tendia a ser cisgênero e de biotipo comum. A *barbie* encarnava uma masculinidade produzida artificialmente, mediante exercícios na academia, alimentação regrada e possível uso de hormônios e anabolizantes. Além do humor *camp* do tratamento no gênero feminino, é possível que nomear essas pessoas dessa forma tenha sido um meio de destacar a sua produção e encenação masculina como falsa – um resquício do estereótipo do homossexual caricato e da cisheteronormatividade enquanto produtoras desse saber. Isso não quer dizer que nunca tenha havido homossexuais com essa estética, mas foi entre a década de 1980 e 1990 que se construiu esse fenômeno que produziu uma masculinização hiperviril engendrada por gays, mas também por outros sujeitos.

Essa estética estava em alta desde a segunda metade dos anos 1980, como foi visto na revista *Spartacus*. No cinema, no teatro, na

⁴³² CARTAS, 1996, p. 6 – grifo meu.

⁴³³ FRY, 1982.

teledramaturgia, os galãs e protagonistas passaram a ostentar esse biotipo físico, que passou a ser cobiçado pelos gays por razões que podem ser aventadas: por prazer voyeurista, desejo sexual, como característica prezada por eventual namorado ou até mesmo vontade de ser assim para também gozar desses privilégios sociais. Além disso, as revistas e vídeos de sexo explícito anunciadas na *Sui Generis* traziam em destaque imagens de homens com essa corporalidade, de modo que naquela conjuntura foi fabricado esse padrão de corpo musculoso no Brasil. Os anúncios de vídeos de sexo comercializados reforçavam esse modelo de beleza:

Figura 33 – Anúncio de vídeos eróticos

PONTO G O MELHOR DO VIDEO EM SUA CASA!!!

Versão Original em Inglês 39,95 CD-ROMS 39,95

KRISTEN BJORN O Ponto G traz para você, com exclusividade, o maior produtor de filmes eróticos do gênero. Nesta coleção ele dá uma volta ao mundo, reunindo os melhores e mais gostosos atores de todo o planeta!! Excitação do início ao fim! Bom gosto e sensualidade! É barba!! Experimente!!!

A Salvação de Sidney Angelo KR 006
Tropical Heatwave KR 008
Comrades in Arms KR 009
Paradise KR 010
Mystery Man KR 013

GRANDE PROMOÇÃO!!! Hot Shots - Em 5 volumes quentíssimos para você!

Elas não querem apenas sexo pelo sexo. Seus corpos musculosos estão molhados, experientes e compungidos. O clima está perfeito, aproveite!!!

Na compra de
1 ou 2 títulos 19,95
3 ou 4 títulos 14,95

Fonte: *Sui Generis*, n. 13, 1996, p. 39.

Num primeiro momento, a expressão *barbie* parece estar associada a um biotipo físico musculoso adotado por gays, assim como algumas passagens na revista *Sui Generis* parecem sugerir. André Fischer, em um livro que foi lançado na década seguinte, apresentou um glossário definindo algumas expressões usadas pelas pessoas homossexuais, dentre as quais está o termo *barbie*. Para o autor tratava-se de um “gay sarado

com corpo ultratrabalhado”.⁴³⁴ Esse entendimento parece ter coincido com outra compreensão do que seria uma *barbie*.

Conforme o antropólogo Ronaldo Trindade – que realizou uma pesquisa etnográfica e entrevistou homossexuais no começo da década de 2000 em São Paulo – não era apenas um corpo sarado que fazia uma *barbie*, mas um conjunto de outros elementos que deviam estar em sintonia. Descrevendo-os, o autor pontuou que, além dos músculos, as *barbies* ficavam sem camisa⁴³⁵ nas boates ou usavam camisetas coladas ao corpo, regatas, com os braços à mostra, alguns tatuados; tinham peitoral depilado; seu corte de cabelo era curto; as calças jeans eram justas e as cuecas de cóis alto ficavam à mostra. Nas baladas agrupavam-se e até mesmo dançavam de uma forma semelhante.⁴³⁶

Conforme Trindade:

[...] para ser uma *barbie*, não é necessário apenas frequentar academias de musculação e moldar o corpo. Para além disso, deve-se usar determinados tipos de roupas e cabelos, frequentar determinados lugares e comportar-se de forma específica no interior desses espaços.⁴³⁷

Esse investimento não era algo acessível a todas as pessoas, logo existe um recorte de geração, idade, raça, gênero, classe social. Ser musculoso era apenas um componente e os sujeitos podiam lançar mão de diferentes táticas para alcançar o corpo visado naquele momento. Para compor e manter a identidade *barbie*, fazia-se necessário frequentar determinados espaços, bares e academias, pois era nesses lugares que essa identidade seria validada. Isadora Lins França pontua essa questão ao frisar a distinção entre consumir nos lugares e consumir lugares, pois estes

⁴³⁴ FISCHER, 2008, p. 213.

⁴³⁵ Ficar sem camisa é um hábito comum na construção da masculinidade, geralmente não causando pudor aos meninos ou pais que permitem a reprodução desse hábito, não apenas no ambiente doméstico, mas também em alguns espaços sociais. Isso permanece enquanto uma prática realizada quando adultos. Além disso, mostrar o corpo na praia era algo que mexia com o imaginário erótico das pessoas, bem como com a ostentação de um corpo bonito que gerava orgulho, de modo que é possível que este traço cultural também tenha tido ressonância na construção dessa objetificação da masculinidade no universo homossexual.

⁴³⁶ TRINDADE, 2004.

⁴³⁷ TRINDADE, 2004, p. 169 – grifo do autor.

também são importantes na constituição da subjetividade, de modo que a interconexão fluida entre lugares, objetos e pessoas produz subjetividades, considerando-se os marcadores sociais da diferença.⁴³⁸

Apesar da distinção social que eventualmente as *barbies* adquiriam no universo homossexual, elas não foram apenas elogiadas e desejadas, mas também criticadas de modo contundente, sendo consideradas superficiais e consumistas. Uma frase ouvida por Carlos Figari era de que “*barbie* tem corpo de Tarzan, cabeça de chita e voz de Jane”.⁴³⁹ Uma analogia depreciativa que, apesar de comparar seus corpos aos do personagem Tarzan – forte, musculoso e que seria uma qualidade para o ego das *barbies* –, assinala que tinham a cabeça de chita – a macaca que contracenou nos filmes – aludindo a uma suposta falta de racionalidade dessas pessoas, que não seriam politizadas, somando-se a isso a acusação de uma voz efeminada, semelhante a personagem Jane.

Essas críticas possivelmente partiam de pessoas que não tinham o padrão *barbie*, talvez o desejassem e não obtivessem êxito em tornar-se desta ou daquela maneira ou, ademais, compreendiam-no como paródia do macho heterossexual, representação essencialista do ser homem que, no fim das contas, também é uma encenação de gênero, conforme Butler.⁴⁴⁰ Isso quer dizer que não há uma essência em ser macho heterossexual e ser macho homossexual, um não é cópia do outro, mas ambos são reiterações de discursos e práticas que, no conjunto, dão a entender que fazem parte de uma unidade coesa e de um sujeito que nasceu pronto. As *barbies* refutavam o argumento de que gays não podiam ser másculos por serem uma “mulher presa no corpo de um homem”. Não há um modelo único de ser, mas vários, e uns se sobrepõem a outros, ganhando mais visibilidade.

Evidentemente não havia apenas a tribo das *barbies* no universo homossexual, mas também de *modernos*, de *quá quás* e, posteriormente, de *ursos*, além de outras subdivisões internas.⁴⁴¹ Tais tribos também eram

⁴³⁸ FRANÇA, 2012, p. 246.

⁴³⁹ FIGARI, 2007, p. 462.

⁴⁴⁰ BUTLER, 2017.

⁴⁴¹ Numa matéria da *Sui Generis* que teve como título: “Com que bofe você se meteu?”, em alusão ao macho que iria satisfazer os desejos sexuais e amorosos dos leitores da revista, alguns foram pontuados, as possíveis vantagens e desvantagens que tais biotipos ofereciam, bem como

modelos de ser gay que, simultaneamente, dividiam espaço no universo homossexual, embora nem todos fossem aceitos igualmente pela sociedade e pelas demais pessoas homossexuais. Para Trevisan, essas transformações criaram novos estereótipos em forma de tribos, contribuindo na padronização e uniformização dos desejos, sendo geradoras de intolerância às dissidências.⁴⁴² Internamente, isso criou novas relações de poder, posto que hierarquias e formas de opressão já existiam e o que veio a se consolidar foi a fabricação de um novo sujeito – o gay viril tornado padrão, a *barbie*, não apenas tendo um corpo musculoso, mas humanamente aceito e desejado desde que não fosse muito efeminado.

Ora, há a permanência de um elemento anterior à década de 1980 e 1990 que é a valorização da masculinidade e cisgeneridade extensiva do patriarcado misógino cisheteronormativo que foi inserida nas relações de poder, práticas sexuais e sociais entre pessoas homossexuais. Era especialmente demandada para os gays e tida como superior à feminilidade, a exemplo do que ocorria também no meio heterossexual e na construção das masculinidades. Esse entendimento alinhava-se à estruturação cisheteronormativa, de modo que algumas pessoas requisitavam para suas práticas sexuais especialmente aqueles rapazes que a reproduziam. Falava-se em “discretos”, ou seja, naqueles que não aparentavam ou escondiam relativamente a sua homossexualidade. Ser discreto era não ser efeminado, era passar por homem socialmente e isso é uma continuidade. A ruptura que se dará é entre a imposição de uma “vida nua” a todas essas pessoas homossexuais, bem como as práticas e vivências homoeróticas em prol de sua crescente humanização no tempo de normatização.

Isso significa que em ambas as temporalidades elencadas a cisgeneridade – e aí sobretudo a masculinidade – tornou-se um fator de valorização, mas é somente durante a operação de normatização que um sujeito viável e assumidamente homossexual foi ser produzido no Brasil

os locais em que poderiam encontrá-los. O tom da reportagem se dava de uma forma bastante engraçada. Os grupos mencionados foram: *barbie*, *maridão*, *intelectual*, *quá quá*, *enrustido*, *michê* e *moderno*. Cf. HIDALGO, André. Com que bofe você se meteu? *Sui Generis*, n. 22, a. III, 1997, p. 8-9.

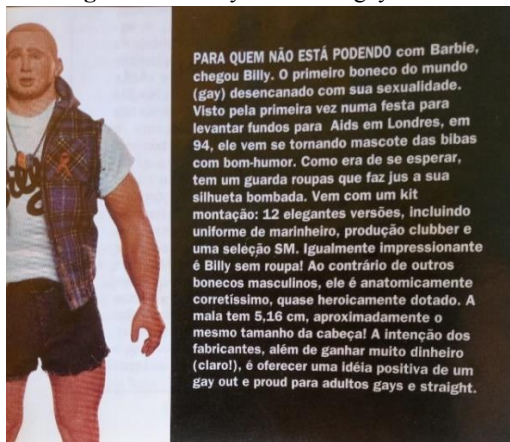
⁴⁴² TREVISAN, 2018, p. 433.

mediante tecnologias de poder biopolíticas que investiram sobre sua saúde, seu corpo, sua estética, seu comportamento, humanizando-o e inserindo-o na sociedade como um cidadão respeitado, ainda que tenha batalhado para conquistar direitos políticos e uma cidadania plena cujas reivindicações permaneceram na pauta do novo milênio. Esse sujeito valorizado pertencia a tribo das *barbies*, ou seja, foi aí que nasceu o gay padrão.

O mercado GLS capturou esse sujeito como referência para investir em produtos. E, como é sabido, quando um objeto não tem uma aparente utilidade, cria-se a sua necessidade para que as pessoas o comprem. A aquisição desses produtos e o gesto de visibilizá-los em determinados espaços conferia distinção e reforçava uma identidade, nesse caso como *barbie*. Não bastava ter uma roupa da marca tal se ela não fosse mostrada na boate ou numa festa específica. É preciso salientar que ainda que alguns recusassem a nomeação de *barbie*, continuavam pertencendo ao grupo tornado o padrão gay.

O modelo foi apropriado na criação de um boneco gay que possuía a estética *barbie*. Chamado de Billy, o boneco era branco, louro, musculoso e tinha olhos azuis, tendo sido criado, conforme informa *Sui Generis*, em 1994, para arrecadar fundos para combater a aids em Londres. Além dessa iniciativa, é dito na revista que o fabricante visava divulgar uma imagem positiva, representando um sujeito assumido e orgulhoso. Uma boa dose de humor é pontuada na matéria ao mencionar a “mala” do boneco, ou seja, seu órgão sexual, que diz ser avantajado e “anatomicamente corretíssimo”, diferentemente dos demais bonecos. O fragmento pode ser analisado a seguir:

Figura 34 – Billy: o boneco gay *barbie*



Fonte: *Sui Generis*, n. 4, jun. 1995, p. 14.

Esse modelo de gay *barbie*, conforme visto a partir do boneco, não era exclusivo do Brasil. Há quem diga que foi uma importação norte-americana, mas a análise apresentada discorda dessa visão, haja vista que esse modelo já estava constituído nos Estados Unidos anteriormente e foi fabricado no Brasil somente no tempo de normatização, servindo de alicerce da representação do gay padrão que passou a ser aceito. Deve-se considerar os entrelaçamentos transnacionais, mas atentar ao cuidado na aplicação de padrões externos e fechados a contextos peculiares. A dinâmica sexual experienciada no Brasil era distinta e a historicidade própria desse país precisa ser considerada. Esse fenômeno constituiu-se de trocas e não apenas de absorções.

Sui Generis não apenas falou sobre *barbies* como também veiculou imagens em que elas estavam presentes nas praias ou em festas. Ao mesmo tempo em que aparentemente mostrava o que ocorria, a revista estava construindo representações positivadas e produzia desejos subjetivos nos consumidores que acessavam tal produto. Como lembra Trindade, bastava dar uma volta pela cidade para ver que isso se tratava apenas de uma parcela de pessoas do universo homossexual e não do todo.⁴⁴³

⁴⁴³ TRINDADE, 2004, p. 151.

A imagem a seguir mostra as *barbies* que ostentavam seus corpos na praia de Ipanema, próximo à rua Farne de Amoedo, durante o verão. Nela, é possível observar o biotipo físico dessas pessoas, musculosas e bronzeadas vestindo sunga. Na segunda página pode-se analisar a centralidade dada aos diferentes tipos de sunga, sendo que umas chamavam a atenção ao volume do órgão genital e outras à bunda à mostra devido ao uso de fio dental. Esses exemplos relativizam a ideia de uma exagerada masculinidade que costuma ser atribuída a essa tribo e dão a ver a agência desses sujeitos mediante a visibilização consciente e intencional das partes de seu corpo. Outra característica que costuma ser criticada é o desejo sexual dessas pessoas por outras com a mesma estética, porém há que se considerar que, na economia do desejo, nem todas as pessoas desejam esse mesmo biotipo, havendo espaço para outras corporalidades. O fragmento a seguir ilustra a interação na praia:

Figura 35 – Barbies na Farne de Amoedo



Fonte: *Sui Generis*, n. 21, 1997, p. 10-11.

Havia locais que as *barbies* costumavam frequentar, pois se encontrariam com outras *barbies*, mas também era lá que sua identidade era reificada e parceiros semelhantes poderiam ser encontrados. O trecho a seguir explicita o apreço por esses locais:

O massivo (Avenida Itu, 1548, Jardins) é mesmo o ponto onde *barbies* cariocas e paulistas trocam ideias de como ganhar mais músculos. Às quintas-feiras acontece sempre uma noite temática e bem-humorada que muda a cada semana, com som do carioca Marcelo Tallandrê. Aos domingos a congregação de biceps é ainda mais assumida: chama-se Barbie Talk, e a casa é toda decorada com as *barbies* Dolls que dão o tom da noite. O som domingueira é do paulista Edu Gantous.⁴⁴⁴

Desde a primeira edição da revista *Sui Generis* foram abordados lugares que os gays poderiam frequentar, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Dependendo dos dias que iam permanecer nessas cidades, determinados estabelecimentos eram recomendados, e as matérias citavam suas características, o tipo de som no local e as pessoas que costumavam frequentar. Uma das festas recomendada era a BITCH, (sigla de *Barbies in Total Control Here*), que acontecia no Rio de Janeiro, no parque de diversões Tivoli.⁴⁴⁵ Era uma festa em que as *barbies* supostamente estavam no controle total. A sigla em inglês sinalizava uma expressão pejorativa reapropriada pelo humor *camp* homossexual, podendo ser traduzida como vadia, puta, um substantivo feminino. Outros locais GLS no Brasil também foram veiculados, sendo que o público devia informar quais eram esses lugares espalhados pelo país. Posteriormente esse roteiro tornou-se um espaço específico na revista – a seção “Etcetera”.

Outra festa que atraiu muitas *barbies* foi promovida pela Valdemente, na Lapa, no Rio de Janeiro. Publicada na seção “Vortex” da revista *Sui Generis*, foi informado o grande número de *barbies* no show

⁴⁴⁴ VILLARDO, Ronald. *Barbies* cariocas em São Paulo. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, a. III, n. 24, 1997, p. 61.

⁴⁴⁵ HIDALGO, André. São Paulo – Rio, de ponto a ponto. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, n. 1, jan. 1995, p. 58.

da drag queen Ru Paul e o ineditismo de uma festa *rave*, ou seja, de música eletrônica, com djs e podendo ter, ainda, shows performáticos, tudo isso em pleno carnaval do Rio. Várias fotos foram veiculadas, como pode ser analisado a seguir, bem como a estética viril de boa parte dos sujeitos.

Figura 36 – *Barbies* na festa *rave* no Rio de Janeiro



Fonte: *Sui Generis*, n. 11, 1996, p. 36-37.

Mesmo com essa profusão de corpos sendo enaltecidos e com o desejo de alguns consumidores da revista – que chegavam a pedir conselhos à redação sobre como obter um corpo semelhante, como o fez Cássius, de Brasília⁴⁴⁶ – outros criticavam-no. Dizia-se que a ditadura do corpo bonito havia sido difundida pelas *barbies* no universo homossexual.⁴⁴⁷ Na década de 1990, a saída do armário era outro componente que estava sendo requisitado e assumir-se era um ato incentivado e até mesmo invadido através da prática do *outing*.

⁴⁴⁶ CARTAS. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, n. 12, 1996, p. 7.

⁴⁴⁷ A., Jackson. Público ou privado. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, n. 3, 1995, p. 43.

Adolescentes passaram a compreender e a lidar com sua sexualidade de uma forma distinta das gerações anteriores, tendo mais informações de locais para frequentar e subsídios para compreenderem a si mesmos e se assumirem.⁴⁴⁸ Somam-se a isso reportagens com personalidades famosas que reforçavam a ideia de que o fato de serem homossexuais em nada havia atrapalhado nas suas carreiras profissionais.⁴⁴⁹

Nelson Feitosa pontuou no quinto editorial da revista que a escolha de uma matéria-prima para a construção de uma representação de gay ideal possuía contradições, dependendo daquilo que seria considerado. Ele chama a atenção para a variedade do universo heterossexual, concluindo que não há a necessidade de estabelecer um modelo ideal de gay.⁴⁵⁰ No entanto, a publicização de determinados biotipos físicos e a reiteração dessa estética projetada como atraente e desejada atuava na fabricação de sujeitos gays com esse padrão. Além disso, o ideário foi veiculado de forma a gerar a compreensão de que qualquer sujeito poderia obter tal corpo se tivesse condições de investir nele, referência não só a musculação e exercícios, que também eram indicados, mas também a procedimentos cirúrgicos que garantiriam o acesso a tal estética.

A imagem a seguir ilustra as possíveis modificações corporais e o valor que elas custavam para obter o chamado corpo perfeito, avaliado em 1996 por um preço de 60 mil reais. A matéria completa indica a possível alteração física, mas questiona se isso seria ou não uma garantia de felicidade.⁴⁵¹

⁴⁴⁸ MAZZARO, Marcos. Do armário pras ruas: novo fenômeno da noite, garotos e garotas invadem points gays e exibem maturidade ao falar da sexualidade na adolescência. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, n. 28, 1997, p. 26-33.

⁴⁴⁹ SCOFIELD, Gilberto. Cheios de talento e nem aí para fachadas: eles conseguiram sucesso profissional sem abrir mão da identidade sexual. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, n. 3, maio 1995, p. 50-53.

⁴⁵⁰ FEITOSA, Nelson. Gênese Gay. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, n. 5, ago. 1995, p. 7.

⁴⁵¹ LESSA, Jefferson. O homem perfeito. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, n. 17, 1996, p. 30-35.

Figura 37 – O dito corpo perfeito

A PERFEIÇÃO POR 60 MIL REAIS

Lentes de contato verde, mel, azul, cinza e violeta: R\$300.

Existem vários tratamentos exterminadores de rugas. O PS35, que não provoca os mesmos problemas do silicone, resolve o problema com duas aplicações. A caixa com ampolas custa R\$600. Outra forma para eliminar as rugas é a paralisia muscular com preço variando entre R\$500 e R\$1.000. Algumas rugas precisam ser preenchidas com ácido hialurônico (produto usado em cirurgias cardíacas que não provoca reações adversas). Sai por uns R\$780. O peeling superficial também funciona, e custa R\$190 por sessão.

A cútia do rosto está fúrdica? Implantes de fios de ouro para dar uma solidão dura quatro anos e custom cerca de R\$1.600.

A limpeza de pele hidratante com máscara de colágeno sai por R\$120.

A boquinha está caído. Aplicação do PS 35 no contorno dos lábios, R\$200. E para o cantinho labial, R\$250. PS35 também é aplicado no tasto, por R\$250. Limpeza e clareamento dos dentes, cerca de R\$150. Revestimento com lâminas de porcelana, cada dente R\$850, nos EUA.

Os peitos caíram? Implantes nesses! Para aumentar o peito custa R\$4.000 e para diminuir R\$1.900, nos EUA.

Na eliminação da malhada barriga: Aplicação de enzimas importadas: pacotes de 2 aplicações, R\$ 600. Carpatrim (aparelho com eletrodos ligados aos pontos do abdômen onde há flacidez. Meio hora equivale a uma hora de ginástica): seis aplicações a R\$200. Ducha de ozônio: seis aplicações a R\$200. Mesoterapia (injeção de medicamentos para "queimar" gorduras) R\$800. Ou অপে para uma lipossucção a R\$ 1.500.

Cirurgia para engrassar o pênis R\$3.800 ou para aumentar o comprimento R\$4.000, nos EUA. Aqui no Brasil, custa entre R\$2.000 e R\$5.000.

Não esqueça o pé. Pedicure e combate à calosidade: R\$15.

A cavidade propriamente dita só é eliminada com implante. Se o problema for passivo, tipo estresse ou excesso de oleosidade, existem tratamentos eficientes no mercado à base de injeção de vitaminas. Dez sessões por R\$460. Se a solução é implante, custa um pouquinho mais caro: cerca de R\$3.800. O implante é feito fio a fio, o que não deixa aquele barrido etéreo artificial de outros tempos.

O bumbum perfelta pode se conseguir com um lift (para suspender), por R\$4.200, ou um implante, que não sai por menos de R\$4.300, nos EUA.

Uma recaculhada geral nas pernas começa com uma lipossucção na parte interna da coxa a R\$1.500 e outra na parte externa, R\$1.500.

Implante para aumentar o busto de pernas sai a R\$3.300, nos EUA.

Qualquer exercício físico é preferível a outros tipos de tratamento. Uma boa academia possui aparelhos computadorizados que proporcionam maior conforto. Ou seja, acabou aquela chatices de ficar colocando pesinhos e mais pesinhos, o computador determina o tempo a ser feito. Cerca de R\$150 por mês, mais teste de avaliação física — em média, R\$80. Uma outra opção é a SPA com tratamento para todo o corpo. Uma semana no conhecido Hotel Kara, em Gramado sai por R\$3.080 (suíte) ou R\$2.145 (apto simples).

Fonte: *Sui Generis*, Rio de Janeiro, n. 17, 1996, p. 32-33.

Essa vaidade também podia acarretar altos riscos à saúde e as *barbies* foram alertadas:

Atenção *barbies*! Uma nova patologia está tomando conta da rapaziada adepta da construção de corpos, a dismorfia muscular. Levados pelo estresse nestes tempos em que ter um corpão é fundamental, quem sofre deste mal fica totalmente paranoico com a forma física e nunca acha que está bem. Um estudo observou 150 homens que se exercitavam regularmente e descobriu que 10% sofriam do que os cientistas vêm chamando a doença dos anos 90.⁴⁵²

Apesar da aparente não adesão a um modelo de gay, os assuntos que *Sui Generis* abordava, relacionados à classe média alta urbana, moldaram as subjetividades gays e, ao mesmo tempo em que construíam

⁴⁵² MÚSCULOS X Saúde. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, n. 32, 1998, p. 7.

um modelo idealizado, outros também eram produzidos. Assuntos culturais, músicas, cantores e cantoras do momento, livros, peças de teatro, filmes, eventos gays no mundo, moda e acessórios que estavam em alta, essas matérias foram pensadas para um perfil de leitor e foram produzidas a partir da visão dos proprietários e jornalistas acerca desse mundo gay. Esse *capital cultural* era apropriado por parcela desses gays, assim como o eram o entretenimento a partir dos anúncios, as festas e os lugares que eram sugeridos, no Brasil e no exterior. Tudo isso produzia subjetividades e, por conseguinte, um novo sujeito que tinha esse modelo de ser gay tornado padrão. Ter essas características era uma forma de sentir orgulho ao assumir a identidade gay. Conforme pontuou Lima, a representação ideal que prevalece é a do “[...] gay bem resolvido psicologicamente, assumido publicamente e bem resolvido profissionalmente”.⁴⁵³

No tempo de normatização, as tecnologias de poder biopolíticas voltadas à população homossexual, sobretudo através das mídias e da imprensa escrita, produziram uma norma de ser gay, um tipo de sujeito que, apesar de suas preferências homoeróticas, seria melhor aceito socialmente e mais respeitado, o que tinha por condição que reiterasse os componentes do regime cisheteronormativo. Havia um limite que dividia as vivências e existências gays, impondo a algumas o qualificativo de uma “vida nua”, de um sujeito marginal, mal visto na sociedade por subverter algum elemento valorizado pela estruturação cisheteronormativa, com um evidente recorte de classe, raça, etnia, geração, gênero, escolaridade, profissão, moradia. Essa era uma representação do gay a ser evitada, dada sua possível conotação negativa. No outro lado do espectro com as mesmas variáveis estaria o gay ideal, bem visto, ou seja, uma imagem positiva em uma sociedade neoliberal que valorizava sobretudo o sucesso econômico e pessoal, ou seja, um gay bem-sucedido e comportado, que reproduzia a estruturação cisheteronormativa.

No processo de construção da normatividade gay contemporânea capaz de encetar visibilidade e valoração social, apesar das críticas que recebeu, e desde sua sobreposição às demais representações é que foi

⁴⁵³ LIMA, 2018, p. 187.

possível separar os sujeitos gays e/ou afeitos aos prazeres homoeróticos segundo os marcadores positivados e negativizados, conforme o esquema apresentado na figura 29. Se antes os homossexuais eram anormais, pois a norma era a cisheteronormatividade, agora esse componente não era mais decisivo, mas, sim, as vivências e existências singulares é que passaram a ser classificadas no universo homossexual.

Uma crítica que poderia ser feita é a de que, no tempo de vida nua, esses elementos positivados conferiam privilégios aos seus detentores, mas os prazeres homoeróticos eram tidos como anormais. Os sujeitos podiam ser valorizados desde que relativamente adequados à norma cisheteronormativa, mas tais afetos homoeróticos não podiam ser expressos publicamente, pois seriam reprovados e trariam à tona a suposta anormalidade dos sujeitos.

No tempo de normatização, a norma de ser gay não foi precedente, como no dispositivo disciplinar, mas foi o resultado das tecnologias de poder biopolíticas direcionadas à população homossexual entre os anos 1980 e 1990, sobretudo nos discursos e representações na imprensa brasileira. O dispositivo de segurança sobre essa população gerou saberes e dados que puderam ser distribuídos em curvas de normalidade que efetuavam a separação dos sujeitos e as oscilações segundo as variáveis dessa operação, visando trazer os sujeitos do grupo desfavorecido às existências humanizadas. Nas duas décadas analisadas ocorreram processos históricos estreitamente articulados à temática homossexual. É através dessas oscilações nas curvaturas de normalidade que pessoas que não eram *barbies* e não ostentavam a etiqueta de gay viril, padrão, passaram a buscar tal distinção mediante a aquisição de componentes que moldavam subjetividades, mas também sujeitavam os indivíduos através dessa opressão.

Nesse sentido, parece que o fato de que o fenômeno *barbie* estava presente nas classes médias e baixas, atravessado ainda por marcadores raciais,⁴⁵⁴ era um desdobramento desse empreendimento de buscar tal padrão para ser visto, aceito e desejado. Depois de ser construída a norma com base nas tecnologias de poder biopolíticas, era possível efetuar a

⁴⁵⁴ FIGARI, 2007, p. 463.

normalização, ou seja, diferenciar os sujeitos conforme o grau de normalidade ou anormalidade. Por outro lado, houve aqueles sujeitos que nunca quiseram se adequar a essa norma, que a criticavam e reivindicavam sua cidadania tensionando a operação normativa gay. Oliveira, Costa e Carneiro, ao dialogarem com outros autores, entendem esse fenômeno como uma continuação do legado cisheteronormativo que adequa essa identidade à economia política neoliberal, despolitizada e privatizada.⁴⁵⁵

Dessa forma, o conceito de *nova homonormatividade*⁴⁵⁶ que está sendo usado por algumas pesquisadoras e pesquisadores para se referir ao fenômeno global de aceitação das homossexualidades mediante o poder de compra dessas pessoas, produzindo um meio de adentrar a estruturação cisheteronormativa sem grandes alterações do sistema, apresenta inconsistências se usado para analisar a realidade brasileira. Na década de 1980 ainda se estava convencendo as pessoas de que eram homossexuais, ou seja, apresentando essa identidade e fazendo com que as pessoas se reconhecessem nela. Havia muitas representações do que seria esse homossexual e muitas tensões dentro do próprio Movimento Homossexual. Pensar numa norma impositiva nesse período parece equivocado, ainda que alguns intelectuais possam discordar dessa interpretação.⁴⁵⁷

Assim como a palavra heteronormatividade foi usada para se referir ao regime político, social e institucional que universaliza a heterossexualidade cisgênero e é imposto antes mesmo das pessoas nascerem, o mesmo não acontece numa homonormatividade. Analisando

⁴⁵⁵ OLIVEIRA, João Manuel de; Carlos Goncalves da Costa; CARNEIRO, Nuno Santos. Problematisando a humanidade: para uma psicologia crítica feminista queer. **Annual Review of Critical Psychology**, n.11, p. 59-77, 2014.

⁴⁵⁶ DUGGAN, Lisa. The New Homonormativity: The Sexual Politics of Neoliberalism. In: CASTRONOVO, R.; NELSON, D. **Materializing democracy: toward a revitalized cultural politics**. Londres: Duke University Press, 2002.

⁴⁵⁷ Cita-se a ideia de que, no período anterior, a *nova homonormatividade* no Brasil e na Argentina teria havido uma *normatividade gay* cujo protótipo seria a figura do *entendido*. Cf. PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento; ALVES, Jorge Luiz da Silva. A norma do plural: notas sobre a nova homonormatividade no Brasil e na Argentina do século XX-XXI. In: FREITAS, Eliane Martins de; PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento; ZANOLI, Vinícius (Org.). **Cultura, política, sexualidade e gênero na América Latina**. Rio de Janeiro: Autografia, 2022. p. 47-66.

historicamente o fenômeno que emerge no Brasil nos anos 1990, trata-se de uma normatização gay, incidindo especialmente sobre esse grupo de pessoas. Outras identidades integrantes da “sopa de letrinhas” precisam de análises específicas para compreender a forma com que essa operação de normatização gay tensiona as relações de poder entre esses grupos

O regime impositivo ainda permanecia sendo o cisheteronormativo e a operação de normatização produziu uma norma gay à qual os sujeitos se ajustavam naquela conjuntura, assim como propuseram parte das autoras e autores que analisam essa temática, mas os sujeitos também podiam não seguir essa norma. Dessa forma, o aspecto capitalista neoliberal é um elemento a ser considerado, mas não é o único, pois, assim como chama a atenção Gavin Brown, outras práticas econômicas também eram agenciadas por essas pessoas,⁴⁵⁸ indo além da ideia de meros reprodutores do sistema opressor.

Esta análise mostra que, no Brasil, outras questões também incidiram na produção desse sujeito gay viril, padrão, como a produção de uma nova estética corporal atrativa, a masculinização e a objetificação do macho, a produção de subjetividades gays decorrente dos discursos e representações pós-despatologização da homossexualidade, a epidemia do hiv-aids e o mercado GLS.

No entanto, conforme frisa Trindade: “Ninguém nasce um *urso*; não se é *barbie* ou *moderno* a vida inteira”.⁴⁵⁹ Outras maneiras de fabricar identidades são possíveis, mas trata-se, em todo caso, algo situacional, com o tempo os sujeitos podem não mais se identificarem ou serem identificados assim. O corpo e a estética física se modificam, os gostos e desejos também.

A estética masculinizada do sujeito gay viril costuma ser criticada, podendo ser entendida a partir de Connell como uma *masculinidade cúmplice*, pois oferece as benesses do patriarcado para aqueles que a possuem, o que não pode ser necessariamente generalizado.⁴⁶⁰ Nem todos os gays que possuem esse biotipo são coniventes ou reprodutores dessa

⁴⁵⁸ BROWN, Gavin. Pensando além da homonormatividade: explorações performativas de economias gays diversificadas. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 125-138, jan./jul. 2013.

⁴⁵⁹ TRINDADE, 2004, p. 191 – grifo do autor.

⁴⁶⁰ CONNELL, 2003, p. 120.

sorte de opressão. É preciso ir além dessa interpretação simplista. Se, por um lado, isso reforça o sistema da cisheteronormatividade, por outro há que se considerar a diversidade de vivências e existências, bem como as relações sociais que não podem ser divididas unicamente em opressor/oprimido, mas são situacionais e dinâmicos. Eles podem perseguir a masculinidade hegemônica, mas ainda assim terão uma *masculinidade subordinada* à heterossexual: pode ser sua cúmplice, mas é também marginalizada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa iniciou visando responder à problemática que diz respeito a como foi produzido o sujeito gay macho, viril e normatizado na sociedade brasileira. Para tanto, o trabalho compreendeu o modo como esse sujeito, chamado de gay padrão atualmente, nem sempre existiu, ele foi produzido a partir de diferentes tecnologias de poder biopolíticas voltadas à população homossexual durante as décadas de 1980 e 1990 no Brasil. Esse processo fez parte de um fenômeno global que incluiu a defesa e a afirmação de uma identidade homossexual, a luta pela despatologização, a maior visibilidade dessas pessoas e a conquista de direitos, as transformações nas relações de gênero, a valorização da cisgeneridade e uma crescente masculinização gay. Tudo isso em meio à epidemia do hiv-aids, ao neoliberalismo em ascensão e aos traços culturais presentes na sociedade brasileira.

Esse sujeito gay viril que assumiu a identidade homossexual e/ou seus prazeres homoeróticos encarnou e reiterou uma masculinidade tida como símbolo de orgulho que o permitiu desfrutar de um status valorizado socialmente. Além disso, somou uma estética corporal robusta a um estilo de vida considerado comportado e elegante, que foi difundido pela imprensa nacional. Essas pessoas foram aceitas mesmo quando afirmando e/ou tornando visível seus prazeres homoeróticos, sendo, neste caso, solicitado que mantivessem um comportamento discreto sem abalar a cisheteronormatividade. Não obstante, isso não significa que esse sujeito emergiu ao mesmo tempo em todos os lugares, sincronicamente, mas foi fabricado através de conexões transnacionais, de discursos e de representações compartilhados. Da mesma forma, não foi o único modelo existente de ser gay, mas aquele que se tornou mais visível, representativo e aceito. Existiam outros padrões, mas nem todos adquiriram o prestígio e a distinção das *barbies*.

Nesse sentido, para analisar esse sujeito no Brasil fez-se uma arqueogenealogia através de uma análise inspirada em Foucault que cavou no tempo até perceber a emergência desse personagem gay viril tornado padrão. A partir daí, investigou-se de que forma ele foi produzido

e quais mecanismos e relações de poder e de saber atuaram nessa fabricação estética e subjetiva. As mídias parecem ter desempenhado um papel central nesse processo e a análise delas, sobretudo da imprensa escrita, possibilitaram essa compreensão. Evidentemente não foi uma ação intencional, mas uma interferência a partir do exercício de poder desses veículos de comunicação. Da mesma forma, tal processo contou com a ação de traços culturais, sociais, políticos e econômicos presentes na história do Brasil, bem como das transformações presentes na conjuntura das décadas de 1980 e 1990.

No começo da década de 1980, o tema das homossexualidades foi veiculado na revista *Veja*, representante da grande imprensa escrita nacional, em número considerável de vezes, o que significa que essas pessoas passaram a obter maior visibilidade nas notícias. Deve-se considerar que o público a quem a revista se direcionava era misto, centrado numa classe média alta urbana. Nessa época surgiu a epidemia do hiv-aids e as associações às homossexualidades fizeram com que essas pessoas se tornassem ainda mais conhecidas pela população. Era uma época em que a identidade homossexual estava sendo assumida, mas havia divergências de como seria essa pessoa e qual a representação que iriam apresentar à sociedade.

Entre 1980 e 1985, na revista *Veja*, percebeu-se que as maiores menções a essa população focalizavam nos homossexuais masculinos e, das imagens veiculadas, a maior parte delas também era deste grupo. Mas havia uma diferença: a maior parte das representações fictícias do que seria um homossexual mostravam-no de uma forma efeminada, ao passo que a maioria das representações dos sujeitos reais publicados era mais discreta. É preciso lembrar que havia disputas internas no Movimento Homossexual sobre qual seria a terminologia usada, bem como a representação imagética escolhida.

Aquele era um tempo de vida nua, pois as homossexualidades eram tidas como uma forma de patologia e essas pessoas não eram consideradas normais pelo saber da área da saúde. Esse discurso era poderoso, pois aferia um grau de cientificidade, diferente do discurso cristão predominante, que também estigmatizava as homossexualidades, mas não era considerado científico. Havia resistências a ambas as discursividades,

especialmente por parte de pessoas homossexuais, bem como de alguns intelectuais e organizações. Tratava-se, contudo, de uma disputa de *representações* tensionadas continuamente e que colocavam em xeque os alicerces que as sustentavam. Embora algumas pessoas pudessem ser relativamente mais aceitas do que outras em determinados círculos sociais, devido a distintos marcadores, a sociedade, no geral, ainda era pouco receptiva aos prazeres homoeróticos, tratando-as com inferioridade.

Uma alteração desse discurso se deu com a campanha pela despatologização com adesão de boa parte da sociedade, contando com cerca de 16 mil assinaturas para a retirada do parágrafo 302.0 do manual médico da CID. Uma campanha possível devido ao enfraquecimento da ditadura militar, que também precisa ser considerado. Após essa conquista, não podia mais ser dito que se tratava de uma doença, dado que cientificamente não havia respaldo nenhum. Isso não quer dizer que de uma hora para outra tudo melhorou, mas foi uma conquista importante que permitiu que representações positivas pudessem prevalecer. Marginalizar socialmente essas pessoas devido à sua orientação sexual não era mais plausível, ainda que algumas pessoas ainda o fizessem.

No tempo de vida nua, a estética veiculada em revistas eróticas como a *Rose* – algumas podem ser observadas também no *Lampião da Esquina* – vendia representações, em sua maioria, de rapazes jovens, brancos, bronzeados e com poucos pelos. Esses eram os *bofes* produzidos como produto de consumo sexual, sobretudo para os gays. Apesar de algumas críticas a esse modelo, ele permaneceu sendo publicado na revista. A análise específica das cartas enviadas por gays anunciando a si na *Rose* forneceu elementos para compreender a forma como se descreviam, quais informações tornavam públicas, a circularidade da revista, os termos usados, bem como as características que buscavam encontrar na outra pessoa. Todos esses elementos ajudaram a compreender esse momento histórico, além dos gostos e os atributos acionados na negociação do uso dos prazeres homoeróticos.

A despatologização em 1985 é tida como um marco de ruptura para o tempo de normatização das homossexualidades, quando serão gestados modelos a serem aceitos, mas também aqueles a serem evitados. Os

discursos e representações veiculados pela imprensa transformaram as subjetividades gays. Isso ocorreu em decorrência do pânico social, do medo da morte, mas também da desumanização em vida das pessoas com o hiv ou doentes de aids. Eram corpos que não proliferavam a vida em relações que visavam a reprodução, e eram, ainda, acusados de gerar a morte das demais pessoas. Houve várias tensões entre os esforços de positividade das homossexualidades e as tentativas de repatologização. As pessoas homossexuais viraram dados estatísticos que serviram aos propósitos de governamentalidade biopolítica. Mas não apenas isso, os subgrupos internos, os comportamentos e as vivências passaram a ser examinadas, viraram variáveis e dados usados nos discursos e nas representações para controlar a população homossexual, como parte de um dispositivo de segurança.

A doença encarnada nos corpos e a sua publicização, tanto narrativa quanto imagética, revelava a fragilidade do estado de saúde das pessoas infectadas pela epidemia do hiv-aids. A aparência era popularmente usada como variável para a ostentação ou não da saúde. Na segunda metade da década de 1980, outros sujeitos começaram a ser usados como produtos de consumo sexual para os gays, como analisado na revista *Spartacus*. Os *bofes*, construídos como objeto de desejo, passaram a ter músculos rijos, símbolo de força e virilidade, sendo que a maioria deles era composta de rapazes brancos bronzeados, com poucos pelos, peitoral liso e untados com óleos ou loções que maximizavam seus contornos. Ter um corpo musculoso era também negar a aids. Ocorreu uma transformação nas relações de gênero que modificaram as masculinidades, modernizaram-nas e as tornaram um produto de consumo, logo, objetificadas.

Na década de 1990, o mercado de consumo parece ter percebido as pessoas homossexuais de uma forma distinta da década anterior. Identificando um nicho promissor, empresas passaram a criar produtos e espaços específicos que acolhiam essas pessoas de uma forma mais humana, respeitosa, ainda que pudesse ser devido ao seu suposto poder de compra. Esse fenômeno também foi global, mas no Brasil passou a ser entendido como o mercado GLS, receptivo para homossexuais e também para simpatizantes. Um mercado crescente passou também a oferecer

tratamentos estéticos para os sujeitos que desejavam se tornar mais joviais, belos e charmosos. A racionalidade neoliberal prometia ser possível adquirir o corpo, a profissão, a vida e os parceiros desejados desde que a pessoa fosse capaz de uma boa gestão, inclusive de si mesma.

A revista *Sui Generis* foi uma das publicações que produziu um estilo de vida gay e também fez parte das tecnologias de poder biopolíticas que, através da ação da imprensa, atuaram na produção do gay viril, padrão, assumido, esteticamente musculoso e portador de um *capital cultural* de classe média. Isso foi um desdobramento da operação de normatização gay, um processo que dividiu as homossexualidades em dois campos específicos: um de “vida nua” e o outro de existências humanizadas. Componentes tidos como de prestígio aproximavam os sujeitos de uma vida digna, respeitosa, ao passo que outros os mantinham numa marginalidade social. Esses marcadores eram extensivos daquilo que era predominantemente ou não valorizado na sociedade cisheteronormativa, mas embora fossem criticados, continuavam sendo reproduzidos mediante a estruturação social.

Esse modelo de felicidade que a imprensa ajudou a construir retomava opções de vida tidas como conservadoras, ou seja, o desejo de casar, de ter filhos e de uma família tradicional, em todo caso mantendo padrões viris por meio de certa *performatividade de gênero* e/ou performance de gênero. Entende-se que isso integraria os homens gays na sociedade de uma forma respeitosa. Houve críticas a esse modelo, dentre as quais a reprodução da misoginia mediante o enaltecimento da masculinidade. Por outro lado, há que se considerar que ser masculino era o desejo de algumas pessoas e isso também precisa ser respeitado, o que não quer dizer que sejam inimigos do feminismo. Dessa forma, tanto o assujeitamento quanto o protagonismo precisam ser considerados como parte desse fenômeno de produção do gay viril.

Nesse sentido, foi produzida uma suposta norma de ser gay, uma estética, uma subjetividade, um novo sujeito. Argumenta-se que tal norma, que pode ser melhor compreendida como um modelo reconhecido social e institucionalmente não era homonormativa, pois o sistema ainda permaneceu sendo cisheteronormativo, o que significa que persiste a norma universal fabricada de ser cisgênero, masculino, heterossexual. A

operação de normatividade gay produziu um sujeito através das tecnologias biopolíticas de controle da população homossexual, de modo que as oscilações nas curvaturas das existências e vivências plurais desses sujeitos foram usadas com a finalidade biopolítica de trazer as que eram consideradas socialmente como mais desfavoráveis para o grupo favorável. Como resultado disso, produziu-se um modelo mais aceito de ser gay. Ainda que a cisheteronorma seja predominantemente, a primeira imposta aos indivíduos ao nascer, para aqueles homossexuais é apresentada ainda uma outra norma, o modelo viável de gay, gestado e produzido com interferência direta do regime político e de visibilidade cisheteronormativo.

A norma para ser um gay aceito foi o resultado dessa diversidade de vivências e existências gays que havia. Tendo-se que nem todas as existências gays eram aceitas, produziu-se a norma com base naquela que mais agradava a um certo status quo, o que, em outras palavras, pode ser entendido como a que menos subvertia a estruturação social. Ademais, a partir da fabricação dessa normatização uma normalização podia ser feita, separando os sujeitos que seriam aceitos e os que não seriam. Aqueles que quisessem poderiam investir para tornarem-se um gay padrão, porém essas tentativas acabavam produzindo outras masculinidades gays experienciadas e agenciadas a partir de diferentes marcadores.

Evidentemente não existia uma forma única de ser gay, pois ao mesmo tempo em que um padrão foi fabricado, outros modelos também eram veiculados, fossem menos ou mais aceitos. Existiam aqueles que seguiam o padrão e aqueles que faziam questão de não serem assim. Nesse sentido, essa aparente homogeneização compôs uma pequena parte do universo homossexual que permanecia plural. Portanto, o gay viril padrão foi um sujeito que surgiu entre o fim da década de 1980 e a década de 1990, no Brasil, em um processo histórico específico. Argumenta-se que, entre continuidades e descontinuidades, permaneceram elementos do período anterior, mas também houve rupturas, conforme foi pontuado ao longo da pesquisa. Compreender que os desejos humanos são diversos ajuda a entender a multiplicidade de vivências, experiências, estéticas, identidades e masculinidades gays.

7. FONTES

PERIÓDICOS

- Revista Veja (1980-1999)

Veja, São Paulo, Abril Editora, n. 591, 2 jan. 1980. (Primeira ed. usada).

Veja, São Paulo, Abril Editora, n. 1626, 1 dez. 1999. (Última ed. usada).

- Revista Rose

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 4, 1979.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 5, 1979.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 6, 1979.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 7, 1979.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 8, 1979.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 9, 1979.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 10, 1979.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 11, 1980.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 12, 1980.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 13, 1980.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 14, 1980.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 16, 1980.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 18, 1980.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 19, 1980.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 20, 1980.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 21, 1980.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 22, 1980.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 23, 1980.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 24, 1980.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 25, 1980.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 26, 1980.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 27, 1980.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 28, 1980.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 29, 1980.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 30, 1980.

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 31, 1980.
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 32, 1980.
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 33, 1980.
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 34, 1980.
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 35, 1980.
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 36, 1980.
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 37, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 38, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 39, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 40, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 41, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 42, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 43, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 44, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 45, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 46, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 47, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 48, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 50, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 51, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 52, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 53, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 54, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 55, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 56, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 57, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 58, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 59, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 60, [1981].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 61, [1982].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 62, [1982].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 63, [1982].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 64, [1982].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 65, [1982].
Rose, Curitiba, Grafipar, n. 66, [1982].

Rose, Curitiba, Grafipar, n. 67, [1982].
 Rose, Curitiba, Grafipar, n. 68, [1982].
 Rose, Curitiba, Grafipar, n. 70, [1982].
 Rose, Curitiba, Grafipar, n. 71, [1982].
 Rose, Curitiba, Grafipar, n. 72, [1982].
 Rose, Curitiba, Grafipar, n. 73, [1982].
 Rose, Curitiba, Grafipar, n. 73-A, [1982] (Fotonovela).
 Rose, Curitiba, Grafipar, n. 74, [1982].
 Rose, Curitiba, Grafipar, n. 75, [1982].
 Rose, Curitiba, Grafipar, n. 76, [1982].
 Rose, Curitiba, Grafipar, n. 77, [1982].
 Rose, Curitiba, Grafipar, n. 78, [1982].
 Rose, Curitiba, Grafipar, n. 79, [1982].
 Rose, Curitiba, Grafipar, n. 80, [1982].
 Rose, Curitiba, Grafipar, n. 81, [1982].

- Revista Spartacus

Spartacus, São Paulo, Ki-bancas, ano I, n. 1, [s.d].
 Spartacus, São Paulo, Ki-bancas, ano I, n. 2, [s.d].
 Spartacus, São Paulo, Ki-bancas, ano II, n. 3, [s.d].
 Spartacus, São Paulo, Ki-bancas, ano II, n. 4, [s.d].
 Spartacus, São Paulo, Ki-bancas, ano II, n. 5, [s.d].
 Spartacus, São Paulo, Ki-bancas, ano II, n. 6, [s.d].
 Spartacus, São Paulo, Ki-bancas, ano II, n. 7, [s.d].
 Spartacus, São Paulo, Ki-bancas, ano II, n. 8, [s.d].
 Spartacus, São Paulo, Ki-bancas, ano III, n. 9, [s.d].
 Spartacus, São Paulo, Ki-bancas, ano III, n. 10, [s.d].
 Spartacus, São Paulo, Ki-bancas, ano III, n. 11, [s.d].
 Spartacus, São Paulo, Ki-bancas, ano III, n. 12, [s.d].
 Spartacus, São Paulo, Ki-bancas, ano III, n. 13, [s.d].
 Spartacus, São Paulo, Ki-bancas, ano III, n. 14, [s.d].
 Spartacus, São Paulo, Ki-bancas, ano III, n. 15, [s.d].
 Spartacus, São Paulo, Ki-bancas, ano III, n. 16, [s.d].
 Spartacus, São Paulo, Ki-bancas, ano III, n. 17, [s.d].

- Jornal Nós Por Exemplo

- Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. I, n. 1, dez. 1991.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. I, n. 2, maio 1992.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. I, n. 3, jul. 1992.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. I, n. 4, set. 1992.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. I, n. 5, nov. 1992.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. II, n. 6, jan. 1993.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. II, n. 7, mar. 1993.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. II, n. 8, maio 1993.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. II, n. 9, jul./ago. 1993.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. II, n. 10, set./out. 1993.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. II, n. 11, nov./dez. 1993.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. III, n. 12, jan./fev. 1994.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. III, n. 13, mar./abr. 1994.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. III, n. 14, maio/jun. 1994.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. III, n. 15, jul./ago. 1994.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. III, n. 16, set./out. 1994.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. III, n. 17, nov. 1994.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. III, n. 18, dez. 1994.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. IV, n. 19, jan. 1995.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. IV, n. 20, fev. 1995.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. IV, n. 21, mar. 1995.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. IV, n. 22, abr. 1995.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. IV, n. 23, [maio] 1995.
 Nós Por Exemplo, Rio de Janeiro, Leviaatã, a. IV, n. 24, [jun.] 1995.

- Boletim do Grupo Gay da Bahia

- Boletim do GGB, a. I, n. 1, ago. 1981.
 Boletim do GGB, a. I, n. 2, out. 1981.
 Boletim do GGB, a. II, n. 3, abr. 1982.
 Boletim do GGB, a. II, n. 4, set. 1982.
 Boletim do GGB, a. II, n. 5, dez. 1982.
 Boletim do GGB, a. III, n. 6, mar. 1983.
 Boletim do GGB, a. III, n. 7, jun. 1983.
 Boletim do GGB, a. IV, n. 8, jan. 1984.

Boletim do GGB, a. IV, n. 9, jun. 1984.
Boletim do GGB, a. V, n. 10, jan. 1985.
Boletim do GGB, a. V, n. 11, jun. 1985.
Boletim do GGB, a. VI, n. 12, mar. 1986.
Boletim do GGB, a. VI, n. 13, out. 1986.
Boletim do GGB, a. VII, n. 14, abr. 1987.
Boletim do GGB, a. VII, n. 15, set. 1987.
Boletim do GGB, a. VIII, n. 16, maio 1988.
Boletim do GGB, a. VIII, n. 17, out. 1988.
Boletim do GGB, a. IX, n. 18, fev. 1989.
Boletim do GGB, a. IX, n. 19, jun. 1989.
Boletim do GGB, a. X, n. 20, fev. 1990.
Boletim do GGB, a. X, n. 21, dez. 1990.
Boletim do GGB, a. XI, n. 22, maio 1991.
Boletim do GGB, a. XI, n. 23, dez. 1991.
Boletim do GGB, a. XII, n. 24, maio 1992.
Boletim do GGB, a. XII, n. 25, nov. 1992.
Boletim do GGB, a. XIII, n. 26, mar. 1993.
Boletim do GGB, a. XIII, n. 27, ago. 1993.
Boletim do GGB, a. XIV, n. 28, fev. 1994.
Boletim do GGB, a. XV, n. 29, jul. 1995.
Boletim do GGB, a. XVI, n. 30, maio 1996.
Boletim do GGB, a. XVI, n. 31, jun. 1996.
Boletim do GGB, a. XVI, n. 32, ago. 1996.
Boletim do GGB, a. XIX, n. 33, mar. 1999.

- Revista Sui Generis

Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. I, n. 1, jan. 1995.
Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. I, n. 2, mar. 1995.
Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. I, n. 3, maio 1995.
Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. I, n. 4, jun. 1995.
Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. I, n. 5, ago. 1995.
Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. I, n. 8, dez. 1995.
Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. II, n. 9, fev. 1996.
Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. II, n. 10, 1996.

- Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. II, n. 11, 1996.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. II, n. 12, 1996.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. II, n. 13, 1996.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. II, n. 14, 1996.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. II, n. 15, 1996.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. II, n. 16, 1996.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. II, n. 17, 1996.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. II, n. 18, 1996.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. III, n. 19, 1997.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. III, n. 21, 1997.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. III, n. 22, 1997.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. III, n. 23, 1997.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. III, n. 24, 1997.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. III, n. 25, 1997.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. III, n. 26, 1997.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. III, n. 27, 1997.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. III, n. 28, 1997.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. III, n. 29, 1997.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. IV, n. 30, 1998.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. IV, n. 31, 1998.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. IV, n. 32, 1998.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. IV, n. 34, 1998.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. IV, n. 36, 1998.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. IV, n. 37, 1998.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. IV, n. 38, 1998.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. V, n. 47, 1999.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. V, n. 50, 1999.
 Sui Generis, Rio de Janeiro, SG-Press, a. VI, n. 54, 24 fev. 2000.

PUBLICAÇÕES EM OUTROS PERIÓDICOS

HOMENS, Nus. **Lampião**, Rio de Janeiro, n. 0, p. 14, abr. 1978.

KLEINBERG, Seymour. Gay-Macho: uma nova tragédia americana?
Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 8, jan. 1979, p. 8-9.

OLIVEIRA, Patrícia. Clube das mulheres: hora e vez dos homens-objeto. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 2111, 19 set. 1992, p. 43-45.

PUBLICIDADE. **Lampião da Esquina**, n. 19, dez. 1979; Publicidade. **Lampião da Esquina**, n. 20, jan. 1980.

PUBLICIDADE. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 19, set. 1979.

LIVROS

HUDSON, Rock; DAVIDSON, Sara. **Rock Hudson**: história de sua vida. Tradução de Newton Goldman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

SOLNIK, Alex; CARUSO, Paulo. **Ecos do Ipiranga**: ...o grito que não houve...!. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FONTES ONLINE

CAPITÃO GAY & CARLOS SUELY. **Capitão Gay**. São Paulo: RGE, 1982. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uRbaJtUqxvE>. Acesso em 31 out. 2020.

CAPITÃO GAY. *In*: **Viva o Gordo**. São Paulo: Rede Globo de Televisão, 1981. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1trG3si4KO8>. Acesso em 31 out. 2020.

CAPITÃO GAY. *In*: **Viva o Gordo**. São Paulo: Rede Globo de Televisão, 1982a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fOagoZTT08Y>. Acesso em 31 out. 2020.

CAPITÃO GAY. *In*: **Viva o Gordo**. São Paulo: Rede Globo de Televisão, 1982b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mHlmi6iMuHw>. Acesso em 31 out. 2020.

CONCURSO Rambo Brasileiro: *In: VIVA a Noite*. Programa do Sistema Brasileiro de Televisão, SP, exibido em 1988, 34'47''. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9TUo8eu9dH0>. Acesso em: 16 ago. 2022.

JÚDICE, Fábio. **Programão visita exposição sobre Clóvis Bornay**. Jornalismo da Rede Globo de Televisão, RJ, exibido em 30 jan. 2016, 4'13''. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4774984/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

LEOPARDOS, Eloína dos. **Memória da diversidade sexual**. Direção de Luffe Steffen. Produção de Edu Lima. São Paulo: Museu da diversidade sexual, 2017. 57'. Disponível em: <https://culturaemcasa.com.br/video/memoria-da-diversidade-sexual-eloina-dos-leopardos/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

MARCKEZINI, Fábio. **Em 1988, Gugu aproveitou [a] febre e elegeu o Rambo brasileiro no Viva a Noite**. Disponível em: <https://tvhistoria.com.br/em-1988-gugu-aproveitou-febre-e-elegeu-o-rambo-brasileiro-no-viva-a-noite/>. Acesso em: 16 ago. 2022.

RAMBO – programado para matar. Direção de Ted Kotcheff, EUA, 1982, 97'.

RAMBO 2 – a missão. Direção de George Pan Cosmatos, EUA, 1985, 96'.

RAMBO 3. Direção de Peter MacDonald, EUA, 1988, 100'.

SOD, Adriano. **O jogo deu coluna do meio**. Disponível em: <https://tseles.wordpress.com/2017/09/25/celso-curi-entrevista/>. Acesso em: 29 jun. 2021.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Nuno César. **A representação do obsceno no cinema e no vídeo**. 2 ed. rev. e aumentada. São Paulo: Alameda, 2012.
- AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: EdUFMG, 2002.
- AGUIAR JÚNIOR, Fernando Domingos de. **Imagens da doença, políticas da notícia: cenários e representações da aids na imprensa paraibana (1980)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2018.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. (Mais)culinos: outras possibilidades de corpos e gêneros para as carnes sexuadas pela presença de um pênis. **Outros tempos**, São Luís, v. 17, n. 29, p. 260-181, 2000.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do falo**. Uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. **Veja sob censura: 1968-1976**. São Paulo: Jaboticaba, 2009.
- ALVES, Jorge Luiz da Silva. Masculinidades em debate: a metrosssexualidade no espectro entre a subalternidade e a hegemonia. **Diversidade e Educação**, Rio Grande/RS, v. 7, n. 2, p. 197-223, jul./dez. 2019.
- ARRAES, Grazielle Regina de Amorim. **Entre o desejo e a culpa: a transformação do comportamento sexual e as mudanças da noção de risco nas campanhas de prevenção à aids no Brasil (1981-2013) e Estados Unidos durante a década de 1980**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

BARATA, Germana Fernandes. **A primeira década da aids no Brasil:** o Fantástico apresenta a doença ao público (1983-1992). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS, Fernando de. Assim caminha a moda masculina. *In:* CALDAS, Dario (Org.). **Homens.** São Paulo: Editora SENAC, 1997. p. 135-146.

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. *In:* COURTINE Jean-Jacques (Dir.). **História da virilidade:** a virilidade está em crise? Séculos XX-XXI. Tradução de Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 189-220.

BOSWELL, John. **Cristianismo, Tolerancia Social y Homosexualidad:** Los Gays en Europa occidental desde el comienzo de la Era Cristiana hasta el siglo XIV. Barcelona: Muchnik Editores, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção:** crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Tradução de Fernando Thomaz. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. *In:* BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação.** 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 73-79.

BRITO, Antonio Mauricio Freitas. A subversão pelo sexo: representações anticomunistas durante a ditadura no Brasil. **Varia História,** Belo Horizonte, v. 36, n. 72, p. 859-888, set./dez. 2020.

BROWN, Gavin. Pensando além da homonormatividade: explorações performativas de economias gays diversificadas. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero,** Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 125-138, jan./jul. 2013.

BUSETTO, Áureo. “Defensor das minorias e contra as tiranias”: o Capitão Gay no humor televisivo e entre tentativas de (auto)censura e a cobrança de *royalties*. **Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 13, n. 1, p. 242-274, jan.-jul. 2020.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. Tradução de Veronica Daminelli, Daniel Yago Françaoli. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019a.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019b. p. 193-219.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CALDAS, Dario; QUEIROZ, Mário. O novo homem: comportamento, moda e mercado. In: CALDAS, Dario (Org.). **Homens**. São Paulo: Editora SENAC, 1997. p. 149-161.

CÂMARA, Cristina. **Cidadania e orientação sexual**: a trajetória do grupo Triângulo Rosa. Rio de Janeiro: Academia avançada, 2002.

CARTA, Mino. **O castelo de âmbar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos**, Maringá, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.

CAZUZA; FREJAT. **Ideologia**. Rio de Janeiro: PolyGram, 1988. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hfsxcebq5Rc>. Acesso em: 01 fev. 2023.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. Tradução de André Dionei Fonseca e Eduardo de Melo Salgueiro. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1991.

CONNELL, Raewyn. **Masculinidades**. México: UNAM, 2003.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 262-163, 2013.

CONRAD, Sebastian. Memórias entrelaçadas: versões do passado na Alemanha e no Japão, 1945-2001. **Esboços**, Florianópolis, v. 27, n. 44, p. 130-148, jan./abr. 2020.

CONRAD, Sebastian. **O que é história global?** Lisboa: Edições 70, 2019.

COSTA, Gerferson Damasceno. **Prazeres revelados: produção de sentidos de consumo e subjetividade na revista *G Magazine***. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros/MG, 2018.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

COSTA, Rogério da Silva Martins. **Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal *O Snob***. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e "subversão" no regime militar. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs.).

Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 27-52.

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. **Cruzamento raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004. p. 7-16. Disponível em: <https://static.tumblr.com/7symefv/V6vmj45f5/kimberle-crenshaw.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022.

CRESCÊNCIO, Cintia Lima. **Veja o feminismo em páginas (re)viradas (1968-1989)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

DANIEL, Herbert. AIDS no Brasil: a falência dos modelos. *In*: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard (Orgs.). **AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. São Paulo: Iglu, 1991a. p. 31-52.

DANIEL, Herbert. A síndrome de nossos dias. *In*: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **Aids – a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. São Paulo: Iglu, 1991b. p. 115-123.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. A terceira epidemia: o exercício da solidariedade. *In*: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **Aids – a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. São Paulo: Iglu, 1991. p. 13-30.

DANTON, Gian. **Grafipar: a editora que saiu do eixo**. São Paulo: Ed. Kalaco, 2012.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DRUCKER, Peter. A normalidade gay e a transformação *queer*. **Cadernos cemarx**, Campinas-SP, n. 10, p. 197-217, 2017.

DUGGAN, Lisa. The New Homonormativity: The Sexual Politics of Neoliberalism. *In*: CASTRONOVO, R.; NELSON, D. **Materializing democracy: toward a revitalized cultural politics**. Londres: Duke University Press, 2002.

DUQUE, Tiago. **Gêneros incríveis**: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Campinas, Campinas, 2013.

FACCHINI, Regina. **“Sopa de Letrinhas?”**: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Campinas, Campinas-SP, 2002.

FEITOSA, Ricardo Augusto de Sabóia. **Linhas e entrelinhas**: homossexualidades, categorias e políticas sexuais e de gênero nos discursos da imprensa gay brasileira. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

FEITOSA, Ricardo Augusto de Sabóia. Um jornalismo “sui generis?”: visibilidade, identidades e práticas jornalísticas numa revista gay brasileira dos anos 1990. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 78-107, abr. 2018.

FISCHER, André. **Como o mundo virou gay?** Crônicas sobre a nova ordem sexual. São Paulo: Ediouro, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. O saber gay. Tradução de Eder Amaral e Silva e Heliana de Barros Conde Rodrigues. **Ecopolítica**, São Paulo, n. 11, p. 2-27, jan.-abr. 2015.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhe. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel; VOELTZEL, Thierry. O anti-cu. **Ecopolítica**, São Paulo, n. 22, p. 66-77, set.-dez. 2018.

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

FRANÇA, Thiago Alves. **Memória, constituição e discursivização de G Magazine: a homofobia, o assumir-se gay e a militância**. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2010.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. *In*: FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 87-113.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

GALVÃO, Jane. **AIDS no Brasil: a agenda de construção de uma epidemia**. Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: Ed. 34, 2000.

GOMES, Mauricio Pereira. **A força de uma palavra: homofobia nas páginas da Folha de São Paulo (1986-2011)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

GREEN, James N. “Abaixo a repressão, mais amor e mais tesão”: uma memória sobre a ditadura e o movimento de gays e lésbicas de São Paulo na época da Abertura. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 53-82, jan.-jun. 2014.

GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Tradução de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2019.

GREEN, James N. **Revolucionário e Gay**: a vida extraordinária de Herbert Daniel – pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão. Tradução de Marília Sette Câmara. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopez Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HEMMINGS, Clare. Contando histórias feministas. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 215-241, jan. – abr. 2009.

hooks, bell. **A gente é da hora**: homens negros e masculinidades. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

IRIBURE, André. **As representações das homossexualidades na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira**: um olhar contemporâneo das últimas três décadas. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JÚDICE, Fábio. **Programão visita exposição sobre Clóvis Bornay**. Jornalismo da Rede Globo de Televisão, RJ, exibido em 30 jan. 2016, 4'13''. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4774984/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

KATZ, Jonathan Ned. **A invenção da heterossexualidade**. Tradução de Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

KHATIB, Faruk El. **De porta em porta a Nova York**. São Paulo: Senac, 2018.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, a. 4, n. 9, p. 103-117, 1998.

KUMPERA, Julia Aleksandra Martucci. **“O lesbianismo é um barato”**: o GALF e o ativismo lésbico-feminista no Brasil (1979-1990). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2021.

LAURENTI, Ruy. Homossexualismo e a Classificação Internacional de Doenças. **Saúde Pública**, São Paulo, v. 18, n. 5, p. 344-345, 1984.

LAURETIS, Teresa de. Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities. An Introduction. **Differences – A Journal of Feminist Cultural Studies**, v. 5, n. 2, p. 3-18, 1991.

LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. *In*: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escala**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 77-102.

LESSA, Patrícia. **Chanacomchana e outras narrativas lesbianas em Pindorama**. Belo Horizonte-MG: Luas Editora, 2021.

LIMA, Marcus Antônio Assis. **O estilo Sui Generis de vida gay**. Uberlândia, MG: o sexo da palavra, 2018.

LOBERT, Rosemary. **A palavra mágica**: a vida cotidiana do Dzi Croquettes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

LOPES, Charles Roberto Ross. Masculinidade em Rose: gays efeminados/homens discretos. **Métis: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 10, n. 20, p. 165-184, jul./dez. 2011a.

LOPES, Charles Roberto Ross. **Seja gay... mas não se esqueça de ser discreto**: produção de masculinidades homossexuais na Revista Rose

(Brasil, 1979-1983). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011b.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 8-42.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 3 ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. *In*: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2012. [E-book sem paginação].

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

MACHADO, Vanderlei. **Entre Apolo e Dionísio: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis (1889-1930)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”**. Salvador: EDUFBA, 2018a.

MACRAE, Edward. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. *In*: MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”**. Salvador: EDUFBA, 2018b. p. 37-49.

MARANHÃO, Carlos. **Roberto Civita o dono da banca**: a vida e as ideias do editor da *Veja* e da Abril. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MARTINELLI, Leonardo da Silva. “Um gay power à brasileira”: *Veja* e a representação dos homossexuais em meados de 1977. **Aedos**, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 164-188, ago. 2019.

MARTINELLI, Leonardo da Silva. Capitão Gay: um super-herói homossexual apesar da Ditadura Militar. **Cadernos Pagu**, Campinas-SP, n. 66, p. 1-15, 2022.

MARTINELLI, Leonardo da Silva. **Em tempos de Gay Power**: representações da homossexualidade masculina na revista *Veja* (1968-1983). Porto Alegre: Editora Fi, 2022.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133-174, jan.-jun. 2005.

MÍCOLLIS, Leila; DANIEL, Herbert. **Jacarés e Lobisomens**: dois ensaios sobre a homossexualidade. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

MINAYO, Maria Cecília (Org.). **Os muitos Brasis**: saúde e população na década de 1980. São Paulo e Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1995.

MINUANO, Carlos. **Tons de Clô**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bestseller, 2018.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas**: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.

MISKOLCI, Richard. A Teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, a. 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2017a.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP, 2017b.

MISSE, Michel. **O estigma do passivo sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano**. 3. ed. Aumentada. Rio de Janeiro: Booklink: NECVU/IFICS/UFRJ: LeMetro/IFICS/UFRJ, 2007.

MONTEIRO, Marko Synésio Alves. **Masculinidade em revista: um estudo da *VIP Exame*, *Sui Generis* e *Homens***. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MONTEIRO, Marko. Masculinidades em revista: 1960-1990. *In*: PRIORE, Mary Del; ADAMANTINO, Marcia (Orgs.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Ed. Unesp, 2013. p. 335-358.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Educação**, Porto Alegre, a. 22, n. 37, p. 7-32, mar. 1999.

MORAES, Claudia; CARRARA, Sérgio. Um mal de folhetim. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, a. 4, n. 17, p. 20-27, dez. 1985.

MOTT, Luiz (Ed.). **Boletim do Grupo Gay da Bahia (1981-2005)**. Salvador: Ed. GGB/Secretaria Estadual de Justiça e Direitos Humanos, 2011.

MOTT, Luiz. Homofobia: uma praga cristã. **E-hum**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 66-73, ago.-dez. 2016.

MOTT, Luiz. O imprescindível GGB, Grupo Gay da Bahia. *In*: GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. p. 211-225.

MOTT, Luiz. Os médicos e a aids. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 4-12, 1987. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003069&pagfis=48769>. Acesso em: 30 set. 2022.

MOTT, Luiz. Pagode português: a subcultura gay em Portugal nos tempos inquisitoriais. **Ciência e Cultura** (SBPC), v. 40, n. 2, p. 120-139, fev. 1988.

MOTT, Luiz. Raízes históricas da homossexualidade no atlântico lusófono negro. **Afro-Ásia**, Salvador, v. 33, p. 9-33, 2005.

NAPHY, William. **Born to be gay**: história da homossexualidade. Tradução de Jaime Araújo. Lisboa: Edições 70, 2006.

NUNES, Bárbara Silva. **Em busca do corpo masculino ideal**: higiene, atividade física e moda masculina em Teresina (1900-1930). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

OCANHA, Rafael Freitas. **“Amor, feijão, abaixo camburão”** – imprensa, violência e *trottoir* em São Paulo (1979-1983). Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, João Manuel de; Carlos Goncalves da Costa; CARNEIRO, Nuno Santos. Problematizando a humanidade: para uma psicologia crítica feminista queer. **Annual Review of Critical Psychology**, n.11, p. 59-77, 2014.

PARKER, Richard. **Abaixo do equador**: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PARKER, Richard. **A construção da solidariedade**: aids, sexualidade e política no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA: IMS, UERJ, 1994.

PARKER, Richard. O americano quando cai no samba ou a cultura sexual brasileira e a AIDS. In: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS – a terceira epidemia**: ensaios e tentativas. São Paulo: Iglu, 1991. p. 53-80.

PARKER, Richard et. al. Práticas sexuais e mudança de comportamento entre homens que fazem sexo com homens no Rio de Janeiro (1990-1995). In: PARKER, Richard; TERTO Jr. Veriano (Org.). **Entre homens: homossexualidade e aids no Brasil**. Rio de Janeiro: ABIA, 1998. p. 15-48.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PELÚCIO, Larissa; MISKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n.1, p. 125-157, 2009.

PENEDO, Susana López. **El labirinto queer: la identidad en tiempos de neoliberalismo**. Barcelona-Madrid: Egales, 2008.

PEREIRA, João Lenon Siqueira. **Somos todos minorias: mulheres, negros e indígenas nas páginas de *Lampião da Esquina* (1978-1981)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

PEREIRA, Ronielyssom Cezar Souza. **“Gay-Macho”, “Travesti” ou “Bicha Pintosa”? A produção discursiva sobre representações homoeróticas no jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2017.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PERLONGHER, Néstor. **O que é AIDS?** São Paulo: Brasiliense, 1987.

PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento; ALVES, Jorge Luiz da Silva. A norma do plural: notas sobre a nova homonormatividade no Brasil e na Argentina do século XX-XXI. In: FREITAS, Eliane Martins de; PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento; ZANOLI, Vinícius (Org.). **Cultura, política, sexualidade e gênero na América Latina**. Rio de Janeiro: Autografia, 2022. p. 47-66.

PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento. **Movimentos homossexuais nos trópicos: a constituição de identidades a partir do jornal Somos (1973-1976) e do jornal Lampião da Esquina (1978-1981)**.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

POLLAK, Michael. **Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia**. Tradução de Paula Rosas. São Paulo: Estação Liberdade, 1990

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contra-sexual**. Madri: Opera Prima, 2002.

PRIORE, Mary del; AMANTINO, Marcia (Orgs.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

QUEIROZ, Igor Henrique Lopes de. **As sexualidades desviantes nas páginas do jornal Diário Catarinense (1986-2006)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

QUINALHA, Renan Honório. **Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)**. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+: uma breve história do século XIX aos dias atuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RAGO, Margareth. **Feminizar é preciso: por uma cultura filógena**. São Paulo em perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 58-66, 2001.

REINAUDO, Franco; BACELLAR, Laura. **O mercado gls: como obter sucesso com o segmento de maior potencial na atualidade**. São Paulo: Ideia & Ação, 2008.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Bagoas, Natal, n. 5, p. 17-44, 2010.

ROCHA, Cássio Bruno de Araújo. **Masculinidades e o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição:** a ação das visitas do Santo Ofício às capitanias do Norte da América portuguesa na defesa da Ordem Patriarcal – séculos XVI e XVII. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

RODRIGUES, Gabriel de Oliveira. **Corpos em evidência:** uma perspectiva sobre os ensaios fotográficos de G Magazine. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo/São Paulo, 2007.

RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de identidade:** um olhar sobre a imprensa gay no Brasil. Niterói: EdUFF, 2010.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. A despatologização da homossexualidade no Brasil. *In:* CAETANO, Marcio; RODRIGUES, Alexsandro; NASCIMENTO, Cláudio; GOULART, Treyce Ellen. **Quando ousamos existir:** itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI Brasileiro (1978-2018). 1. Ed. Tubarão: Copiart; Rio Grande, RS: FURG, 2018. p. 48-53.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. **De Daniele a Chrysóstomo:** Quando travestis, *bonecas* e homossexuais entram em cena. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Ed. UFRGS, 2016.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu:** políticas anais. Tradução de Rafael Leopoldo. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

SANCHES, Leide da Conceição. **Representações sociais da Aids:** entre permanências e ressignificações. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SENA, Tito. **Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite**: as sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SILVA, Carla Luciana Souza da. **Veja**: o *indispensável* partido neoliberal (1989-2002). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

SILVA, Ellis Regina Araújo da. **O corpo nu e as representações sociais do masculino**. São Paulo: Annablume, 2015.

SILVA, Fábio Ronaldo da. **Ser ou não ser**: a representação de virilidade nas capas da *G Magazine* (1997-2007). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2010.

SILVA, Jaíne Chianca da. **Vai ter Chanacomchana, sim!**: construção de um grupo lésbico feminista em São Paulo na década de 1980. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB, 2021

SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da; CAETANO, Marcio. Roda de homens negros: masculinidades, mulheres e religião. *In*: SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da; CAETANO, Marcio (Orgs.). **De guri a cabra-macho**: masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018. p. 190-211.

SILVA, Natanael de Freitas. **Dzi Croquettes**: invenções, experiências e práticas de si – masculinidades e feminilidades vigiadas. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017.

SILVEIRA NETO, Adilio Luiz da. **Nós e o que falavam de nós**: subjetividades e discursos jornalísticos – HIV/aids em Criciúma (1986-1996). Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. **A homossexualidade e a AIDS no imaginário de revistas semanais (1985-1990)**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

SOD, Adriano. **O jogo deu coluna do meio**. Disponível em: <https://tseles.wordpress.com/2017/09/25/celso-curi-entrevista/>. Acesso em: 29 jun. 2021.

SOLNIK, Alex; CARUSO, Paulo. **Ecos do Ipiranga: ...o grito que não houve...!**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora. AIDS e suas metáforas**. Tradução Rubens Figueiredo e Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUTO MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto. **A invenção do sair do armário: a confissão das homossexualidades no Brasil (1979-2000)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SOUTO MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto; PEDRO, Joana Maria. Que corpo incita o desejo homossexual? Os modelos das capas da revista Rose. *In*: SOUZA, Wlaumir Donisete de (Org.). **Xadrez à luz do sol: direitos humanos, gênero e etnia em questão**. Jundiaí: Paco, 2018. p. 129-144.

TEODORESCU, Lindinalva Laurindo; TEIXEIRA, Paulo Roberto. **Histórias da aids no Brasil: as respostas governamentais à epidemia de aids**. Brasília: UNESCO, 2015. v. 1.

TIMERMAN, Artur; MAGALHÃES, Naiara. **Histórias da AIDS**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

TIMERMAN, Artur. “Você está vendendo atestado de óbito?”. *In*: TIMERMAN, Artur; MAGALHÃES, Naiara. **Histórias da AIDS**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 13-24.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TREVISAN, João Silvério. Somos o quê mesmo? *In*: GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. p. 137-155.

TRINDADE, Ronaldo. **De dores e de amores**: transformações da homossexualidade paulistana na virada do século XX. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

TRINDADE, Ronaldo. Significados sociais da homossexualidade masculina na era Aids. **Cadernos AEL**, Campinas-SP, v. 10, n. 18/19, 2003.

VEIGA, Ana Maria; PEDRO, Joana Maria. Gênero. *In*: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. 2. ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019, p. 330-333.

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n.13, p. 90-109, set./dez. 2014.

VOKS, Douglas Josiel. **Masculinidades em publicidades da revista *Veja* (década de 1970)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 2, p. 460-482, 2001. p. 462-467.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Tradução de Maira Mendes Galvão. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

ZINK, Rui. Da bondade dos estereótipos. *In*: LUSTOSA, Isabel (Org). **Imprensa, Humor e Caricatura**: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 47-68.

APÊNDICE A – Tabela de registro das fontes

| REVISTA VEJA – ACERVO DIGITAL |
|---|
| Número da edição: |
| Data: |
| Título: |
| Seção: |
| Páginas: |
| Autoria: |
| Tema da publicação: |
| Resumo: |
| Pessoas LGBT mencionadas: |
| Expressões usadas: |
| Composição da matéria/publicação: () Só texto () Texto e ilustração () Só Imagem |
| Características das pessoas homossexuais no texto: |
| Homossexuais famosos ou não-famosos: |
| Menções a espaços e/ou territórios frequentados: |
| Personalidades e/ou acontecimentos marcantes: |
| Matéria referente ao () Brasil () Exterior |
| Anotações: |

Elaborado pelo autor.

APÊNDICE B - Tabela de preço da revista *Rose* (1979-1983)

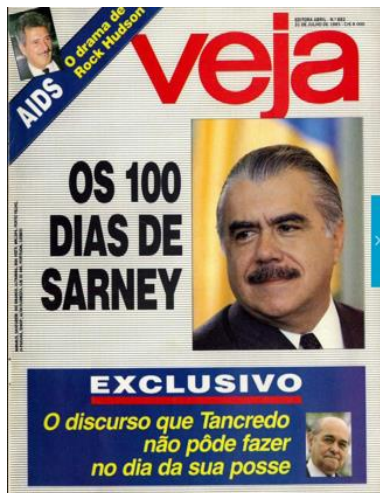
| Ed. | Preço (Cr\$) |
|------------|-------------------------|
| 1 | 15,00 |
| 2 | 15,00 |
| 3 | |
| 4 | 18,00 |
| 5 | 18,00 |
| 6 | 18,00 |
| 7 | 22,00 |
| 8 | 22,00 |
| 9 | 22,00 |
| 10 | 25,00 |
| 11 | 25,00 |
| 12 | 25,00 |
| 13 | 25,00 |
| 14 | 25,00 |
| 15 | |
| 16 | 30,00 |
| 17 | |
| 18 | 30,00 |
| 19 | 30,00 |
| 20 | 30,00 |
| 21 | 30,00 |
| 22 | 35,00 |
| 23 | 35,00 |
| 24 | 35,00 |
| 25 | 35,00 |
| 26 | 45,00 |

| | |
|----|-------|
| 27 | 45,00 |
| 28 | 45,00 |
| 29 | 45,00 |
| 30 | 45,00 |
| 31 | 45,00 |
| 32 | 45,00 |
| 33 | 58,00 |
| 34 | 58,00 |
| 35 | 58,00 |
| 36 | 58,00 |
| 37 | 60,00 |
| 38 | 60,00 |
| 39 | 60,00 |
| 40 | 70,00 |
| 41 | 70,00 |
| 42 | 70,00 |
| 43 | 70,00 |
| 44 | 85,00 |
| 45 | 85,00 |
| 46 | 85,00 |
| 47 | 85,00 |
| 48 | 85,00 |
| 49 | |
| 50 | 95,00 |
| 51 | 95,00 |
| 52 | 95,00 |
| 53 | 95,00 |
| 54 | 95,00 |

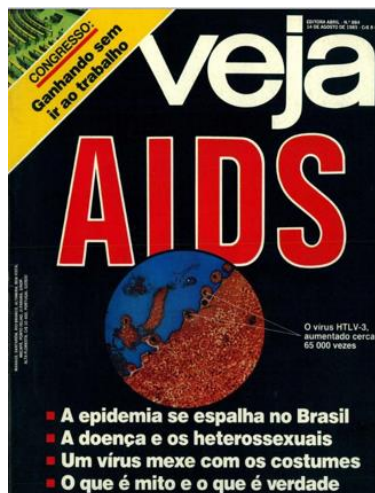
| | |
|----|--------|
| 55 | 95,00 |
| 56 | 100,00 |
| 57 | 100,00 |
| 58 | 100,00 |
| 59 | 100,00 |
| 60 | 100,00 |
| 61 | 120,00 |
| 62 | 120,00 |
| 63 | 140,00 |
| 64 | 150,00 |
| 65 | 150,00 |
| 66 | 150,00 |
| 67 | 150,00 |
| 68 | 150,00 |
| 69 | |
| 70 | 180,00 |
| 71 | 180,00 |
| 72 | 180,00 |
| 73 | 180,00 |
| 74 | 250,00 |
| 75 | 250,00 |
| 76 | 250,00 |
| 77 | 300,00 |
| 78 | 300,00 |
| 79 | 300,00 |
| 80 | 550,00 |
| 81 | 620,00 |

Fonte: Revista *Rose*. Elaborado pelo autor.

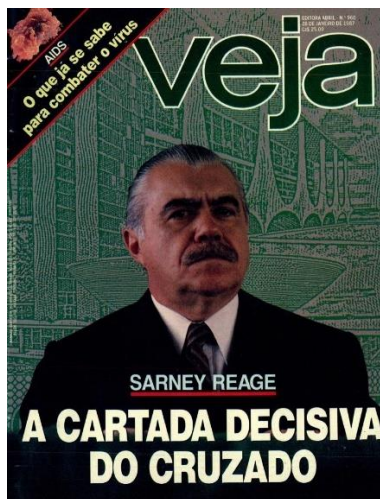
APÊNDICE C – Capas da revista *Veja* que mencionam a aids
(1980-1999)



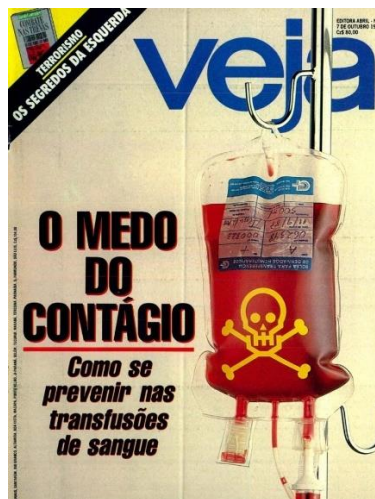
(Ed. 882 – 31/07/1985)



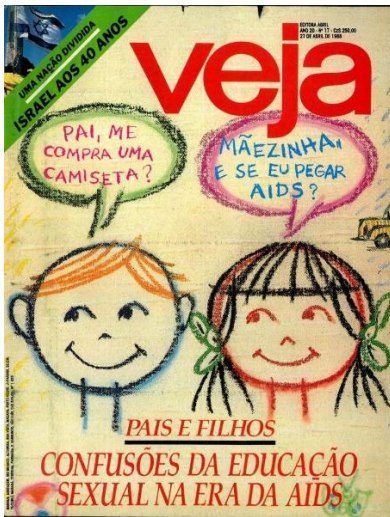
(Ed. 884 – 14/08/1985)



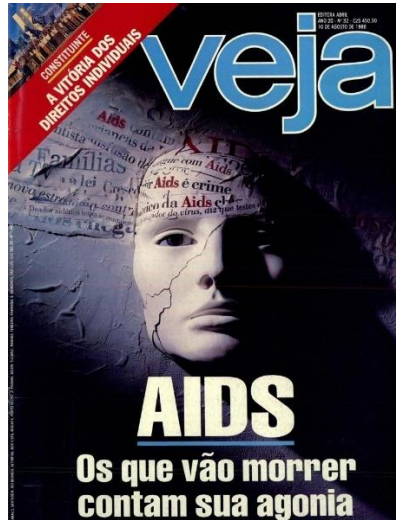
(Ed. 960 – 28/01/1987)



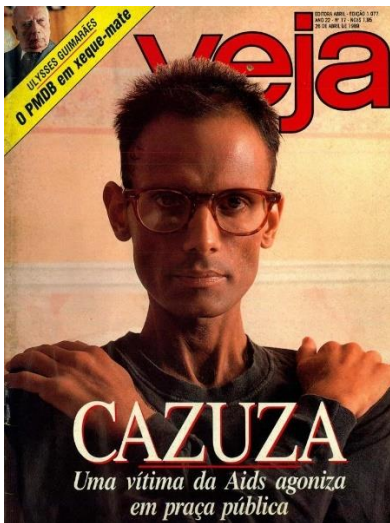
(Ed. 996 – 07/10/1987)



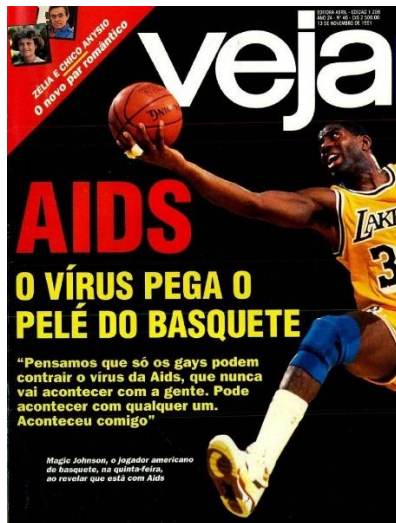
(Ed. 1025 – 27/04/1988)



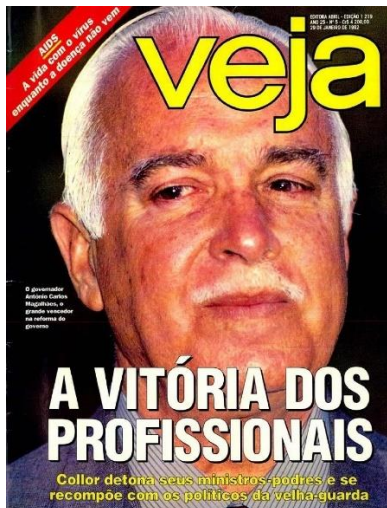
(Ed. 1040 – 10/08/1988)



(Ed. 1077 – 26/04/1989)



(Ed. 1208 – 13/11/1991)



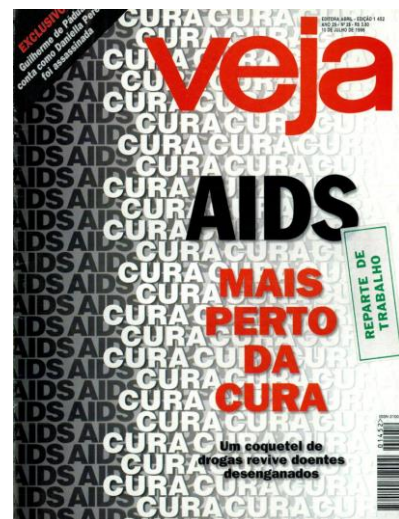
(Ed. 1219 – 29/01/1992)



(Ed. 1302 – 25/08/1993)



(Ed. 1320 – 29/12/1993)



(Ed. 1452 – 10/07/1996)



(Ed. 1466 – 16/10/1996)




(Ed. 1570 – 28/10/1998)

APÊNDICE D – Anúncios na revista *Sui Generis*

| | | |
|---|--|---|
| <p>etcetera xdemente@pobox.com</p>  <p>X-DEMENTE</p> <p>PISTA DANCE • PISTA TECHNO</p> <p>FUNDIÇÃO PROGRESSO 29 DE DEZEMBRO - DOMINGO</p> | <p>AV JOSÉ BENTO RIBEIRO DANTAS Nº900, CENTRO - BÚZIOS</p> <p>MARKET FLUTUANTE DE MODA RÍDICA B BÚZIOS</p> <p>ESTREIA DIA 26/12</p> <p>PARADA BÚZIOS</p> <p>by Regina Lobato</p> <p>DJ: JERÔNIMO STAFF: FELIZ SILVA</p>  | <p>BANANA LOCA BBS gay friendly de Sampa</p>  <p>Imagens Chat Sexo Roteiros Arte Classingay Fórum</p> <p>ASSINE JÁ!</p> <p>com vantagens</p> <p>(011) 224-9322</p> |
| <p>ENCONTRO CERTO</p> <p>Entre 91 amando! Encontre amigos e amores através da informática. Venha para o seu point de ferveção na Internet! Se você não tem computador, ligue: (021) 230-1039 http://web.cjp.com.br/ecerto</p> | <p>CINE CAIRO CINEMA EROTICO TRÊS FILMES DE SEXO METRO A PARTIR DAS 8:30H DA MANHÃ ESPAÇO ESPECIAL PARA HOMENS</p>  <p>DARK ROOM + VIDEO GAY</p> <p>Rua Formosa, 401 Vale do Anhangabaú (Próx. Metrô S. Bento) São Paulo - SP (011) 221-3080</p> | <p>Boate 1.140</p> <p>De Sexta a Domingo D.J. Marcão/Daniel/Arli</p> <p>Rua Capitão Menezes, 1140 Jacarepaguá - Praça Seca tel: (021) 390-7690</p> |
| <p>ASSESSORIA JURÍDICA</p> <p>Áreas Civil e Trabalhista</p> <p>DRA. HORTÊNCIA (021) 253-5727</p> | <p>SUI GENERIS Club</p> <p>0900-78-72-82</p> | <p>RAINBOW</p>  <p>gigante de Rio 24h</p> <p>An. Adicione ao front do Pórt. Espetáculo Pórt. Diversão Diversão Gay World Classingay Prove a nova casaca de banho e o novo calção. 2011!</p> |
| <p>BANCA 24 HORAS</p> <p>Em Brasília, você encontra a SUI GENERIS e os livros recomendados pela sua revista na SAMARCANDA</p> <p>locadora de livros</p>  <p>CLS207 B1C Loja 35</p> | <p>TERMAS IRACEMA</p> <p>A maior sauna masculina de Fortaleza oferece:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sauna vapor e seca - American Bar - Massagem - Relax individual e coletivo - Vídeo e TV <p>Aberto de seg a sex das 14h às 22h sábados e domingos das 14h às 23h 30m</p> <p>R. Vicente Leite, 2020 (atrás da TV Jangadeiro) Aideota - tel: (085) 244-1999</p> | |

Fonte: *Sui Generis*, Rio de Janeiro, SG-Press, a. II, n. 18, 1996, p. 48.

SPECIAL MEN
Agence



HOMENS CLASSE A
TODOS OS TIPOS
18 À 35 ANOS
24 HORAS
JANTARES, COMPANHIA,
EVENTOS ESPECIAIS
OU ALGO MAIS !!!

TODO BRASIL Ac. C/ CRÉDITO.
(011) 995-0061

Mr.

ASSESSORIA DIFERENCIADA PARA QUEM É DIFERENTE!
CURSOS NO EXTERIOR

INGLÊS
COMPUTAÇÃO
BUSINESS
ACOMODAÇÕES

reginaes@br.homesshopping.com.br
SÃO PAULO (011) 287-8737
LONDRES (171) 821-5228



Guaripirás
TERMAS CLUB

Venha desfrutar do mais novo ambiente de Natal.
EUNAPIUS TERMAS CLUB, uma Sauna exclusivamente Masculina, um lugar onde o lazer é prioridade; temos ao seu dispor: Sauna a Vapor, Sauna Seca, American Bar, Piscina, Área de Jogos, Área Livre e Jardim, Sala de Vídeo, Sala de Leitura, Sala de Vídeo Privé, Cabines para Relax, Som Ambiente e Massagens.

EUNAPIUS TERMAS CLUB LTDA
R. dos Tororós, 2535
Lagoa Nova - Natal - RN
tel: (084) 234-8246

Arnie's
Men Club Gay
★★★★

SAUNA SECA
SAUNA A VAPOR
SALAS DE VÍDEO
SALA DE TV
AMERICAN BAR
SOLARIUM
PRIVES

MUSCULAÇÃO
HIDROMASSAGEM
SUNITE PERSONALIZADAS
EQUIPE DE MASSAGISTAS PROFISSIONAIS

Seja cliente VIP
Pague 15 e utilize
25 dias

Rua Guaporé, 458 São Paulo - SP
(20m do Estádio Anhembi da Maré - Próximos ao Shopping D - Este ambiente é Propriedade e Manutenção)

(011) 229-1654 / 230-7949

BANCA DO BOTICÁRIO
REVISTAS NACIONAIS E IMPORTADAS
VIDEO EROTICO GAY

Acervo de 1.000 títulos p/ sua escolha



"ATENDIMENTO DAS 10:00 ÀS 24:00 HS"
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

Av. Ipiranga, esquina com Rua do Boticário
FONE: (011) 220-6187
CAIXA POSTAL 0599 - CEP 01059-970
SÃO PAULO - SP

Disk Fantasia

Muito mais do que sexo!
Nós realizamos seus
mais profundos anseios

(011) 876-7550
Aceitamos Cartões de Crédito, R\$ 1,00 por minuto

INTER RAINBOW

TURISMO

PORQUE NÓS ENTENDEMOS VOCE!

- **Bonito e Pantanal** - Reveillon no "El Pantanal" Resort 5 estrelas na Bolívia.
- **Búzios** - Natal e Reveillon.
- **Ilha Bela** - um fim de semana entre praias belissimas e cachoeiras em meio à Mata Atlântica.
- **Campos do Jordão e Ubatuba** - Pousadas exclusivas para gays.
- **"Mardi Gras"** - EUA - Fev. 97 Austrália - Fev / Mar 97.
- **Caribe** - Cruzeiro de 1 à 8 de março 1997, passando por 6 ilhas em navio exclusivo para gays e lésbicas

IGTA

R. Xavier de Toledo, 264 Cj 137 Cep: 01048-804
São Paulo - SP Telefax: (011) 214-0380

R&R Preservativos

- Todas as Marcas
- Kit p/ Motéis, Saunas, Locadoras, Sex Shops e Eventos
- Creme Erótico
- Essência p/ Saunas
- Produtos descartáveis e outros

PRONTA ENTREGA EM QUALQUER QUANTIDADE PARA TODO O BRASIL - POR CONTA DO CLIENTE

TEL (011) 571-1614
TEL/FAX (011) 572-9918

CLUBENCONTRO

Aproximação afetiva de Homossexuais

AMIZADE OU NAMORO

Seriedade e Sigilo

SÃO PAULO - SP

(011) 65-1909
(011) 809-0252
SEC. ELETRÔNICA